PUBLICAÇÕES INTERAMERICANAS
Pacific Press Publishing Association
Mountain View, Califórnia
EE. UU. do N.A.

VERSÃO ESPANHOLA
Tradutor Chefe: Victor E. AMPUERO MATTA
Tradutora Associada: NANCY W. DO VYHMEISTER
Redatores: Sergio V. COLLINS
Fernando CHAIJ
TULIO N. PEVERINI
LEÃO GAMBETTA
Juan J. SUÁREZ
Reeditado por: Ministério JesusVoltara
http://www.jesusvoltara.com.br

Igreja Adventista dou Sétimo Dia

Evangelho Segundo SÃO Marcos

INTRODUÇÃO

1. Título

Os manuscritos mais antigos que existem simplesmente levam o título "Depende Marcos". Mais tarde, à medida que o término "Evangelho" começou a aplicar-se a a história da vida e o ministério do Jesus, incorporou-se ao título deste livro. O título "O Evangelho Segundo São Marcos" só aparece em manuscritos posteriores.

2. Autor

O testemunho constante e unânime da tradição cristã assinala ao Juan Marcos como o autor deste Evangelho. O nome Marcos deriva do latim Marcus, e é de uma vez seu sobrenome (Hech. 12: 12, 25). Seu primeiro nome era Juan (Hech. 13: 5, 13), e o nome de sua mãe, María (Hech. 12: 12). Era "sobrinho do Bernabé" (Couve. 4: 10), quem antes tinha vivido no Chipre (Hech. 4: 36). Em o lar do Marcos, em Jerusalém, parece que estava o "aposento alto" (HAp 135), aonde por um tempo, ao menos, viveram alguns dos apóstolos depois da ressurreição e ascensão do Jesus (Juan 20: 19; Hech. 1: 13), e aonde se reuniam os membros da primeira igreja em Jerusalém (Hech. 12: 12). Juan Marcos acompanhou ao Pablo e ao Bernabé na primeira viagem missionária de estes apóstolos (Hech. 13: 5,13); em uma viagem posterior Marcos acompanhou a Bernabé à ilha do Chipre (Hech. 15: 36-39). Parece que Marcos trabalhou mais tarde sob a direção do Pedro e do Pablo (1 Ped. 5: 13; Couve. 4: 10; 2 Tim. 4: 11). O fato de que este Evangelho leve o nome de uma pessoa tão pouco destacada como Marcos, é uma evidência indireta de sua autenticidade e de que ele é o verdadeiro autor. Se este Evangelho fora uma falsificação, sem dúvida lhe teria adjudicado o nome de uma pessoa melhor conhecida, que houvesse estado associada pessoalmente com o Jesus, como o apóstolo Pedro. Não há uma razão válida para duvidar nem da autenticidade do livro nem de que Marcos é seu autor. Papías, bispo do Hierápolis, distante 16 km (10 milhas) do Colosas e 10 km (6 milhas) da Laodicea, na Ásia Menor, foi o primeiro escritor que

saiba-se tenha afirmado que Marcos era o autor deste Evangelho. Em sua obra Interpretações, segundo a entrevista Eusebio (História eclesiástica iII. 39. 15), diz assim:

"Dizia aquele presbítero [muito provavelmente o presbítero Juan], refere Papías, que Marcos, intérprete do Pedro, escrevia totalmente com diligência quantas coisas encomendava à memória; mas que entretanto não expor ordenadamente os ditos e feitos do Senhor. Pois ele nunca tinha ouvido nem seguido ao Senhor, mas sim 552 tinha vivido depois com o Pedro, como hei dito, o qual pregava o Evangelho para utilidade dos ouvintes, não para tecer uma história dos discursos do Senhor. Por esse motivo em nada faltou Marcos, que escreveu algumas costure tal como as tirava da memória. Porque uma só coisa desejava, ou seja, não omitir nada do que tinha ouvido, nem adicionar a isso alguma falsidade".

Esta declaração concorda com a seguinte referência do Pedro: "meu Marcos filho" (1 Ped. 5: 13).

A declaração do Papías se toma geralmente para afirmar que Marcos era o tradutor do Pedro quando este se dirigia a congregações cujo idioma não falava bem, possivelmente em lugares aonde não se falava aramaico, a língua nativa do Pedro. Em contraste a isto, leia-se HAp 32-33. Presumivelmente Marcos traduziu tão freqüentemente a predicación evangélica do Pedro e se familiarizou tanto com ela, que pôde escrever, sob a inspiração do Espírito Santo, o Evangelho que leva seu nome. A maioria dos eruditos estão de acordo em que dos quatro Evangelhos o do Marcos é o primeiro que se escreveu.

Os pais da igreja não concordam em se Marcos escreveu antes ou depois de a morte do Pedro (C. 64-66). Ireneo do Lyon afirma (C. 185) que Marcos escreveu o Evangelho depois da morte do Pedro (Contra heresias iII. 1.1); mas Clemente da Alejandría (C. 190) situa a escritura deste Evangelho enquanto ainda vivia Pedro (Eusebio, História eclesiástica, vi. 14. 5-7). A segunda afirmação parece concordar mais estreitamente com a informação que há atualmente. Mas seja como for, a escritura deste Evangelho deve situar-se entre os anos 55 aos 70.

No Evangelho do Marcos há muitas declarações que evidenciam que foi escrito para leitores não judeus. Palavras como kenturíÇn (latim, centurio, "centurião"; cap. 15: 39), spekoulátÇr (latim, spiculator, "verdugo", "vigilante"; cap. 6: 27), sugerem que, embora redigido em grego, o idioma culto dessa época, foi dirigido aos romanos. Marcos pôde ter usado palavras comuns do grego para referir-se a esses funcionários, e não do latim, mas parece que repetidamente escolheu palavras latinas transliteradas ao grego porque certamente eram mais familiares para seus leitores. Explica o valor de as moedas (cap. 12: 42), já que seus leitores evidentemente não estavam familiarizados com tais valores. Explica também a páscoa judia (cap. 14: 12) e os costumes dos fariseus (cap. 7: 3-4). Traduz além várias palavras e expressões aramaicas (cap. 5: 41; 7: 34; 15: 34). Nenhuma destas explicações teria sido necessária para leitores da Palestina. Mas ao mesmo tempo o escritor era obviamente um judeu que conhecia o aramaico e estava familiarizado com o AT, o qual entrevista, entretanto, da LXX.

3. Marco histórico.

Para um breve bosquejo do fundo histórico da vida e a missão do Jesus, ver P. 266; e para uma mais ampla discussão de vários detalhes, ver pp. 42-68.

4.Tema.

Marcos é o mais curto dos quatro Evangelhos; entretanto, em muitos aspectos é o mais ágil e vigoroso de todos. Embora só tem dois terços de a extensão do Mateo, registra a maior parte dos incidentes que menciona este. Seu estilo é terso, forte, incisivo, vívido, pitoresco, e freqüentemente dá detalhes significativos que não mencionam os outros evangelistas.

Marcos dá ênfase ao Jesus como um Homem de ação, enquanto que Mateo o apresenta como um Professor. portanto, Marcos registra quase todos os milagres que mencionam os outros Evangelhos sinóticos. Uma palavra muito característica do Marcos é euthéos (ou euthús): "logo" (cap. 1: 10, 18, 20-21, 29); "em seguida", "imediatamente", "imediatamente" (cap. 1: 30, 41-42); "ao momento" (cap. 4: 16). Utiliza-a mais freqüentemente que todos os outros evangelistas juntos. (Ver com. cap. 1: 10.) 553

Marcos relata a vida de Cristo principalmente em ordem cronológica, e não por tópicos como o faz Mateo. Sua ênfase nos milagres assinala claramente seu propósito: destacar o supremo poder de Deus, como pode ver-se nas "maravilhas" e "milagres" feitos pelo Jesus. Este é o objetivo primário de Marcos, assim como o do Mateo é assinalar que Jesus cumpriu todas as predições dos profetas do AT. Mateo prova que Jesus é o Mesías apoiando-se em que é Aquele de quem os profetas deram testemunho. Marcos prova que Jesus é o Mesías pelo testemunho que dá de seu poder divino, o qual, presumivelmente, seria mais convincente para os leitores a quem se dirigia: cristãos de origem gentil, possivelmente romanos. Ver pp. 181, 266-269.

5.

Bosquejo.

Um bosquejo completo e cronológico do Evangelho do Marcos aparece nas pp. 186-191, portanto, que aqui se apresenta cobre unicamente as fases mais destacadas da vida e ministério do Jesus:

I. Preparação para o ministério, outono, 27 d. C., 1: 1-13.

II. Ministério na Galilea, de páscoa a páscoa, 29-30 d. C., 1: 14 a 7: 23.

A. Primeiro ministério na Galilea, 1: 14-34.

B. A primeira excursão missionária, 1: 35-45.

C. Ministério em e ao redor do Capernaúm, 2: 1 a 3: 19.

D. A segunda excursão missionária, 3: 20 a 5: 43.

E. A terceira excursão missionária, 6: 1 a 7: 23.

III. Retiro do ministério público, primavera a outono, 30 d. C., 7: 24 a 9: 50.

A. Ministério nas regiões limítrofes a Galilea, 7: 24 a 8: 10.

B. Vislumbre da cruz, 8:11 a 9: 50.

IV. Ministério na Perea, outono 30 d. C. a primavera 31 d. C., 10: 1-52.

V. Conclusão do ministério em Jerusalém, páscoa, 31 d. C., 11: 1 a 15: 47.

A. Conflitos com os escribas e os fariseus, 11: 1 a 12: 44.

B. Profecia do Jesus quanto à queda de Jerusalém e sua segunda vinda, 13: 1-37.

C. Prendo e julgamento do Jesus, 14:1 a 15: 20.

D. Crucificação e enterro do Jesus, 15: 21-47.

VI. Ressurreição e aparições do Jesus, 16: 1-20.

CAPÍTULO 1

1 A obra do Juan o Batista. 9 Cristo é batizado, 12 é tentado, 14 e começa a pregar. 16 Chama o Pedro, Andrés, Santiago e Juan. 23 Sã a um diabólico, 29 à sogra do Pedro, 32 a muitos doentes, 40 e poda ao leproso.

1 PRINCÍPIO do evangelho do Jesucristo, Filho de Deus.

2 Como está escrito no Isaías o profeta: Hei aqui eu envio meu mensageiro diante de sua face, O qual preparará seu caminho diante de ti.

3 Voz de que clama no deserto: Preparem o caminho do Senhor; Endireitem seus caminhos.

4 Batizava Juan no deserto, e pregava o batismo de arrependimento para perdão de pecados.

5 E saíam a ele toda a província da Judea, e todos os de Jerusalém; e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando seus pecados.

6 E Juan estava vestido de cabelo de camelo, e tinha um cinto de couro ao redor de seus lombos; e comia lagostas e mel silvestre. 554

7 E pregava, dizendo: Vem atrás de mim o que é mais capitalista que eu, a quem não sou digno de desatar curvado a correia de seu calçado.

8 Eu à verdade lhes batizei com água; mas ele lhes batizará com Espírito Santo.

9 Aconteceu naqueles dias, que Jesus veio do Nazaret da Galilea, e foi batizado pelo Juan no Jordão.

10 E logo, quando subia da água, viu abri-los céus, e ao Espírito como pomba que descendia sobre ele.

11 E veio uma voz dos céus que dizia: Você é meu Filho amado; em ti tenho complacência.

12 E logo o Espírito lhe impulsionou ao deserto.

13 E esteve ali no deserto quarenta dias, e era tentado por Satanás, e estava com as feras; e os anjos lhe serviam.

14 Depois que Juan foi encarcerado, Jesus veio a Galilea pregando o evangelho do reino de Deus,

15 dizendo: O tempo se cumpriu, e o reino de Deus se aproximou; arrepentíos, e acreditem no evangelho.

16 Andando junto ao mar da Galilea, viu o Simón e ao Andrés seu irmão, que jogavam a rede no mar; porque eram pescadores.

17 E lhes disse Jesus: Venham em detrás de mim, e farei que sejam pescadores de homens.

18 E deixando logo suas redes, seguiram-lhe.

19 Passando dali um pouco mais adiante, viu o Jacobo filho do Zebedeo, e ao Juan seu irmão, também eles na barco, que remendavam as redes.

20 E logo os chamou; e deixando a seu pai Zebedeo na barco com os jornaleiros, seguiram-lhe.

21 E entraram no Capernaúm; e os dias de repouso,* entrando na sinagoga, ensinava.

22 E se admiravam por sua doutrina; porque lhes ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas.

23 Mas havia na sinagoga deles um homem com espírito imundo, que deu vozes,

24 dizendo: Ah! o que tem conosco, Jesus nazareno? vieste para nos destruir? Sei quem é, o Santo de Deus.

25 Mas Jesus lhe repreendeu, dizendo: te cale, e sal dele!

26 E o espírito imundo, lhe sacudindo com violência, e clamando a grande voz, saiu dele.

27 E todos se assombraram, de tal maneira que discutiam entre si, dizendo: O que é isto? Que nova doutrina é esta, que com autoridade manda até aos espíritos imundos, e lhe obedecem?

28 E muito em breve se difundiu sua fama por toda a província ao redor da Galilea.

29 Ao sair da sinagoga, vieram a casa do Simón e Andrés, com o Jacobo e Juan.

30 E a sogra do Simón estava deitada com febre; e em seguida lhe falaram de ela.

31 Então ele se aproximou, e a tirou da mão e a levantou; e imediatamente deixou-lhe a febre, e ela lhes servia.

32 Quando chegou a noite, logo que o sol ficou, trouxeram-lhe todos os que tinham enfermidades, e aos endemoninhados;

33 e toda a cidade se amontoou à porta.

34 E sanou a muitos que estavam doentes de diversas enfermidades, e jogou fora muitos demônios; e não deixava falar com os demônios, porque lhe conheciam.

35 Levantando-se muito de amanhã, sendo ainda muito escuro, saiu e se foi a um lugar deserto, e ali orava.

36 E lhe buscou Simón, e os que com ele estavam;

37 e lhe achando, disseram-lhe: Todos lhe buscam.

38 O lhes disse: Vamos aos lugares vizinhos, para que pregue também ali; porque para isto vim.

39 E pregava nas sinagogas deles em toda Galilea, e jogava fora os demônios.

40 Veio a ele um leproso, lhe rogando; e fincada o joelho, disse-lhe: Se quiser, pode me limpar.

41 E Jesus, tendo misericórdia dele, estendeu a mão e lhe tocou, e lhe disse: Quero, Sei limpo.

42 E assim que ele teve falado, imediatamente a lepra se foi daquele, e ficou limpo.

43 Então lhe encarregou rigorosamente, e lhe despediu logo,

44 e lhe disse: Olhe, não diga a ninguém nada, a não ser vê, te mostre ao sacerdote, e oferece por sua purificação o que Moisés mandou, para testemunho a eles.

45 Mas ido ele, começou a publicá-lo muito e a divulgar o fato, de maneira que já Jesus não podia entrar abertamente na cidade, mas sim ficava fora nos lugares desertos; e vinham a ele de todas partes. 555

1.

Princípio

[Ministério do Juan o Batista, Mar. 1:1-8 = Mat. 3: 1-12 = Luc. 3: 1-18. Comentário principal: Mateo e Lucas.] A diferença do Mateo e Lucas, que narram episódios dos começos da vida do Jesus, Marcos principia o relato de seu Evangelho no momento quando Jesus começou seu ministério público. O descida do Espírito Santo e o anúncio que fez Juan de que Jesus era o Mesías assinalam inconfundiblemente seu batismo e o começo de seu ministério público. Por ende, segundo Marcos, o Evangelho, a "boa notícia" quanto a Jesucristo, principia com o cumprimento de uma profecia do AT relacionada com seu batismo (vers. 2-11).

Evangelho

Gr. euaggélion, "boa notícia". A palavra "evangelho" originalmente se referia à "boa notícia" de que certamente o Mesías tinha vindo à terra, como foi predito pelos profetas. Depois o término foi aplicado ao relato da vida do Jesus, e posteriormente aos diversos documentos, ou Evangelhos, nos que está preservado esse registro. Provavelmente aqui se usa em seu sentido mais antigo.

Jesucristo

Ver com. Mat. 1: 1.

Filho de Deus

A evidência textual se inclina por (cf. P. 147) a inclusão destas palavras. A respeito do Jesus como o "Filho de Deus", ver com. Luc. 1: 35.

2.

Como está escrito

Ao destacar ao Jesus do Nazaret como o Mesías, Marcos assinala a evidência que confirma o cumprimento exato de uma profecia do AT. Também fez isto Jesus mesmo (Luc. 24: 25, 27, 44) e, em realidade, assim procederam em geral os escritores do NT. Na Bíblia se apresenta o testemunho de uma profecia cumprida como uma das provas mais capitalistas da verdade da fé cristã (ISA. 41: 21-23; 44: 7; 46: 9- 10; ver DTG 740). As entrevistas que apresenta Marcos (cap. 1: 2-3) estão tiradas de Mau. 3: 1 e ISA. 40: 3, e concordam mais de perto com a LXX que com o texto hebreu.

Isaías o profeta

Ver com. Mat. 3: 3. Embora alguns MSS dizem "os profetas", a evidência textual (cf. P. 147) tende a confirmar o texto "Isaías o profeta". A entrevista é do Malaquías e Isaías. Comparar com a referência geral do Mateo ao cumprimento de "o que foi dito pelos profetas" (ver com. Mat. 2: 23).

Mensageiro

Juan o Batista foi o mensageiro predito pelo Isaías e Malaquías. Sua mensagem consistia no anúncio de que tinha aparecido o Mesías, "o anjo [ou 'mensageiro'] do pacto" (Mau. 3: 1).

diante de sua face

Ver com. Mat. 3: 3. Assim também, mais tarde Jesus enviou aos setenta "diante dele [ou 'diante de sua face'] a toda cidade e lugar aonde ele tinha que ir" (Luc. 10: 1).

3.

Voz

Ver com. Mat. 3: 3; cf. Juan 1: 23.

4.

Arrependimento

Ver com. Mat. 3: 2. O batismo do Juan era um "batismo de arrependimento" porque estava caracterizado pelo arrependimento. O ato do batismo não era garantia de arrependimento nem de perdão. Mas o batismo não era genuíno a menos que se caracterizasse por essas experiências.

Perdão

Ver com. Mat. 3: 6.

5.

No rio Jordão

Detalhe que só apresenta Marcos.

7.

Pregava

O anúncio que apresentava Juan do Mesías era uma parte característica e acostumada de seu predicación.

Curvado

Palavra que só apresenta Marcos para destacar a natureza servil disso ato. Ver com. Mat. 3: 11.

Correia

O "calçado" em realidade eram sandálias que mas bem protegiam a planta do pé (ver com. Mat. 3: 11). A "correia" ou "tira" atava as sandálias ao pé.

9.

Naqueles dias

[O batismo, Mar. 1: 9 -11 = Mat. 3: 13-17 = Luc. 3: 21-23ª. Comentário principal : Mateo.] Quer dizer, nos dias do ministério do Juan.

No Jordão

Ver com. vers. 5. Marcos se refere ao feito de que o batismo foi realizado "no rio Jordão", e que depois do batismo o que tinha sido batizado "subia da água" (vers. 10). Esta é uma boa prova de que o batismo de Juan era por imersão.

10.

Logo

Gr. euthús, "imediatamente", "em seguida" (BJ). Euthús é uma palavra favorita do Marcos. Usualmente se acredita que Marcos escreveu seu Evangelho com a ajuda de Pedro (ver P. 551). Se assim foi, esta característica pode refletir o estilo vigoroso, gráfico e faiscante de pregar do Pedro.

Abrir-se

Gr. sjízo, que é um término mais vigoroso que o que usam os outros escritores evangélicos, equivalente a "rasgar em dois".

12.

O Espírito lhe impulsionou

[A tentação, Mar. 1: 12-13 = Mat. 4: 1-11 = Luc. 4: 1-13. Comentário principal: Mateo.]

13.

Com as feras

Tais como os lobos da Palestina, javalis, hienas, chacais e leopardos. Se mencionam estas feras possivelmente para fazer ressaltar o isolamento, a solidão e os perigos do deserto.

556

14.

Depois que

[Começo do ministério na Galilea. Mar. 1: 14-15 = Mat. 4: 12 = Luc. 4: 14-15. Comentário principal: Mateo.] Ver a Nota Adicional do Luc. 4; os diagramas da P. 219.

15.

Tempo

Gr. kairós. Esta palavra se refere a um tempo particularmente auspicioso (ver Mat. 13: 30; 16: 3; 21: 34; 26: 18; Luc. 19: 44; Juan 7: 6; ROM. 5: 6; F. 1: 10). Neste caso se trata da vinda do Mesías e do estabelecimento de seu reino. O término parece ter sido usado freqüentemente com referência particular à vinda do Mesías e o fim do mundo (ver Mar. 13: 33; Luc. 21: 8; F. 1:10; Apoc. 1: 3). O anúncio do Jesus: "O tempo se cumpriu, e o reino de Deus se aproximou" era igual à mensagem do Juan (ver Mat. 3: 2). O povo o entendia como uma declaração de que o reino messiânico estava por estabelecer-se. Para o comum da gente, e sem dúvida também para o Juan, isto implicava o estabelecimento de um reino terrestre para os judeus e o triunfo subseqüente sobre todos seus inimigos (ver DTG 78). Através de todo o ministério do Jesus continuou esta má interpretação, e tão somente foi corrigida na mente de seus discípulos depois da ressurreição (ver Luc. 24:13-32; Hech. 1: 6-7), embora por meio de suas parábolas repetidas vezes Jesus havia ensinado que o reino que tinha vindo a estabelecer era fundamentalmente um reino espiritual (ver com. Mat. 4: 17; 5: 3; cf. cap. 13: 1-52).

O anúncio do Jesus, "o tempo se cumpriu", referia-se à profecia de as 70 semanas de Dão. 9: 24-27, perto de cujo fim "o Mesías Príncipe" ia a confirmar "o pacto com muitos" e lhe tiraria "a vida" (ver DTG 200; CS 373). Nos dias de Cristo, pelo menos alguns acreditavam que esse período de Daniel estava terminando-se (DTG 23, 25). "Quando veio o cumprimento do tempo, Deus enviou a seu Filho" ao mundo (Gál. 4: 4). Quando Jesus começou seu ministério, o tempo estava amadurecido para o estabelecimento de seu reino (DTG 23, 27-28).

16.

Andando

[A chamada junta ao mar, Mar. 1: 16-20 = Mat. 4: 18-22 = Luc. 5: 1-11. Comentário principal: Lucas.]

Simón

Ver com. cap. 3: 16. Marcos usa o nome Simón no cap. 3: 16, quando narra o fato de que Jesus deu ao Simón o nome do Pedro, e depois, com uma exceção (cap. 14: 37), usa o nome posterior.

17.

Farei que sejam

A transformação de pescadores comuns em pescadores de homens implicava um comprido e lento processo de preparação. Pedro, Andrés, Jacobo e Juan eram peritos pescadores, mas agora deviam adquirir novas habilidades.

20.

Jornaleiros

Zebedeo não foi deixado sozinho em seu trabalho. A aceitação da chamada a converter-se em um dos discípulos do Jesus não significava que os quatro homens dali em adiante descuidassem suas obrigações filiais. A presença de "jornaleiros" implica uma empresa mas bem grande e bem-sucedida. Só Marcos registra este interessante detalhe da narração.

21.

Entraram

[O diabólico da sinagoga, Mar. 1: 21-28 = Luc. 4: 31-37. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 208; diagrama p.221; quanto a milagres, pp. 198-203.] Literalmente "entram". Com freqüência Marcos usa o tempo presente do verbo para acrescentar um toque de realidade gráfica a sua narração. O plural "entraram" inclui o Jesus e aos quatro discípulos a quem tinha chamado.

Capernaúm

Ver com. Luc. 4: 31.

Os dias de repouso

Ver com. Luc. 4: 16, 31. O texto grego diz: kái euthús tóis sábbasin, "e imediatamente nos sábados". A ágil narração do Marcos poderia dar a impressão de que os quatro discípulos tinham terminado de pescar em dia sábado. "Imediatamente" (euthús) aqui simplesmente denota o primeiro sábado depois do episódio narrado em Mar. 1: 16-20.

A sinagoga

Ver uma descrição das sinagogas e seus serviços nas pp. 57-59.

22.

admiravam-se

Ver com. Mat. 4: 13.

Sua doutrina

Quer dizer, "seu ensino".

Autoridade

Esta característica faz ressaltar o ensino de Cristo em marcado contraste com a dos escribas, e foi comentada vez detrás vez pelos que escutavam a Jesus (cf. Mat. 7: 29; Mar. 1: 27; etc.). Em vez de ocupar-se do que os homens de séculos passados tinham pensado e escrito, e de apresentar isso como uma autoridade, fala publicamente como tendo ele mesmo autoridade, recebida diretamente do Pai. Os escribas tinham costume de dizer que certo rabino havia dito assim e assim; Jesus, em troca, declarava "digo-lhes" (Mat. 5: 21-22). Hoje em dia é certo, como foi então, que unicamente a apresentação de claras verdades espirituais pode proporcionar cura às almas doentes de pecado.

Escribas

Os professores oficiais da lei e da tradição. A maioria deles eram fariseus. 557Esos expositores profissionais da lei oral e escrita estavam em controvérsia constante com o Jesus (ver Mat. 22: 34-46; 23: 13-14). Freqüentemente faziam ornamento de minuciosos legalismos com os que procuravam determinar a legitimidade até dos atos mais insignificantes da vida. Estavam acostumados a explicar as Escrituras em forma tal como para que projetassem dúvidas sobre seu significado em vez de esclarecê-lo, e se ocupavam das tradições de os pais, que consideravam iguais ou superiores às Escrituras, com o que invalidavam a lei de Deus (Mar. 7: 9, 13). Desse modo punham sobre "os homens" cargas "que não" podiam "levar", mas nem sequer tocavam uma dessas cargas "com um dedo" (Luc. 11: 46; ver p.57; cf. com. Mat. 2: 4).

23.

Espírito imundo

Gr. pnéuma akátharton. Nos Evangelhos esta expressão se usa como sinônimo de daimonion (cf. Mat. 10: 1 com o Luc. 9: 1), palavra que indica um espírito superior aos homens e que no NT sempre se aplica a um espírito mau, um demônio ou diabo. Nos Evangelhos se registram seis casos específicos de posse demoníaca: (1) O homem da sinagoga do Capernaúm (ver com. Mar. 1: 21-28), (2) um homem não identificado que era mudo e diabólico (Mat. 9: 32-34), (3) os dois endemoninhados da Gadara (ver com. Mar. 5: 1-20), (4) a filha de uma mulher cananea (ver com. Mat. 15: 21-28), (5) o filho de um homem não identificado (ver com. Mar. 9: 14-29) e (6) María (Mar. 16: 9). além destes casos específicos, os Evangelhos mencionam com freqüência que Jesus e seus discípulos sanavam aos que estavam afligidos por maus espíritos. Quanto a a posse demoníaca nos tempos do NT, ver Nota Adicional ao final do capítulo.

Deu vozes

Isto ocorreu quando Jesus estava falando de sua missão de liberar os que eram escravos do pecado e de Satanás (ver MC 60; cf. com. Luc. 4: 18). Neste caso, uma vez mais Cristo se encontrou frente a frente com o inimigo a quem tinha derrotado no deserto da tentação (DTG 221). Pressente-os estavam

escutando com soma atenção a mensagem que dava Cristo, e nesta forma Satanás quis desviar a atenção da gente da verdade que estava achando terreno fértil, pelo menos em alguns corações.

24.

O que tem conosco?

Literalmente, "o que a nós e a ti?" Este modismo, tipicamente hebreu (ver Juec. 11: 12; 2 Sam. 16: 10), aparece na LXX virtualmente na mesma forma em que está aqui. Significa, o que temos em comum? "Posteriormente os endemoninhados gadarenos usaram as mesmas palavras (Mat. 8: 29; cf. com. Juan 2: 4). Segundo Mar. 1: 23, 25-26, parece que só um espírito mau se havia empossado do homem. O pronome em plural neste versículo possivelmente aluda a todos os demônios em geral, com cuja categoria se identificou este mau espírito particular.

Jesus

Os demônios que estavam em posse de seres humanos geralmente confessavam que Jesus era o Filho de Deus (cap. 3: 11-12; 5: 7). Segundo Santiago, "também os demônios acreditam, e tremem" (Sant. 2: 19), e seu conhecimento da vontade e dos propósitos de Deus deve exceder em muito ao dos homens.

Destruímos

Sem dúvida, este demônio antecipava com terror o grande dia do julgamento de Deus (ver Eze. 28: 16-19; Mat. 8: 29). Indubitavelmente, sabia do "fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos" (Mat. 25: 41), e temia que Cristo estivesse por executar um castigo divino sobre ele (ver 2 Ped. 2: 4; Jud. 6).

Santo de Deus

O espírito mau reconheceu no Jesus a Aquele que tinha uma estreita relação com Deus. Outras vezes os demônios chamaram o Jesus o "Filho de Deus" (Mat. 8: 29; Luc. 8: 28), precisamente o título que induziu aos dirigentes judeus a desejar matá-lo (Juan 5: 17-18) e finalmente a condená-lo (Mat. 26: 63-68; cf. Juan 10: 30-36).

25.

Repreendeu

Gr. epitimáo; no NT, "imputar com uma falta", "repreender", "admoestar", "censurar". Embora, Jesus "repreendeu" ao espírito imundo, entretanto não lançou um "julgamento de maldição" sobre ele (Jud. 9). A recriminação parece haver-se devido a que o espírito o chamava o Mesías. Bem sabia Jesus que expor publicamente seu messianismo nesse momento tão somente despertaria em muitos prejuízos contra ele. Além disso, a turbulenta situação política da Palestina produziu muitos falsos mesías que se propuseram comandar a seus compatriotas em uma rebelião contra Roma (ver Hech. 5: 36-37; cf. DTG 22, 681), e Jesus procurava evitar ser considerado como um mesías político no sentido popular. Isto haveria cegado às pessoas quanto à verdadeira natureza de sua missão e tivesse dado às autoridades um pretexto para pôr fim a suas atividades.

Outra razão pela qual Jesus evitava ser aclamado 558como o Mesías era que desejava que os homens o reconhecessem como tal mediante um conhecimento

pessoal: observando sua vida perfeita, escutando suas palavras de verdade, presenciando suas extraordinárias obras e reconhecendo em todo isso o cumprimento de profecias do AT. Evidentemente, tinha em conta isto quando respondeu aos discípulos do Juan o Batista na forma em que o fez (Mat. 11: 2-6).

26.

lhe sacudindo com violência

Gr. sparásso, palavra usada na antiga terminologia médica para as convulsões do estômago ao vomitar. Aqui poderia traduzir-se como ,"atacando-o" ou "convulsionando-o", e poderia indicar que o homem foi derrubado ao chão. Se usa a mesma palavra repetidas vezes aplicando-a aos acessos convulsivos sofridos pelos possessos de demônios (Mar. 9: 20, 26; Luc. 9: 39). O ataque pode ter sido um intento do demônio para matar à desafortunada vítima. Esta cena significou um notável contraste entre a posse demoníaca e o estado normal de domínio próprio que seguiu.

27.

Com autoridade

Jesus não só pregava com autoridade (Mat. 7: 29; Mar. 1: 22), mas sim também atuava com autoridade. Os exorcistas judeus se valiam de encantamentos, feitiços e outros procedimentos próprios da superstição em seu esforço por expulsar maus espíritos. Jesus falava uma só palavra, e os demônios saíam imediatamente. Os espíritos, tanto como os homens, reconheciam a autoridade do Filho de Deus.

A cura do filho do nobre tinha comovido a cidade do Capernaúm (ver com. Juan 4: 53). Agora seus habitantes foram testemunhas de uma manifestação até major do poder de Deus.

28.

Fama

Gr. akoé, "o que é ouvido". Esta palavra se parece muito em seu significado a nossos términos "relatório", "notícia". Rapidamente Jesus chegou a ser um personagem bem conhecido na Galilea (cf. Luc. 4: 14-15, 37; 5: 15, 17).

29.

Ao sair

[A sogra do Pedro; os doentes sanados ao anoitecer. Mar 1: 29-34 = Mat. 8: 14-7 = Luc. 4: 38-41. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 208; diagrama P. 221. Quanto aos milagres, pp. 198-203.] Gr. euthús; ver com. vers. 10.

Casa do Simón

Durante seu ministério na Galilea, Jesus posou na casa do Simón Pedro repetidas vezes (cf. DTG 224, 232). Sua ordem aos doze de que ficassem em uma casa durante sua permanência em uma cidade (Mar. 6: 10), sem dúvida correspondia com sua própria prática.

30.

A sogra do Simón

Pedro é o único dos doze de quem especificamente se menciona que estava casado, embora já que a maioria dos judeus se casavam, crie-se que, se não todos, a maioria dos outros discípulos também tinham algemas.

Este é o primeiro milagre registrado pelos três autores sinóticos. O relato do Marcos provê vários detalhes que faltam nos outros.

Deitada com febre

Gr. purésso, derivado de pur, que significa "fogo". Assim, um "antipirético" é um medicamento contra a febre. Lucas, como médico, diagnosticou esta aflição como "uma grande febre" (ver com. Luc. 4: 38). devido aos pântanos que havia não longe do Capernaúm cujo clima era subtropical, supõe-se que poderia haver-se tratado de um caso de malária ou paludismo.

Em seguida

Gr. euthús (ver com. vers. 10). Os discípulos demonstraram sua confiança em Jesus ao recorrer imediatamente a ele em um momento de angústia física.

31.

Tirou-a da mão

Este ato foi um toque pessoal de amável simpatia empregado usualmente por Jesus (Mat. 9: 25; Mar. 5: 41; 8: 23; 9: 27). A mulher sanou ante o contato com o poder divino, mediante a fé. A alma que está doente de pecado também precisa sentir o toque de uma mão que expresse cálida simpatia.

Imediatamente

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão desta palavra aqui. (Não está no texto da BJ.) Entretanto, no Luc. 4: 39 se registra que a sogra do Pedro se levantou "imediatamente". Além disso, nos três relatos (de Mateo, Marcos e Lucas) vê-se que ela pôde seguir com as atividades de seu lar antes de pôr-do-sol. Uma febre prolongada geralmente debilita a a vítima, e se necessita um lapso antes de que as forças vitais do corpo recuperem seu vigor normal; mas a cura desta mulher evidentemente foi foto instantânea.

32.

Logo que o sol ficou

É evidente que, compreendendo que a expressão "ao chegar a noite" não era suficientemente definida entre os judeus para se localizar o momento ao que se estava refiriendo, Marcos acrescenta este comentário explicativo adicional. Alguns comentadores consideraram esta expressão acrescentada como uma tautologia, mas não é assim devido a que a frase traduzida "ao chegar a noite" é relativamente indefinida. 559

O motivo da precisão do Marcos quanto ao tempo em que os doentes de a cidade foram levados até a porta do lar do Pedro, possivelmente se deva a

que a lei rabínica proibia toda atenção aos doentes no dia sábado, salvo casos de emergência (ver com. Juan 5:10; 7: 23; 9: 14). Exceto nos casos de extrema urgência, quando a vida mesma estava em jogo, os atos de cura eram considerados como um trabalho e, portanto, inapropriados para o dia sábado (ver com. Luc. 13: 10-17).

O fato de que os três autores sinóticos descrevam este episódio com bastante prolijidad, implica que foi uma ocasião memorável para todos os discípulos. Os doze tinham ficado amargamente estalados pela recepção que até esse momento recebia o ministério do Jesus, especialmente na Judea e no Nazaret. Esta demonstração de confiança pública em seu Professor deve haver fortalecido muito a fé deles.

33.

Toda a cidade

Um vívido detalhe só mencionado pelo Marcos. Isto não significa necessariamente que todas as pessoas que viviam no Capernaúm foram ao lar do Pedro, a não ser que se trata de uma descrição hiperbólica das multidões que acudiram.

34.

Demônios

Gr. daimónion (ver com. vers. 23 e a Nota Adicional ao fim do capítulo).

Não deixava

Quanto à razão para isto, ver com. vers. 25.

35.

Muito de amanhã

[Primeiro percurso pela Galilea. Mar. 1: 35-39 = Mat. 4: 23-25 = Luc. 4: 42-44. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 208; diagrama P. 221.1 Gr. proí, "de madrugada" (BJ). Este término geralmente se usava para referir-se à última vigília da noite, das 3 às 6 da manhã (ver Mar. 16: 2, 9; Juan 20: 1). Como era o começo do verão, o sol saía ao redor das 5, e a primeira luz do alvorada podia ser visível mais ou menos às 3: 30 na latitude de Capernaúm. Ver P. 52.

Sendo ainda muito escuro

O grego indica que era noite fechada, que neste caso corresponderia com a primeira parte da vigília matinal. Jesus deve ter dormido muito pouco, pois já era tarde na noite antes de que se fossem as multidões que tinham levado seus doentes à porta do lar do Pedro (DTG 224).

Um lugar deserto

Jesus procurava estar sozinho, onde não pudessem encontrá-lo-as multidões (cf. DTG 330).

Orava

Ver com. cap. 3: 13. Uma das resaltantes e significativas características de Cristo era que orava com freqüência e com eficácia. Muitas vezes durante seu vida terrestre, Jesus destacou que "não pode o Filho fazer nada por si mesmo" (Juan 5: 19; cf. vers. 30). As maravilhosas obras que realizava eram feitas mediante o poder do Pai (DTG 117). As palavras que falava lhe eram dadas pelo Pai (Juan 8: 28). "Todo ato da vida terrestre de Cristo se realizava em cumprimento do plano esboçado da eternidade. antes de vir a a terra, o plano esteve diante dele, perfeito em todos seus detalhes. Mas enquanto andava entre os homens, era guiado, passo a passo, pela vontade do Pai" (DTG 121; ver com. Luc. 2: 49). O plano para sua vida era desdobrado ante ele dia detrás dia (DTG 198).

36.

Buscou-lhe

Gr. katadióko "seguir com perseverança", e "procurar diligentemente". Não era uma mera busca incidental do Jesus. Sem dúvida, seus discípulos estavam ansiosos de levar de novo ante as multidões a seu Professor fazedor de milagres, para que pudesse incrementar ainda mais sua fama. Parecesse que pensavam que Jesus estava perdendo preciosas oportunidades para ganhar seguidores e para aumentar a popularidade de sua causa. Mas os motivos deles não concordavam com o propósito pelo qual se realizaram os milagres (ver P. 199; com. vers. 38).

Simón

menciona-se ao Pedro por nome, já fora porque o reconhecia como cabeça do grupo ou porque como se cria geralmente Marcos registra o relato tal como se referiu-o Pedro a ele (ver P. 551).

Com ele

Possivelmente isto inclua pelo menos ao Andrés, irmão do Pedro, ao Jacobo e ao Juan, os quatro homens que oficialmente até este momento tinham sido chamados para ser discípulos. Os menciona como que tinham estado no lar de Pedro no dia anterior (vers. 29).

37.

Todos

Quer dizer, a gente do Capernaúm (ver com. vers. 33).

38.

Vamos

Jesus teve a intenção de apartar-se ante a súbita onda de popularidade que estava por ocultar os verdadeiros propósitos de seu ministério. O acessar ao torpe clamor do povo houvesse trazido um resultado mais negativo que positivo, e recusou cair nessa armadilha. Jesus considerava que seus milagres eram um meio de chamar a atenção dos homens ao feito de que necessitavam a cura da alma, mas as multidões não viam 560 além dos milagres em si mesmos. Em sua cegueira, confundiam os meios com o fim; mas os meios sem o fim tão somente tenderiam a apartá-los mais que nunca de] reino que Cristo havia vindo a proclamar. A menos que se desvanecessem esses falsos conceitos em

quanto a sua obra, todos os esforços de Cristo seriam vãos. Ver com. vers. 36.

Para isto vim

Ou "para isso saí" (BJ). Aqui pareceria que Cristo se refere a sua saída da cidade do Capernaúm para ir a "um lugar deserto" (vers. 35), antes que a sua descida do céu à terra. Entretanto, a passagem paralelo do Lucas (cap. 4: 43) implica que Jesus neste momento se referia a sua missão na terra. Em outras ocasiões se referiu especificamente a sua vinda do lado de seu Pai, em relação com sua missão considerada em forma global (ver Juan 10: 10; 18: 37; 19: 10).

39.

Pregava

Assim começa o relato do Marcos da primeira viagem missionária pela Galilea, que começou possivelmente por junho ou julho do ano 29 d. C. (ver DMJ 7-8; a Nota Adicional do Luc. 4). Em seus escritos, Josefo menciona 200 povos e aldeias de Galilea, de modo que havia amplia oportunidade para uma extensa e prolongada campanha, longe das cidades maiores que se agrupavam ao longo da borda ocidental do mar da Galilea. Assim como aconteceu nos começos do ministério na Judea, sobre o qual os autores dos sinóticos dizem pouco ou nada, é provável que o primeiro percurso missionário fora mais extenso e mais prolongado que o que indicaria a breve atenção que lhe dá (ver com. Mar. 2: 1). Marcos registra só um fato específico na primeira viagem (cap. 1: 40-45), mas o resumo que faz dos resultados desta viagem (vers. 45) indica que houve um período bem-sucedido no ministério de Cristo que abrangeu várias semanas, e possivelmente até dois ou três meses.

Nas sinagogas deles

Ver pp. 57-58. Como Jesus era um rabino visitante popular, lhe pedia que participasse dos serviços e que falasse, como no caso do Nazaret (Luc. 4: 16-27) e o do Capernaúm (Mar. 1: 21-22).

Em toda Galilea

Mateo (cap. 4: 23-25) refere-se mais atentamente à extensão e à influência da primeira viagem missionária.

Em total, Jesus realizou três viagens missionárias na Galilea entre a páscoa do ano 29 d. C. e a do ano 30 d. ESTE C. foi o período do ministério em Galilea (ver diagrama P. 221).

Não se sabe com segurança se na primeira viagem Jesus foi acompanhado por alguém mais que os quatro discípulos aos quais acabava de chamar junto ao mar de Galilea (Mar. 1: 16-20). São os únicos especificamente mencionados como que tivessem estado com o Jesus no dia anterior a sua partida do Capernaúm (vers. 29). Outros podem ter começado a segui-lo durante o transcurso de seu primeiro viagem, posto que a eleição formal dos doze se realizou antes do começo da segunda viagem (cap. 3: 13-19).

Na primeira viagem, Cristo proclamou o iminente estabelecimento do "reino de Deus" (Luc. 4: 43), o que era básico para tudo seus ensinos posteriores.

40.

Um leproso

[O primeiro leproso, Mar. 1: 40-45 = Mat. 8: 2-4 = Luc. 5: 12-16. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 208; diagrama P. 221; quanto aos milagres, pp. 198-203.] Há diferença de opiniões quanto a se este milagre ocorreu depois do Sermão do Monte, como no Mateo, ou no transcurso do primeiro viaje pela Galilea, como aparece aqui. Pelo general, Marcos segue o que parece ser uma ordem mais aproximadamente cronológico dos sucessos, enquanto que Mateo com freqüência se desvia de uma ordem cronológica para seguir uma ordem temático. portanto, a ordem apresentada no Marcos parece ser preferível. Por esta razão, a cura do leproso possivelmente é o único feito específico registrado em relação com a primeira viagem pelos povos e aldeias da Galilea (ver pp. 181-182, 268).

Mateo (cap. 8: 2-4) e Lucas (cap. 5: 12-16) também registram este milagre, mas o relato do Marcos é mais vívido e detalhado. Posteriormente, Jesus repetidas vezes sanou a leprosos (Mat. 26: 6; Luc. 7: 22; 17: 12-14; cf. DTG 511) e autorizou a seus discípulos para que fizessem o mesmo (Mat. 10: 8).

Quanto à natureza da "lepra" nos dias da antigüidade, ver T. I, P. 776. Com referência ao diagnóstico da lepra e às leis rituais de isolamento dos leprosos e de sua purificação, ver com. Lev. 13 e 14.

O conceito popular dos judeus era que a lepra sobrevinha como um castigo divino a causa do pecado (ver com. Lev. 13: 2). Por isso acreditavam que o homem em nenhuma maneira devia interferir com os decretos de Deus tratando de aliviar ou curar a enfermidade, e que não o obteria embora o tentasse. portanto, supunha-se que a lepra era uma manifesta 561manifestación externa de um pecado interno, e o que sofresse dela não só era um emparelha moral e social, mas também era considerado como abandonado Por Deus (cf. DTG 227).

Se quiser.

Possivelmente iam à mente desse aflito três grandes obstáculos, qualquer de os quais poderia ter sido suficiente para fazer que parecesse remota e possivelmente impossível a perspectiva de cura. Em primeiro lugar, até onde se saiba, não havia registro de um leproso que fora sanado dos dias do Eliseo, uns oito séculos antes. O segundo obstáculo deve ter parecido ainda mais formidável. Segundo a crença popular, o leproso estava sob a maldição de Deus. Estaria disposto Jesus a saná-lo? O terceiro obstáculo apresentava um problema mais prático. Como poderia aproximar-se do Jesus para apresentar seu pedido? Onde quer ia Jesus, a gente se amontoava em volto dele, e a lei ritual proibia estritamente que um leproso se aproximasse de outros ou se mesclasse com eles.

Pode me limpar.

Gr. katharízo, "limpar", e não therapéub, "curar", "sanar". Tanto nos tempos do AT como nos do NT, se fazia referência aos leprosos como imundos que precisavam ser "limpos", a diferença de um "doente", que precisava ser "sanado". Esta diferença de términos reflete a idéia de que a lepra não se parecia com outras enfermidades, e que a diferença consistia essencialmente em uma impureza moral e ritual.

41.

Tocou-lhe.

Uma mão estendida para tocar ao doente era um gesto familiar relacionado com a cura (2 Rei. 5:11; Mat. 8:15). Jesus sabia que esse homem era leproso, e entretanto o tocou sem temor.

Sei limpo.

supunha-se que nenhum ser humano podia curar a lepra, e o fato de que Jesus fizesse-o implicava que tinha poder para eliminar sua suposta causa: o pecado. Jesus tinha vindo à terra com o propósito específico de limpar a alma de pecado.

42.

Imediatamente.

Isto, em si mesmo, era uma parte importante do milagre. Tudo aconteceu ante os mesmos olhos da multidão. As chagas do enfermo se sanaram, seus músculos se vigorizaram, seus nervos recuperaram a sensibilidade (DTG 228).

43.

Encarregou-lhe rigorosamente.

Gr. embrimáomai, "estar profundamente comovido", "admoestar urgentemente". Este verbo se traduziu como "estremeceu-se" ("comoveu-se", BJ) no Juan 1 l: 33 e "murmuravam" ("resmungavam", BJ) em Mar. 14:5, e sempre indica tina emoção violenta. Os escritores dos Evangelhos a usam refiriéndose a Cristo só em outras duas ocasiões (Mat. 9:30 e Juan 11:33, 38). Só em casos muito estranhos Jesus assumiu uma atitude severo (Mat. 23:13-33; Juan 2:13-17; cf. DTG 319). As razões para a indubitável severidade do Jesus nesta ocasião se esclarecem em Mar. 1:45.

44.

Não diga a ninguém.

Provavelmente vários fatores influíram no Jesus para que lhe ordenasse ao leproso que não dissesse nada do que tinha acontecido e para enviá-lo "logo" (vers. 43) a apresentar-se aos sacerdotes. Em primeiro lugar, necessitava-se atuar rapidamente para que o homem pudesse chegar aos sacerdotes antes de que eles soubessem quem o tinha sanado. Só assim podia esperar ele uma decisão imparcial, pois se os sacerdotes sabiam que era Jesus o que o havia sanado, poderiam negar-se a certificar que estava limpo. Seus próprios interesses faziam que se necessitasse silêncio e rapidez.

Também, se os muitos leprosos da região chegavam para ouvir sobre o poder de Jesus para liberar os de sua enfermidade, sem dúvida iriam a ele e fariam mais difícil seu ministério para o povo em geral. Além disso, Jesus demandava como requisito prévio um sincero sentido de necessidade de parte do aflito, uma medida de fé, arrependimento do pecado, e a resolução de conformar a vida com a vontade de Deus dali em adiante (ver Mar. 5:34; Juan 4:49-50; cf. DTG 229, 232- 233).

Outra razão importante pela que Jesus lhe disse ao leproso sanado que não dissesse nada, era porque o Professor procurava evitar que se criasse a reputação de que

era tão somente um taumaturgo. O relato evangélico demonstra que considerava os milagres como secundários; seu primeiro grande propósito era a salvação das almas. Cristo sempre exortava aos homens a que procurassem primeiro o reino dos céus tendo a plena confiança de que seu Pai celestial os acrescentaria as bênções materiais que pudessem necessitar (Mat. 6:33).

No Mat. 9:30; 12:16; Mar. 5:43; 7:36; 8:26 se encontram vários exemplos quando Jesus, por estas e outras razões, proibiu que se divulgassem os relatos dos milagres que realizava.

te mostre.

De acordo com a lei mosaica, cada leproso limpo devia mostrar-se aos sacerdotes, quem era os funcionários de saúde pública. Tinham o dever de diagnosticar a lepra, ordenar o isolamento, determinar se se 562havía produzido a limpeza, e, de ser assim, estender um certificado nesse sentido (Lev. 14).

Ao receber um certificado tal dos sacerdotes, o leproso obtinha o que era muito importante para o reconhecimento oficial de que tinha ocorrido um verdadeiro milagre (DTG 230). O mesmo era um testemunho vivente do que tinha acontecido. Dessa forma, muitos sacerdotes ficaram convencidos da divindade de Cristo por esta e por outras evidências (DTG 231). depois da ressurreição, muitos dos sacerdotes professaram ter fé nele (Hech. 6:7).

A ordem que deu Jesus ao leproso de que seguisse os requisitos da lei demonstra que não se opunha às leis do Moisés. O mesmo tinha nascido "baixo a lei" (Gál. 4:4; ver com. Mat. 23:2-3). Mas manifestou uma categórica oposição às tradições que os escribas tinham elaborado em volto dos preceitos mosaicos, mediante as quais tinham invalidado tanto a letra como o espírito do que Deus tinha repartido ao Moisés (ver Mat. 15:3; Mar. 7:8-9; cf. DTG 360-364). Ao enviar ao leproso ante os sacerdotes, sem dúvida, Cristo tinha o propósito de lhes demonstrar a eles e ao povo que reconhecia as leis que ele mesmo tinha repartido ao Moisés muito antes. Nessa forma esperava refutar as falsas acusações feitas pelos sacerdotes, os guardiães oficiais da lei Assim os que entre eles eram honrados de coração poderiam ver que a acusação de deslealdade à lei do Moisés era falsa, e poderiam ser induzidos a reconhecê-lo como o Mesías (DTG 230).

Oferece por sua purificação.

Ver T. 1, P. 719, com. Lev. 14.

Para testemunho.

Quer dizer, um testemunho do poder divino que manifestava Jesus, de seu cordial interesse nas necessidades da humanidade, de seu respeito pelas leis de Moisés e dos dirigentes judeus como guardiães e executores da lei; e, por cima de tudo, de seu poder para liberar os homens do pecado e da morte.

A eles.

Não é inteiramente claro se isto se referir aos sacerdotes ou ao povo em seu conjunto, inclusive os sacerdotes. Entretanto, o contexto parece indicar que refere-se aos sacerdotes. As coisas que Moisés ordenou que deviam ser oferecidas a eles "para testemunho". O povo tinha visto a evidência manifestada diante

de seus olhos; mas os sacerdotes não a tinham visto. De modo que se o leproso sanado cumpria com a lei ritual, atestaria das coisas a respeito das quais Cristo desejava que os sacerdotes emprestassem atenção. É obvio, a decisão sacerdotal constituiria um testemunho legal permanente acima de tudo o povo uma vez que a gente se inteirou do testemunho oficial.

45.

Publicá-lo muito.

Ou "apregoar com entusiasmo" (BJ). Não compreendendo como sua desobediência em cumprir com a ordem de ficar calado estorvaria a obra de Cristo, e consolando-se com o pensamento de que a modéstia do Jesus era o único que estava de por meio, que tinha sido leproso falou muito do poder daquele que o tinha sanado.

Divulgar o fato.

Ou "divulgar a notícia" (BJ).

Já Jesus não podia.

Este milagre, ou mas bem seu resultado, parece ter famoso a terminação do primeira viagem missionária de Cristo pelos povos e as aldeias da Galilea. Se viu obrigado a cessar a obra por um tempo (DTG 230).

A cidade.

Literalmente "uma cidade" ("nenhuma cidade", BJ). Quer dizer, em qualquer cidade ou povo.

Os lugares desertos.

"Lugares solitários" (BJ). Não há nenhum indício que nos permita saber quais foram esses lugares onde Jesus se retirou. Possivelmente Cristo permaneceu perto das partes mais povoadas da zona, possivelmente foi à zona montanhosa a poucos quilômetros ao oeste do mar da Galilea. Alguns dias depois, uma vez mais estava no Capernaúm (cap. 2: 1), na casa do Pedro (DTG 232).

Vinham.

A forma do verbo grego implica que a gente continuava vindo. Estavam entusiasmados, mas infelizmente seu zelo era um fogo fátuo e não entendiam bem o propósito de Cristo ao fazer seus milagres (ver P. 199).

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 1

Para algumas pessoas resulta muito difícil aceitar que os maus espíritos, ou demônios, possam empossar-se dos seres humanos. Por isso atribuem os fenômenos do que a Bíblia chama posse demoníaca a causas naturais, especialmente a diversas enfermidades físicas e nervosas, tais como epilepsia e loucura. Outros, que aceitam como reais as 563afirmaciones dos Evangelhos a respeito da posse demoníaca, não sempre tomaram em conta a natureza e a relação das enfermidades físicas e nervosas acompanhantes. Nesta nota se procurará explicar o problema no que concerne tanto ao domínio satânico das vidas de todos os ímpios em geral, como ao sentido mais restringido de posse demoníaca, com suas manifestações somáticas e

psíquicas acompanhantes.

O domínio do Espírito Santo.-

Por meio da obra do Espírito Santo (1 Cor. 3: 16; 6: 19; 2 Cor. 6: 16; F. 2: 22) Cristo mora na mente daqueles que, por seu própria e livre eleição, desejam lhe servir (2 Cor. 5: 14; Gál. 2: 20; Couve. 1: 27; etc.; cf. DMJ 142-143). À medida que, mediante a cooperação deles, Cristo obra em seus vistas tanto o querer como o fazer por sua boa vontade (Fil. 2: 13), prepondera um poder que provém do alto e que coloca as tendências naturais em harmonia com os princípios divinos (ROM. 8: 29; Gál. 5: 22-23; 2 Lhes. 2: 14). Só os que assim entregam o domínio de sua mente a Deus, em tudo o sentido da palavra, podem ter uma "mente sã" e desfrutar de uma estabilidade mental e emotiva completa e verdadeira (ver 2 Tim. 1: 7; cf. ISA. 26: 3-4). Ninguém que escolhe o serviço de Deus será deixado a mercê do poder de Satanás (M(, 61-62; cf. DTG 23). Fortalecidos pelo poder divino, voltam-se invulneráveis contra os ataques de Satanás (DTG 179, 291).

O domínio de um espírito mau.-

Por outro lado, todos os que rechaçam a verdade, ou a desprezam, demonstram que obedecem ao maligno (MC 61; DTG 289, 308). Os que persistentemente recusam obedecer as insinuações do Espírito Santo, ou as descuidam entregando-se, em mudança, ao domínio de Satanás, desenvolvem um caráter que cada vez se parece mais ao do maligno (Juan 8: 34, 41, 44; DTG 304, 396). A consciência e a faculdade de eleição estabelecem um molde de conduta apoiado nos princípios de Satanás (ver ROM. 6: 12-16; DTG 221). À medida que os homens assim se separam progressivamente da influência e do domínio do Espírito Santo (ver F. 4: 30; com. Exo. 4: 21), finalmente se encontram de tudo a mercê do diabo (ver DTG 221, 290-291; cf. 601, 645; Juan 6: 70). Retidos firmemente por uma vontade mais forte que a deles, por si mesmos não podem escapar do poder do maligno (MC 62). Automaticamente pensam e procedem como Satanás ordena-lhes. Cada vez que a Inspiração faz ressaltar a causa, declara que a posse demoníaca é o resultado de uma vida má (DTG 221). A fascinante carreira de prazeres mundanos termina nas trevas do desespero ou em "a loucura de uma alma arruinada" (DTG 222).

Graus de domínio demoníaco.-

O processo da formação do caráter é gradual, e, portanto, há graus de domínio ou posse, já seja do Espírito Santo ou dos maus espíritos (ROM. 12: 2). Todos os que não se entregam sem reservas para que o Espírito Santo morre neles, estão, em maior ou menor grau, sob o domínio -na posse- de Satanás (ver Luc. 11: 23; ROM. 6: 12-16; 2 Ped. 2: 18-19; DTG 291, 308). Tudo o que não esteja em harmonia com a vontade de Deus -todo intento de prejudicar a outros, cada manifestação de egoísmo, cada tento de fomentar princípios errôneos- em certo sentido da palavra, é uma prova de domínio ou posse do demônio (DTG 213, 308). Cada vez que há uma entrega ao mal, o resultado é um corpo debilitado, uma mente mais obscurecida, uma alma mais degradada (DTG 308). Contudo, em cada ponto do processo de sua formação "o caráter se dá a conhecer, não pelas obras boas ou más que de vez em quando executem-se, mas sim pela tendência das palavras e dos atos habituais de a vida diária" (DC 58). De modo que a principal diferencia entre os que respondem em forma ocasional e os que respondem habitualmente às insinuações de Satanás é uma diferença de grau e não de classe. A vida do rei Saúl é um exemplo claro do que acontece a quem se submete ao domínio dos demônios (1 Sam. 13: 8-14; 15: 10-35; 16: 14-23; 28: 1-25; PP 733-736).

Formas de domínio demoníaco.-

Não só varia o grau de domínio ou de posse do demônio, mas também a forma em que se manifesta. Às vezes Satanás pode levar a cabo seus sinistros propósitos mais eficazmente permitindo que sua vítima retenha suas atividades mentais e físicas bastante intactas e simule piedade. Outras vezes, o diabo perverte a mente e o corpo e conduz à vítima a atalhos manifiestamente indignos e maus. Os que só estão parcialmente sob o domínio dos demônios, ou que não manifestam sintomas que geralmente se relacionam com a posse demoníaca, com freqüência são mais úteis para o príncipe do 564mal que aqueles que mais claramente estão sob seu domínio. O mesmo espírito mau que possuía ao diabólico do Capernaúm também dominava a os Judeus descrentes (ver Juan 8: 44; DTG 221; cf. 290, 671, 695-696, 708). Judas esteve "poseído" pelo diabo em uma forma similar (ver DTG 260, 601; Luc. 22: 3; Juan 6: 70-71; 13: 27; cf. Mat. 16: 23). Em casos como estes, a diferença principalmente radica na forma em que os demônios manifestam seu presença e seu poder.

Posse demoníaca e o sistema nervoso humano.

Qualquer seja o grau ou qualquer seja a forma em que os demônios obtêm o domínio sobre um ser humano, fazem-no mediante o sistema nervoso. Mediante as faculdades superiores da mente -a consciência, o poder de eleição e a vontade- Satanás toma posse da pessoa. Mediante o sistema nervoso o maligno exerce domínio sobre seus súditos. A posse demoníaca não pode realizar-se a menos que seja pelo sistema nervoso, pois mediante ele Satanás tem acesso à mente e a sua vez domina o corpo (cf. Luc. 8: 2; DTG 521). Posto que o sistema nervoso mesmo é a primeira parte do ser que é afetada pela posse demoníaca, algumas vezes se vêem na pessoa diferentes afecções nervosas, de um simples nervosismo até a demência total. Tais males, com freqüência, são o resultado de entregar-se, em uma forma ou outra, à influência e às sugestões de Satanás. Entretanto, as enfermidades do sistema nervoso não acompanham necessariamente a posse demoníaca, nem são necessariamente um sinal de uma posse tal, como tampouco o são a surdez e a mudez, as que, às vezes também acompanham à posse demoníaca.

Cada caso de posse demoníaca descrito no Desejado de todas as gente é apresentado especificamente com implicação de alguma forma de desordem mental que popularmente se descreve como loucura, e se destaca que essa condição é o resultado da posse demoníaca. Por exemplo, descreve-se ao homem poseído pelo demônio na sinagoga do Capernaúm como "louco" e sua aflição como "loucura" (DTG 220-221). Também se fala dos endemoninhados da Gadara como de "loucos" e "desmedidos" e se diz que suas mentes estavam "extraviadas" (DTG 304; CS 568). Ao pé do monte da transfiguración estava um moço poseído do demônio. dele só se diz que era "diabólico" (DTG 396; Mar. 9:18). Os sintomas que se mencionam especificamente são contorções do rosto, alaridos, mutilações do corpo, olhos que despedem como faíscas, ranger de dentes, espuma na boca e convulsões (Mar. 1: 26; 9: 18-26; Luc. 4: 35; 8: 29; DTG 221, 303, 396). Em cada caso, a expulsão dos maus espíritos foi acompanhada por uma mudança instantânea e evidente. Houve uma restauração do equilíbrio mental e da saúde física no que tinham sido afetados; voltou a inteligência (DTG 221, 304), afligido-los se vestiram novamente e voltaram em si (Mar. 5: 15; Luc. 8: 35; DTG 304), e a razão foi restaurada (DTG 396, 521).

O caso do moço poseído do demônio, de Mar. 9: 14-29, merece atenção especial. A descrição que se faz do episódio se parece notavelmente a uma convulsão epilética (vers. 18- 20). Mas afirmar que simplesmente se tratava de epilepsia, é rechaçar as claras afirmações das Escrituras de que o moço era um poseído do demônio. Os escritores dos Evangelhos são igualmente explícitos ao descrever um caso do que certamente parece ser epilepsia e atribui-lo a posse demoníaca.

A posse demoníaca e as doenças físicas.-

Em certos casos de posse demoníaca também havia doenças físicas acompanhantes, de uma classe ou de outra (ver Mat. 9: 32; 12: 22; Mar. 9: 17). É digno de notar que as doenças físicas especificamente mencionadas -cegueira e mudez- parecem ter estado relacionadas com os nervos sensoriais e motores das partes afetadas. Outros males físicos possivelmente também foram o resultado de posse demoníaca. Os que se entregavam, em maior ou menor grau, à influência e ao domínio de Satanás, pensavam e viviam de uma maneira tal como para depravar o corpo, a mente e a alma (DTG 221, 308; etc.).

Assinale distintivas de posse demoníaca.-

Até onde o indicou a Inspiração, as diversas manifestações de doenças físicas e mentais que indicavam posse demoníaca, em si mesmos e por si mesmos, não eram diferentes de manifestações similares atribuíveis a causas naturais. Indubitavelmente, a diferença não estava nos sintomas nervosos e físicos manifestados, a não ser no instrumento que os causava. A Inspiração atribui esses sintomas à presença direta e à obra dos maus espíritos (CS 568). 565 Mas em si mesmos e por si mesmos as diversas doenças físicas e mentais não constituíam o que os Evangelhos descrevem como posse demoníaca. Eram o resultado da posse demoníaca.

Sem dúvida, a crença popular identificava os resultados da posse demoníaca com a posse demoníaca mesma. Mas o argumento de que, devido a sua ignorância, os escritores dos Evangelhos atribuíram equivocadamente diversas doenças físicas e nervosas à obra dos maus espíritos é rebatido, porque eles claramente distinguiam entre os males comuns corporais por um lado e a posse demoníaca pelo outro (Mat. 4: 24; Luc. 6: 17-18; 7: 21; 8: 2). A realidade da posse demoníaca também é confirmada pelo fato de que Cristo se dirigia aos demônios como a demônios, e os demônios lhe respondiam como demônios por intermédio de suas desventuradas vítimas (Mar. 1: 23-24; 3: 11-12; 5: 7, etc.). Reconhecendo a divindade de Cristo e o julgamento final -feitos que então não eram entendidos pela gente em geral- os demônios demonstravam um conhecimento sobrenatural (Mat. 8: 29; Mar. 1: 24; 3: 11-12; 5: 7; etc.).

É razoável concluir que a posse demoníaca, embora freqüentemente acompanhada por doenças nervosas ou físicas, exibia seus próprios sintomas característicos, mas as Escrituras não dizem quais podem ter sido esses sintomas.

por que era comum a posse demoníaca.-

É evidente que a posse demoníaca, no sentido restringido dos escritores dos Evangelhos, era muito comum durante o tempo do ministério pessoal de Cristo na terra (DTG 222). Possivelmente durante um tempo Deus deu a Satanás maior liberdade para que demonstrasse os resultados de seu domínio pessoal dos seres humanos que voluntariamente escolhiam lhe servir. No monte

da transfiguración os discípulos contemplaram a humanidade transfigurada a a imagem de Deus, e ao pé da montanha à humanidade degradada à semelhança de Satanás (DTG 396).

Durante séculos, o diabo tinha estado procurando o domínio irrestricto dos corpos e as almas dos homens, a fim de lhes afligir com pecados e sofrimentos e destrui-los finalmente (DTG 222; PP 744). De modo que, quando apareceu nosso Senhor caminhando como um homem entre os homens, "os corpos dos seres humanos, feitos para ser morada de Deus, tinham chegado a ser habitação de demônios. Os sentidos, os nervos, as paixões, os órgãos de os homens, eram movidos por agentes sobrenaturais na complacência da concupiscência mais vil. A mesma imagem dos demônios estava gravada nos rostos dos homens" (DTG 27). Até a semelhança da humanidade parecia ter sido apagada de muitos rostos humanos que, em troca, refletiam a expressão das legiões de demônios dos quais eram possessos (cf. Luc. 8: 27; DTG 303; CS 568). Em uma forma muito real, a posse demoníaca representa os abismos de degradação aos quais descendem quem responde a Satanás, e ilustra graficamente aquilo em que finalmente se converterão, quando se entreguem plenamente ao domínio satânico, todos os que rechaçam a misericórdia de Deus (DTG 308).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-8 DTG 72-83

2-3 3JT 314

7 5T 224

10 DTG 85

12-13 DTG 89

14-15 CS 375; DTG 198

15 CS 393, 399; DTG 200; 3JT 210; PR 515; TM 61

16-20 DTG 211-216

23-25 P 29

24 DTG 433, 532; MC60; 8T 208

24-26 DTG 220

27 DTG 221; MC 61

30, 32 MC 19

35 DTG 225, 330; MC 19,34

37-38 DTG 225

40-45 DTG; 227-232

43-44 DTG 229 566

CAPÍTULO 2

1 Cristo cura a um paralítico. 14 Chama o Mateo, um coletor de impostos; 15 come com os nos publique e os Pecadores; 18 desculpa a seus discípulos porque não jejuam 23 e por arrancar espigas em dia sábado.

1 ENTRO Jesus outra vez no Capernaúm depois de alguns dias; e se ouviu que estava em casa.

2 E imediatamente se juntaram muitos, de maneira que já não cabiam nem mesmo à porta; e lhes pregava a palavra.

3 Então vieram a ele uns trazendo um paralítico, que era carregado por quatro.

4 E como não podiam aproximar-se dele por causa da multidão, descobriram o teto de onde estava, e fazendo uma abertura, baixaram o leito em que jazia o paralítico.

5 Ao ver Jesus a fé deles, disse ao paralítico: Filho, seus pecados lhe são perdoados.

6 Estavam ali sentados alguns dos escribas, os quais refletiam em seus corações:

7 por que fala este assim? Blasfêmias diz. Quem pode perdoar pecados, a não ser só Deus?

8 E conhecendo logo Jesus em seu espírito que refletiam desta maneira dentro de si mesmos, disse-lhes: por que refletem assim em seus corações?

9 O que é mais fácil, dizer ao paralítico: Seus pecados lhe são perdoados, ou lhe dizer: te levante, toma seu leito e anda?

10 Pois para que saibam que o Filho do Homem tem potestad na terra para perdoar pecados (disse ao paralítico):

11 te digo: te levante, toma seu leito, e vete a sua casa.

12 Então ele se levantou em seguida, e tomando seu leito, saiu diante de todos, de maneira que todos se assombraram, e glorificaram a Deus, dizendo: Nunca vimos tal coisa.

13 Depois voltou a sair ao mar; e toda a gente vinha a ele, e lhes ensinava.

14 E ao passar, viu o Leví filho do Alfeo, sentado ao banco dos tributos públicos, e lhe disse: me siga. E levantando-se, seguiu-lhe.

15 Aconteceu que estando Jesus à mesa em casa dele, muitos nos publique e pecadores estavam também à mesa junto com o Jesus e seus discípulos; porque havia muitos que lhe tinham seguido.

16 E os escribas e os fariseus, lhe vendo comer com os nos publique e com os pecadores, disseram aos discípulos: O que é isto, que ele come e bebe com os nos publique e pecadores?

17 Para ouvir isto Jesus, disse-lhes: Os sãs não têm necessidade de médico, a não ser

os doentes. Não vim a chamar justos, a não ser a pecadores.

18 E os discípulos do Juan e os dos fariseus jejuavam; e vieram, e o disseram: por que os discípulos do Juan e os dos fariseus jejuam, e vocês discípulos não jejuam?

19 Jesus lhes disse: Acaso podem os que estão de bodas jejuar enquanto está com eles o marido? Enquanto isso que têm consigo ao marido, não podem jejuar.

20 Mas virão dias quando o marido lhes será tirado, e então naqueles dias jejuarão.

21 Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho; de outra maneira, o mesmo remendo novo atira do velho, e se faz pior a ruptura.

22 E ninguém joga vinho novo em odres velhos; de outra maneira, o vinho novo rompe os odres, e o vinho se derrama, e os odres se perdem; mas o vinho novo em odres novos se tem que jogar.

23 Aconteceu que ao passar ele pelos semeados um dia de reposo,1 seus discípulos, andando, começaram a arrancar espigas.

24 Então os fariseus lhe disseram: Olhe, por que fazem no dia de reposo2 o que não é lícito?

25 Mas ele lhes disse: Nunca leísteis o que fez David quando teve necessidade, e sentiu fome, ele e os que com ele estavam;

26 como entrou na casa de Deus, sendo Abiatar supremo sacerdote, e comeu os pães da proposição, dos quais não é lícito comer a não ser aos sacerdotes, e até deu aos que com ele estavam?

27 Também lhes disse: O dia de reposo3 foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do dia de repouso.*

28 portanto, o Filho do Homem é Senhor até do dia de repouso. 567

1.

Entrou Jesus outra vez.

[O paralítico descido pelo teto, Mar. 2:1-12 = Mat. 9:2-8 = Luc. 5:17-26. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 208; diagrama P. 221; quanto aos milagres, pp. 198-203] Ou "entrou de novo" (BJ). É característico do Marcos usar a palavra grega pálin, "outra vez", para referir-se a lugares que há mencionado previamente ou a circunstâncias similares (cap. 2: 13; 3: 1, 20; 4: 1; 5: 21; 8: 13). A maneira de contraste, Mateo geralmente usa pálin para introduzir uma nova seção de seu relato. Tanto Mateo como Marcos fazem notar que Jesus havia tornado recentemente de seu primeiro percurso pelos povos e as aldeias da Galilea (ver Mat. 9: 1). Mateo acrescenta a informação de que o volta de Cristo ao Capernaúm foi em uma barco. É evidente uma de duas coisas: ou sua primeira viagem terminou na borda oriental do mar da Galilea, ou se havia retirado a essa região quando a publicidade que foi dada pelo leproso sanado o induziu a um retiro transitivo de seu ministério público (ver com. Mar. 1: 45).

Capernaúm.

Ver com. Mat. 4: 13. Falando de Cristo, Mateo diz que Capernaúm era "seu cidade". Quer dizer, era a sede central da qual efetuava seu ministério em Galilea, e Jesus parece havê-la considerado como sua própria cidade.

depois de alguns dias.

Gr. dava' hémerón, "dias depois" (BJ, 1966). Estas palavras são tomadas por alguns como uma referência a todo o período do primeiro percurso do Jesus por Galilea, entre o tempo de sua partida do Capernaúm (cap. 1: 35-38) e seu retorno a essa cidade. portanto, e tendo em conta que esse percurso durou possivelmente uma quantidade de semanas, possivelmente seja mais apropriado entender aqui os "dias" como que foram aqueles durante os quais Jesus se retirou ao deserto devido às multidões, quando "não podia, Jesus apresentar-se em público em nenhuma cidade" (cap. 1:45, BJ). Se se entender assim, o período em questão seria o transcorrido entre os sucessos narrados ao fim do cap. 1 e os do começo do cap. 2.

ouviu-se.

Ou "tinha deslocado a voz" (BJ).

Que.

Gr. hoti, "que", o qual implica que as seguintes palavras, literalmente, "ele está na casa", são uma entrevista direta do que estava dizendo a gente em general.

Em casa.

Só Marcos menciona especificamente este fato, como também acontece com muitos outros detalhes do relato que omitem os outros sinóticos. Esta referência, sem dúvida, alude ao lar do Pedro (ver DTG 232, 236; com. cap. 1: 29).

2.

Imediatamente.

A saída de Cristo do Capernaúm para seu primeiro percurso missionário se deveu a a agitação popular e às grandes multidões que o buscavam (cap. 1: 33, 37). Mas sua ausência do Capernaúm não diminuiu o entusiasmo da gente. Tão logo se soube que Jesus estava outra vez na cidade, a gente foi a ele.

3.

Carregado por quatro.

Detalhe que só dá Marcos. Este e outros detalhes não só refletem a veracidade do relato mas sim também indicam que se trata da narração de uma testemunha ocular; neste caso, possivelmente Pedro (ver P. 551).

4.

Descobriram o teto.

Literalmente, "destecharon o teto". Lucas (cap. 5: 19) registra que "pelo

coberto lhe baixaram". Como é comum no Meio Oriente, sem dúvida nesta casa havia um teto plano, com um degrau ou escada pelo lado de fora que permitia subir do pátio (ver Hech. 10: 9; cf. com. Deut. 22: 8). Sem dúvida, o teto tinha telhas sobre as vigas.

Esta forma insólita de chegar até o Jesus foi a desesperada sugestão do mesmo paralítico, quem temia que, embora agora estava tão perto do Jesus, poderia perder sua oportunidade (DTG; 233). O fato de que, Jesus saísse tão inesperadamente do Capernaúm (cap. 1: 37-38), de que tivesse permanecido ausente durante várias semanas e finalmente se retirou ao deserto (cap. 1: 45), possivelmente aumentou o desespero deste homem, o qual confrontava a perspectiva de uma morte prematura (DTG 232).

Leito.

Gr. krábbatos, a "cama" ou o "leito" de um pobre. A arruda maca em que jazia o homem possivelmente era pouco 1más que uma esteira de palha, ou uma colcha cheia.

5.

A fé deles.

Quer dizer, dos quatro que levavam a maca e do paralítico. O fato de que abrissem um oco no teto fala eloqüentemente de seu urgente sentido de necessidade e de sua fé de que só Jesus podia satisfazê-la. Esse sentimento de necessidade e uma fé tal são essenciais antes de que o poder curador do Jesus possa aplicar-se já seja ao corpo ou à alma (ver com. Luc. 5: 8).

Filho.

Gr. teknon, literalmente, "menino", "filhinho" (como se traduziu no Juan 13: 33; Gál. 4: 19; 1 Juan 2: 1, 12, 28; 3 7, 18; 4: 4; 5: 21). Quando se usa para dirigir-se a alguém, como aqui, significa "meu filhinho", "meu filho". 568Puesto que sua enfermidade lhe tinha sobrevindo como resultado direto de uma vida depravada (DTG 232), pareceria que seu caso deve ter sido muito semelhante ao do filho pródigo (Luc. 15: 13- 14). O mesmo poderia dizer do paralítico sanado na Betesda uns poucos meses antes (Juan 5: 14).

Seus pecados lhe são perdoados.

Ver com. vers. 10. A aflição lhe tinha dado tempo para refletir, e havia chegado a compreender que seu sofrimento se devia a seus próprios pecados. Jesus referiu-se a esses pecados que agora pesavam tanto sobre a mente desse homem. O paralítico veio procurando tanto saúde da alma como cura do corpo (ver DTG 232-234). Estava fisicamente impotente e despejado espiritualmente, até que apresentou seu caso ao Jesus, quem lhe proporcionou tanto ajuda como esperança (ver com. Juan 9: 2).

6.

Os escribas.

Ver P. 57, e com. cap. 1: 22. Segundo Lucas (com. cap. 5: 17), esses "fariseus e doutores da lei" vinham de todas partes "da Galilea, e da Judea e de Jerusalém". A vinda de representantes de tantos lugares diferentes sugere

que sua presença nessa ocasião particular era mais que casual. O fato de que esses funcionários religiosos proviessem precisamente das zonas nas quais Jesus até então tinha trabalhado, pareceria indicar que estavam em Capernaúm para investigar quanto a Aquele que se converteu no centro de um interesse público tão intenso. A situação faz recordar à delegação que os dirigentes de Jerusalém enviaram ao Jordão para que investigasse a obra do Juan o Batista (Juan 1: 19-28) dois anos antes. Esta delegação, proveniente da Judea, onde Jesus tinha trabalhado antes, pode ter sido convocada para aconselhar aos dirigentes da Galilea a respeito de seu forma de atuar em vista das últimas atividades do Jesus ali.

Esses homens eram espiões (ver DTG 232; cf. 184), e Jesus, para lhes fazer recordar vividamente a cura do paralítico da Betesda (Juan 5: 1-9), agora sanou a outro homem que sofria da mesma enfermidade. Não tiveram que esperar muito antes de encontrar o que estavam procurando: supostas evidências de que Jesus era blasfemo. Sua declaração anterior ante os dirigentes Judeus havia sido conceituada como blasfêmia (Juan 5: 18); agora exerceu publicamente uma prerrogativa divina que eles também tomaram como blasfêmia. Este episódio assinala a primeira de várias controvérsias do Jesus com as autoridades judias durante seu ministério na Galilea.

Refletiam.

Gr. dialogízomai, "saldar contas", "praticar", "debater", "argüir".

7.

Este.

Em um sentido depreciativo. Eles pensavam que tinham surpreso ao Jesus no ato de blasfemar, mas, embora pareça estranho, a prova não era tal como para que pudessem apresentá-la contra ele quando o julgaram um ano e meio mais tarde (Mat. 26: 59-60; Mar. 14:55-56). A dificuldade deles consistia em que ele os apresentava a ação prática do poder da Deidade -perdão do pecado e cura da enfermidade- e não uma afirmação específica de pretensões messiânicas (ver P. 199).

Blasfêmias.

Gr. blasfêmia, "dito injurioso", "calúnia", quer dizer, qualquer afirmação ofensiva.

Os escribas davam por sentado que ao perdoar os pecados do paralítico, Jesus -simplesmente um homem, conforme supunham eles- tinha usurpado as prerrogativas da Deidade. No sistema cerimonioso, o sacerdote presidia durante a confissão que fazia um homem, mas em realidade não pronunciava palavras de perdão. Sua aceitação do sacrifício tão somente simbolizava que Deus tinha aceito a confissão (Heb. 10:1-12). Quando se negaram a reconhecer a prova da presença e da ação da Divindade, os escribas estavam cometendo precisamente o pecado do qual, em seus corações, acusavam a Cristo (Mat. 12:22-32). O castigo levítico para a blasfêmia era pena de morte ou apedrejamento (Lev. 24:16), embora os judeus do tempo de Cristo, pelo general, não estavam em liberdade de levar a cabo essa execução.

Quem pode perdoar?

Quanto a sua teologia, em rigor de verdade, os escribas tinham razão, pois o

AT claramente indicava que Deus é Aquele que perdoa pecados (ISA. 43:25; Jer. 31: 34; cf. Juan 10: 33). Seu engano consistia em não ter reconhecido que o Homem que estava ante eles era Deus. Ver P. 199.

8.

Conhecendo.

"Dando-se conta" (BJ, 1966). Gr. epiginoskó, "saber com segurança", "reconhecer". Repetidas vezes, Jesus leu os pensamentos dos homens (Mar. 12: 15; Luc. 6: 8; 9: 47; 11: 17; cf. Juan 4: 16-19; 8: 7-9). Geralmente isto enfurecia-os.

9.

O que é mais fácil?

É evidente que os escribas estavam pensando: "É fácil dizer que 569los pecados de um homem estão perdoados, mas ninguém pode dizer se o estão em realidade" Imediatamente Jesus aceitou seu desafio tácito e, em resumo, eles perguntou: "O que seria para vocês mais fácil, perdoar os pecados de um homem ou sanar o de sua paralisia?" A resposta é óbvia.

10.

Para que saibam.

Jesus apresentou um milagre que todos podiam ver como a prova da realidade de um milagre muito maior que não podiam ver (cf. ROM. 1:20).

O Filho do Homem.

Pela primeira vez, neste relato os três autores dos sinóticos usam este título distintivo (Mat. 9: 6; Mar. 2: 10; Luc. 5: 24). Esta era a forma favorita em que Cristo se chamava a si mesmo, e aparece 80 vezes nos Evangelhos. Entretanto, ninguém o chamou nessa forma, nem nenhum dos escritores dos Evangelhos se refere a ele assim. Ao menos, entre alguns judeus, esse título era entendido como um nome para o governante messiânico do novo reino que ia se estabelecer. Exceto sob juramento (Mat. 26: 63-64; Mar. 14: 61-62), e em privado para os que estavam preparados a acreditar nele como o Cristo (Mat. 16: 16-17; Juan 3: 13-16; 4: 2526; 16: 30-31), Jesus não afirmou diretamente seu caráter messiânico. Seu propósito era que os homens reconhecessem em sua vida, suas palavras e suas obras, a evidência de que as profecias do Mesías se cumpriram nele. Ver P. 199.

Jesus era literalmente "o Filho do Homem" tanto em um sentido puramente histórico (Luc. 1: 31- 35; ROM. 1: 3-4; Gál. 4: 4) como em um sentido mais excelso. O título "Filho do Homem" designa-o como ao Cristo encarnado (Juan 1: 14; Fil. 2: 6-8). Destaca o milagre pelo qual o Criador e a criatura se uniram em uma pessoa divino-humana. Atesta da verdade de que certamente os filhos dos homens podem chegar a converter-se em filhos de Deus (Juan 1: 12; Gál. 4: 3-7; 1 Juan 3:1-2). A Deidade se identificou com a humanidade a fim de que a humanidade pudesse outra vez transformar-se à imagem da Divindade (DTG 16). A respeito do Jesus como o Filho de Deus, ver com. Luc. 1: 35; Juan 1:1-3; e como o Filho do homem, com. Luc. 2:49, 52; Juan

1: 14; a Nota Adicional do Juan 1.

Potestad.

Gr. exousía, "autoridade", "potestad". A palavra grega que se usa para "poder", no sentido de "potência" ou "força", é dúnamis. Para realizar um milagre se precisa poder; mas o perdão dos pecados era questão de autoridade. Nesta passagem, exousía está ao começo da cláusula e assim destaca a autoridade de Cristo para perdoar pecados. Os dirigentes judeus repetidas vezes desafiaram essa autoridade (cap. 11: 28).

Perdoar pecados.

Devia ser eliminada a cansa da enfermidade antes de que o sufriente pudesse ser liberado da enfermidade que o afligia (ver com. vers. 5). A cura do corpo sem a cura da alma só podia resultar em uma repetição da conduta que tinha provocado a enfermidade no jovem. Por ende, Cristo, que deu ao homem tão corpo novo, primeiro lhe proporcionou um coração novo.

Disse.

A afirmação entre parêntese que começa com esta palavra está inserida em médio do discurso do Jesus para indicar que nesse ponto deixou de dirigir-se a os escribas e falou com paralítico. Aparece no mesmo lugar nas três versões do relato (cf. Mat. 9: 6; Luc. 5: 24). Exemplos similares de um linguagem idêntica podem achar-se em Mar. 1: 16 e Mat. 4: 18; Mar. 5: 28 e Mat. 9: 21; Mar. 14: 2 e Mat. 26: 5; Mar. 15: 10 e Mat. 27: 18. Ver pp. 175-176; cf. pp. 298-299.

11.

te digo.

A ordem das palavras em nosso idioma corresponde exatamente com a ordem das palavras em grego, e faz ressaltar a quem falava Jesus. O dirigiu as palavras do vers. 10 aos escribas descrentes. Agora, como uma prova para eles, voltou-se para paralítico e disse: "te digo: te levante". O poder para sanar fisicamente era prova da autoridade para sanar espiritualmente.

Toma seu leito.

O enfermo tinha sido levado ao Jesus em seu leito; agora se retira da presença do Jesus levando seu leito, uma prova da grande transformação que tinha ocorrido.

12.

Tal coisa.

Ou "Jamais vimos coisa parecida" (BJ). O homem que tinha vindo ao Jesus com um profundo sentido de necessidade se foi cheio de gozo triunfante, enquanto que os que tinham vindo cheios de presunção, orgulho e maldade se foram "mudos de assombro e afligidos por sua derrota" (DTG 236). O espírito com o qual os homens se aproximam do Jesus determina se encontrarem nele um degrau para o céu ou uma pedra de tropeço para a destruição (cf. Mat. 21: 44; Luc. 2: 34; 1 Ped. 2: 8).

13.

Voltou a sair.

[Chamada do Leví Mateo, Mar. 2:13-14 = Mat. 9:9 = Luc. 5.-2728. Comentário principal: Marcos. Ver mapa p.208;570 diagrama P. 221] É evidente que este foi uma breve viagem pelas proximidades do Capernaúm, e não uma viagem importante de predicación pela Galilea. A segunda viagem dessa natureza, o qual foi precedido pela eleição dos doze e o Sermão do Monte, não começou até um tempo depois.

14.

Viu.

Ver com. Luc. 5: 27.

Leví.

Lucas também usa este nome (cap. 5: 27), mas Mateo, no mesmo relato, prefere o nome do Mateo (cap. 9: 9). Que os dois nomes se referem ao mesmo homem se vê, além disso, pelo fato de que Mateo também é chamado "o publicano [cobrador de impostos]" (Mat. 10: 3), e porque em suas listas dos doze apóstolos, os autores dos outros Evangelhos consignam Mateo e não Leví (Mar. 3: 18; Luc. 6: 15; cf. Hech. 1: 13). Era comum que os judeus tivessem mais de um nome, como no caso do Simón Pedro e do Juan Marcos (ver com. Mar. 3: 14).

Filho do Alfeo.

Alguns acreditaram identificar a "Leví filho do Alfeo" com "Jacobo filho de Alfeo" (cap. 3: 18). Entretanto, em vista da prova já dada para identificar ao Leví com o Mateo, parece indubitável que Leví e Jacobo eram pessoas diferentes; é impossível dizer se eram irmãos (ver com. cap. 3: 18).

Os tributos públicos.

Quer dizer, o escritório de impostos. Sem dúvida, estava à borda do "mar" (vers. 13), e provavelmente era um escritório na qual os agentes do Herodes Antipas cobravam impostos às caravanas e a quão viajantes passavam pelo caminho principal de Damasco e o Oriente a Tolemaida (Aco) sobre o Mediterrâneo (ver com. ISA. 9:1), ou ao mar da Galilea, procedentes do território do Herodes Felipe. Quanto à localização estratégica e comercial do Capernaúm, ver com. Mat. 4: 13 e Luc. 4: 31

Segundo o conceito popular era desonroso ser cobrador de impostos. Os tais, com freqüência, não só eram instrumentos da opressão romana, mas também também eram extorsionadores que atuavam por sua própria conta, usando de seu poder oficial para oprimir e defraudar às pessoas. Eram aborrecidos e desprezados por todos como emparelha sociais e religiosos (ver P. 68, com. Luc. 3: 12).

me siga.

A linguagem que usualmente Cristo usava para estender seu convite ao discipulado (Mat. 4: 19; Juan 1: 43). Convidado a fazer em um instante a grande decisão de sua vida, Mateo esteve disposto. Uma decisão tal pressuporia que previamente se tinha relacionado com o Jesus. Em seu coração já deve ter havido

um desejo de seguir ao Professor. Mas, posto que conhecia muito bem a atitude de os rabinos para com os cobradores de impostos, sem dúvida não lhe ocorria que este grande rabino condescenderia em que fora um de seus discípulos. Lucas (cap. 5: 28) acrescenta que Mateo deixou "tudo" para seguir ao Jesus; abandonou uma ocupação lucrativa para servir sem pagamento algum.

15.

Estando.

[A festa do Mateo, Mar. 2: 15- 17 = Mat. 9: 10-13 = Luc. 5: 29-32. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 209; diagrama P. 221] Gr. katákeimai deitar-se", "estar reclinado". Embora nos tempos do AT o costume judia era sentar-se para comer, no tempo do Jesus, pelo menos nas casas da gente mais acomodada, os comensais, para comer, estavam acostumados a deitar-se sobre uma plataforma baixa, ou leito, que chegava até a mesa. Descansavam sobre almofadas e se apoiavam sobre seu braço esquerdo. Pelo general, a mesa tinha três lados até os que chegavam essas plataformas inclinadas. O quarto lado ficava aberto para que os servidores levassem os mantimentos. O fato de que na casa do Mateo houvesse uma mesa tal, sugere que era um homem de recursos e de cultura.

Sem dúvida, a festa na casa do Mateo se realizou algumas semanas, possivelmente meses, depois de que ele fora chamado (ver DTG 310; com. cap. 5: 21). Possivelmente isto se registra aqui para completar, em um só contexto, o relato dos feitos que narra Mateo.

À mesa.

Esta expressão foi acrescentada pelos tradutores para completar a idéia implícita no contexto (cf. vers. 16).

Em casa dele.

O contexto demonstra que se trata da casa do Mateo, e que Jesus era o hóspede de honra (cf. Luc. 5:29; cf. DTG 239).

nos publique.

Gr. panos de fundo "cobrador de impostos", "funcionário de tributos" (ver com. Mar. 2: 14; Luc. 3: 12).

Pecadores.

Ver com. vers. 17. Relações como esta, que possivelmente pareciam nesse momento estéreis, sem dúvida contribuíram a produzir a colheita dos que fizeram seu decisão de acompanhar aos seguidores do Jesus, e assim chegaram a ser testemunhas da verdade quando o Espírito foi derramado sobre os crentes no Pentecostés (DTG 239-240).

Havia muitos.

Quer dizer, os que aceitaram os ensinos do Jesus. além do Mateo, alguns, indubitavelmente, ficaram de parte 571de Jesus nesse momento; outros, sem dúvida, fizeram-no mais tarde, especialmente depois da ressurreição (DTG 240).

16.

Os escribas e os fariseus.

A evidência textual (cf. P. 147) inclina-se por "os escribas dos fariseus", quer dizer, "os escribas da partida dos fariseus" (BJ, 1966). Embora alguns dos escribas eram saduceos, a maior parte eram fariseus, pois eram estes últimos os que se interessavam particularmente nos detalhes minuciosos da lei (ver pp. 53-54, 57). Podemos considerá-los mais como "escribas fariseus" que como "escreva saduceos".

Discípulos.

Gr. mathétes, "aluno", "discípulo" Pelo general, nos Evangelhos se usa esta palavra para designar aos que acompanhavam ao Jesus e lhe ajudavam em seu ministério. Os discípulos eram mathetés; Cristo era seu didaskalos, "professor" ou "ensoñador" (ver com. Juan 3:2).

Ao queixar-se aos discípulos, os escribas esperavam que aqueles perdessem seu respeito pelo Professor. Lucas diz que os escribas "murmuravam" contra os discípulos (Luc. 5: 30), compreendendo indubitavelmente que um ataque direto contra Jesus não lhes valeria de nada, assim como tinham resultado infrutíferas outras tentativas para silenciá-lo (Mar. 2:6- 111 Juan 2: 18-20; 5:16-47).

Come e bebe.

Comer e beber com os gentis era uma infração da lei ritual e implicava uma impureza cerimoniosa (Hech. 11:3). Na prática, os cobradores de impostos eram classificados com os gentis, e, portanto, eram considerados entre os emparelha da sociedade (ver com. Mar. 2:14; Luc. 3:12-13).

17.

Os sãs.

Gr. hoi isjúontes, "os que têm força". Lucas diz: hoi hugiaínontes, "os que estão lhes seja". A expressão do Lucas é um término mais exato; provém de hugies, "são". Pablo emprega repetidas vezes a mesma palavra, tal como o faz Lucas, e a aplica a "sã doutrina" (1 Tim. l: 10), "sões palavras" (2 Tim. l: 13), e "sãs na fé" (Tito l: 13).

Não vim.

Ao declarar a profunda verdade do propósito de sua missão terrestre, Cristo revelou a hipocrisia e a falácia dos fariseus e sua atitude ante a relação do Professor com os cobradores de impostos. Se esses homens eram tão pecadores como pretendiam os fariseus, sua necessidade devia ser maior que a de os outros homens. Não deviam ser, pois, precisamente aqueles para os quais Cristo devia prodigalizar seus melhores esforços? Tinha vindo para "salvar" aos homens (Mat. l: 2 l'), mas se só tivesse podido salvar aos que já eram justos, não poderia ser um verdadeiro Salvador. A prova de sua missão como Salvador dos homens dependia do que podia fazer em favor dos pecadores.

Justos.

Os fariseus pretendiam ser capazes de alcançar justiça mediante o estrito cumprimento dos requisitos da lei ritual. Mais tarde, Jesus esclareceu que uma "justiça" tal era uma falsificação e não tinha valor no reino que ele tinha vindo a proclamar (Mat 5:20; cf. cap. 23:1-33). Mas nesta ocasião, devido às circunstâncias, concedeu-lhes sua pretensão implícita de ser justos pessoalmente (Mar. 2:16-17), pois ao fazer isso podia esclarecer razão pela qual devia ministrar em favor das necessidades espirituais dos nos publique.

Em realidade, às vezes os fariseus eram culpados dos mesmos pecados que tão acerbamente detestavam nos cobradores de impostos. Jesus declarou que eles devoravam "as casas das viúvas" (Mat. 23:14) e absolviam a um filho avaro que não cuidava de seus pais anciões (ver com. Mar. 7: 11) se dessa maneira podiam enriquecer-se. Assim eles, que punham ênfase na retidão legal, com muito freqüência atuavam como hipócritas. Por outro lado, os nos publique, que não faziam alarde de respeitar as leis rituais, e apesar de seus pecados, às vezes estavam em uma melhor posição para aceitar o ensino do Jesus (ver com. Luc. 18:9-14).

18.

Os discípulos do Juan.

[Pergunta-a quanto ao jejum, Mar. 2: 18-22 = Mat. 9: 14-17 = Luc. 5: 33-39. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 209; quanto às parábolas, pp. 193-197.]

Jejuavam

Sem dúvida, os discípulos do Juan, pelo menos em parte, imitavam-no em seu forma austera de vida (Mat. 3:4), como o demonstra aqui seu jejum. Indubitavelmente, estavam jejuando no momento em que formularam sua pergunta a Jesus.

No Talmud babilônico se relata a antiga tradição de jejuar o segundo e quinto dia da semana, quer dizer segunda-feira e quinta-feira (Ta`anith 12a; cf. Luc. 18:12); o mesmo se afirma no Ensino dos apóstolos, de começos do século 11 (Didajé 8: 1).

Embora a tradição judia atribui este costume ao relato de que Moisés começou seu jejum de 40 dias no Sinaí (Exo. 34: 28) 572un quinta-feira e o terminou uma segunda-feira, parece provável que o jejum durante estes dois dias, em realidade, se devia ao desejo de que estivessem o mais longe possível do sábado e que ao mesmo tempo não estivessem muito próximos entre si.

Os motivos exatos detrás desses jejuns bissemanais não são inteiramente claros, mas parece provável que tivessem sua origem no desejo de alguns judeus particularmente fervorosos de procurar expiar a mundanalidad da nação, que, segundo eles, estava provocando rapidamente sua destruição. Pelo general, os antigos judeus jejuavam a fim de ressarcir uma falta ou para

assegurar uma resposta favorável a uma oração ou o cumprimento de um desejo. Certamente, parece que muitos jejuavam porque acreditavam que um ato tal os ganhava um mérito especial ante Deus.

É obvio, este tipo de jejum descansava sobre um conceito equivocado do caráter de Deus e da natureza da justiça. Com muita freqüência,

o jejum degenerava em um meio de justificação pelas obras, mediante as quais os homens esperavam apaziguar a um Deus austero e ganhar seu favor, sem ter em conta o estado do coração deles. Séculos antes do tempo de Jesus, os profetas tinham condenado tais idéias ao declarar que Deus havia chegado a aborrecer os jejuns do Israel e outros ritos religiosos (ISA. 58: 3-5; Zac. 7: 5-6).

Há vezes quando o cristão necessita acuidade de pensamento e correta discriminação em seu julgamento; possivelmente precise fazer decisões importantes, ou possivelmente precise discernir mais claramente a vontade de Deus. Em tais circunstâncias, o jejum pode ser uma grande bênção. Um jejum tal possivelmente não necessariamente signifique uma completa abstinência de alimento, a não ser uma limitação ao que é essencial para manter a saúde e o vigor. Ao igual a Daniel, o cristão poderia eliminar tudo "manjar delicado" (Dão. 10:3). Não se honra o nome de Deus nem se melhora a experiência cristã mediante nenhuma prática que debilite o corpo ou danifique a saúde (Mat. 6: 16).

Vieram, e lhe disseram.

Não se identifica com claridade os quais são estes, e tampouco o Evangelho de Lucas é mais claro neste respeito (Luc. 5: 33). Entretanto, Mateo afirma com toda certeza que foram os discípulos do Juan o Batista quem importunaram ao Jesus com a pergunta do jejum (Mat. 9: 14).

De acordo com a cronologia provisória que adota este Comentário, Juan havia sido encarcerado a começos da primavera (março-abril) do ano 29 d. C., e talvez foi executado pouco antes da páscoa do ano 30 d. C. (ver com. Mat. 4: 12; Mar. 6: 14-29; Luc. 3: 19-20). Seus discípulos formularam esta pergunta sobre o jejum possivelmente tão somente uns poucos meses antes de que morrera.

Seus discípulos não jejuam.

É indubitável que desta maneira os escribas esperavam afastar do Professor ao conjunto de discípulos que crescia rapidamente.

19.

Os que estão de bodas.

Ou "os convidados à bodas" (BJ). A comparação que aqui usou Jesus tem seus raízes nas profecias do AT, onde se descreve a relação do Jehová com seu povo como a do noivo com a noiva (ISA. 62: 5; cf. Ouse. 1: 2). Juan já tinha usado a mesma figura para explicar sua relação com o Mesías (cap. 3: 25-30), quando os dirigentes judeus tinham procurado introduzir uma cunha de rivalidade entre o Juan e Jesus, aproximadamente um ano antes desta ocasião Por ende, parece significativo que Jesus usasse esta breve figura na presença de os discípulos do Juan o Batista.

Em nenhuma forma Jesus se separou dos requerimentos religiosos que ele mesmo tinha ordenado ao Israel mediante Moisés. A controvérsia entre ele e os fariseus se focalizava nas tradições dos anciões, as "cargas pesadas" que eram "difíceis de levar" (Mat. 23:4). Esses requerimentos tradicionais tinham sido tão elogiados e lhes dava tanta importância, que às vezes até se permitia que anulassem o verdadeiro espírito da lei do Moisés (cap. 15: 3-6; cf. DTG 360). Assim a forma de religião que os escribas e fariseus procuravam impor ao povo fazia que seu culto a Deus fora "vão" e inútil (Mar 7: 7; ver com. Mat. 23: 2-3).

O que Jesus agora destacou, com três breves símiles, era a incompatibilidade de seus ensinos com as dos escribas. Os discípulos do Juan, embora possivelmente aceitavam ao Jesus como o Mesías (Juan 1: 35-31), praticavam pelo menos algumas das disposições rituais impostas pelos escribas e fariseus (Mar 2: 18). Na parábola dos convidados à bodas, Cristo defendeu a seus discípulos, "os que estão de bodas", contra a acusação de que não cumpriam com a tradição. Quis dizer que as práticas rituais deviam ser subordinadas a coisas de maior importância. Logo, 573con os exemplos do vinho novo (vers. 22) e o pano novo (vers. 2 1), Jesus ampliou o princípio fundamental comprometido: a irreconciliável diferencia entre as novas ensinos e as antigas. Aqui explicou por que considerava que não tinham valor as observâncias rituais rabínicas. Em seu conjunto, estas três parábolas tinham o propósito de que fora claro para os discípulos do Juan o Batista que se em realidade acreditavam nos ensinos de seu professor, também aceitariam os ensinos do Jesus.

Não podem jejuar.

teria se considerado como um insulto para a noiva e o noivo o que os convidados à bodas tivessem estado tristes e afligidos e se houvessem recusado a participar da festa de bodas.

20.

Virão dias.

Aqui, pela primeira vez, Cristo, em forma pública, deu a entender que finalmente seria tirado de seus discípulos, como um noivo é arrebatado à força dos festejos de bodas. mais de um ano antes, havia dito em privado ao Nicodemo que seria "levantado" (Juan 3: 14).

Tirado.

Forma passiva do verbo grego apáiro, "tirar", "arrebatar". Neste contexto, a palavra pode implicar uma separação à força e penosa, como aconteceu com a morte violenta do Jesus.

Foi "tirado" deles na cruz, e foi restaurado depois da ressurreição.

21.

Ninguém põe

Ver com. Luc. 5: 36. Nesta metáfora extensa, ou parábola breve, Cristo destaca a necedad de tentar remendar o velho manto do judaísmo com o tecido novo dos ensinos do Jesus.

Remendo.

Os ensinos do Jesus não eram tão somente um remendo que ia se aplicar ao desgastado sistema religioso judeu.

Novo.

Gr. ágnafos, "sem cardar", e, portanto "novo", que aqui significa "sem

branquear" ou "sem encolher".

Vestido velho.

Aqui se compara ao judaísmo com um manto gasto que chegou a ser inútil e está a ponto de ser descartado. Desde fazia muito tempo, perdeu-se o espírito original da religião judia entre a maioria dos que a praticavam, e em seu lugar se desenvolveu um sistema de formas. Usando esta figura, Cristo procurou que os discípulos do Juan o Batista vissem claramente a inutilidade de tratar de entretecer a boa nova do reino de os céus com as desgastadas observâncias da tradição judaica.

faz-se pior.

Quer dizer, quando pela primeira vez se umedece a vestimenta, depois da aplicação do emplastro. O que tem o propósito de melhorar o velho vestido só serve para fazer ressaltar mais seus defeitos.

22.

Veio novo.

Ver com. Luc. 5: 39. "Veio novo", ou veio no qual os elementos da fermentação não começaram sua obra, ou no qual a obra começou mas não se completou. A comparação do Evangelho com "veio novo" e sua obra com o processo de fermentação, recorda em essência a parábola da levedura, mas destaca um resultado diferente (ver com. Mat. 13: 33). O "veio novo" representa a verdade vital de Deus obrando nos corações dos homens.

Odres.

Na antigüidade, estes odres se faziam com peles de ovelhas ou cabras, a pele de cujas patas se fechava com uma costura e o pescoço servia como a boca de uma garrafa. Os odres velhos" perdiam sua elasticidade original e se ressecavam e endureciam. Tal era a condição do judaísmo no tempo de Cristo.

Rompe os odres.

Os revolucionários ensinos do Jesus não podiam ser reconciliadas com os dogmas reacionários do judaísmo. Resultaria vão qualquer esforço para introduzir o cristianismo dentro das formas mortas do judaísmo, quer dizer, para unir os dois forçando ao cristianismo a tomar a forma do judaísmo e a adaptar-se a ele. Jesus ensinava que os princípios do reino dos ciclos aplicados às almas dos homens se manifestariam em vistas que possuem uma religião ativa e radiante (ver com. Mat. 5: 2).

O vinho se derrama.

O intento de unir o novo com o velho resultaria em uma dobro destruição. O "vinho" do Evangelho se "derramaria" e os "odres" do judaísmo se "perderiam"

Odres novos.

Possivelmente fora uma referência às pessoas que estava lista a receber o Evangelho ou ao novo tipo de organização eclesiástica mediante o qual devia promover o Evangelho.

23.

Aconteceu.

[Arrancando espigas em sábado, Mar. 2:23-28 = Mat. 12:1-8 = Luc. 6:1-5. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 208.] É provável que este episódio tenha acontecido um sábado, a fins da primavera (maio-junho) do ano 29 d. C., posto que está narrado junto com sucessos desse lapso.

Pelos semeados

Sem dúvida os discípulos não caminhavam entre os cereais pisoteando-os, mas sim por um caminho que cruzava os campos. 574

Um dia de repouso

Posto que os fariseus não objetaram a distância percorrida, pareceria que não era major do que se podia caminhar em sábado, quer dizer, 900 m (ver P. 52).

Espigas

Quase com segurança, de trigo ou de cevada. Lucas (cap. 6: 1) acrescenta que os discípulos começaram a esfregar a cevada ou o trigo com suas mãos para lhe tirar a casca.

24.

Os fariseus lhe disseram.

Este é o quarto encontro de Cristo com os escribas e fariseus que se registra do começo de seu ministério na Galilea (cf. vers. 6, 16, 18; com. Luc. 6: 6).

Não é lícito.

O que fizeram os discípulos não tivesse sido reprovado em qualquer outro dia da semana, pois a lei do AT especificamente dispunha que um faminto podia comer da fruta ou das espigas de um campo enquanto passava por ele (ver com. Deut. 23: 24-25).

O fato de que Cristo aprovasse o que fizeram seus discípulos, e seus próprios atos de cura no dia sábado, com freqüência são mal compreendidos pelos intérpretes modernos, quem os usa como uma prova de que nem observava pessoalmente nem ensinava a seus discípulos a que observassem as leis e os regulamentos do AT concernentes à observância do sábado. Alguns também afirmam que a atitude de Cristo quanto a estes assuntos deve interpretar-se como seu rechaço do quarto mandamento. A realidade é que Jesus pessoalmente respeitava os requerimentos da lei do Moisés e do Decálogo em todo sentido e ensinava a seus seguidores a que fizessem o mesmo. Repetidas vezes afirmou a natureza eterna da vigência da lei moral (ver com. Mat. 5: 17-18; Juan 15: 10; etc.), e também reconhecia a validez da lei ritual do Moisés como aplicável aos judeus nesse tempo (ver com. Mat. 23: 3).

Entretanto, durante todo seu ministério terrestre, Cristo esteve em conflito

com os dirigentes judeus com respeito à validez das leis e as tradições feitas pelos homens (ver com. Mar. 7: 2-3, 7). Cristo assumiu uma atitude de inflexível oposição frente a esses requerimentos que, sem dúvida, muitos de seus contemporâneos tinham chegado a considerar até como mais essenciais para a piedade que as leis do Moisés e que o Decálogo (ver com. cap. 2: 19). O mais superficial exame de muitos desses requerimentos destaca seu absurdo. Entretanto, os fariseus ensinavam rigorosamente que a salvação devia obter-se mediante a observância estrita de todas essas regras. A vida de um judeu piedoso tendia a converter-se em um esforço interminável e vão para evitar impurezas cerimoniosas nas que se incorria quando se desobedecia, sem dar-se conta, o mais ínfimo detalhe desses requerimentos puramente humanos. Este sistema de justificação pelas obras estava em conflito mortal com a justificação pela fé.

A Mishnah cataloga 39 principais classes de trabalho que se proibiam em sábado (Shabbath 7. 2). As primeiras 11 delas eram etapas prévias na produção e preparação de pão: semeia, arada, ceifa, atadura dos feixes, debulha, sacudo, seleção (separação do que era adequado como alimento do que não o era), moenda, peneiração, amassadura e cocção. As 12 seguintes se aplicavam a etapas similares na preparação de vestidos, da tosquia de as ovelhas até a confecção dos vestidos. Seguem a isto 7 passos na preparação do cadáver de um veado para usá-lo como alimento ou pelo couro. Os restantes parágrafos da contagem correspondem a escrever, construir, acender e extinguir fogos e o transporte de coisas de um lugar a outro.

Estes regulamentos gerais eram explicados com minuciosos detalhes. além de estes requerimentos principais, havia outras inumeráveis disposições para a observância do sábado. A que possivelmente seja mais conhecido é a chamada "jornada de um dia sábado", de 2.000 cotovelos, ou seja, aproximadamente de 900 m (ver P. 52). Também se considerava que era uma violação do sábado o olhar em um espelho fixado à parede (Shabbath 149a), ou até acender uma abajur. Entretanto, as mesmas disposições permitiam lhe vender a um gentil um ovo posto em dia sábado e que se contratasse a um gentil para que acendesse um abajur ou um fogo. Não era lícito cuspir na terra para que não se regasse assim nenhuma folha de erva. Não se permitia levar um lenço em sábado, a menos que uma de suas extremidades estivesse costurada à roupa, em cujo caso se conceituava que já não era um lenço a não ser parte do vestido. Também o regulamento quanto à distância que se podia caminhar em sábado podia ser evadido ocultando mantimentos a intervalos apropriados com o passar do caminho que a gente esperava percorrer. Dessa maneira, o lugar onde estava o alimento podia ser considerado como outro "lar" do dono. Desde cada 575uno desses esconderijos de mantimentos era possível empreender outra jornada de sábado até o seguinte esconderijo. Tais eram algumas das "cargas pesadas e difíceis de levar" (Mat. 23: 4) que ficavam sobre os judeus piedosos nos dias de Cristo.

Ao penetrar o mosquito e tragar o camelo, os fariseus empregavam continuamente a letra de leis feitas pelos homens para destruir o espírito da lei de Deus. na sábado -originalmente designado para dar ao homem uma oportunidade de conhecer seu Fazedor mediante um estudo das coisas que ele tem feito e de refletir em seu amor e bondade- converteu-se em um recordativo do caráter egoísta e arbitrário dos fariseus e os escribas. Ao apresentá-lo como a um tirano, tergiversavam completamente o caráter de Deus.

A natureza declara a sabedoria, o poder e o amor de Deus, e no princípio na sábado se referia a estas coisas para que o homem se ocupasse de

elas, a fim de que não se absorvesse de tal modo em suas próprias atividades que esquecesse a Aquele que lhe deu a vida e que constantemente utiliza seu poder divino para a felicidade e o bem-estar do homem. O problema que alguns cristãos modernos encontram para determinar o que é ou que não é apropriado fazer em sábado resolve facilmente uma vez que se tem um conceito claro do propósito do sábado. A verdadeira observância do sábado consiste em fazer todo aquilo que nos aproxime mais a Deus, ajude-nos a entender melhor sua vontade para conosco e a forma em que nos trata, e nos induza a cooperar mais eficazmente com ele em nossa vida e a contribuir para a felicidade e o bem-estar de outros (ver com. ISA. 58: 13; Mar. 2: 27-28).

25.

Alguma vez leísteis?

Jesus quer dizer que no estudo das Escrituras que faziam eles, passavam por cima a lição implícita do episódio que ele está por referir.

Quando teve necessidade.

As leis sagradas e as coisas pertinentes ao santuário tinham sido ordenadas para o bem do homem, e no caso de que alguma vez estivessem em conflito com os melhores interesses humanos, deviam subordinar-se ao que era mais necessário para o homem.

26.

Casa de Deus.

Ainda não se construiu o templo no tempo do episódio a que aqui faz-se referência. A "casa de Deus" ainda consistia unicamente no tabernáculo, que nesse tempo estava no Nob.

Abiatar.

Abiatar era o filho do Ahimelec, supremo sacerdote no tempo em que ocorreu este episódio (1 Sam. 21: 1, 6). As palavras do Jesus parecem sugerir que Abiatar representava a seu ancião Pai, de modo que em realidade realizava por o menos algumas das funções do supremo sacerdócio até enquanto vivia Ahimelec, e sob sua supervisão. Quando foi morto Ahimelec, Abiatar fugiu a David levando consigo o efod sagrado, símbolo do supremo sacerdócio (1 Sam. 22: 20). Havia uma situação análoga nos dias de Cristo, pois embora Caifás era supremo sacerdote, Anás era reconhecido por todos como uma espécie de supremo sacerdote honorário (Hech. 4: 6; ver com. Luc. 3: 2).

Pães da proposição.

Ver com. Exo. 25: 30. Minuciosos regulamentos para a preparação e o uso do "pão da Presença" (Exo. 25: 30, BJ) apartavam-no como santo. O pão velho, tirado da mesa do pão da proposição no lugar santo, devia ser comido pelos sacerdotes dentro do prédio sagrado do santuário (ver com. Lev. 24: 5-8).

Não é lícito comer.

Tão somente os sacerdotes podiam comer o pão consagrado (Lev. 24: 9).

27.

Dia de repouso.

Ver com. Gén. 2: 1-3; Exo. 20: 8-11.

Por causa.

Ou "pelo bem de".

Homem.

Gr. ánthropos, "homem", no sentido genérico, incluindo homens, mulheres e meninos (ver com. cap. 6: 44); mais exatamente, "humanidade". na sábado foi designado e ordenado por um amante Criador para o bem-estar da humanidade. precisaria-se forçar até o extremo um raciocínio para que alguém pudesse considerar que na sábado é "contra" o homem em algum respeito (ver com. Couve. 2: 14).

Não o homem por causa do dia de repouso.

Deus não criou ao homem porque tinha um dia de repouso e necessitava que alguém guardasse-o. Mas bem, um omnisapiente Criador sabia que o homem, a criatura de suas mãos, necessitava uma oportunidade para seu crescimento moral e espiritual, para desenvolver seu caráter. Necessitava tempo no qual os interesses e afãs humanos fossem subordinados ao estudo do caráter e da vontade de Deus como se revelavam na natureza e mais tarde na revelação. O dia de repouso, o sétimo dia -na sábado-, foi ordenado Por Deus para suprir essa necessidade. Tergiversar em alguma maneira as especificações do Criador quanto a quando e como devesse 576observarse esse dia, equivale a negar que Deus sabe o que é o melhor para suas criaturas, obra de suas mãos.

Deus dispôs que na sábado fora uma bênção, não uma carga, e sua observância responde ao proveito do homem e não a seu prejuízo. Foi disposto para aumentar sua felicidade e não para que lhe resultasse penoso. Guardar na sábado não consiste essencialmente na minuciosa observância de certas cerimônias e em abster-se de certos afãs. Pensar dessa maneira é perder completamente o verdadeiro espírito e os propósitos da observância do sábado e é ir em detrás de uma justificação apoiada em obras. Abstemo-nos de certas tarefas, de certos afãs, de certos tema em nosso pensamento e em nossas conversações, não porque ao fazer isso pensemos que estamos ganhando o favor de Deus. Abstemo-nos dessas coisas a fim de que possamos dedicar nosso tempo, nossas energias e nossos pensamentos a outras atividades que aumentarão nossa compreensão de Deus, nossa avaliação de sua bondade, nossa capacidade para cooperar com ele e nossa habilidade para servir ao Senhor e a nosso próximo mais eficientemente. A observância do sábado que consiste principal ou unicamente no aspecto negativo, em não fazer certas coisas, de maneira nenhuma é observância do sábado. Tão somente quando se pratica o aspecto positivo de guardar na sábado, pode-se esperar obter da observância desse dia o benefício disposto por um Criador sábio e amante (ver com. ISA. 58: 13).

Os inumeráveis requisitos dos rabinos para a minuciosa observância do sábado se apoiavam no conceito de que, à vista de Deus, na sábado era mais importante que o homem mesmo. De acordo com o indubitável raciocínio de esses cegos expositores da lei divina, o homem foi feito para na sábado: para guardá-lo mecanicamente. Os rabinos reduziam na sábado a um absurdo mediante sua rígida e insensata distinção entre o que se devia fazer e o que

não se devia fazer nesse dia (ver com. vers. 24). Faziam ressaltar o aspecto negativo da observância do sábado: o de abster-se de certas coisas. Se dava mais importância às formas da religião que à substância da mesma.

28.

portanto

depois de destacar o propósito do sábado (vers. 27), Cristo dirige a atenção para seu Autor, e, dessa maneira, ao direito que ele tinha de determinar qual seria a melhor forma de levar a cabo esse propósito.

Filho do Homem

Ver com. Mat. 1: 1; Mar.

2: 10; a Nota Adicional do Juan 1.

Senhor

El Salvador mesmo tem o direito de determinar o que é apropriado para esse dia. Por ende, os fariseus se estavam excedendo em suas prerrogativas (cf. vers. 24). A igreja não tem o direito de recarregar na sábado com restrições opressivas -como o faziam os judeus- ou tratar de transferir seu santidade de um dia a outro. Ambos os som ardis do maligno que têm o propósito de que os homens se desviem do verdadeiro espírito da observância do sábado. O homem não tem direito a dirigir a seu desejo o dia que Deus escolheu, já seja que se trate de um fariseu ou de um eclesiástico cristão.

Até

"Também" (BJ). O curso completo do raciocínio de Cristo exposto ante os sutis fariseus é mais claramente apresentado no relato que oferece Mateo de a seguinte maneira: (1) A necessidade humana é mais importante que os requerimentos rituais ou que as tradições humanas (Mat. 12: 3-4). (2) O trabalho que se realizava em relação com o serviço do templo estava de acordo com os requerimentos do dia sábado (vers. 5). (3)Cristo é maior que o templo (vers. 6) e que o dia sábado (vers. 8).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-12 DTG 227-237

3-5 3T 168

5 2JT 489; MC 130; PVGM 95

5-11 2JT 491 6 8T 202

7 DTG 234; MC 51

10 DTG 235

12 DTG 235; MC 51

14-22 DTG 238-247

17 FÉ 252; PVGM 38; 2T 74; 3T 49; 4T

42; 5T 219; TM 233, 358

20 DTG 243

27 1JT 175, 276, 496

27-28 DTG 251, 254-255

28 CS 500 577

CAPÍTULO 3

1 Cristo cura ao homem com uma mão seca 19 e a muitos outros doentes. 11 Repreende aos espíritos imundos. 13 Escolhe a seus doze apóstolos. 22 Reprova aos escribas por atribuir ao Beelzebú a expulsão dos demônios. 31 Explica quem é seu irmão, sua irmã e sua mãe.

1 OUTRA vez entrou Jesus na sinagoga; e havia ali um homem que tinha seca uma mão.

2 E lhe espreitavam para ver se no dia de repouso* lhe sanaria, a fim de poder lhe acusar.

3 Então disse ao homem que tinha a mão seca: te levante e te ponha no meio.

4 E lhes disse: É lícito nos dias de repouso* fazer bem, ou fazer mau; salvar a vida, ou tirá-la? Mas eles calavam.

5 Então, olhando-os ao redor com irritação, entristecido pela dureza de seus corações, disse ao homem: Estende sua mão. E ele a estendeu, e a mão foi restaurada sã.

6 E saídos os fariseus, tomaram conselho com os herodianos contra ele para lhe destruir.

7 Mas Jesus se retirou ao mar com seus discípulos, e lhe seguiu grande multidão de Galilea. E da Judea,

8 de Jerusalém, da Idumea, do outro lado do Jordão, e dos arredores de Tiro e do Sidón, ouvindo quão grandes costure fazia, grandes multidões vieram a ele.

9 E disse a seus discípulos que lhe tivessem sempre lista a barco, a causa do multidão, para que não lhe oprimissem.

10 Porque tinha sanado a muitos; de maneira que por lhe tocar, quantos tinham pragas caíam sobre ele.

11 E os espíritos imundos, ao lhe ver, prostravam-se diante dele, e davam vozes, dizendo: Você é o Filho de Deus.

12 Mas ele lhes repreendia muito para que não lhe descobrissem.

13 Depois subiu ao monte, e chamou a si aos que ele quis; e vieram a ele.

14 E estabeleceu a doze, para que estivessem com ele, e para enviá-los a pregar,

15 e que tivessem autoridade para sanar enfermidades e para jogar fora demônios:

16 ao Simón, a quem pôs por apelido Pedro;

17 ao Jacobo filho do Zebedeo, e ao Juan irmano do Jacobo, a quem apelidou Boanerges, isto é, Filhos do trovão;

18 ao Andrés, Felipe, Bartolomé, Mateo, Tomam, Jacobo filho do Alfeo, Tadeo, Simón o cananista,

19 e Judas Iscariote, que lhe entrego. E vieram a casa.

20 E se amontoou de novo a gente, de modo que eles nem mesmo podiam comer pão.

21 Quando o ouviram os seus, vieram para lhe prender; porque diziam: Está fora de si.

22 Mas os escribas que tinham vindo de Jerusalém diziam que tinha a Beelzebú, e que pelo príncipe dos demônios jogava fora os demônios.

23 E lhes havendo chamado, dizia-lhes em parábolas: Como pode Satanás jogar fora a Satanás?

24 Se um reino está dividido contra si mesmo, tal reino não pode permanecer.

25 E se uma casa está dividida contra si mesmo, tal casa não pode permanecer.

26 E se Satanás se levantar contra si mesmo, e se divide, não pode permanecer, mas sim chegou seu fim.

27 Nenhum pode entrar na casa de um homem forte e saquear seus bens, se antes não lhe ata, e então poderá saquear sua casa.

28 De certo lhes digo que todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, e as blasfêmias quaisquer que sejam;

29 mas qualquer que blasfeme contra o Espírito Santo, não tem jamais perdão, mas sim é réu de julgamento eterno.

30 Porque eles haviam dito: Tem espírito imundo.

31 Vêm depois seus irmãos e sua mãe, e ficando fora, enviaram a lhe chamar.

32 E a gente que estava sentada ao redor de lhe disse: Sua mãe e vocês irmãos estão fora, e lhe buscam.

33 O lhes respondeu dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos?

34 E olhando aos que estavam sentados 578 ao redor dele, disse: Hei aqui meu mãe e meus irmãos.

35 Porque todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, e meu irmã, e minha mãe.

1.

Outra vez entrou. [O homem da mão seca, Mar. 3: 1-6 = Mat. 12: 9-14 = Luc. 6 6-11. Comentário principal: Marcos e Lucas. Ver mapa P. 208; a respeito dos milagres, pp. 198-203.] Indubitavelmente este é o mesmo sábado que se menciona no cap. 2: 23. apresenta-se aqui como outro caso no qual os escribas e fariseus se opuseram ao proceder do Jesus frente à sábado.

Tinha seca uma mão

Ou "tinha a mão paralisada" (BJ). O tempo do verbo grego sugere que a paralisia da mão se devia a um acidente ou aos resultados de uma enfermidade e não a um defeito congênito.

2.

Espreitavam-lhe

Ver com. Luc. 6: 7. É claro que aqui se trata dos fariseus (cf. Mar. 3: 6).

4.

Vida

Gr. psujé (ver com. Mat. 10: 28).

Calavam

Seu áspero silêncio era uma admissão de derrota. Em seus encontros anteriores com Jesus tinham descoberto que nada podiam ganhar desafiando-o publicamente, pois sempre tinha êxito em voltar contra eles seus próprios argumentos em uma forma que revelava a verdade e punha de manifesto ante a gente que a posição rabínica era insustentável.

5.

Com irritação

Freqüentemente, diz-se que a única irritação que não implica pecado é a irritação contra o pecado. Deus odeia o pecado, mas ama ao pecador. Os falíveis mortais, com muita freqüência cometem o engano de aborrecer ao pecador e amar o pecado. A irritação contra o mal por ser mau, sem maus desejos nem maus propósitos contra outros, certamente se pode considerar como um louvável rasgo de caráter.

Entristecido.

Só Marcos registra os sentimentos pessoais do Jesus. Estava "entristecido" porque os dirigentes judeus usavam de sua elevada investidura e de seus cargos para desfigurar o caráter e os requerimentos de Deus. Sem dúvida também estava "entristecido" por quão resultados isto teria sobre os mesmos dirigentes e sobre os que seguiam suas enganosas idéias. O texto

grego implica que a reação de irritação inicial do Jesus foi momentânea, mas que continuou sua preocupação por esses filhos ignorantes da verdade, afastados de seu Pai celestial e que interpretavam mal seu amor para eles.

6.

Saídos os fariseus

Ou: "Assim que saíram os fariseus" (BJ). Possivelmente poderia inferir-se por isso que os fariseus se retiraram da sinagoga imediatamente, até antes de que terminasse o serviço.

Herodianos.

Partido político judeu que favorecia à casa do Herodes (ver P. 56). Normalmente, os fariseus aborreciam ao Herodes e a todo o relacionado com ele (ver. P. 42). O fato de que agora procurassem a ajuda de seus inimigos declarados demonstra que estavam como fora de si por encontrar um meio de silenciar ao Jesus (ver com. Mat. 22: 16). Possivelmente os obstinados fariseus esperavam que Herodes estivesse disposto a encarcerar ao Jesus como o havia feito com o Juan o Batista uns poucos meses antes (ver com. Mat. 4: 12; Luc. 3: 20). Alguns pensaram que este episódio ocorreu no Séforis, a capital do Herodes, a 6 km ao norte do Nazaret.

7.

retirou-se

[A popularidade do Jesus, Mar. 3:7-12 = Mat. 12:15-21. Comentário principal: Marcos.] O Evangelho do Marcos destaca, vez detrás vez, que Jesus se transladava de um lugar a outro para fugir uma popularidade inconveniente ou uma oposição indevida (cap. 1: 45; 7: 24; etc.). Evidentemente, neste caso seu retiro foi motivado pelo desejo de evitar mais conflitos com as autoridades religiosas e possivelmente também políticas. Por isso Marcos interrompe seu relato da série de episódios de conflito a fim de comentar a respeito da crescente popularidade de Jesus, a qual, proporcionalmente, era acompanhada pelo crescente ódio e a oposição dos dirigentes judeus (ver com. Mat. 12: 15).

Ao mar

Pareceria que a cura do homem da mão seca ocorreu em uma cidade do interior da Galilea, possivelmente Séforis (ver com. vers. 6). Os relatos estreitamente paralelos dos autores dos sinóticos também implicam que quando Jesus se afastou do interior da Galilea, foi "ao mar" da Galilea, possivelmente a as proximidades da planície do Genesaret, ao sul do Capernaúm. Sem dúvida, encontrou uma extensão costeira, comparativamente isolada, longe das cidades (ver com. Luc. 5: 1).Grande multidão

Ver com. Mat. 5: 1. Os três autores dos sinóticos mencionam a grande multidão que então seguia ao Jesus. Esta situação demonstrava a necessidade de 579 uma organização mais eficiente e de mais testemunhas que dedicassem todo seu tempo a responder às demandas que as multidões impunham ao Jesus. É significativo que dois dos três autores dos Evangelhos chamem a atenção à "grande multidão" que seguia ao Jesus e se aferrava a ele, imediatamente antes da eleição dos doze e do Sermão do Monte (ver com. Mat. 5: 1; Luc. 6:17).

8.

Idumea

Quer dizer, a terra do Edom. A palavra "Idumea" só aparece aqui no NT. Josefo (Antiguidades xIII. 9. 1) diz que Idumea foi conquistada pelo Juan Hircano mais de um século antes do tempo de Cristo, e seu povo foi obrigado a aceitar, pelo menos nominalmente, os ritos e as práticas da religião feijão (ver P. 35).

De Tiro e do Sidón

Ver T. 1, P. 135; T. II, pp. 69-70; com. Gén. 10: 15. Só ressalta a ausência da Samaria na contagem que aqui se faz dos diversos distritos de Palestina e suas proximidades.

9.

Deixassem-lhe sempre preparada

Quer dizer, ao seu dispor para qualquer momento em que precisasse usá-la.

A barco

Tão somente Marcos registra este detalhe da narração evangélica. Parece que durante os meses restantes do ministério na Galilea a barco que pediu Jesus sempre esteve a emano para quando a necessitasse (cap. 4: 35-36; 6: 32; 8: 10, 13). possivelmente a barco pertencia ao Pedro (Luc. 5: 3).

Multidão

Pela terceira vez em três versículos consecutivos Marcos destaca a presença de multidões que seguiam ao Jesus onde quer fora (vers. 7-8).

10.

Por lhe tocar

Sn duvida, os que estavam doentes ou poseídos pelo demônio acreditavam que havia um poder mágico nesse ato (ver com. cap. 5: 23, 28).

Pragas

Literalmente, "flagelos". Possivelmente estas "pragas" eram comparáveis com nossas epidemias ou outras enfermidades graves.

Caíam sobre ele

A gente não era hostil, mas sim cada um estava ansioso de ser atendido.

11.

Espíritos imundos

Ver com. cap. 1: 23.

Ao lhe ver

O texto grego diz que "viam-no", "prostravam-se" e "gritavam". O uso do pretérito imperfeito assinala uma ação continuada ou repetida com freqüências.

prostravam-se

Alguns sugeriram a possibilidade de que os demônios desejavam dessa maneira dar a impressão de que reconheciam ao Jesus como a seu caudilho para que assim se supusera que ele estava associado com eles. De ser assim, o rechaço por parte de Cristo do testemunho deles se faz mais significativo.

Filho de Deus.

Ver a Nota Adicional do Juan 1; com. Luc. 1: 35; Juan 1: 1-3.

12.

Repreendia muito

Quer dizer, "fortemente", "intensamente" ou "estritamente".

Não lhe descobrissem

Neste ponto do relato Mateo registra, além disso, uma entrevista profética do AT com respeito ao ministério do Jesus para as necessidades da humanidade (ver com. Mat. 12: 20).

13.

Ao monte.

[Eleição dos doze, Mar. 3: 13-19 = Luc. 6: 12-16. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 208; diagrama P. 221.] Evidentemente, estava na região montanhosa ao oeste do mar da Galilea (ver com. cap. 1: 45). Deixando a seus seguidores para que passassem a noite ao pé da montanha (DTG 259), Jesus mesmo passou a noite em oração em algum lugar isolado nas montanhas (Luc. 6: 12). Possivelmente era a fins do verão do ano 29 d. C. (ver com. Mat. 5: 1).

Com freqüência, Jesus dedicava toda a noite a orar (DTG 388). Pelo general tais casos, mencionados pelos escritores dos Evangelhos, precediam a momentos de decisão ou de crise na vida ou no ministério do Salvador (ver com. cap. 1: 35). Procurava meditar e orar ao começo de seu ministério (ver com. Mat. 4: 1). Assim também a oração assinalou o começo de seu ministério na Galilea e imediatamente antes de sua primeira viagem missionária por os povos e as aldeias da Galilea (ver com. Mar. 1:35). A noite que em esta ocasião passou em oração foi antes da ordenação dos doze, do Sermão do Monte e do começo da segunda viagem pela Galilea. Outra vez se menciona especificamente que orou em relação com a grande crise da Galilea (Mat. 14: 22-23; cf. Juan 6: 15, 66). O mesmo aconteceu na transfiguración, quando Jesus apresentou a três de seus discípulos o assunto de seus sofrimentos e de seu morte (Luc. 9: 28-31). Dedicou à oração a noite inteira que seguiu à entrada triunfal (DTG 534). 1,a oração mais extensa do Jesus que se haja registrado precedeu a sua entrada no horta do Getsemaní (Juan 17). E só poucas horas antes de sua crucificação, Jesus ofereceu seu mais fervente e agonizante oração no horta (Mat. 26: 36-44).

Chamou a si

havia um grupo algo major de seguidores de entre os quais foram. escolhidos os doze. 580

Nenhum dos doze foi eleito devido a sua perfeição, já fora de caráter ou de capacidade. Cristo escolheu a homens que estavam dispostos a aprender e que podiam fazê-lo, cujos caracteres poderiam ser transformados. Quando foram chamados, todos tinham sérios defeitos. Mas, pela graça de Cristo, esses defeitos foram eliminados (exceto no caso do Judas), e em seu lugar Jesus plantou as preciosas sementes do caráter divino que germinaram, cresceram até maturar e mais tarde produziram o fruto de um caráter semelhante ao de Cristo (Gál. 5: 22-23). Cristo toma aos homens onde estão, e se estiverem dispostos e são submissos, transforma-os de acorde com a vontade dele. Coloca a homens e a mulheres em posições de responsabilidade, não porque os considere plenamente preparados para o que deles demandam essas posições, mas sim porque, ao ler seus corações, discerne habilidades latentes que, sob a direção divina, podem ser fomentadas e desenvolvidas para a glória de Deus e para o adiantamento de seu reino.

Aos que ele quis

A eleição não se apoiou tanto no desejo deles como no dele. Posteriormente, recordou aos doze: "Não me escolheram vós , mas sim eu lhes escolhi a vós" (Juan 15:16).

Vieram a ele

Quando os convocou para que se encontrassem com ele, ao amanhecer (DTG 259; DMJ 9), em algum lugar na ladeira de alguma das montanhas que dominam as aprazíveis águas da Galilea.

14.

Estabeleceu

"Instituiu" (BJ). Gr. poieÇ; literalmente, "fazer", neste caso, "nomear". Embora seja certo que Jesus em realidade "ordenou" aos doze nesta ocasião (DTG 262),

este significado não está implícito no verbo grego poieÇ.

Doze.

A evidência textual se inclina por (cf. P. 147) acrescentar o que aparece no Luc. 6: 13: "Aos quais também chamou apóstolos". Não se dá nenhuma razão específica para explicar por que foram escolhidos doze: nem mais, nem menos. Sem embargo, isto faz pensar imediatamente nos doze filhos do Jacob, originadores das doze tribos do Israel. Cinco dos homens agora convocados tinham sido discípulos do Jesus do mesmo começo de seu ministério uns dois anos antes. Os tais eram: Juan, Andrés, Pedro, Felipe e Natanael, ou Bartolomé (Juan 1: 40-49). Os três primeiros deste grupo, junto com o Jacobo, irmão do Juan, tinham aceito a chamada à borda do mar uns poucos meses antes (ver com. Luc. 5:11). Mais recentemente, Mateo se tinha unido ao grupo.

A eleição e ordenação dos doze foi um acontecimento de grande importância na missão do Jesus. Juan o Batista tinha proclamado o iminente

estabelecimento do "reino dos céus" (Mat. 3: 2), e Jesus tinha repetido esta mesma mensagem durante a parte inicial de seu ministério (Mat. 4: 17), especialmente durante a primeira viagem pela Galilea recentemente completado (DMJ 8- 9). O reino que Cristo estabeleceu com seu primeiro advento era o reino da graça divina (ver com. Mat. 3: 2; 5: 2), cujo Rei era ele. Seus súditos eram os que o recebiam e acreditavam em seu nome (ver Juan 1: 12). Seus corações eram o domínio de Cristo ver (com. Luc. 17: 21)

A instituição dos doze bem poderia considerar-se como a inauguração formal do reino da graça que Cristo tinha vindo a

OS DOZE APÓSTOLOS

581 estabelecer. O Sermão do Monte, que seguiu imediatamente, poderia considerar-se como o discurso inaugural de Cristo como Rei do reino da graça, e também como a constituição do novo reino. Pouco depois de que fora pronunciado esse sermão, Cristo e os doze saíram para a segunda viagem pela Galilea, durante o qual Jesus demonstrou, por preceito e exemplo, a natureza do reino e os alcances de seu valor para o homem.

dão-se quatro listas dos doze: uma pelo Mateo (cap. 10: 2-4), outra pelo Marcos (cap. 3: 16-19), e dois pelo Lucas, uma em seu Evangelho (cap. 6: 14-16) e outra em os Fatos (cap. 1: 13). As quatro se apresentam no quadro da página anterior.

O método mais natural de agrupar aos doze é dividindo os de dois em dois. Quando Jesus os enviou para a terceira viagem pela Galilea, enviou-os de dois em dois (Mar. 6: 7), irmano com irmão, e amigo com amigo (DTG 316). A lista de Mateo possivelmente se apóia nessa forma de agrupá-los, pois depois de mencionar as dois casais de irmãos, Pedro e Andrés, e Jacobo e Juan, enumera ao resto de os doze em grupos de dois, unidos com a conjunção "e". Felipe forma casal com o Bartolomé (Juan 1: 45), Tomam com o Mateo, Jacobo (filho do Alfeo) com o Tadeo, e Simón ("o cananista") com o Judas Iscariote. Além disso, a contagem do Mateo dá-se em relação com o envio dos doze.

Outra forma natural de agrupá-los aparece quando cada uma das quatro listas divide-se em três grupos de quatro cada uma. Embora a ordem dos doze varia ligeiramente de uma lista a outra, entretanto os membros de cada um desses grupos são constantes nas quatro listas (exceto o terceiro grupo no Hech. 1: 13, onde falta Judas Iscariote).

De um ponto de vista humano, os doze homens escolhidos e ordenados nesta ocasião eram pobres e ignorantes, um grupo de rudes e simples galileos. O desdém com que os dirigentes Judeus consideravam os seguidores do Jesus em general, possivelmente induziu ao Professor, umas poucas semanas depois disto, a relatar a parábola da levedura (Mat. 13: 33; PVGM 68). A levedura da transformadora graça de Deus já tinha começado sua obra nos corações de esses doze homens ordinários e pouco promissores, e quando terminaram o período de seu discipulado, já não eram toscos, incultos ou ignorantes (ver com. Luc. 5: 11). Três deles chegaram a ser hábeis escritores. Juan era um profundo teólogo. Até onde se saiba, nenhum dos doze se graduou das escolas rabínicas e indubitavelmente nenhum pertencia à aristocracia judia. Mas como resultado de sua união com o Professor ficaram liberados dos prejuízos inveterados que quase sempre cegavam aos escribas e fariseus frente às afirmações do Jesus.

Estivessem com ele.

Quer dizer, fossem seus discípulos, ou alunos em sua escola e lhe ajudassem em seu obra. Pelo vers. 13 é evidente que havia outros "discípulos" a quem -por o menos nesta ocasião- não escolheu nem ordenou para que fossem "apóstolos" (ver com. vers. 13). Como "discípulos", os homens foram a Cristo para poder aprender dele; enviava-os como "apóstolos" para ensinar a outros. A palavra "apóstolo" se deriva do grego aposto-os, que provém das duas palavras: apó, "procedente de", e stellÇ, "despachar" o,enviar ,". Por ende, um "apóstolo", literalmente, é "a gente enviado" (ver com. Mat. 10:2). dali em adiante, a designação "apóstolos" distingue aos doze dos "discípulos" em geral, não porque os doze cessassem de ser discípulos, mas sim porque também converteram-se em apóstolos.

Em um sentido um pouco mais amplo, com freqüência Pablo se refere a si mesmo como "apóstolo" (1 Cor. 4: 9; Gál. 1: 1; etc.; cf. Heb. 3: 1). Entretanto, é evidente que Pablo apoiava seu direito ao apostolado no fato de que Cristo se tinha-lhe aparecido (1 Cor. 15: 8) e lhe tinha dado instruções (Gál. 1: 11-12). Contudo, falava de si mesmo como "o mais pequeno dos apóstolos" (1 Com 15: 9) e também como que não tinha sido "inferior a aqueles grandes apóstolos" (2 Cor. 11: 5). Em outra parte reconcilia estes dois pensamentos aparentemente excludentes (2 Com 12: 11). Em um sentido ainda mais amplo, homens tais como Bernabé, Timoteo e Silas (Silvano) também eram chamados apóstolos (Hech. 14: 14; 1 Lhes. 1: 1; 2:6). Possivelmente o término também se aplicava a qualquer delegado ou mensageiro enviado por qualquer igreja cristã como seu representante (2 Cor. 8: 23; Fil. 2: 25).

A pregar.

Aqui e no vers. 15 se apresentam os dois principais aspectos do ministério pessoal de Cristo como os propósitos que também correspondiam aos doze: pregar para a cura das almas; sanar para a cura do corpo.
Jesus mesmo dedicou mais tempo para atender as necessidades 582 físicas da humanidade que a pregar, e os doze sem dúvida seguiram seu exemplo.

15.

Autoridade.

Gr. exousía, "poder" (BJ). Ver com. Mar. 2: 10; Luc. 1: 35.

Jogar fora demônios.

O ter poder para liberar os homens da posse demoníaca, geralmente considerada como incurável, implicava poder sobre outros males menores. Ver a Nota Adicional do cap. L.

16.

Pedro.

Pedro ocupa o primeiro lugar nas quatro listas dos doze que há no NT (ver P. 580). Com freqüência, assumia o papel de porta-voz de todo o grupo (Mat. 14: 28; 16: 16; 17: 24; 26: 35; etc.). Pouco depois do batismo de Jesus, Andrés levou a seu irmão Pedro ante o Jesus. O primeiro converso cristão resultou do que poderia chamá-la obra de um laico (Juan 1: 40-42). Nesse tempo, Pedro tinha respondido ao convite de reconhecer ao Jesus como ao Mesías e se relacionou esporadicamente com o Senhor em seu ministério.

Aproximadamente dois anos mais tarde, possivelmente no segundo ou no terceiro trimestre do ano 29 d. C. (ver com. Mat. 4:12), Cristo o chamou para que fora permanentemente seu discípulo, junto com seu irmão Andrés e seus companheiros de tarefas, Jacobo e Juan (Luc. 5: 1-11; ver com. vers. 7).

Possivelmente por acordo mútuo, Pedro atuava como o diretor da empresa de pesca de que participava. Seja como for, seu afinco, afã, ardor, valor, lealdade, vigor e capacidade de organização, sem dúvida o destacaram para a liderança entre os discípulos do mesmo começo. Sobre tudo, Pedro era um homem de ação; seu entusiasmo era seu rasgo de caráter predominante. Era um homem que chegava até os extremos, e de sua vigorosa personalidade nasciam virtudes resaltantes e sérios defeitos. Lado a lado, existiam nele diversos e contraditórios rasgos de caráter. Parece ter sido sempre laborioso, ardente, afetuoso, generoso, ousado, intrépido e valente, mas com muita freqüência impulsivo, contraditório, instável, precipitado, inseguro, jactancioso, cheio de confiança própria, e até atordoado. Em um momento de crise podia ser débil, covarde e vacilante, e ninguém podia predizer que aspecto de seu caráter e personalidade prevaleceria em um momento dado.

Pedro era natural da Betsaida Julias (Juan 1: 44), na borda nordeste do mar da Galilea, frente a Capernaúm, cidade a qual evidentemente se transladou depois (ver com. Mar. 1: 29). Pedro e seus companheiros de pesca, Andrés, Jacobo e Juan, parecem ter sido todos discípulos do Juan o Batista (Juan 1: 35-42; DTG 112-113).

17.

Jacobo.

Gr. Iákóbos, do Heb. Já´aqob, o nome do patriarca Jacob (ver com. Gén. 25:26-27). Geralmente se menciona ao Jacobo antes de seu irmão Juan, quando faz-se referência aos dois de uma vez, o que indica que Juan era o menor de os dois (cf. DTG 259).Jacobo foi o primeiro dos doze que morreu como mártir, aproximadamente no ano 44d. C. (ver com. Hech. 12: 1-2), enquanto que seu irmano Juan foi o último dos doze em morrer, aproximadamente no ano 96 d. C. O fato de que Jacobo fora considerado suficientemente importante como para ser eleito pelo Herodes Agripa para morrer como mártir, implica que era um dos destacados dirigentes da igreja de Jerusalém. O relato do NT apresenta primeiro ao Jacobo como a um homem algo egoísta, ambicioso e logo para pedir (Mar. 10: 35-41), mas depois o mostra como a um dirigente sereno e capaz. Muitos identificaram à mãe do Jacobo e do Juan (a esposa de Zebedeo) com o Salomé (cf. Mar. 15: 40; Mat. 27: 56). Há também a possibilidade, embora mas bem remota, de que Salomé seja identificada como irmã da María, a mãe do Jesus, se é que se mencionam quatro mulheres no Juan 19: 25 em vez de três (ver com. Juan 19: 25).

Juan.

Sem dúvida Juan era um homem de profundo discernimento espiritual, que se desenvolveu ao contemplar no Jesus a Aquele que é "todo ele cobiçável". Juan não só amava a seu Professor; ele era aquele discípulo "ao que amava Jesus" (Juan 20: 2; 21: 7, 20). Por natureza era orgulhoso, agressivo, ambicioso de honras, impetuoso, sentia facilmente as ofensas e desejava vingar-se (ver Mar. 10: 35-41; HAp 430-431). Juan se rendeu mais completamente que qualquer dos outros ante o poder transformador da perfeita vida do Jesus, e chegou a refletir a semelhança do Salvador mais plenamente que qualquer dos outros discípulos. Assim como Jacobo foi o primeiro dos doze que deu sua vida como

mártir pelo Evangelho, assim também Juan foi o último em morrer. Teve razão Jesus quando chamou o Jacobo e ao Juan "Filhos do trovão" (Mar. 3:17; ver com. Luc. 9: 54). De acordo com uma antiga tradição cristã, Juan serve como pastor da igreja do Efeso e foi supervisor de todas as Iglesias da provincia583 romana da Ásia durante os últimos anos de sua vida.

Boanerges.

Possivelmente seja uma transliteración de uma expressão aramaica que significa "filhos do tumulto", ou "filhos da ira", cuja tradução livre é "filhos do trovão". O temperamento veemente, o feroz gênio do Jacobo e Juan, estava acostumado a manifestar-se abertamente (Luc. 9: 49, 52-56).

18.

Andrés.

Gr. Andréas, que significa "varonil", nome grego que provém de an'r, "varão". Embora era um dos primeiros seguidores do Jesus (Juan 1: 35-40), Andrés não chegou a formar parte do círculo íntimo (DTG 259) e estranha vez se o menciona no relato evangélico. A maior parte do que sabemos dele provém do Juan (cap. 1: 40-41, 44; 6: 8; 12: 22). Mateo e Lucas colocam a Andrés como o segundo dos doze discípulos, possivelmente para relacioná-lo com seu irmão, Pedro. Quanto aos antecedentes familiares do Andrés, ver com. Mar. 3: 16. Andrés parece ter sido um operário diligente, embora possivelmente não tão bem dotado com qualidades de liderança como seu irmão. Segundo a tradição, foi martirizado na Grécia, em uma cruz que tinha a forma da letra X. Por isso a cruz que tem essa forma usualmente é chamada Cruz de São Andrés.

Felipe.

Gr. Fílippos, "aficionado aos cavalos". Como Andrés, é um autêntico nome grego. Felipe era natural da Betsaida Julias (Juan 1:44), perto do extremo norte do mar da Galilea. A maior parte do que sabemos do Felipe antes de a ascensão de Cristo nos chegou pelo relato do Evangelho do Juan (cap. 1:43-48; 6: 5-7; 12: 21-22; 14: 8-9).

Foi o primeiro ao que Jesus lhe disse "me siga" (Juan 1: 43). O caracteriza como a um sincero buscador da verdade, mas indubitavelmente foi mais lento que alguns dos outros para reconhecer ao Jesus como o Mesías e para apreciar o significado de sua missão nesta terra (Juan 6: 7; 14: 8-9). Parecesse que a vezes estava indeciso quanto a que curso de ação tomar (Juan 12: 21-22). Contudo, era fervente, e quando teve encontrado ao Mesías, imediatamente começou a levar a outros a ele (Juan 1:45).

Bartolomé.

Literalmente, "filho do Talmai" (cf. Núm. 13: 22; 2 Sam. 3: 3; 13: 37). Possivelmente seu nome pessoal era Natanael. Os Evangelhos sinóticos não mencionam a Natanael, e o Evangelho do Juan não diz nada do Bartolomé. Juan menciona a Natanael, junto com outros dos doze, em um marco onde parece que só estiveram pressentem alguns dos discípulos do círculo íntimo dos doze (Juan 21: 2). De modo que não há nenhuma razão válida para duvidar de que os dois nomes, Bartolomé e Natanael, referem-se à mesma pessoa. Foi Felipe quem apresentou a seu amigo Natanael ao Jesus (Juan 1: 45); indubitavelmente os dois homens eram íntimos amigos (cf. DTG 260).

Mateo.

Marcos e Lucas chamam Leví ao Mateo (ver com. Mar. 2: 14). Não parece provável que Alfeo, o pai do Mateo, seja identificado com o Alfeo, o pai do Jacobo. Os dois discípulos nunca são apresentados juntos nos Evangelhos como se fossem irmãos, como é o caso do Pedro com o Andrés e Jacobo com o Juan. Mateo demonstrou ser um operário capaz. De acordo com a tradição, depois da ressurreição dedicou suas energias a trabalhar principalmente entre seus compatriotas, e pode ter trabalhado em Etiópia ou na região em volto do mar Negro.

Tomam.

Também chamado Dídimo (Juan 11: 16; 20: 24; 21: 2). Ambos os nomes significam "gêmeo". Segundo a tradição, seu nome real era Judas (nome comum entre os hebreus). Tudo o que se sabe de Tomam está registrado no Evangelho do Juan (cap. 11: 16; 14: 5; 20: 24-29; 21: 2). Embora às vezes demonstrou ser dúbio e egoísta (Juan 20: 24-25), em outras ocasiões foi valente e leal (Juan 11: 16). Diz-se que trabalhou na Partia e Persia. Uma tradição menos digna de confiança apresenta a Tomam como missionário na Índia e a China.

No sul da Índia há um grupo de cristãos que durante séculos foram conhecidos como "cristãos de Tomam". Os tais têm em seu poder uma versão do relato evangélico que dizem que lhes entregou o apóstolo Tomam. Afirmam que Tomam foi martirizado em um promontório conhecido como monte de Santo Tomam, perto do Madrás. Também houve um missionário judeu de nome Tomam que trabalhou em a China, cujo retrato foi preservado em pedra junto com uma inscrição cuja tradução livre é a seguinte: "Tomam vinho e trabalhou com sinceridade de coração e grande zelo. Se tudo quão bom fez tivesse que ser registrado, um teria que molhar sua pluma no lago Tungting [um grande lago da China] até que o lago se secasse [a fim de ter suficiente água para fazer a quantidade necessária de tinta]". Este interessante quadro de 584 Tomam tem rasgos claramente judeus, mas provavelmente não é de Tomam o apóstolo.

Jacobo.

A diferença do Jacobo, filho do Zebedeo, este é filho do Alfeo. Parece que há boas razões para acreditar que é o Jacobo mencionado no Mat. 27: 56; Mar. 15: 40; 16: 1; Luc. 24: 10. A expressão "Jacobo o menor", ou literalmente "Jacobo o pequeno" (Mar. 15: 40) possivelmente se refere a que era de menos idade (ver com. Sal. 115: 13), ou talvez a expressão se usava porque era de pequena estatura.

Alguns trataram que identificar ao Jacobo, o filho do Alfeo, com o Jacobo, o irmão de nosso Senhor (Mat. 13: 55); mas esta opinião é tão improvável que quase não é digna de ser tomada em conta. Jacobo, o discípulo, foi um seguidor de Cristo pelo menos do tempo quando foram escolhidos os doze, a mediados do ano 29 d. C. Mas até seis meses antes da crucificação se diz que os irmãos do Jesus não acreditavam nele (Juan 7:5). Também o marco do Mat. 13:55 e de Mar. 6:3 implica que o episódio ali referido ocorreu pelo tempo da terceira viagem pela Galilea, evidentemente depois da eleição dos doze (ver com. Hech. 12: 17).

Tádeo.

Identificado pelo Mateo (cap. 10: 3) como Lebeo. Uma antiga tradição contra a qual não se apresentou nenhuma prova, faz equivaler ao Tadeo com o Judas o irmão (ou filho) do Jacobo (ver Luc. 6: 16; Hech. 1: 13). A BJ reza "Judas de

Santiago Jacobo" tanto no Luc. 6:16 como no Hech. 1: 13, e acrescenta em nota de pé de página: "'Judas do Santiago' pode entender-se 'filho', ou também "irmão de Santiago". A VM reza "Judas irmano do Santiago" tanto no Luc. 6:16 como em Hech. 1: 13. Muito mais provável é que seja "filho" e não "irmão", apesar de que na RVR em ambos os casos (Luc. 6: 16 e Hech. 1: 13) diga "irmão".

É bastante claro por outros exemplos que este Judas não era o irmão a não ser o filho de um homem chamado Jacobo, embora o texto grego do Luc. 6: 16 diz simplesmente "Judas do Jacobo". Quase com certeza este Jacobo, o pai de Tadeo ou Judas, não deve ser identificado com algum outro Jacobo do NT, pois o nome era muito comum (ver com. Mar 3: 17). Onde Juan (cap. 14: 22) refere-se a este Judas, claramente o distingue do Judas Iscariote. Tadeo não se destaca tanto no registro do NT como a maioria dos outros apóstolos.

Simón.

Chamado "o cananista" para distinguir o do Simón Pedro. Sobre o significado e a etimologia do nome Simón, ver vers. 16. A designação "cananista" ou "cananeo" (BJ) não indica necessariamente que Simón descendia de uma das

nações cananeas que habitavam a terra da Palestina antes da chegada de os hebreus (ver com. Gén. 10:6). A evidência textual estabelece o texto kananúios, o que poderia significar habitante da cidade do Caná, ou mais provavelmente, "ciumento" (de uma palavra aramaica), ou seja membro de uma partida patriótico judeu também conhecido como os "zelotes" (ver Luc. 6: 25; P. 56; cf. DTG 262).

19.

Judas Iscariote.

O nome do Judas" do NT é equivalente ao Judá" do AT (ver com. Gén. 29: 35; Mat. 1: 2). deram-se muitas explicações para o nome Iscariote, a mais provável das quais é que provém do Heb. 'ish Qeriyyoth, que significa, "homem do Queriot", aldeia do sul da Judea, perto da Idumea Dois. 15: 25; ver com. Mar. 3: 8). Se esta identificação do nome "Iscariote" for correta, possivelmente Judas era o único dos doze que nasceu fora da Galilea. Era filho de um homem chamado Simón (ver com. Juan 6: 71).

Jesus não tinha convidado ao Judas para que se unisse ao grupo de discípulos de os quais escolheu aos doze (ver com. Mar. 3: 13), mas Judas lhes uniu, e pediu um lugar. Sem dúvida, Judas acreditava que Jesus era o Mesías -igual aos outros discípulos, em términos do conceito popular Judaico de um libertador político que sacudiria o jugo romano- e desejava pertencer ao círculo íntimo dos discípulos a fim de conseguir um elevado cargo no "reino" que logo estabeleceria-se. Possivelmente se ofereceu para o posto de tesoureiro, esperando ser renomado para esse carrego no novo reino. Entretanto, Jesus se deu conta do mesmo princípio que Judas carecia da característica básica que o poderia qualificar para chegar a ser um apóstolo do reino que estava por ser estabelecido: faltava-lhe realizar uma entrega completa.

Apesar de todo o mal que estava latente em seu coração, Judas, em muitos respeitos era mais promissor que os outros que chamou Jesus. Quando foi admitido a pertencer aos doze, havia esperança para o Judas. Se tivesse desenvolvido certos rasgos desejáveis de caráter, e se tivesse eliminado suas más inclinações, permitindo que Jesus trocasse seu coração, poderia ter sido um obrero585aceptable na causa do reino. Mas, a diferença do Juan (ver com.

vers. 17), Judas manteve um coração insensível aos preceitos e o exemplo de Jesus. Entretanto, Jesus o animou em tudo o que pôde e lhe deu todas as oportunidades possíveis para que desenvolvesse um caráter celestial. Jesus não queria quebrar nem apagar (ver com. Mat. 12: 20) a "cano cascata" do caráter do Judas, "o pábilo" fumegante das boas intenções.

Entregou-lhe.

Ver com. Luc. 6: 16.

Vieram a casa.

Possivelmente à casa do Pedro, no Capernaúm (ver com. cap.1l: 29). Alguns hão observado que o Evangelho do Marcos trata principalmente com o que Jesus fez e não com seus ensinos. A diferença do Mateo, que dedica três capítulos ao Sermão do Monte, Marcos o omite por completo, nem sequer menciona que depois da ordenação dos doze, Jesus pronunciou esse sermão (ver com. Mat. 5: 1). Por volta da terminação do dia, sem dúvida Jesus e seus discípulos voltaram ao Capernaúm.

20.

amontoou-se de novo a gente.

[Um diabólico cego e mudo; o pecado imperdoável, Mar. 3: 20-30 = Mat. 12: 22-45 = Luc. 11: 14-32. Comentário principal: Mateo.] Marcos não menciona a cura do diabólico cego e mudo, mas só registra a acusação dos escribas de que Jesus arrojava demônios pelo poder do príncipe dos demônios, e a resposta que Jesus lhes deu (vers. 22; DTG 288). Sobre o lugar deste episódio na seqüência cronológica, e a forma em que se relaciona o registro deste episódio nos diversos Evangelhos, ver com. Mat. 12: 22. Devesse notar-se que Marcos coloca esta passagem (cap. 3: 20-35) em seqüência cronológica entre a eleição dos doze (cap. 3: 14-19) e o sermão junto ao mar (cap. 4).

21.

Os seus.

"Seus parentes" (BJ). Gr. hoi par'autbu, literalmente, "aqueles do lado de ele". Embora esta expressão poderia significar unicamente que as pessoas mencionadas estavam relacionadas de perto com o Jesus, os antigos papiros gregos provam que estas palavras também se referem a parentes. De modo que é provável que a afirmação do vers. 21 antecipe o episódio dos vers. 31-35.

Fora de si.

Quer dizer, "mentalmente desequilibrado". A estreita semelhança entre este temor de parte dos "parentes" (BJ) do Jesus e a acusação apresentada pelos escribas de que Jesus estava em conivência com o diabo (vers. 22), poderia explicar a afirmação do vers. 21 como uma introdução à acusação de que Jesus era um instrumento do Beelzebú (vers. 22-30).

22.

Escribas.

Ver a P. 57.

Vindo de Jerusalém.

Ver Luc. 5: 17. Possivelmente eram alguns dos espiões que lhe seguiram os passos a Jesus durante todo seu ministério na Galilea em obediência às ordens do sanedrín (ver com. Mar. 2: 6).

Tinha ao Beelzebú.

Ver com. Mat. 12: 24.

28.

Blasfêmias.

Ver com. Mat. 12: 31.

29.

Julgamento eterno.

A evidência textual se inclina por (cf. P. 147) a variante "pecado eterno" (BJ).

31.

Seus irmãos e sua mãe.

[Visita dos irmãos do Jesus e de sua mãe, Mar. 3:3135 = Mat. 12:46-50 = Luc. 8:19-21. Comentário principal: Mateo.] A respeito da localização cronológica deste fato e sua relação com os diversos relatos que os sinóticos fazem dele, ver com. Mat. 12:22, 46.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-5 DTG 252

8 DMJ 9; DTG 265

13-14 DTG 257; HAp 16

13-19 DTG 257-264

14-15 CH 557

17 DTG 262; Ed 83; HAp 430

20-35 DTG 288-294

21 DTG 288

25 2JT 85

CAPÍTULO 4

1 A parábola do sembrador 14 e seu significado. 2 1 Devemos comunicar a luz de nosso conhecimento a outros. 26 A parábola da semente que cresce em secreto, 30 e a da semente de mostarda. 35 Cristo calma a tempestade no mar.

1 OUTRA vez começou Jesus a ensinar junto ao mar, e se reuniu ao redor dele muita gente, tanto que entrando em uma barco, sentou-se nela no mar; e toda a gente estava em terra junto ao mar.

2 E lhes ensinava por parábolas muitas costure, e lhes dizia em sua doutrina:

3 Ouçam: Hei aqui, o sembrador saiu a semear;

4 e ao semear, aconteceu que uma parte caiu junto ao caminho, e vieram as aves do céu e a comeram.

5 Outra parte caiu em pedregales, onde não tinha muita terra; e brotou logo, porque não tinha profundidade de terra.

6 Mas saído o sol, queimou-se; e porque não tinha raiz, secou-se.

7 Outra parte caiu entre espinheiros; e os espinheiros cresceram e a afogaram, e não deu fruto.

8 Mas outra parte caiu em boa terra, e deu fruto, pois brotou e cresceu, e produziu a trinta, a sessenta, e a cento por um.

9 Então lhes disse: que tem ouvidos para ouvir, ouça.

10 Quando esteve sozinho, os que estavam perto dele com os doze lhe perguntaram sobre a parábola.

11 E lhes disse: lhes é dado saber o mistério do reino de Deus; mas a os que estão fora, por parábolas todas as coisas;

12 para que vendo, vejam e não percebam; e ouvindo, ouçam e não entendam; para que não se convertam, e lhes sejam perdoados os pecados.

13 E lhes disse: Não sabem esta parábola? Como, pois, entenderão todas as parábolas?

14 O sembrador é o que semeia a palavra.

15 E estes são os de junto ao caminho: em quem se semeia a palavra, mas depois que a ouvem, em seguida vem Satanás, e tira a palavra que se semeou em seus corações.

16 Estes são deste modo os que foram semeados em pedregales: os que quando ouviram a palavra, ao momento a recebem com gozo;

17 mas não têm raiz em si, mas sim são de curta duração, porque quando vem a tribulação ou a perseguição por causa da palavra, logo tropeçam.

18 Estes são os que foram semeados entre espinheiros: os que ouvem a palavra,

19 mas os afãs deste século, e o engano das riquezas, e as cobiças
de outras coisas, entram e afogam a palavra, e se faz infrutífera.

20 E estes são os que foram semeados em boa terra: os que ouvem a
palavra e a recebem, e dão fruto a trinta, a sessenta, e a cento por um.

21 Também lhes disse: Acaso se traz a luz para pô-la debaixo do almud, ou
debaixo da cama? Não é para pô-la no castiçal?

22 Porque não há nada oculto que não tenha que ser manifestado; nem escondido, que
não tenha que sair a luz.

23 Se algum tem ouvidos para ouvir, ouça.

24 Lhes disse também: Olhem o que ouvem; porque com a medida com que medem, vos
será medido, e até lhes acrescentará os que ouvem.

25 Porque ao que tem, lhe dará; e ao que não tem, até o que tenha-se o
tirará.

26 Dizia além disso: Assim é o reino de Deus, como quando um homem joga semente em
a terra;

27 e dorme e se levanta, de noite e de dia, e a semente brota e cresce sem que
ele saiba como.

28 Porque de seu leva fruto a terra, primeiro erva, logo espiga, depois
grão cheio na espiga;

29 e quando o fruto está amadurecido, em seguida se mete a foice, porque a ceifa há
chegado.

30 Dizia também: A que faremos semelhante o reino de Deus, ou com que parábola
compararemo-lo?

31 É como o grão de mostarda, que quando se semeia em terra, é a mais
pequena de todas as sementes que há na tierra;587

32 depois de semeado, cresce, e se faz a maior de todas as hortaliças, e
joga grandes ramos, de tal maneira que as aves do céu podem morar sob seu
sombra.

33 uchas parábolas como estas lhes falava a palavra, conforme ao que podiam
ouvir.

34 parábolas não lhes falava; embora a seus discípulos em particular os
declarava tudo.

35 dia, quando chegou a noite, disse-lhes: Passemos ao outro lado.

36 pedindo à multidão, tomaram como estava, na barco; e havia também
com ele outras barcos.

37 se levantou uma grande tempestade de vento, e jogava as ondas na barco, de
tal maneira que já se alagava.

38 estava na popa, dormindo sobre um travesseiro; e despertaram, e o

disseram: Professor, não toma cuidado que perecemos?

39 antándose, repreendeu ao vento, e disse ao mar: Cala, emudece. E cessou o vento, e se fez grande bonança.

40 disse: por que estão assim amedrontados? Como não têm fé?

41 cs temeram com grande temor, e se diziam o um ao outro: Quem é este, que até o vento mar lhe obedecem?

1.

Junto ao mar.

[Sermão junto ao mar, Mar. 4:1-34 = Mat. 13:1-53 = Luc. 8:4-18. Comentário principal: Mateo. Quanto às parábolas, ver pp. 193-197.]

2.

Sua doutrina.

Literalmente, "sua instrução" (BJ).

13.

Como, pois, entenderão?

A parábola do sembrador, a semente e os terrenos foi a mais singela das parábolas. Seu significado devesse ter sido claro para os discípulos. Se tinham dificuldades com esta, como iria com as outras?

19.

Cobiças.

Gr. epithumía, "desejo ardente", "desejo", "ânsia". Em si mesmo, esta palavra grega não significa "cobiça". Foi "com ânsia [Gr. epithumía]" (BJ) como Jesus desejou celebrar a última páscoa com os doze (Luc. 22:15). Só é mau o desejo quando se refere a coisas que são más. Neste caso, são os interesses mundanos, tais como o desejo de riquezas, os que fazem mau o "desejo".

21.

Luz.

Gr. lújnos, "abajur" (BJ). Cristo repetiu a parábola do abajur em diferentes forma, em diversas oportunidades, para ensinar várias verdades. Quando a deu como parte do Sermão do Monte (Mat. 5: 14-16), usou-a para ilustrar a responsabilidade dos crentes de ser exemplo para o mundo, de fazer brilhar sua luz individual. Neste caso, é uma ilustração da luz de a verdade revelada nos próprios ensinos do Jesus, especialmente mediante o uso de parábolas. No Luc. 11: 33-36 ilustra a forma em que os indivíduos percebem e recebem a verdade.

Almud.

"Celemín" (BJ). Gr. mbdios, uma medida de capacidade usada para áridos, de perto

de nove litros (ver P. 52). "O abajur", "o almud" e "a cama" eram parte do mobiliário que se encontrava em todas as casas, o que fazia gráfica a ilustração.

Castiçal.

Ver com. Mat. 5: 15.

22.

Nada oculto.

Ver com. Luc. 8: 17.

23.

Ouvidos para ouvir.

Ver com. Mat. 11: 15.

24.

O que ouvem.

Lucas diz: "como ouvem" (cap. 8:18). Há algumas costure que seria melhor que os cristãos não ouvissem nem vissem; há outras coisas que seria prudente que ouvissem.

Com a medida.

Ver com. Mat. 7: 2.

26.

O reino de Deus.

Ver com. Mat. 3:2; 4:17; 5:2; Luc. 4:19.

Joga semente.

Só Marcos registra a parábola da semente que cresce. Ilustra a mesma verdade apresentada ao Nicodemo quanto à obra do Espírito Santo (Juan 3: 8). Cristo diz nesta parábola que se à semente do reino tão somente se o dá uma oportunidade, produzirá sua colheita de bem. Embora seja possível que os homens não possam explicar como se realiza o processo do crescimento cristão e da transformação do caráter, contudo, este prossegue.

27.

Dorme e se levanta.

Tendo semeado a semente, o agricultor se dedica a outras ocupações. Mas o processo de crescimento segue adiante, sem ter em conta que o agricultor esteja ausente ou presente, já seja que durma ou esteja acordado. Pode cultivar e regar as sementes à medida que crescem até a maturidade, mas não pode as fazer crescer.

28.

De dele.

Gr. automatos, "movido por seu próprio impulso"; de onde se deriva nossa palavra "automático".

A terra. A planta cresce da terra e a terra contribui a seu crescimento, mas é a planta mesma a que produz o fruto.

Logo espiga.

Quer dizer, a espiga do cereal quando começa a formar-se, em contraste com a espiga quando maturou. 588

Grão.

"Esfrego" (BJ). Ver com. Lev. 2:14.

29.

Quando o fruto está amadurecido.

A BJ é mais literal: "Quando o fruto o admite".

mete-se.

Gr. apostéllÇ, "enviar", de onde provém nossa palavra "apóstolo", que significa "que foi enviado" (ver com. cap. 3: 14). Em outra passagem, a obra dos apóstolos é comparada com a dos colhedores (Juan 4: 35-38).

A ceifa.

Ver com. Mat. 3: 12; 13: 30.

30.

A que?

Ver com. Mat. 13: 3.

Reino de Deus.

Ver com. Mat. 3: 2; 4: 17; 5: 2; Luc. 4: 19.

Compararemo-lo?

Por assim dizê-lo, Cristo consulta com seus ouvintes. Seu auditório estava convidado a participar da busca da verdade.

31.

Grão de mostarda.

Ver com. Mat. 13: 31-32.

33.

Muitas parábolas como estas.

Possivelmente Marcos se refere unicamente às parábolas pronunciadas nesta ocasião, embora sem dúvida o mesmo seria certo aplicando-o a todas as parábolas de Cristo.

Conforme ao que podiam.

Cristo não falava em parábolas a fim de ocultar a verdade, a não ser para revelá-la.

34.

Sem parábolas.

Até aqui, Cristo tinha sido muito parco no uso de parábolas em seu ensino. O sermão junto ao mar assinala o começo de seu ensino por meio de parábolas como um método habitual de proclamar o Evangelho (ver pp. 193-194).

35.

Aquele dia.

[A tormenta no lago, Mar. 4:35-41 = Mat. 8:18, 23-27 = Luc. 8:22-25. Comentário principal: Mateo.] Esse "dia" tinha estado cheio de acontecimentos na vida do Jesus (ver com. Mat. 8:18). No relato que faz Marcos da tormenta do lago inclui certos detalhes dramáticos dos sucessos que não são mencionados nem pelo Mateo nem pelo Lucas.

36.

Outras barcos.

Embarcações cheias de pessoas que ainda seguiam avidamente ao Jesus (cf DTG 300).

38.

Travesseiro.

Possivelmente era parte da equipe da barco, pois se tratava de uma áspera almofada de couro para o timoneiro, quem se sentava na popa da embarcação.

Não toma cuidado?

A súplica deles reflete impaciência que chega ao limite da desespero.

39.

Cala, emudece.

Os elementos não só deviam calar-se mas também deviam permanecer calados. Alguns sugeriram que Jesus aqui reprovou aos elementos como se houvessem sido monstros irados.

41.

Temeram com grande temor.

Ou "encheram-se de grande temor [pavor]" (BJ).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-20 PVGM 16-42

14 PVGM 19, 23

19 IJT 129; PVGM 31, 33

21 2JT 423; 5T 84, 588; 8T 76

24 5T 694

26-28 CM 108-111; Ed 100-103

26-29 CM 109; EC 307; PVGM 43-48

28 DC 67; CM 96, 192; CN 28, 56; DTG 335; EC 308; Ed 102; Ev 421; MM 7; NB 328; PVGM 46,59-60; 8T 327; TM 247, 515

29 CM 11O; PVGM 47

30 HAp 11

30-32 PVGM 54-57

35-41 DTG 300-304

36-38 DTG 300

39-41 DTG 302 589

CAPÍTULO 5

1 Cristo sã a um homem poseído por uma legião de demônios, 13 que entram em uma manada de porcos e estes se afogam no mar. 25 Cristo cura a uma mulher com fluxo de sangue 35 e ressuscita à filha do Jairo.

1 VIERAM ao outro lado do mar, à região dos gadarenos.

2 E quando saiu ele da barco, em seguida veio a seu encontro, dos sepulcros, um homem com um espírito imundo,

3 que tinha sua morada nos sepulcros, e ninguém podia lhe atar, nem mesmo com cadeias.

4 Porque muitas vezes tinha sido pacote com grilos e cadeias, mas as cadeias tinham sido feitas pedaços por ele, e esmiuçados os grilos; e ninguém lhe podia dominar.

5 E sempre, de dia e de noite, andava dando vozes nos Montes e nos sepulcros, e hiriéndose com pedras.

6 Quando viu, pois, ao Jesus de longe, correu, e se ajoelhou ante ele.

7 E clamando a grande voz, disse: O que tem comigo, Jesus, Filho do Deus
Muito alto? Você conjuro Por Deus que não me atormente.

8 Porque lhe dizia: Sal deste homem, espírito imundo.

9 E lhe perguntou: Como te chama? E respondeu dizendo: Legião me chamo; porque
somos muitos.

10 E lhe rogava muito que não os enviasse fora daquela região.

11 Estava ali perto do monte uma grande marmita de porcos pastando.

12 E lhe rogaram todos os demônios, dizendo: nos envie aos porcos para que
entremos neles.

13 E logo Jesus lhes deu permissão. E saindo aqueles espíritos imundos,
entraram nos porcos, os quais eram como dois mil; e a marmita se precipitou em
o mar por um despenhadeiro, e no mar se afogaram.

14 E os que apascentavam os porcos fugiram, e deram aviso na cidade e em
os campos. E saíram a ver o que era aquilo que tinha acontecido.

15 Vêm ao Jesus, e vêem o que tinha sido atormentado do demônio, e que havia
tido a legião, sentado, vestido e em seu julgamento cabal; e tiveram medo.

16 E lhes contaram os que o tinham visto, como lhe tinha acontecido ao que
tinha tido o demônio, e o dos porcos.

17 E começaram a lhe rogar que se fora de seus contornos.

18 Ao entrar ele na barco, que tinha estado diabólico lhe rogava que o
deixasse estar com ele.

19 Mas Jesus não o permitiu, mas sim lhe disse: Vete a sua casa, aos teus,
e os conte quão grandes costure o Senhor tem feito contigo, e como teve
misericórdia de ti.

20 E se foi, e começou a publicar no Decápolis quão grandes costure tinha feito
Jesus com ele; e todos se maravilhavam.

21 Passando outra vez Jesus em uma barco à outra borda, reuniu-se ao redor de
ele uma grande multidão; e ele estava junto ao mar.

22 E veio um dos principais da sinagoga, chamado Jairo; e logo que o
viu, prostrou-se a seus pés,

23 e lhe rogava muito, dizendo: Minha filha está agonizando; vêem e ponha as mãos
sobre ela para que seja salva, e viverá.

24 Foi, pois, com ele; e lhe seguia uma grande multidão, e lhe apertavam.

25 Mas uma mulher que desde fazia doze anos padecia de fluxo de sangue,

26 e tinha sofrido muito de muitos médicos, e gasto tudo o que tinha, e nada
tinha aproveitado, antes ia pior,

27 quando ouviu falar do Jesus, veio por detrás entre a multidão, e tocou seu manto.

28 Porque dizia: Se tocar tão somente seu manto, serei salva.

29 E em seguida a fonte de seu sangue se secou; e sentiu no corpo que estava sã daquele açoite.

30 Logo Jesus, conhecendo em si mesmo o poder que tinha saído dele, voltando-se para a multidão, disse: Quem há meio doido meus vestidos?

31 Seus discípulos lhe disseram: Vê que a multidão te aperta, e diz: Quem há-me meio doido?

32 Mas ele olhava ao redor para ver quem tinha feito isto.

33 Então a mulher, temendo e tremendo, sabendo o que nela tinha sido

590 fato, veio e se prostrou diante dele, e lhe disse toda a verdade.

34 E lhe disse: Filha, sua fé te tem feito salva; vê em paz, e fica sã de você açoite.

35 Enquanto ele ainda falava, vieram de casa do principal da sinagoga, dizendo: Sua filha morreu; para que molestas mais ao Professor?

36 Mas Jesus, logo que ouviu o que se dizia, disse ao principal da sinagoga: Não tema, crie somente.

37 E não permitiu que lhe seguisse ninguém a não ser Pedro, Jacobo, e Juan irmano de Jacobo.

38 E veio a casa do principal da sinagoga, e viu o alvoroço e aos que choravam e lamentavam muito.

39 E entrando, disse-lhes: por que alvoroçam e choram? A menina não está morta, a não ser dorme.

40 E se burlavam dele. Mas ele, jogando fora a todos, tomou ao pai e à mãe da menina, e aos que estavam com ele, e entrou onde estava a menina.

41 E tomando a mão da menina, disse-lhe: Talita cumi; que traduzido é: Menina, te digo, te levante.

42 E logo a menina se levantou e andava, pois tinha doze anos. E se espantaram grandemente.

43 Mas ele lhes mandou muito que ninguém soubesse, e disse que lhe desse de comer.

1.

Ao outro lado.

[Endemoninhado-los da Gadara, Mar. 5: 1-20 = Mat. 8: 28 a 9: 1 = Luc. 8: 26-39. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 209; diagrama P. 221; a respeito dos milagres, pp. 198-203] Dos três relatos deste milagre, o do Marcos é o

mais gráfico e o do Mateo o mais breve. O "outro lado" do mar da Galilea se refere à borda oriental, na região do Decápolis (ver P. 48; com. Mat. 4: 25). No dia anterior tinha apresentado um sermão que principalmente consistiu em parábolas (Mat. 13), em algum lugar à borda do mar da Galilea, junto a a planície do Genesaret (ver com. Mat. 13: 1). O largo do lago neste ponto era de 11 km. Foi durante a travessia quando Jesus acalmou a tormenta (ver com. Mat. 8: 18). Esta vez seu propósito ao cruzar à borda oriental, que era menos densamente povoada, era desfrutar de uma breve trégua das multidões que o assediavam, até o ponto de que com freqüência não tinha tempo para comer ou dormir (Mar. 3: 20).

Gadarenos.

A evidência textual se inclina por (cf. P. 147) a variante "gerasenos" (BJ), embora em alguns MSS se lê "gergesenos" e "gadarenos". No Mat. 8: 28, a evidencia textual se inclina por "gadarenos", mas há MSS que dizem "gergesenos" e "gerasenos". No Luc. 8: 26, a evidência textual sugere "gerasenos" (BJ), mas há MSS que dizem "gergesenos" e "gadarenos". São evidentes os esforços dos copistas e dos recopiladores para harmonizar os nomes dos três relatos.

Embora no presente não dispomos de provas concludentes, pelo general se pensa que o encontro de Cristo com os endemoninhados gadarenos (ou gerasenos ou gergesenos) ocorreu a pouca distância do que é agora a aldeia do Kursí, que identifica-se com a antiga Gergesa. Gadara era uma cidade a 20 km ao sul deste lugar, aproximadamente a 10 km do extremo sul do mar da Galilea. Em um tempo foi a capital do Decápolis (ver com. Mat. 4: 25; Mar. 5: 20). Em este tempo possivelmente era a cidade principal do distrito, e talvez dava seu nomeie ao mesmo. A cidade da Gerasa, a 56 km ao sudeste do mar de Galilea, dificilmente poderia ser o lugar ao que se faz referência no relato deste milagre. Não é impossível que houvesse uma aldeia do mesmo nome perto da Gergesa, ou que tanto Gerasa como Gergesa se refiram à mesma aldeia, que agora se chama Kursi.

2.

Saiu ele da barco.

A curta distância ao sul da aldeia do Kursi (ver com. vers. I) há um íngreme penhasco que descende abruptamente a uma estreita praia (ver com. vers. 13). Jesus e os discípulos bem podem ter desembarcado ao sul desse penhasco, onde a praia se alarga e as colinas não chegam até o lago.

Sepulcros.

As colinas de pedra calcária em volto do Kursí têm abundantes cavernas e câmaras cavadas na rocha relativamente branda. Câmaras como estas se usavam usualmente como sepulcros na antiga a Palestina.

Um homem.

Mateo menciona a dois homens (cap. 8: 28). Entretanto, indubitavelmente um se destacava por sua ferocidade. Mateo também fala de dois cegos no Jericó (cap. 20: 30), onde Marcos (cap. 10:46) e Lucas (cap. 18: 35) referem-se só a um, possivelmente por uma razão similar. É digno de notar-se 591que Mateo, indubitavelmente testemunha presencial em ambos os sucessos, mencione dois homens em cada caso. A respeito das diferenças que há na narração de um mesmo caso

em vários Evangelhos, ver a segunda Nota Adicional do Mateo 3. Cf. com. Mar. 10: 46; Luc. 5: 2; 7: 3; a Nota Adicional do Luc. 7.

Um espírito imundo

A respeito da natureza da posse demoníaca, ver a Nota Adicional do cap. 1.

3.

Sepulcros

Ver com. vers. 2. De acordo com a lei levítica, um cadáver era imundo (ver com. Lev. 21: 2), e dessa impureza participava o lugar da sepultura. É óbvio que estas considerações não eram tidas em conta pelos endemoninhados.

Ninguém podia lhe atar

A afirmação do Mateo de que "ninguém podia passar por aquele caminho" (cap. 8: 28) implica que a guarida destes homens endemoninhados não estava longe de um caminho, possivelmente o que acontecia a borda oriental do lago (cf. DTG 304).

Cadeias

Gr. hálusis, "cadeia" ou "atadura", com freqüência se usa especificamente para indicar algemas ou grilos.

4.

Grilos

Gr. péde, "grilos para os pés", provém de uma palavra que significa "pé" ou "impigem". Se tratava de anéis de ferro que lhes punha nas pernas a os detentos.

5.

Hiriéndose

Em sua fúria, com freqüência se lesava o corpo, que possivelmente estava coberto de cicatrizes e chagas.

6.

Quando viu... ao Jesus

O e seu companheiro podem ter estado nos contrafortes mais baixas da montanha que descendia abruptamente ao mar, e assim podem ter observado as barcos que se aproximavam.

Correu

Possivelmente com a intenção de atacar ao Jesus e aos que o acompanhavam, sem dúvida dando selvagens alaridos enquanto descendia à praia.

ajoelhou-se ante ele

Quando os endemoninhados chegaram onde estava Jesus, os discípulos haviam fugido aterrorizados, e El Salvador estava sozinho com os dois possessos do demônio (DTG 304). De algum jeito pareciam perceber borrosamente que se tratava de um Amigo e não de um inimigo (DTG 304-305), e se prostraram ante os pés do Jesus. A mesma presença de Cristo, com freqüência, parecia impressionar profundamente até a seus piores inimigos (ver Mat. 21: 12-13; Juan 2: 15).

7.

O que tem comigo?

O desafio à autoridade do Jesus (cf. cap. 1: 27; com. cap. 2: 10) significava em realidade: Que direito tem a te intrometer comigo?" (ver com. Juan 2: 4).

Filho

Ver com. Luc. 1: 35; Juan 1: 1-3.

Deus Muito alto

Ver Hech. 16: 17; com. Gén. 14: 18, 22. Pareceria que os maus espíritos estavam falando diretamente com Cristo mediante um dos endemoninhados de Gadara, pois Jesus se dirigiu ao "espírito imundo" e não ao homem mesmo (Mar. 5: 8). Por ende, o reconhecimento do Jesus como o "Filho do Deus Muito alto" mostra o conhecimento que tinham os espíritos, e não os endemoninhados.

Você conjuro

Gr. horkízo, "conjurar". As palavras do relato do Lucas são menos gráficas: "Rogo-te" (Luc. 8: 28).

Atormente

Gr. basanízo, que originalmente significava "provar [metais] com a pedra de toque". No NT se usa basanízo no sentido de infligir dor ou tortura.

8.

Dizia-lhe

Enquanto Jesus estava no mesmo processo de ordenar ao espírito que saísse do homem, osadamente o espírito interrompeu e o desafiou.

9.

Como te chama?

Não é clara a razão pela qual Cristo perguntou o nome do espírito que possuía ao homem, ou mas bem do porta-voz da legião de espíritos. há-se sugerido que era para benefício dos discípulos, a fim de que pudessem apreciar mais plenamente a magnitude do milagre, e compreendessem melhor a natureza e o poder das forças contra as quais tinham que lutar.

Legião

Uma divisão do exército romano que, quando estava completa, contava

aproximadamente com 6.000 infantes e 700 cavaleiros, ou um total de 6.700 homens. Entretanto, pelo general - como acontece com os exércitos modernos- a legião não se mantinha com todos seus efetivos. Embora o uso que fez o demônio do nome "legião" pode ser tomado literalmente, não há forma de determinar o número preciso. entende-se melhor a palavra no sentido general de que havia muitos demônios (Luc. 8: 30).

10.

Rogava-lhe muito

O desafiante demônio agora se comportou como um suplicante que pedia misericórdia ao Jesus. Possivelmente temia por sua vida (ver com. cap. 1: 24).

Fora daquela região. Em troca, Lucas diz: "ir ao abismo" (cap. 8: 31). A palavra grega traduzida "abismo" é ábussos, "abismo", "profundidade", "lugar inacessível", "lugar dos mortos" (ver com. Apoc. 20: 1). No Gén. 1: 2 e 7: 11 (LXX), ábussos corresponde

592 ao Heb. tehom, traduzida na RVR como "abismo". No Job 28: 14 (LXX) corresponde a "mar", e também se traduziu como "abismo" na RVR. Em ROM. 10: 7, "abismo" ábussos se usa para descrever o lugar de "os mortos", ou seja a tumba. No Apoc. 9: 2, 11; 11: 7; 17: 8; 20: 1, 3, ábussos se traduziu em a RVR como "abismo" (Em tudas estas passagens, lê-se "Abismo" na BJ. O uso da maiúscula aparentemente lhe dá a categoria de um nome próprio.) Usado como adjetivo no grego clássico, este vocábulo significa "insondável", "ilimitado", "sem fundo".

11.

Perto do monte

Quer dizer, na ladeira, a alguma distância de onde estavam na praia Cristo e os endemoninhados (Mat. 8: 30). Por toda essa região, sem dúvida, os porqueros sempre estavam alerta devido aos possessos do demônio, e por isso os viram quando corriam para Cristo, ouviram seus sobrenaturais alaridos e foram testemunhas da gloriosa transformação que se produziu no aspecto deles.

Porcos

Embora alguns judeus criavam porcos para comercializar com eles, não se pode comprovar que os donos desta marmita eram judias. Entretanto, certamente estavam absortos em sua ocupação e em seu negócio, indiferentes às coisas espirituais.

12.

Rogaram-lhe todos os demônios

Ver com. vers. 10.

nos envie

O propósito de Satanás era fazer que a gente desta região se voltasse contra El Salvador pensando que ele era responsável pela destruição de seu propriedade. O resultado imediato parecia justificar os maus propósitos do diabo. Mas o ministério dos homens transformados, que antes tinham sido

conhecidos por todo o distrito como endemoninhados, junto com a notícia da marmita de porcos que pereceu no mar, que confirmava o relato a respeito dos endemoninhados, serviram como possivelmente nenhuma outra coisa poderia havê-lo feito para que a gente dessa região se inclinasse em favor do Jesus (ver com. vers. 19-20).

13.

Deu-lhes permissão

Comparar com o caso do Job (Job 1: 12; 2: 6). O diabo instigou todo o dano que sofreu Job, e Deus simplesmente o consentiu, e, entretanto, represou tudo para o benefício e o estímulo dos crentes através dos séculos.

Por um despenhadeiro

A curta distância ao sul da atual aldeia do Kurs§, que se pensa que é a antiga Gergesa (ver com. vers. 1), há um íngreme farallón, onde as montanhas descendem quase até o bordo da água, o único lugar em toda a costa onde isto é assim. O declive é tão íngreme que poderia ser chamado um escarpado, embora não é do tipo que se sobressai. Ao pé deste precipício a praia é tão estreita, que não era possível que os porcos tivessem podido deter-se em sua carreira para baixo.

14.

Nos campos

Ao dirigir-se à aldeia da Gergesa, possivelmente a curta distância ao norte do precipício (ver com. vers. 13), podia esperar-se que os porqueros contassem o que tinha acontecido a todos os que encontrassem.

15.

Sentado

Evidentemente cometido, tranqüilo e descansando; um manifesto contraste com a excitação que o dominava quando chegou até o Jesus pouco antes.

Vestido

Em harmonia com o que pode observar-se, ou seja, que pelo geral Deus não realiza milagres quando o resultado pode obter-se por meios mais naturais, e que geralmente não faz o que pode ser obtido pelo esforço humano, não é provável que a roupa com que agora se cobriam esses homens lhes tivesse sido dada milagrosamente. É mais provável que os discípulos voluntariamente compartilharam sua roupa com esses homens ou foram convidados a fazê-lo pelo Jesus.

Em seu julgamento cabal

Nos casos de posse demoníaca registrados no NT, ficava transtornada a mente das pessoas afetadas (ver a Nota Adicional de Mar. 1).

Tiveram medo

Por um tempo, a lembrança da perda dos porcos dominou o pensamento de a maioria das pessoas dessa região. Sem dúvida, perguntavam-se qual seria

o resultado da próxima demonstração de poder sobrenatural, e, evidentemente, temiam sofrer perdas materiais majores.

16.

Os que o tinham visto

Possivelmente tanto os porqueros, que já tinham narrado sua versão do fato (vers. 14), como os discípulos. Estes últimos também contavam o caso do apaziguamento da tormenta do lago a noite anterior, mas suas palavras caíam em ouvidos surdos (DTG 305).

17.

Que se fora

Esta eleição dependeu de considerações materiais. Preferiam renunciar a qualquer bênção possível, tal como a cura dos endemoninhados, para não sofrer mais perda de propriedades. De acordo com o conselho que ele mesmo havia dado aos doze quando os enviou a pregar e a sanar (Mat. 10: 14, 23), Jesus não protestou mas sim partiu. Muitos hoje em dia siguen593 o patético exemplo de a gente da Gadara, temerosos de que a presença do Salvador faça trocar seus planos.

Contornos

Gr. hórion, "território", "região", "vizinhança".

18.

Ao entrar

Ao entrar Jesus na barco, o homem sanado lhe estava suplicando que o permitisse ir com ele.

que tinha estado diabólico

O breve lapso que passaram os dois homens com o Jesus deve ter sido para eles a maior emoção de sua vida. Quando viram que estava entrando na barco, preparado para partir, compreenderam que foram ficar separados daquele que os tinha restaurado a saúde mental e a paz da alma. Possivelmente, no momento, temeram que sua ausência pudesse significar o retorno do demônio, o que sem dúvida temiam mais que a morte mesma. De todos os modos, queriam permanecer com Jesus.

19.

Não o permitiu. Jesus fez o que era melhor para todos. Endemoninhado-los sanados precisavam proclamar o que Jesus fazia por eles, e os habitantes do Decápolis necessitavam o ministério desses homens. Além disso, existia a probabilidade de que eles, sendo gentis (ver com. Mat. 4: 25; cf. DTG 306), pudessem converter-se em um estorvo para a obra do Jesus na Galilea.

Aos teus

Quer dizer, aos parentes dele.

os conte

A razão que com tanta freqüência induziu ao Jesus a admoestar aos que haviam sido objeto de seus milagres de que não difundissem o relatório do que havia sido feito em benefício deles (ver com. cap. 1: 44-45), não se aplicava à situação no Decápolis. Possivelmente havia menos escreva e fariseus no Decápolis que pudessem propagar um relatório falso das atividades do Jesus. Além disso, Jesus não tinha o plano de permanecer na região, e não haveria um levantamento popular em seu favor que pudesse tender a estorvar sua obra. Também um milagre semelhante a este provavelmente não criaria nesse lugar falsas esperanças aproxima do Mesías (ver com. Mat. 3: 2; 4: 17; 5: 2).

20.

Publicar

Gr. k'rússÇ, "anunciar", "proclamar", "apregoar". Grandes costure tinham acontecido na breve hora em que Jesus permaneceu com estes dois homens. Tinham um relato inspirador que referir, e no intervalo, antes de que a gente saísse da cidade, sem dúvida Jesus os instruiu nas verdades fundamentais do relato evangélico. Enquanto proclamavam sua mensagem por toda a região de Decápolis, o que diziam era confirmado pelo relatório dos porqueros que deve ter sido divulgado com a velocidade do relâmpago por todas as proximidades da Gergesa (ver com. vers. 1). Por onde quer a gente deve haver escutado com ávido interesse, quando eles, para cujo benefício se feito o milagre, apresentavam-se com o relato evangélico. Sua reputação anterior de loucos também deve ter sido ampliamente conhecida (Mat. 8: 28).

Decápolis

Ver P. 48. As diversas cidades do Decápolis tinham sido helenizadas do tempo do Alejandro Magno, mas foram subjugadas pelos judeus nos dias de os Macabeos. Logo foram liberadas do domínio judeu pelo general romano Pompeyo, quem distribuiu a terra entre os veteranos de seu exército.

Todos se maravilhavam

À medida que os dois homens, que já estavam sob o domínio do Espírito de Deus, contavam sua experiência, por onde quer a gente os escutava com surpresa e assombro. Os resultados de seu ministério devessem animar em grande maneira aos que possivelmente criam que sua capacidade e preparação não são suficientes para dar um testemunho eficaz por Cristo. Os que sinceramente amam a Cristo, e cujas vistas foram transformadas pelo poder do Senhor, simplesmente precisam narrar a outros "quão grandes costure o Senhor tem feito com" eles (vers. 19), e os homens serão ganhos para Cristo.

Isto provavelmente aconteceu a fins do outono (outubro-novembro) do ano 29 d. C. (ver com. Luc. 8: 1). Quando Jesus voltou para o Decápolis uns nove ou dez meses mais tarde (ver com. Mat. 15: 32), milhares foram para vê-lo e ouvi-lo (cf. DTG 307-308). Os que saíram para escutar ao Jesus nesta última ocasião eram quase todos gentis.

2 1.

Passando outra vez

[A mulher inválida; a filha do Jairo, Mar. 5: 21-43 = Mat. 9: 18-26 = Luc. 8:

40-56. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 209; diagrama P. 221; aproxima dos milagres, pp. 198-203.1 A cura da mulher inválida e a ressurreição da filha do Jairo ocorreram pouco depois da cura dos dois endemoninhados (ver com. Mat. 8: 18; 12: 22; 13: 1). O cruzamento do lago ao que aqui se faz referência foi das proximidades da Gergesa, na borda oriental (ver com. Mar. 5: 1), até o Capernaúm, aproximadamente uma distância de 9 ou 10 km em direção noroeste.594

reuniu-se... uma grande multidão

Assim como acontecia onde quer Jesus ia durante este período de seu ministério (cap. 3: 7, 20, 32; 4:1).

Junto ao mar.

Parece que uma multidão começou a reunir-se na borda quando se deu conta de que Jesus se aproximava em uma das barcos. Por um tempo permaneceu perto de onde tinha desembarcado, ensinando e sanando como era seu costume quando a gente se reunia em volto dele. Depois, junto com alguns de seus discípulos, Jesus foi ao lar do Leví Mateo para assistir à festa que ali se dava em sua honra (ver com. cap. 2: 15-17). Ali foi onde Jairo encontrou ao Jesus (ver Mat. 9: 10, 14, 18; DTG 310).

22.

Um dos principais

O principal de uma sinagoga era o que estava a cargo do culto público (ver P. 58). Não se sabe com certeza se Marcos quer dizer que Jairo era um dos vários principais desta sinagoga em particular, ou um de uma classe conhecida por esse nome: um para cada sinagoga.

Jairo

Provavelmente se deriva do Heb. Já'ir, o Jair do AT (Núm. 32: 41).

prostrou-se a seus pés

Como se tivesse estado ante um príncipe ou alguém de grande autoridade (ver com. Est. 3: 2; cf. com. Mat. 2: 11; 8: 2). Se dessa maneira podia salvar a sua única filha, este orgulhoso rabino estava disposto a humilhar-se até ante, Jesus, desprezado e odiado pela maioria dos da classe do Jairo.

23.

Minha filha

Dos três Evangelhos que registram este caso, só Marcos dá a idade exata da menina (vers. 42), e por isso se usa aqui (vers. 23) no texto grego a forma do diminutivo, thugátrion, "filhinha" (VM) para referir-se à moça.

Está agonizando

A enfermidade, que não é identificada por nenhum dos escritores dos Evangelhos, estava em sua etapa farol. A menos que Jesus interviesse, a morte seria inevitável.

Ponha as mãos

O toque pessoal do Jesus parece ter sido um sinal de seu interesse pessoal em cada enfermo (ver com. cap. 1: 31).

Viverá

O pai não duvidava de que Jesus tinha poder para lhe devolver a saúde a seu filhinha. Não cabe dúvida de que havia vintenas, ou até centenares de pessoas em Capernaúm e os arredores, cujas vistas davam testemunho do poder do Jesus. Entre eles estava o filho do nobre (Juan 4: 46-54) e o servo do centurião (Luc. 7: 1-10).

24.

Apertavam-lhe

Gr. sunthlíbÇ, "apertar", "oprimir". Em seu relato paralelo, Lucas usa uma forma verbal mais gráfica: o verbo sumpnígÇ, "afogar" ou "sufocar". Em caminho a a casa do Jairo, Jesus estava rodeado por uma multidão tão densa que sua marcha era literalmente "sufocada". Logo que podia mover-se.

25.

Uma mulher

Quanto ao cenário deste milagre, ver com. vers. 21. Este é um dos comparativamente poucos milagres registrados pelos três escritores dos Evangelhos sinóticos. O relato do Marcos é mais vívido que o do Mateo ou o do Lucas, e tem uma quantidade de detalhes gráficos que omitem os outros evangelistas.

26.

Ia pior

Com o transcurso do tempo resultava mais evidente para a mulher o caráter crônico de sua enfermidade, e além seus recursos se terminaram em um inútil intento de curar-se. Sem dúvida, tudo isto fazia que ela se desanimasse mais e mais.

27.

Do Jesus

A evidência textual (cf. P. 147) inclina-se pelo texto da RVR; sem embargo, há MSS que dizem "tendo ouvido o que se dizia do Jesus" (BJ). Como poderia esperar-se, as notícias se difundiram rapidamente (ver com. Mar. 1: 28; Luc. 7: 17-18; 4: 14).

Entre a multidão

Possivelmente a mulher, desde fazia um tempo, fazia planos para chegar até Jesus, mas isto lhe resultou impossível nesse então devido a que o Professor ausentou-se do Capernaúm durante a segunda viagem pela Galilea. Quando soube que Jesus tinha voltado para o Capernaúm, apressou-se a ir à borda do lago, onde ele estava ensinando e sanando (ver com. vers. 21). Mas o buscou em vão.

Finalmente, sabendo que ele estava no lar do Mateo (ver com. vers. 21), foi até ali com a esperança de encontrá-lo, mas outra vez chegou muito tarde (DTG 311). Nesta oportunidade, devido a que Jesus avançava muito lentamente em direção da casa do Jairo, finalmente o alcançou.

Pela perda de sangue por causa de sua enfermidade, deve ter estado fisicamente muito débil, além de estar desanimada pelos muitos vãos intentos de que os médicos a curassem. Também resultava embaraçoso a natureza da enfermidade mesma, junto com a impureza ritual que implicava. Poderia ser que tivesse vacilado em apresentar verbalmente seu pedido ao Jesus, especialmente em a presença de tantos estranhos, para que não lhe perguntasse quanto à natureza de seu mau, o que parece que Jesus fazia em alguns casos (cf. cap. 10: 51). 595

Tocou seu manto

Segundo Lucas, tocou "o bordo" do manto do Jesus (cap. 8: 44). Muitos que tão só tocaram "o bordo" do manto do Jesus "ficaram sãs" (Mat. 14: 36; cf. Hech. 5: 15; 19: 12).

28.

Se tocar

O toque que proporcionou cura à mulher teria sido considerado pelos rabinos como uma causa de impureza ritual para Cristo.

Salva

Quer dizer, "curada" (BJ, 1966) de sua enfermidade.

29.

Sentiu

Literalmente, "soube". Advertiu a corrente de poder (ver com. vers. 30) que fluiu de Cristo e entrou nela quando tocou seu vestido. Sabia que esse poder tinha entrado em seu débil corpo e a tinha curado.

Açoite

Gr. mástix, "látego", "açoite" ou "praga". As enfermidades incuráveis eram usualmente consideradas como castigos divinos pelos pecados da vida (ver com. Mar. 1: 40; Juan 9: 2).

30.

Conhecendo

Gr. epiginÇskÇ, "saber plenamente", portanto, "reconhecer", ou "perceber". (A tradução da BJ é, "dando-se conta".) Jesus estava consciente do que tinha acontecido no momento em que a mulher tocou seu vestido. O relato não afirma se Jesus sabia de antemão que essa mulher o tocaria. A vontade do Pai respondeu à muda prece da mulher mediante Cristo. Devesse recordar-se que todos os milagres do Professor "foram realizados pelo poder de Deus mediante o ministério dos anjos" (DTG 117).

Poder

Gr. dúnamis, "poder", "força" (BJ). Ver com. Mar. 2:10; Luc. l: 35. Com freqüência dúnamis se traduz como "milagre", como em Mar. 6: 2, 5; 9: 39. Em quanto aos diferentes términos usados no NT para referir-se a milagres, ver P. 198.

Quem há meio doido meus vestidos?

Posteriormente, possivelmente como resultado deste caso, muitos tocaram "o bordo de seu manto; e todos os que lhe tocavam ficavam sãs" (cap. 6: 56).

31.

Apura

Gr. sunthlíbÇ (ver com. vers. 24).

32.

Olhava

Jesus parece não ter identificado imediatamente à mulher, possivelmente para lhe dar a oportunidade de falar primeiro. Poderiam dar-se várias razões para que Jesus não permitisse que a mulher se fosse quedamente, sem ser advertida: (1) Como em o caso da fé do centurião (ver com. Luc. 7: 9), Jesus queria que a fé de a mulher fora um exemplo que outros pudessem seguir. (2) Desejava que ela se fora levando o gozo perdurável de saber que tinha sido advertida pessoalmente pelo Jesus e reconhecida por ele. (3) Desejava eliminar da mente dela qualquer pensamento supersticioso de que a cura se havia efetuado como resultado de um mero toque (ver com. Mar. 5: 34). (4) Para benefício dela desejava que reconhecesse a bênção que tinha recebido. Ser sanada de sua doença mas sem ser "salva" da enfermidade do pecado seria tão somente um benefício transitivo.

33.

Temendo

Possivelmente pensava que seus temores anteriores tinham sido bem fundados.

34.

Sua fé

Jesus queria que a mulher entendesse que era a fé a que tinha curado seu atormentado corpo e não o toque subrepticio. Que a gente o considerasse com respeito supersticioso desvirtuaria a verdadeira causa pela qual Jesus realizava seus milagres (ver com. cap. 1: 38). Uma afirmação pública de Cristo de que era a fé a que sanava seria eficaz para impedir o rumor de que a cura se tinha efetuado mediante alguma magia. Não importa quão imperfeita pudesse ter sido a fé da mulher, contudo, era genuína: uma fé que estava em proporção com seu limitado conhecimento e sua limitada compreensão da vontade de Deus e de seus caminhos.

Vê em paz

Ver com. Jer. 6: 14. A mulher devia ir-se em "paz" física e com "paz" em sua alma (ver com. Mar. 2: 5, 10), com o gozo de ser aceita Por Deus, como o atestava o fato de que tivesse recuperado a saúde.

Fica sã

Quer dizer, "continua em boa saúde". Não deve supor-se que a cura ocorreu neste momento como têm suposto alguns e não previamente, pois a mulher já sabia que estava sanada (vers. 29) e Jesus já havia sentido o poder que saiu dele (vers. 30).

35.

Enquanto ele ainda falava

Aqui retoma Marcos a narração da ressurreição da filha do Jairo, interrompida pelo relato da mulher doente (vers. 25-34). Quanto ao marco do relato, ver com. vers. 21.

Sua filha morreu

Se a filha do Jairo já tivesse estado morta, como poderia inferir-se pelo Mat. 9: 18, não tivesse sido necessário que uns mensageiros o comunicassem (ver com. Mat. 9: 18). É indubitável que Marcos quer dizer que a triste noticia foi comunicada ao Jairo em presença da multidão (ver com. Mar. 5: 24).

36.

Ouviu

A evidência textual (cf. P. 147) favorece o texto "alcançou para ouvir". As palavras sortes ao Jairo em voz baixa, chegaram até "o ouvido do Jesus" (DTG 310). 596

Não tema

Onde há temor, há pouca fé. A fé expulsa ao temor. A fé do Jairo tinha sido suficientemente forte como para que não o fora difícil acreditar que Jesus podia sanar a sua filha (ver com. vers. 23). Agora se viu insistido a pôr em ação uma fé ainda maior: fé em que até poderia ser vencido o poder da morte. Quando o temor seja uma obsessão em nossa alma e se mofe de nossa débil fé, façamos como Jesus ordenou ao Jairo: criamos "somente", pois "ao que crie tudo lhe é possível" (cap. 9: 23).

37.

Não permitiu que lhe seguisse ninguém

Ver com. Mat. 19: 14. além dos três discípulos aqui mencionados, os pais da menina acompanharam ao Jesus à habitação onde ela jazia (Mar. 5: 40). O bulício dos que choravam (ver com. vers. 38-39) e a áspera incredulidade da turfa descrente que se reuniu na casa (vers. 40) faziam que fosse completamente inapropriado a presença dos que choravam e dos incrédulos para a solene majestade do poder divino que estava por manifestar-se mediante Aquele que tinha "vida em si mesmo" (Juan 5: 26; cf. cap. 1: 4).

Pedro, Jacobo, e Juan

Literalmente, "o Pedro e Jacobo e Juan". O uso do artigo definido em grego amostra que os três discípulos são tratados aqui como uma unidade. Este é o primeiro caso no qual estes três foram escolhidos de entre os doze para compartilhar com o Jesus algumas das experiências mais íntimas de sua vida na terra (ver com. Mat. 17: 1). Talvez neste caso a habitação era muito pequena para que pudessem estar ali os doze.

38.

Alvoroço

Mat. 9: 23 menciona especificamente "aos que tocavam flautas" (Gr. aul't's, "flautista"). Ainda hoje em dia, no Meio Oriente, estão presentes nos funerais, onde deixam ouvir seus lúgubres nota. Então, tanto como hoje, eram consideradas essenciais seus quejumbrosas melodias. O famoso rabino Judá destacava o dever de um israelita com estas palavras: "Até o mais pobre em Israel [para o funeral de sua esposa] deve contar com duas flautas [flautistas] e uma chorosa" (Mishnah Kethuboth 4. 4).

Lamentavam

Isto se refere ao monótono lamento das chorosas contratadas, que eram numerosas se a família era rica, como deve ter sido neste caso.

39.

Alvoroçam

Gr. thorubéÇ, "fazer ruído", "alvoroçar", "provocar confusão", ou "chorar ruidosamente". No Hech. 17: 5 thorubéo se traduziu "alvoroçaram".

Dorme

Não se poderia encontrar uma comparação mais apropriada para a morte que a do sonho, que com tanta freqüência significa liberação do cansaço, o esforço, os desenganos e a dor. Assim como os olhos de um menino cansado-se fecham pelo sonho noturno, assim também os olhos daqueles que amam a Deus e que vigiam com confiança o dia quando a voz do Senhor despertará à vida imortal, estão fechados no sonho pacífico e imperturbável da morte (ver 1 Cor. 15: 51-55; 1 Lhes. 4: 16-17). A consoladora expressão pela qual o "sonho" equivale à "morte" parece ter sido a forma favorita de Cristo para referir-se a esse estado (ver com. Juan 11: 11-15). A morte é um sonho, mas é um sonho profundo do qual só o grande Doador da vida pode despertar, porque só ele tem as chaves do sepulcro (Apoc. 1: 18; cf. Juan 3: 16; ROM. 6: 23).

40.

burlavam-se

Gr. katageláÇ, "mofar-se". Era muito mais que simplesmente rir. Não é de admirar-se que Jesus os fizesse sair da habitação antes de despertar à menina do sonho da morte.

Os que estavam com ele

Quer dizer, Pedro, Jacobo e Juan (ver com. vers. 37).

41.

Talita cumi

Estas palavras são aramaicas, e possivelmente sejam exatamente quão mesmas pronunciou Jesus nesta ocasião. Seu uso aqui atesta que Jesus falava em aramaico. Comparar com outras expressões aramaicas que empregou ele, tais como: "Efata" (cap. 7: 34) e "Eloi, lamba sabactani?" (cap. 15: 34).

42.

Logo

"Imediatamente" (BJ). Ver com. cap. 1: 10.

A menina se levantou

Este é o único caso de uma ressurreição registrada nos três Evangelhos sinóticos. A ressurreição do jovem da cidade do Naín só é registrada pelo Lucas (cap. 7: 11-15), e a do Lázaro só está no Evangelho segundo Juan (cap. 11: 1-45). Nestes três casos a restauração foi imediata e completa.

Doze anos

Detalhe que só consigna Marcos.

espantaram-se grandemente

Literalmente, "assombraram-se imediatamente com grande assombro". Esta forma de expressar-se reflete um modismo hebreu (e aramaico) usado para intensificar o impacto de uma forma verbal. Aqui significa simplesmente: "assombraram-se 597(ou maravilharam) grandemente". A BJ traduz: "Ficaram fora de si, cheios de estupor".

43.

Mandou-lhes muito

Quer dizer, deu-lhes ordens estritas (cf. cap. 1: 43). Não é de tudo claro por que Jesus ordenou aos pais que se calassem. Entretanto, a ordem estava em harmonia com os repetidos esforços de Cristo, nesta etapa de seu ministério, por evitar a publicidade indevida (ver com. Mar. 1: 43-44; cf. Mat. 8: 4; 9: 30).

Lhe desse de comer

Uma compassiva amostra do atento cuidado manifestado pelo Jesus. Esta ordem também implica que a menina tinha estado sofrendo de uma enfermidade que esgotou seu vigor físico. Talvez não tinha podido comer durante vários dias.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

120 CS 568-569; DTG 304-309, 371

4 DTG 304

9 CS 568; DTG 304

15 DTG 305

18-20 DTG 306

19 DTG 309; MC 65

21-24 DTG 310

21-43 DTG 310-314

23 MC 38

26 DTG 311

29 MC 39

30-34 MeM 13; 5T 228

35 DTG 310

39 DTG 310, 492

41 DTG 311

CAPÍTULO 6

1Cristo é menosprezado por seus coterráneos. 7 Dá poder aos doze sobre os espíritos. 14 Diversas opiniões quanto a Cristo. 27 Juan o Batista é decapitado 29 e enterrado. 30 Os apóstolos retornem da predicación. 34 O milagre com os cinco pães e os dois peixes. 48 Cristo caminha sobre o mar, 53 e sã a todos quantos tocam seu manto.

1 SALIO Jesus dali e veio a sua terra, e lhe seguiam seus discípulos.

2 E chegado o dia de reposo,1 começou a ensinar na sinagoga; e muitos, lhe ouvindo, admiravam-se, e diziam: De onde tem este estas coisas? E o que sabedoria é esta que lhe é dada, e estes milagres que por suas mãos são feitos?

3 Não é este o carpinteiro, filho da María, irmão do Jacobo, do José, de Judas e do Simón? Não estão também aqui conosco suas irmãs? E se escandalizavam dele.

4 Mas Jesus lhes dizia: Não há profeta sem honra a não ser em sua própria terra, e entre seus parentes, e em sua casa.

5 E não pôde fazer ali nenhum milagre, salvo que sanou a uns poucos doentes, pondo sobre eles as mãos.

6 E estava assombrado da incredulidade deles. E percorria as aldeias de ao redor, ensinando.

7 Depois chamou os doze, e começou a enviar os de dois em dois; e lhes deu

autoridade sobre os espíritos imundos.

8 E lhes mandou que não levassem nada para o caminho, a não ser somente estribilho; nem alforja, nem pão, nem dinheiro no cinto,

9 mas sim calçassem sandálias, e não vestissem duas túnicas.

10 E lhes disse: Em qualquer lugar que entrem em uma casa, posem nela até que saiam daquele lugar.

11 E se em algum lugar não lhes receberam nem vos oyeren, saiam dali, e sacudam o pó que está debaixo de seus pés, para testemunho a eles. De certo digo-lhes que no dia do julgamento, será mais passível o castigo para os de Sodoma e Gomorra, que para aquela cidade.

12 E saindo, pregavam que os homens se arrependessem.

13 E jogavam fora muitos demônios, e ungiam com azeite a muitos doentes, e sanavam-nos.

14 Ouviu o rei Herodes a fama do Jesus, porque seu nome se feito notório; e disse: Juan o Batista ressuscitou de598 os mortos, e por isso atuam nele estes poderes.

15 Outros diziam: É Elías. E outros diziam: É um profeta, ou algum dos profetas.

16 Para ouvir isto Herodes, disse: Este é Juan, que eu decapitei, que há ressuscitado dos mortos.

17 Porque o mesmo Herodes tinha enviado e aceso ao Juan, e lhe havia encadeado no cárcere por causa do Herodías, mulher do Felipe seu irmão; pois tinha-a tomado por mulher.

18 Porque Juan dizia ao Herodes: Não te é lícito ter a mulher de seu irmão.

19 Mas Herodías lhe espreitava, e desejava lhe matar, e não podia;

20 porque Herodes temia ao Juan, sabendo que era varão justo e santo, e o guardava a salvo; e lhe ouvindo, ficava muito perplexo, mas lhe escutava de boa vontade.

21 Mas vindo um dia oportuno, em que Herodes, na festa de seu aniversário, dava um jantar a seus príncipes e tribunos e aos principais da Galilea,

22 entrando a filha do Herodías, dançou, e agradou ao Herodes e aos que estavam com ele à mesa; e o rei disse à moça: me peça o que queira e eu lhe o darei.

23 E lhe juro: Tudo o que me peça te darei, até a metade de meu reino.

24 Saindo ela, disse a sua mãe: O que pedirei? E lhe disse: A cabeça de Juan o Batista.

25 Então ela entrou prontamente ao rei, e pediu dizendo: Quero que agora mesmo me dê em um prato a cabeça do Juan o Batista.

26 E o rei se entristeceu muito; mas a causa do juramento, e dos que estavam com ele à mesa, não quis desprezá-la.

27 E em seguida o rei, enviando a um do guarda, mandou que fosse gasta a cabeça do Juan.

28 O guarda foi, decapitou-lhe no cárcere, e trouxe sua cabeça em um prato e a deu à moça, e a moça a deu a sua mãe.

29 Quando ouviram isto seus discípulos, vieram e tomaram seu corpo, e o puseram em um sepulcro.

30 Então os apóstolos se juntaram com o Jesus, e lhe contaram tudo o que faziam, e o que tinham ensinado.

31 O lhes disse: Venham vós à parte a um lugar deserto, e descansem um pouco. Porque eram muitos os que foram e vinham, de maneira que nem mesmo tinham tempo para comer.

32 E se foram sozinhos em uma barco a um lugar deserto.

33 Mas muitos os viram ir, e lhe reconheceram; e muitos foram lá a pé das cidades, e chegaram antes que eles, e se juntaram a ele.

34 E saiu Jesus e viu uma grande multidão, e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não tinham pastor; e começou a lhes ensinar muitas coisas.

35 Quando já era muito avançada a hora, seus discípulos se aproximaram dele, dizendo: O lugar é deserto, e a hora já muito avançada.

36 Despede-os para que vão aos campos e aldeias de ao redor, e comprem pão, pois não têm o que comer.

37 Respondendo ele, disse-lhes: lhes dêem vós de comer. Eles lhe disseram: Que vamos e compremos pão por duzentos denarios, e lhes demos de comer?

38 O lhes disse: Quantos pães têm? Vão e vejam. E ao sabê-lo, disseram: Cinco, e dois peixes.

39 E lhes mandou que fizessem recostar a todos por grupos sobre a erva verde.

40 E se recostaram por grupos, de cento em cento, e de cinqüenta em cinqüenta.

41 Então tomou os cinco pães e os dois peixes, e levantando os olhos ao céu, benzeu, e partiu os pães, e deu a seus discípulos para que os pusessem diante; e repartiu os dois peixes entre todos.

42 E comeram todos, e se saciaram.

43 E recolheram dos pedaços doze cestas enche, e do que sobrou dos peixes.

44 E os que comeram eram cinco mil homens.

45 Em seguida fez a seus discípulos entrar na barco e ir diante dele a Betsaida, na outra ribeira, enquanto isso que ele me despedia da multidão.

46 E depois que os teve despedido, foi ao monte a orar;

47 e ao vir a noite, a barco estava no meio do mar, e ele sozinho em terra.

48 E lhes vendo remar com grande fatiga, porque o vento lhes era contrário, perto da quarta vigília da noite veio a eles andando sobre o mar, e queria adiantar-se os

49 Lhe vendo eles andar sobre o mar, pensaram que era um fantasma, e gritaram;

50 porque todos lhe viam, e se turvaram. 599 mas em seguida falou com eles, e disse-lhes: Tenham ânimo; eu sou, não temam!

51 E subiu a eles na barco, e se acalmou o vento; e eles se assombraram em grande maneira, e se maravilhavam.

52 Porque ainda não tinham entendido o dos pães, por quanto estavam endurecidos seus corações.

53 Terminada a travessia, vieram a terra do Genesaret, e atracaram à borda.

54 E saindo eles da barco, em seguida a gente lhe conheceu.

55 E percorrendo toda a terra de ao redor, começaram a trazer de todas partes doentes em leitos, aonde ouviam que estava.

56 E em qualquer lugar que entrava, em aldeias, cidades ou campos, punham nas ruas aos que estavam doentes, e lhe rogavam que lhes deixasse tocar sequer o bordo de seu manto; e todos os que lhe tocavam ficavam sãs.

1.

Saiu

[Segundo rechaço no Nazaret, Mar. 6: 1-6 = Mat. 13: 54-58. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 210; diagrama P. 221.] Segundo o relato do Mateo, a segunda vez que Jesus foi rechaçado pela gente do Nazaret ocorreu depois do sermão junto ao mar, embora não se diz quanto tempo depois (ver Mat. 13: 53-54; cf. DTG 208). Mateo vincula estreitamente o segundo rechaço no Nazaret com a morte do Juan o Batista (cap. 13: 53 a 14: 12). Marcos o apresenta em relação com os sucessos da terceira viagem pela Galilea e com a morte do Juan o Batista (Mar. 6: 1-30; cf. DTG 326). A morte do Batista deve haver ocorrido pouco antes ou pouco depois do começo da viagem, pois foi a obra de as doze durante a terceira viagem pela Galilea o que induziu ao Herodes a pensar que Juan o Batista tinha ressuscitado (ver com. vers. 14). Por ende, é provável que esta visita final ao Nazaret (ver DTG 208) ocorresse a fins do 30 e começos do 31 d. C.

Sua terra

Quanto ao tempo provável da primeira visita do Jesus ao Nazaret durante o período de seu ministério na Galilea, ver a Nota Adicional do Luc. 4. É evidente que a única forma em que pode harmonizar o relato evangélico é sobre a base de duas visitas. Nem Mateo nem Marcos mencionam ao Nazaret por nome em relação com a segunda visita, mas não pode haver dúvida de que,

legitimamente, faz-se referência aqui ao Nazaret como a "terra" do Jesus em virtude de que se criou ali (Luc. 4: 16; cf. cap. 2: 51), que vivia ali quando empreendeu sua obra (Mar. 1: 9) e que ali estava o lar de seus pais (Luc. 2: 1-5). depois de sair do Nazaret para empreender seu ministério, Jesus não voltou ali de visita até que começou seu ministério na Galilea. O tempo que passou deve ter sido de 18 meses (ver com. Luc. 4: 16), possivelmente desde setembro do ano 27 d. C. até março ou abril do ano 29 d. C. (ver com. Mat. 4: 12). Em seu conjunto, o ministério na Galilea abrangeu desde março ou abril do 29 d. C. até a mesma época do 30 d. C. De modo que foi para o fim deste período quando se efetuou a segunda e última visita ao Nazaret (cf. DTG 208).

2.

O dia de repouso

Como na visita prévia (Luc. 4: 16).

Na sinagoga

Como na ocasião anterior (ver com. Luc. 4: 16). Nas pp. 57-59 se descreve a sinagoga judia e seus serviços.

admiravam-se

É óbvio que parecia incrível às pessoas do Nazaret que Aquele que tinha vivido entre eles pudesse ser o Filho de Deus.

Este

Expressão que com freqüência é depreciativa.

Que sabedoria é esta?

Ver com. ISA. 11: 2-3; 50: 4. Nem os dirigentes judeus nem o comum da gente do Nazaret parecem ter pensado em negar a inteligência, compreensão e sabedoria imensamente superiores do Jesus. Era algo muito evidente. Em realidade, era isso o que turvava às pessoas.

Estes milagres

Ver P. 198. A gente do Nazaret não podia negar os grandes milagres que fazia Jesus assim como tampouco podia negar sua sabedoria. Já fora que ensinasse ou obrasse milagres, estavam obrigados a admitir que "bem o tem feito tudo" (cap. 7: 37).

3.

O carpinteiro

Embora a evidência textual tende a confirmar o texto tal como se lê na RVR, vários MSS dizem, ao igual a Mat. 13: 55, "o filho do carpinteiro". Embora como uma expressão idiomática em hebreu e aramaico, as palavras "o filho do carpinteiro" poderiam ser tão somente uma circunlocução equivalente a "carpinteiro", nessa passagem pode aludir-se a que a gente pensava que Jesus era filho do José. Em todo caso, José tinha sido de oficio carpinteiro e, antes de que empreendesse seu ministério, Jesus também se ocupou desse ofício (cf. DTG 84). Estas é uma das poucas olhadas que temos no NT da vida. 600 de

Cristo entre sua visita ao templo quando era menino e seu batismo (ver com. Luc. 2: 51-52).

Filho da María

O fato de que aqui se faça referência ao Jesus como "filho da María" e não "filho do José", sugere que José tinha morrido (cf. DTG 84). A respeito do José como o "pai" do Jesus, ver com. Mat. 1: 21; Luc. 2: 33.

Irmão do Jacobo

A respeito dos irmãos do Jesus, ver com. Mat. 1: 18, 25; 12: 46. Muitos hão confundido a este Jacobo com o Jacobo o filho do Alfeo, geralmente devido aos confusos escritos dos pais da igreja ou às próprias conclusões de os comentadores, apoiadas no Gál. 1: 19 e 2: 9. A única menção segura deste Jacobo depois da conversão dos irmãos do Jesus (ver Hech. 1: 14; cf. Juan 7: 5) está no Gál. 1: 19, e possivelmente também no Jud. 1. Jacobo "o irmão do Senhor" não devesse ser confundido com o Jacobo o filho do Alfeo (ver com. Mar. 3: 18).

Judas

Possivelmente o autor da Epístola do Judas, porque é identificado como o "irmão" do Jacobo, o único personagem do NT de nome Judas do qual uma identificação tal é segura (ver Jud. 1; com. Mar. 3: 18).

Suas irmãs

O plural indica que, ao menos, eram dois, e sugere a possibilidade de que fossem mais.

escandalizavam-se

Do verbo grego skandalízÇ Aqui equivale a sábado (N. da RVR) Aqui equivale a sábado (N. da RVR)., "tropeçavam" (ver com. Mat. 5: 29).

4.

Profeta

Ver com. Gén. 20: 7; Deut. 18: 15.

Sem honra

A declaração de Cristo parece ter sido um bem conhecido provérbio. Se os próprios irmãos do Jesus não acreditavam que ele era o Mesías (Juan 7: 5), como poderia esperar-se que acreditassem seus vizinhos?

Sua própria terra

A gente do Nazaret conhecia o Jesus (ver com. Luc. 2: 52). Toda sua relação diária com eles atestava da perfeição do caráter do Jesus, e isso os havia ressentido porque a comparação lhes resultava desvantajosa. Não viam nada no caráter exemplar do Jesus que os atraíra em especial, nada que apreciassem ou considerassem de valor para alcançar os propósitos para os quais eles viviam.

Seus parentes

Até um ano depois, seus irmãos não tinham chegado a acreditar nele (ver com. Juan 7: 5), embora se converteram depois de sua morte e ressurreição (ver com. Hech. 1: 14).

5.

Nenhum milagre

Jesus não foi impedido porque lhe faltasse poder, mas sim pela falta de fé da gente (Mat. 13: 58).

Uns poucos doentes

Sem dúvida, sanados de enfermidades leves. Mas não houve milagres notáveis tais como os que Jesus tinha realizado em outras partes.

6.

Estava assombrado

Uns poucos meses antes disto, Jesus se tinha maravilhado da fé do centurião (Mat. 8: 10).

Percorria

Possivelmente enquanto os doze estavam percorrendo os povos e as aldeias de Galilea. Marcos registra as atividades evangélicas pessoais do Jesus antes de mencionar as dos doze (vers. 7), ao passo que Mateo segue a ordem inverso (Mat. 11: 1).

7.

Chamou os doze

[Terceira viagem pela Galilea, Mar. 6: 7-13 = Mau. 9: 36 a 11: 1 = Luc. 9: 1-6. Comentário principal: Mateo.] No que corresponde à chamada original e eleição dos doze, ver com. cap. 3: 13-19.

Desde dois em dois

Ver com. cap. 3: 14.

Autoridade

Ver com. Mar. 2: 10; Luc. 1: 35.

8.

Cinto

"Bandagem" (BJ). Ver com. Mat. 10: 9.

9.

Túnicas

Possivelmente "camisas" (ver com. Mat. 10: 10).

11.

De certo

Ver com. Mat. 5: 18. A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão do resto do vers. 11.

12.

Os homens se arrependessem

A mesma mensagem tinham pregado tanto Juan (Mat. 3: 2) como Jesus (Mar. 1: 15). Os doze deviam oferecer cura tanto da alma como do corpo.

13.

Ungiam com azeite

Era comum que se usasse azeite de oliva como medicina na Palestina antiga (cf. Luc. 10: 34), o qual se empregava tão interna como externamente. O uso literal de azeite como medicina pode ter sido a base para seu uso simbólico aqui e depois na igreja cristã. O unção com azeite como um ato de fé só se menciona aqui e no Sant. 5: 14.

14.

Ouviu... a fama

[Martírio do Juan o Batista, Mar. 6: 14-29 = Mat. 14: 1-2, 6-12 = Luc. 9: 7-9. Comentário principal: Marcos. Ver diagrama P. 221.] É indubitável que as amplas atividades dos doze durante o curso da terceira viagem pela Galilea, foram suficientes para que muitos emprestassem atenção ao Jesus e a sua obra, e para que despertasse o temor do Herodes de que Jesus fora Juan, ressuscitado dos mortos. Não cabe dúvida de que os informe que chegavam de todas partes a Herodes, revelavam uma rápida divulgação do Evangelho. Embora é certo que no passado pode ter parecido às autoridades que Jesus não era mais que um pregador 601 itinerante e isolado, acompanhado por um diminuto grupo de seguidores, agora resultava evidente que representava a um movimento muito maior. Herodes não podia menos que desejar escutá-lo.

O rei Herodes.

Mateo menciona ao Herodes Antipas, filho do Herodes o Grande e governante de Galilea e Perea, imposto pela autoridade de Roma (ver com. Mat. 2: 22; Luc. 3: 1). Tanto Mateo (cap. 14: 1) como Lucas se referem ao Herodes Antipas por seu título oficial de "tetrarca" (ver com. Luc. 3: 1). Só era "rei" por haver sido renomado por Roma, e esse título lhe permitia unicamente como uma cortesia. Governou sobre seu território da morte de seu pai, Herodes o Grande, no ano 4 A. C., até 39 d. C. Sua mãe era Maltace, mulher samaritana que também era mãe do Arquelao (ver com. Mat. 2: 22). É possível que o rei Herodes residisse oficialmente no Tiberias, cidade que construiu em a borda sudoeste do mar da Galilea, e a que deu o nome em comemoração ao César que então governava, Tiberio. Ver P. 65; diagrama pp. 40, 224.

Juan o Batista ressuscitou.

A superstição, junto com uma consciência culpado, parece que levaram a Herodes a essa conclusão.

Poderes.

Ver P. 198. Juan não tinha efetuado milagres (Juan 10:41).

15.

Outros diziam.

Ver Mar. 8: 27-28; Luc. 9: 19.

Elías.

A respeito das profecias do AT referentes à volta do Elías, ver com. ISA. 40: 35; Mau. 3: 1; 4: 5-6.

Um profeta.

Segundo os rumores, acreditava-se que Jesus era um dos antigos profetas que tinha ressuscitado, ou era semelhante a um deles. Apesar de que Juan não realizou milagres (Juan 10: 41), até os dirigentes de Jerusalém, por não dizer nada do povo em geral (Mat. 14: 5; 21: 26), tinham acariciado a idéia de que poderia ser profeta (ver com. Juan 1: 19-27).

16.

É Juan.

Ver com. vers. 14.

17.

Tinha-lhe encadeado no cárcere.

Ver com. Luc. 3: 19-20. Possivelmente Juan esteve detento na fortaleza do Machaeros (ver com. Luc. 3: 20) desde antes da páscoa de 29 d. C. (ver Nota Adicional do Luc. 4) até o inverno seguinte, um pouco menos de um ano.

Do Herodías.

Ver com. Luc. 3: 19. Originalmente casada com o Felipe (ver o parágrafo seguinte), divorciou-se dele, prefiriendo ao Herodes Antipas. Por sua parte, Herodes se tinha divorciado da filha do Aretas, rei da Arábia. Por ende, os cônjuges legítimos do Herodes e Herodías viviam. Por haver-se divorciado Herodes de sua esposa anterior, Aretas -pai dela- fez guerra contra Herodes e o derrotou. Essa derrota foi considerada pelos judeus como um castigo divino para o Herodes, devido a sua injustificável união com o Herodías (Josefo, Antiguidades xVIII. 5. 1. 2).

Mulher do Felipe seu irmão.

Não Felipe o tetrarca (ver com. Luc. 3: 1, 19), a não ser outro filho do Herodes o

Grande, tido com a Mariamna II. Herodes Antipas era filho do Herodes o Grande e do Maltace, e portanto, meio irmão deste Felipe. Herodías era neta do Herodes o Grande, tendo nascido da Mariamna I, outra esposa do Herodes o Grande. Anteriormente, Herodías se tinha casado com o Felipe, meio irmão de seu pai, e depois chegou a ser cônjuge do Antipas, também meio tio dela. Ver diagrama P. 40.

18.

Juan dizia.

Sem dúvida, Herodes pessoalmente tinha escutado a predicación do Juan, e por um tempo parecia que cederia ante o convite ao arrependimento (vers. 20; DTG 185).

Não te é lícito.

A lei do Moisés proibia estritamente uma união tal como a do Herodes e Herodías (Lev. 18:16; 20:21), e, segundo Josefo, os Judeus condenavam completamente este concubinato (Antiguidades xVIII. 5. 4).

19.

Espreitava-lhe.

A tradução da BJ é mais literal: "aborrecia-lhe". Ou também "guardava-lhe rancor". Herodías odiava ao Juan e aguardava o momento oportuno para matá-lo. Conhecendo a influência que Juan tinha exercido sobre o Herodes Antipas (ver com. vers. 20), Herodías possivelmente temia que o tetrarca se divorciasse dela, como o tinha aconselhado Juan (cf. DTG 185).

20.

Varão justo.

Juan era como seus pais, dos quais se diz que "ambos eram justos diante de Deus" (ver com. Luc. 1: 6).

Guardava-lhe a salvo.

Herodes impedia que Herodías levasse a cabo seu propósito de fazer morrer ao profeta (vers. 19). Propunha-se liberá-lo quando o estimasse conveniente (DTG 191-192).

Escutava-lhe de boa vontade.

A mensagem do Juan tinha o selo divino, e a não ser pela influência de Herodías, Herodes poderia haver-se declarado abertamente em favor do Juan.

21.

Um dia oportuno.

Quer dizer, "uma ocasião 602 favorável" para que a vingativa Herodías torcesse as intenções do Herodes de proteger ao Juan e finalmente liberá-lo (ver com. vers. 20). Sem dúvida os planos do Herodías estavam bem tramados.

Dava um jantar.

Ou, "deu um banquete" (BJ). Possivelmente no palácio da fortaleza do Machaeros (ver com. vers. 17, 27).

Príncipes.

Sem dúvida se tratava dos funcionários elevados do governo civil.

Tribunos.

Gr. jilíarjos, "comandante de mil", quer dizer os "oficiais" do exército de Herodes. além dos chefes civis e militares, evidentemente Herodes convidou a outros personagens destacados da vida social e comercial, "os principais da Galilea".

22.

Filha.

trata-se do Salomé, filha do Herodías e um primeiro marido (ver com. vers. 17).

Do Herodías.

Melhor, "da mesma Herodías" (BJ). O que Marcos aqui destaca é o fato de que Herodías enviou a sua própria filha para que dançasse, e não a uma bailarina profissional. Até de acordo com as normas da corte do Herodes, nenhuma jovem digna tivesse interpretado uma dança voluptuosa como essa. Em todo sentido esse ato ia além dos limites da decência. Salomé não era nada mais que um instrumento no plano de sua mãe para terminar com o Juan

Dançou.

Era acertado o cálculo do Herodías de que a sedutora beleza do Salomé fascinaria ao Herodes e a suas hóspedes.

Os que estavam com ele.

Quer dizer, seus convidados (ver com. vers. 21).

23.

Jurou-lhe.

O enfático juramento do Herodes foi expresso em presença de todos seus convidados. É evidente que estava completamente fora de si ante o insólito honra de que uma princesa real dançasse para agradá-lo a ele e seus convidados. Salomé descendia, pelo Herodías e Mariamna I (ver com. vers. 17; P. 65), da casa real dos asmoneos, linhagem ilustre de sacerdotes e príncipes judeus.

Metade de meu reino.

Esta expressão, extremamente hiperbólico, representava o máximo da generosidade (Est. 5: 3; 7: 2).

24.

Saindo ela.

É indubitável que a afirmação de que Salomé foi "instruída [literalmente, "instigada", BJ] primeiro por sua mãe" (Mat. 14:8), significa antes de que pedisse e não antes de que dançasse. Salomé não sabia nada do sinistro propósito de sua mãe enquanto dançava ante o Herodes e seus convidados. Simplesmente se converteu em um instrumento em mãos de sua sanguinária mãe.

O que pedirei?

Mas bem, "o que pedirei para mim?" Esta pergunta tivesse sido desnecessária se Salomé tivesse sabido de antemão o que ia pedir. Em realidade, nem sequer tivesse necessitado retirar-se da presença do rei.

25.

Prontamente.

Insistida pelo Herodías, Salomé não perdeu tempo em apresentar o fatídico pedido a Herodes, não fora que, até em sua estado de embriaguez, refletisse em seu vangloriosa promessa e trocasse de parecer. A insistência do Herodías em uma ação imediata poderia implicar que Herodes tendia a vacilar ou que se sabia que sua admiração pelo Juan era grande, ou ambas as coisas.

Prato.

Quer dizer, "uma bandeja" (BJ).

26.

entristeceu-se muito.

Até estando embriagado, Herodes sentiu profundamente sua responsabilidade pessoal para com o Juan (ver com. vers. 20). Mas Herodías o tinha apanhado em um momento de debilidade devida a sua embriaguez, e se sentiu impotente para proceder em harmonia com o que sabia que era o correto. Se não tivesse sido pelo vinho, talvez Herodes tivesse recusado dar a ordem de execução. Ver com. Mat. 4: 3.

Dos que estavam.

A natureza pública de seu juramento (ver com. vers. 23), pronunciado ante seus convidados de honra (ver com. vers. 21), fez-lhe parecer com o Herodes que era impossível quebrantá-lo.

Desprezá-la.

Quer dizer, rechaçar ou negar seu pedido.

27.

Em seguida.

Segundo Josefo (Antiguidades xVIII. 5. 2), Juan foi encarcerado na fortaleza do Machaeros (ver com. Luc. 3: 19-20). A rapidez com que Juan foi decapitado demonstra que o festejo do aniversário se celebrava em algum lugar próximo a a câmara da prisão.

28.

Decapitou-lhe.

Herodes temia ao Juan (vers. 20), temia ao povo (Mat. 14: 5), temia a Herodías. Era escravo de seus temores, embora esses temores fossem contraditórios. Supersticiosamente, Herodes temia ao Juan quando esteve morto tanto como o tinha temido quando estava vivo (Mar. 6: 14, 16, 20).

Deu-a a sua mãe.

Para o Salomé não significava nada o espantoso obséquio. Mas talvez nenhuma coisa pudesse ter sido mais satisfatória para sua sanguinária mãe. Uns nove anos mais tarde, em 39 d. C., Herodes Antipas e Herodías foram desterrados por aspirar à dignidade real (Josefo, Antiguidades xviii.7; Guerra iI. 9. 6).603

29.

Ouviram isto seus discípulos.

Evidentemente, não estavam com ele na fortaleza, embora possivelmente se achavam tão perto para poder vê-lo de quando em quando e lhe ajudar quando se apresentava a oportunidade. Posteriormente, os discípulos do Juan foram ver o Jesus com o relatório do que tinha acontecido (Mat. 14: 12), possivelmente pouco antes ou durante o curso da terceira viagem pela Galilea (ver com. Mar. 6: 1).

30.

Apóstolos.

[Alimentação dos cinco mil, Mar. 6: 30-44 = Mat. 14: 13-21 = Luc. 9: 10-17 = Juan 6: 1-14. Comentário principal: Marcos e Juan. Ver mapa P. 210, diagrama P. 221; a respeito dos milagres, pp. 198-203.] Esta é a única vez em que Marcos usa a palavra "apóstolos" (ver com. Mat. 10: 2; Mar. 3: 14). Possivelmente tanto Marcos como Lucas (cap. 9: 10), mediante o uso da palavra "apóstolos", quiseram destacar, neste ponto do relato, a nova responsabilidade deles em virtude de ser enviados para ensinar e sanar por seu própria conta.

juntaram-se.

Quer dizer, quando voltaram da terceira viagem pela Galilea (ver com. Mat. 9: 36). Possivelmente tinham estado separados durante várias semanas no inverno (dezembro do 29 a março do 30 d. C.), e agora começava a primavera do ano 30, não muito antes da páscoa (Juan 6: 4; cf. DTG 332, 352). Não cabe dúvida de que esta reunião se realizou em um tempo e em um lugar convindos de antemão.

Contaram-lhe tudo.

Jesus tinha enviado aos doze de dois em dois para que pudessem ter uma oportunidade de aplicar os princípios que tinham observado previamente no ministério de seu Professor. Agora apresentaram um relatório completo do que havia acontecido durante o curso do percurso deles.

31.

Venham vós à parte.

De um modo especial, os doze necessitavam descanso e instrução. E inclusive Jesus sentia a necessidade de uma trégua, longe das multidões que o seguiam por onde quer ele ia, apressando-o desde cedo pela manhã até tarde por a noite. O retiro dos discípulos com o Jesus às proximidades da Betsaida e a milagrosa alimentação dos 5.000 são os únicos feitos da vida de Jesus, entre o batismo e a entrada triunfal, que são registrados pelos quatro escritores dos Evangelhos.

Um lugar deserto.

Quer dizer, um lugar solitário, isolado ou remoto (ver com. Mat. 3: 1; Luc. 1: 80). O sítio eleito para este retiro, afastado dos buliçosos caminhos de Galilea, estava nas proximidades da Betsaida (Luc. 9: 10), no extremo nordeste do lago da Galilea, ao leste da desembocadura do Jordão no lago e, portanto, dentro do território do Herodes Felipe (ver com. Mat. 11: 21). um pouco ao leste da Betsaida está a planície do Batiha, o sítio tradicional da alimentação das 5.000 pessoas.

Descansem um pouco.

Qualquer seja a ocupação de uma pessoa, uma mudança ocasional não só proporciona repouso mas sim reparte novo vigor.

Nem mesmo tinham tempo para comer.

Como tinha sido o caso vários meses antes (cap. 3: 20).

32.

foram-se sozinhos.

Fizeram o melhor que puderam para sair inadvertidos do Capernaúm.

Um lugar deserto.

Ver com. vers. 31.

33.

Muitos os viram.

Apesar de suas precauções, alguns advertiram sua partida e observaram a direção em que se foram para cruzar o lago.

Foram lá a pé.

A distância desde o Capernaúm até a planície conhecida como O Batiha, a curta distancia ao leste da Betsaida (ver com. vers. 31), não seria mais de 7 km. A rota direta, cruzando o lago, seria menos de 5 km.

34.

Saiu Jesus.

Embora os que tinham vindo a pé conheciam o lugar aproximado onde atracaria

a barco na borda, evidentemente não conheciam o ponto exato. Por um período de tempo Jesus esteve sozinho com seus discípulos na ladeira (ver Juan 6: 3; cf vers. 5). juntos falaram dos problemas encontrados em seu itinerário pelos povos e as aldeias da Galilea, e Jesus lhes deu os conselhos necessários para corrigir enganos do passado e a fim de prepará-los para um ministério mais efetivo nos dias vindouros (DTG 328, 332).

Teve compaixão.

Voluntariamente, Jesus deixou o sítio isolado na ladeira onde ele e seus discípulos tinham acontecido algum tempo juntos, e bondosamente deu a bem-vinda às pessoas (cf. Luc. 9: 11).

35.

Muito avançada hora.

Lucas diz que "o dia começava a declinar" (cap. 9: 12). Isto seria aproximadamente entre as 3 da tarde e pôr-do-sol. O relato implica que Jesus, seus discípulos e a gente não tinham comido nem descansado durante todo o dia.

O lugar é deserto.

Ver com. vers. 31.

36.

Despede-os.

Os discípulos não podiam encontrar solução para o problema a não ser despedindo 604 às pessoas. Mas a "compaixão" do Jesus (vers. 34) tinha em conta tanto o bem-estar físico da multidão como o espiritual.

Pão.

Quer dizer, alimento em geral, qualquer comestível, literalmente, algo "de comer" (BJ).

Não têm o que comer.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão destas palavras. Sem embargo, estão claramente implícitas no contexto.

37.

lhes dêem vós de comer.

Nesta passagem, o pronome "vós" é enfático em grego, como se Jesus houvesse-lhes dito: "Vós mesmos lhes dêem de comer". Cada ordem de Deus implica o poder necessário para cumpri-la. De um ponto de vista humano, era absurdo pensar em encontrar alimento em algum lugar próximo, antes de que caísse a noite, para satisfazer as necessidades de semelhante multidão. Este pedido do Jesus aos discípulos parecia tão insensato como sua ordem anterior de que fossem pescar nas claras águas do lago sendo de dia (ver com. Luc. 5: 5). Esse caso anterior bem poderia ter ido a sua mente se houvessem refletido na lição que Jesus então quis que aprendessem. Deus está acostumado a

obrar mediante seres humanos para que sejam supridas as necessidades físicas e espirituais de seus próximos. Este princípio é fundamental para a comissão evangélica.

Duzentos denarios.

Quer dizer, 200 denarii romanos (ver P. 51). Até nos tempos modernos, o salário de um jornaleiro durante 200 dias dificilmente alcançaria para comprar suficiente comida para semelhante multidão.

38.

Quantos pães?

Já Jesus tinha falado ao Felipe sobre o problema de proporcionar alimento a a multidão (Juan 6: 5-6; cf. cap. 1: 43). Ao igual a Pedro e Andrés, Felipe era natural da Betsaida, e posto que essa cidade estava a curta distância de onde aconteceram os acontecimentos deste dia memorável, era lógico que Felipe soubesse, melhor que os outros, onde conseguir alimento. Era sincero, mas lento para acreditar, como se manifestou mais de uma vez em seu trato com Cristo como discípulo (ver Juan 14: 8-12; cf. DTG 259). Sem dúvida, para lhe dar ao Felipe uma oportunidade de robustecer sua fé, Cristo dirigiu a ele esta pergunta (ver com. Juan 6: 5-6). Foi o mesmo Felipe quem afirmou que com 200 denarii romanos não compraria uma quantidade de alimento suficiente (Juan 6: 7). Mas foi Andrés, de uma mentalidade possivelmente mais prática, quem indubitavelmente aceitou a ordem de Cristo, e ficou em ação para procurar o alimento que pudesse encontrar (Juan 6: 8-9). Há um notável contraste entre a vacilação do Felipe e a boa disposição do Andrés para avançar por fé.

Vão e vejam.

Jesus "sabia o que tinha que fazer" (Juan 6: 6) do mesmo princípio. Mas, ao igual a quando enviou aos doze, fez que os mesmos discípulos analisassem o problema que confrontavam e lhe encontrassem solução.

Disseram.

Foi Andrés o que descobriu o singelo lanche que um moço havia trazido para si mesmo, e transmitiu o relatório ao Jesus (Juan 6: 8-9).

Cinco, e dois peixes.

Os cinco "pães" eram feitos de farinha de cevada (Juan 6: 9) e talvez eram redondos e chatos. A cevada era muito menos cara que o trigo, e era o principal alimento dos pobres. Os peixes possivelmente estavam secos e preparados para comer, como acontecia com freqüência no Meio Oriente, e como também acontece hoje em dia. Serviam como uma espécie de condimento para comer o pão.

39.

Recostar.

A tradução da RVR corresponde exatamente com o verbo grego aqui empregado, anaklínÇ, "deitar-se", "reclinar-se". Esta era a postura acostumada na mesa, ao menos pela gente das classes superiores (ver com. cap. 2: 15).

Por grupos.

O fato de que Cristo fizesse que a gente se recostasse por grupos poderia implicar que lhes pediu que se acomodassem de um modo muito parecido ao que tivessem adotado se tivessem estado em volto de uma mesa em seus respectivos lares, com uma abertura em forma de círculo para permitir que entrassem os discípulos e servissem a cada grupo, de uma maneira parecida com como o houvesse feito um servente em uma casa.

Verde.

Só Marcos menciona este detalhe. devido a que a chuva era extremamente escassa na Palestina desde maio até setembro (ver T. II, P. 113), o pasto só estava verde no inverno ou primavera. Somente faltavam uns poucos dias para a páscoa do ano 30 d. C., e portanto a erva estava em seu melhor estado (Juan 6: 4). Dessa maneira, o relato do Marcos é complementado pelo do Juan (ver Nota Adicional do Mat. 15).

40.

Por grupos.

O vers. 39 se refere particularmente à organização de cada "grupo" individual, ao passo que aqui se faz referência 605 à localização bem ordenada de cada grupo em relação com os outros. Havia ordem tanto na colocação das pessoas dentro de cada grupo, como na disposição dos grupos mesmos.

Desde cento... e de cinqüenta.

Talvez era necessária a disposição ordenada de uma multidão tão grande a fim de que todos pudessem presenciar o milagre, para que apreciassem melhor seu significado, e para que o "pão do céu" que estavam por receber pudesse chegar facilmente até todos.

41.

Benzeu.

Gr. eulogéÇ, "elogiar" ou "invocar bênções". Juan usa o verbo eujaristéÇ, "estar agradecido", "dar obrigado" (cap. 6: 11). Parece que havia algo característico na forma em que Cristo dava obrigado (Mat. 15: 36; 26: 26), algo do qual sem dúvida os discípulos eram testemunhas diariamente enquanto acompanhavam ao Professor. No Emaús, os discípulos "tinham-lhe reconhecido ao partir o pão" (Luc. 24: 35). Notar também que em cada caso Jesus tomou o pão em suas mãos antes de dar obrigado por ele. Mas a parte essencial da "bênção" consistia no reconhecimento de que o alimento é uma dádiva de Deus, e em lhe dar obrigado por ele.

Partiu.

Ou "partiu-o em pedaços".

Pães.

Ver com. vers. 38.

Deu.

Melhor "ia dando" (BJ). Este contexto sugere que o milagre ocorria enquanto o pão estava nas mãos do Jesus, entre o ato de parti-lo e o ato de distribui-lo aos discípulos. Jesus nunca realizou um milagre a não ser que fora para responder a uma necessidade genuína (ver P. 199). Enquanto houve necessidade, o alimento continuou multiplicando-se em suas mãos (cf. 1 Rei 17: 16; 2 Rei 4: 4-6).

Pusessem diante.

Expressão comum para indicar que se serve uma comida. Cada um dos doze levou os pães do milagre em sua própria cesta (ver com. vers. 43) e serve a uma quantidade de pessoas dispostas "por grupos" sobre a erva (ver com. vers. 40). Os discípulos voltavam para Cristo com as cestas vazias em busca de mais pão, e cada vez voltavam para continuar distribuindo os pães e os peixes. O acerto ordenado dos grupos, o serviço dos discípulos e a interminável provisão de pães e peixes proporcionou, dentro de um curto lapso, a homens, mulheres e meninos tudo o que podiam comer e ainda mais.

Dois peixes.

Ver com. vers. 38.

42.

Comeram todos.

Entre os judeus, os gozos do reino messiânico eram descritos com freqüência com a figura de um banquete (ver com. Luc. 13: 29; 14: 15), e é concebível que quando a grande multidão comia o alimento, milagrosamente proporcionado para ela, alguns voltaram seus pensamentos às perspectivas messiânicas. Em o mesmo dia em que comeram os pães e os peixes, essas pessoas já haviam chegado à conclusão de que Jesus era "o profeta" (ver com. Juan 6: 14; cf. Deut. 18: 15; Mat. 11: 3; Juan 4: 25) que tinha que vir ao mundo. O inegável milagre os levou a conclusão inevitável de que Jesus devia ser Aquele predito por todos os profetas (Luc. 24: 27; Juan 1: 45), o vindouro Rei de Israel (ver ISA. 9: 6-7; com. Luc. 1: 32-33). Nesse mesmo momento trataram de coroá-lo como rei (Juan 6: 15). que podia ressuscitar mortos, curar doentes e proporcionar alimento para as multidões, naturalmente poderia liberar a Israel do jugo de Roma. Sob sua liderança, seriam invencíveis os exércitos de Israel, e se realizariam as mais acariciadas esperanças dos que esperavam um Mesías político (ver com. Mat. 3: 2; 4: 17; 5: 2; Luc. 4: 19).

A alimentação dos 5.000 foi o milagre cúpula do ministério na Galilea, milagre presenciado por uma vasta multidão, e que não pôde ser explicado pelos céticos dos dias de Cristo e tampouco pode sê-lo pelos de nossos dias. como resultado deste milagre, o ministério na Galilea chegou súbitamente a um pináculo (ver com. Luc. 2: 49). Comparar com a cura do homem do lago da Betesda um ano antes (ver com. Juan 5), que provocou a terminação do primeiro ministério na Judea.

saciaram-se.

O pão multiplicado milagrosamente foi distribuído a cada pessoa da vasta multidão, não em quantidades diminutas, a não ser o bastante para satisfazer o apetite. Essa abundância atestava do poder ilimitado do Jesus. Só terminou

a provisão quando estiveram plenamente satisfeitas as necessidades de todos. Jesus atendia tão solícitamente as necessidades físicas dos que iam a ele como suas necessidades espirituais. Mas a provisão feita para satisfazer as necessidades físicas tinha o propósito de que os homens se lembrassem de seus necessidades espirituais, imensamente mais importantes, e do pão da vida como o meio para satisfazer essas necessidades (Juan 6: 26-51).

A classe de alimento proporcionado era a singela comida de pescadores e camponeses, e atestava em contra do esbanjamento. A forma 606 em que foi proporcionado atestava do poder de Deus que cobre as necessidades de todos os homens. A abundância atestava dos infinitos recursos de Deus e de sua capacidade para nos proporcionar "mais abundantemente do que pedimos ou entendemos" (F. 3: 20). A coleta dos fragmentos atestava que nenhuma das bênções de Deus deve ser esbanjada. A participação dos discípulos na distribuição do alimento atestava que as bênções do céu estão ao alcance dos homens mediante a ação dos que estão dispostos a cooperar com o Onipotente. Os discípulos eram tão somente canais de bênção; deviam receber antes de poder dar.

O fato de que a alimentação dos 5.000 seja o único milagre registrado pelos quatro evangelistas, destaca-o como de um significado único. Se se quer comparar este milagre com a alimentação dos 4.000, ver a Nota Adicional do Mat. 15.

43.

Cestas.

Gr. kófinos, palavra que geralmente designava uma cesta pequena, de vime, como as que levavam os Judeus quando viajavam por regiões onde não era fácil obter comida, e especialmente para evitar comprar alimento dos gentis (ver com. vers. 41). A classe de cesta a que se faz referência no cap. 8: 8 (Gr spurís) era uma cesta grande de vime que se usava para levar diversas classes de cargas, tais como provisões para um grupo de pessoas, um jogo de ferramentas de um operário, etc. Ao Pablo o desceu por o muro de Damasco em uma spurís. Mais tarde, Jesus distingue cuidadosamente (em grego) entre a classe de cestas (Gr. kófinos) usadas na oportunidade da alimentação dos 5.000 (Mat. 16: 9; Mar. 8: 19) e a classe de cestas (Gr. spurís) usadas quando foram alimentados os 4.000 (Mat. 16: 10; Mar. 8: 20). (A BJ distingue estes vocábulos traduzindo kófinos como "cestas" e spurís como "cestas".)

Pedaços.

Gr. klásma (da mesma raiz como o verbo que se traduz "partir"), "fragmento" ou "parte". O contexto esclarece que esses "pedaços" não eram sobras parcialmente comidas, a não ser porções deixadas originalmente com cada grupo por os discípulos mas que excederam das necessidades do grupo (ver com. vers. 41), e portanto não se usaram. chamam-se "pedaços" no sentido de que foram "partidos" dos cinco pães originais (ver com. vers. 41).

44.

Homens.

Gr. anér, "varão adulto", e não ánthrÇpos, "homem", que pode usar-se em sentido genérico para referir-se a toda a humanidade (ver com. cap. 2:27). É, pois,

claro que havia 5.000 homens pressente "sem contar as mulheres e os meninos" (Mat. 14: 21). Um cálculo moderado estimaria que houve presente pelo menos um número igual de mulheres e meninos, o que elevaria o total a mais de 10.000 pessoas.

45.

Em seguida.

[Jesus caminha sobre o lago, Mar. 6: 45-56 = Mat. 14: 22-36 = Juan 6: 15- 24. Comentário principal: Mateo e Juan.]

46.

Depois que os teve despedido.

Ou, "depois de despedir-se deles" (BJ). A expressão grega se empregava para uma despedida cortês.

47.

Ao vir a noite.

Ver com. Mat. 14:23.

51.

assombraram-se em grande maneira.

É vívida a tradução da BJ: "Ficaram em seu interior completamente estupefatos".

52.

Não tinham entendido.

Sua atenção não se enfocava no milagre de que acabavam de ser testemunhas, a não ser na decepção deles porque Jesus não tinha permitido que o coroassem como rei (ver com. vers. 42).

Endurecidos.

Ver com. Exo. 4: 21. Os corações dos discípulos estavam "endurecidos" em o sentido de que não compreendiam o significado do milagre dos pães e os peixes.

55.

Leitos.

Ver com. cap. 2:4.

56.

Em qualquer lugar que entrava.

Esta declaração parece implicar que tinha transcorrido certo lapso, e é um

breve resumo de episódios das semanas precedentes, ou do que aconteceu durante vários dias ou semanas depois da alimentação dos 5.000. A alimentação dos 5.000 ocorreu pouco antes da páscoa (ver Juan 6: 4; cf. DTG 332, 352). portanto, resulta evidente que o mais provável é que este passagem se refira ao ministério do Jesus entre o tempo da alimentação de os 5.000 e sua partida para a Sirofenicia.

Ruas.

Literalmente, "lugares de mercado" que estavam nas ruas dos povos e as aldeias (ver com. Mat. 11:16).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

7 DTG 316; Ev 57

7-11 DTG 315-325 607

16 DTG 676

17-18 SR 197

17-28 DTG 185-197

20 DTG 185

23-26 DTG 193

25-26 Lhe 46

30-31 DTG 326

31 DTG 329-330; MC 35-36; MeM 137; MM 287; OE 258, 261, 443; SC 308; 7T 244; TM 31

32-44 DTG 332-339

34 DTG 332

35-36 DTG 333

45-52 DTG 340-346

46 MC 36

55 DTG 347

CAPÍTULO 7

1 Os fariseus condenam aos discípulos do Jesus porque comem sem lavá-las mãos; 8 sem, embargo, invalidam o mandamento de Deus por causa de seu tradição. 14 O alimento não polui ao homem. 24 Cristo expulsa a um espírito imundo da filha de uma mulher sirofenicia. 31 Padre a um surdo e gago.

1 SE JUNTARAM ao Jesus os fariseus, e alguns dos escribas, que haviam vindo de Jerusalém;

2 os quais, vendo alguns dos discípulos do Jesus comer pão com mãos imundas, isto é, não lavadas, condenavam-nos.

3 Porque os fariseus e todos os Judeus, aferrando-se à tradição dos anciões, se muitas vezes não se lavarem as mãos, não comem.

4 E voltando da praça, se não se lavarem, não comem. E outras muitas coisas há que tomaram para guardar, como os lavamientos dos copos de beber, e dos jarros, e dos utensílios de metal, e dos leitos.

5 Lhe perguntaram, pois, os fariseus e os escribas: por que seus discípulos não andam conforme à tradição dos anciões, mas sim comem pão com mãos imundas?

6 Respondendo ele, disse-lhes: Hipócritas, bem profetizou de vós Isaías, como está escrito:

Este povo de lábios me honra,

Mas seu coração está longe de mim.

7 Pois em vão me honram, Ensinando como doutrinas mandamentos de homens.

8 Porque deixando o mandamento de Deus, aferram-lhes à tradição dos homens: os lavamientos dos jarros e dos copos de beber; e fazem outras muitas coisas semelhantes.

9 Lhes dizia também: Bem invalidam o mandamento de Deus para guardar sua tradição.

10 Porque Moisés disse: Honra a seu pai e a sua mãe; e: que amaldiçoe ao pai ou à mãe, mora irremisiblemente.

11 Perovosotrosdecís: Basta que diga um homem ao pai ou à mãe: É Corbán (que quer dizer, minha oferenda a Deus) todo aquilo com que pudesse te ajudar,

12 e não lhe deixam fazer mais por seu pai ou por sua mãe,

13 invalidando a palavra de Deus com sua tradição que transmitistes. E muitas coisas fazem semelhantes a estas.

14 E chamando a si a toda a multidão, disse-lhes: me ouçam todos, e entendam:

15 Nada há fora do homem que entre nele, que lhe possa poluir; mas o que sai dele, isso é o que polui ao homem.

16 Se algum tem ouvidos para ouvir, ouça.

17 Quando se afastou da multidão e entrou em casa, perguntaram-lhe seus discípulos sobre a parábola.

18 O lhes disse: Também vós estão assim sem entendimento? Não entendem que tudo o de fora que entra no homem, não lhe pode poluir,

19 porque não entra em seu coração, a não ser no ventre, e sai a letrina? Isto dizia, fazendo limpos todos os mantimentos.

20 Mas dizia, que o que do homem sai, isso polui ao homem.

21 Porque de dentro, do coração dos homens, saem os maus pensamentos,
os adultérios, as fornicações, os homicídios,

22 os furtos, as avarezas, as maldades, o engano, a lascívia, a inveja,
a maledicência, a soberba, a insensatez.608

23 Todas estas maldades de dentro saem, e poluem ao homem.

24 Levantando-se dali, foi à região de Tiro e do Sidón; e entrando em
uma casa, não quis que ninguém soubesse; mas não pôde esconder-se.

25 Porque uma mulher, cuja filha tinha um espírito imundo, logo que ouviu dele,
veio e se prostrou a seus pés.

26 A mulher era grega, e sirofenicia de nação; e lhe rogava que jogasse fora
de sua filha ao demônio.

27 Mas Jesus lhe disse: Deixa primeiro que se saciem os filhos, porque não está
bem tomar o pão dos filhos e jogá-lo aos perrillos.

28 Respondeu ela e lhe disse: Sim, Senhor; mas até os perrillos, debaixo da
mesa, comem das migalhas dos filhos.

29 Então lhe disse: Por esta palavra, vê; o demônio saiu que sua filha.

30 E quando chegou ela a sua casa, achou que o demônio tinha saído, e à
filha deitada na cama.

31 Voltando a sair da região de Tiro, veio pelo Sidón ao mar da Galilea,
passando pela região do Decápolis.

32 E lhe trouxeram um surdo e gago, e lhe rogaram que lhe pusesse a mão
em cima.

33 E tomando além da gente, colocou os dedos nas orelhas dele, e
cuspindo, tocou sua língua;

34 e levantando os olhos ao céu, gemeu, e lhe disse: Efata, quer dizer: Sei
aberto.

35 Ao momento foram abertos seus ouvidos, e se desatou a ligadura de sua língua,
e falava bem.

36 E lhes mandou que não o dissessem a ninguém: mas quanto mais lhes mandava, tanto
mais e mais o divulgavam.

37 E em grande maneira se maravilhavam, dizendo: Bem o tem feito tudo; faz a
os surdos ouvir, e aos mudos falar.

1.

juntaram-se.

[Disputa a respeito da tradição e a contaminação cerimoniosa, Mar. 7: 1-23 =

Mat. 15: 1-20. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 210; cf. pp. 18, 97-101] Neste ponto do relato, tanto Mateo como Marcos passam por cima o importante episódio da sinagoga do Capernaúm, quando depois do sermão sobre o pão de vida, voltou-se contra Jesus a opinião popular na Galilea (ver Juan 6: 25 a 7: 1; com. Mat. 15: 21). Contra o costume, Jesus havia permanecido na Galilea durante o período da páscoa (Juan 7: 1; cf. DTG 360), sem dúvida atendendo silenciosamente as necessidades da gente (ver com. Mar. 6: 56). Pouco depois da festa, possivelmente durante a parte final de abril ou princípios de maio, ocorreu este encontro com os escribas e fariseus que haviam tornado fazia pouco de, Jerusalém.

Fariseus.

Ver pp. 53-54.

Escribas.

Ver P. 57; com. cap. 1: 22.

De Jerusalém.

Os dirigentes Judeus se alarmaram muito pela rápida propagação do Evangelho demonstrada durante a recente terceira viagem pela Galilea (ver com. Mat. 15: 21; Mar. 6: 14). Sem dúvida, os homens a que aqui se faz referência eram membros de uma delegação mais ou menos oficial do sanedrín, enviada com o propósito específico de procurar uma desculpa para pôr término ao ministério do Jesus (cf. DTG 360).

2.

Os quais, vendo.

É obvio, os fariseus e escribas sabiam que os discípulos simplesmente estavam seguindo o costume adotado pelo Jesus (cf. com. Luc. 11: 38). Indiretamente, este era um desafio pessoal contra Jesus. Os escribas e fariseus tinham o propósito de lhe atribuir menosprezo pelas leis deles. Ao proceder indiretamente, possivelmente também evitariam ofender aos que tinham um bom conceito do Jesus. Os dirigentes de Jerusalém consideravam com desprezo às pessoas ignorante e singela da Galilea, a que geralmente faziam referência como 'am há'árets, literalmente, "gente da terra" (ver P. 57). Este encontro se realizou ante uma multidão desses singelos galileos.

Pão.

Literalmente, "pães", mas que aqui talvez signifique "alimento" em geral.

Imundas.

Gr. koinós, cujo significado original é "comum"; quer dizer, um pouco compartilhado por muita gente. Posteriormente, chegou a significar "vulgar" ou "profano", e neste sentido usa Marcos a palavra aqui (cf. com. Hech. 10: 14).

Não lavadas.

Marcos define o que quer dizer com "imundas", pois, evidentemente, escreve para leitores que não eram Judeus (ver P. 552), os que, sem a explicação, poderiam não entender a natureza do desafio que agora lançavam os espiões.

Escrevendo possivelmente principalmente para Judeus (ver P. 267), Mateo não faz essa explicação. O lavamiento aqui referido era estritamente ritual e não higiênico. diz-se que este rito consistia em derramar um 609poco de água sobre os dedos e a primeiro palma de uma mão e logo depois da outra, tendo a mão levantada de tal maneira que a água corresse da palma até a boneca, mas não mais à frente (cuidando todo o tempo para que a água não voltasse para a palma), e depois esfregando alternadamente uma mão com a palma da outra. A mínima quantidade de água prescrita era a que pudesse caber em uma casca e meia de ovo. Entretanto, parece que onde não se conseguia água, permitia-se uma ablução em seco, na qual a pessoa simplesmente fazia os movimentos de lavá-las mãos na forma prescrita.

3.

Tradição.

Gr. parádosis, literalmente entrega" ou "transmissão"; por ende, "uma tradição" que se entrega, ou transmite a alguém, pessoalmente ou por escrito. Tal como se usa nos Evangelhos, parádosis se refere ao conjunto de regulamentos orais rabínicos que se formaram em volto da Torah (ver com. Deut. 31: 9; Prov. 3: 1). As tradições dos rabinos eram o branco específico dos ataques do Jesus contra o sistema religioso Judeu de seus dias. Nossa palavra "tradição" significa "o que é irradiado, quer dizer, de professor a aluno, ou de uma geração a outra".

Com o correr do tempo, esta tradição oral, que ao princípio teve o propósito de proteger a lei escrita do AT, chegou a ser considerada como mais sagrada que a lei mesma (DTG 360). Supunha-se que por uma obediência mecânica aos requisitos da tradição oral, automaticamente uma pessoa estava guardando a lei escrita, inclusive os Dez Mandamentos. Em outras palavras, se uma pessoa cumpria com a letra da interpretação tradicional da lei, não precisava preocupar-se com o espírito da lei escrita. Este sistema legalista reduzia a religião a meras formas e desterrava o espírito da verdadeira adoração e da obediência, sem o qual o homem serve a Deus em vão (Juan 4: 23-24; cf. Mar. 7: 7). Assim, um sistema de justificação obtida pelas "obras" da lei invalidava o plano de salvação, mediante o qual Deus tinha o propósito de que o homem obtivesse a justificação pela fé (ROM. 9: 31-32; 10: 3).

Cristo procurava restaurar a seu legítimo lugar, no pensamento e na vida de seu povo, todas as instruções reveladas Por Deus. esforçava-se por outorgar às palavras de Deus prioridade sobre as palavras dos homens. Procurava suprimir as meras formas externas da religião e cultivar o verdadeiro espírito da religião no coração.

Anciões.

Quer dizer, os rabinos ou expositores de mais idade da lei.

Muitas vezes.

A evidência textual tende a confirmar o texto pugmé, "com o punho" ou "ao punho". (A BJ traduz: "Até o cotovelo".) Sugeriu-se que aqui poderia significar "com um punho cheio [de água]". Entretanto, vários MSS dizem pukná, que se traduz "com freqüência" ou "muitas vezes".

Não se lavam.

Ver com. vers. 2.

4.

Plaza.

Quer dizer, o lugar de mercado na rua pública, onde compravam e vendiam os mantimentos (ver com. Mat. 11: 16). Para a mentalidade rabínica, uma pessoa que se mesclava com a multidão no mercado indevidamente ficava em contato com pessoas ou coisas que eram ceremonialmente impuras, e por ende "contaminadoras".

Lavam.

Embora a evidência textual favorece a variante "lavam", alguns manuscritos dizem "desencardem".

Outras muitas coisas.

O que possivelmente incluía vasilhas, vestidos (Lev. 11: 32), mãos e pés (cf. Exo. 30: 19-21).

Tomaram para guardar.

"Observam por tradição" (BJ). A tradição é "transmitida" por uma geração e recebida "para guardar" pela seguinte. É dada pelo professor e recebida pelo aluno.

Jarros.

Gr. xést's, uma medida romana (sextarius) que continha pouco mais do meio litro (ver P. 52). Xést's é uma das várias palavras de origem latina que há em o Evangelho do Marcos.

Metal.

Melhor "bronze", ou "cobre".

Leitos.

Embora a evidência textual se inclina por reter esta palavra, vários MSS a omitem.

5.

Andam.

Em sentido figurado, "vivem". Comparar com a forma em que "caminhou" Enoc com Deus (Gén. 5: 24). Era a forma de vida, ou maneira de viver dos discípulos, o que perturbava aos fariseus e aos escribas.

6.

Hipócritas.

Ver com. Mat. 6: 2.

Profetizou... Isaías.

Ver com. ISA. 29: 13. As palavras do Isaías descreviam ao Israel nos dias do profeta, como se vê pelo contexto, mas também eram certas no caso dos Judeus dos tempos de Cristo (ver com. Deut. 18: 15). Por isso quando Cristo disse: "Profetizou de vós Isaías", não quis dizer que Isaías predisse algo particular e exclusivamente aplicável aos Judeus dos dias de 610 Cristo, mas sim mas bem que a descrição que Isaías fez do Israel nos dias do profeta, "bem" aplicava-se também às pessoas dos dias de Cristo.

Honra-me.

Pretendendo obedecer a vontade de Deus, "os anciões" (vers. 3) em realidade estavam "ensinando como doutrina mandamentos de homens" (vers. 7). Era uma questão de salvação pela fé ou pelas obras. Jesus afirmou que os que adoram a Deus devem fazê-lo "em espírito e na verdade" (Juan 4: 23-24). O ênfase que deu a esta verdade pôs a Cristo em um azedo conflito com os dirigentes Judeus. O perigo de elogiar os preceitos humanos e até as interpretações humanas dos requerimentos divinos por cima de "o mais importante da lei" (Mat. 23: 23) não é menor hoje que o que foi então.

7.

Ensinando como doutrinas.

Literalmente, "ensinando [como] ensinos".

8.

Mandamento de Deus.

A forma singular, como é o caso aqui, refere-se a tudo o que Deus há ordenado: toda sua vontade revelada (ver com. Mat. 22: 37, 39). "Amplo sobremaneira é seu mandamento [de Deus]" (Sal. 119: 96); inclui "o todo do homem" (Anexo 12: 13). O ideal posto ante nós é que sejamos "perfeitos", como nosso "Pai que está nos céus é perfeito" (Mat. 5: 48).

Tradição.

A "tradição dos homens" ressalta em contraste irreconciliável com "o mandamento de Deus".

Os lavamientos.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) a omissão do resto do vers. 8, começando com estas palavras. Entretanto, a declaração é inquestionavelmente verdadeira, pois o mesmo pensamento se expressa nos vers. 4, 13.

9.

Bem invalidam.

"Que bem violam!" (BJ). Notar a ironia implícita nas palavras de Cristo.

10.

Moisés disse.

A primeira parte da entrevista de Cristo procede do quinto mandamento, e a segunda do código civil hebreu, também dado Por Deus (Exo. 21: 17).

Mora irremisiblemente.

O grego destas palavras é um reflexo do modismo hebreu que significa, "mora certamente"; literalmente, "por morte mora" (ver com. Gén. 2: 17, "certamente morrerá"). Em outras palavras, a morte devia ser o castigo inevitável de qualquer infração do quinto mandamento.

11.

Mas vós dizem.

Jesus aqui apresenta uma ilustração específica do que quis dizer quando declarou: "Que bem violam o mandamento de Deus, para conservar sua tradição!" (vers. 9, BJ). Jesus aqui sustenta o fato de que os judeus estavam adorando a Deus em vão (cf. vers. 7). Acusavam a Cristo de violar a lei, mas ele demonstrou que eles, mediante sua interpretação tradicional da lei, em realidade tinham feito precisamente aquilo de que falsamente o acusavam (ver com. Mat. 5: 17-19, 21-22).

Corbán.

Gr. korbán, do Heb. qorban, "dádiva", "oferenda", literalmente, "o que é trazido perto". Nos países do Meio Oriente, a gente nunca pensaria em chegar até um superior, ou ,"aproximar-se" a ele, sem lhe apresentar uma "dádiva". Qualquer costure sobre a qual um homem pronunciava as palavras "é corbán", ficava de essa maneira dedicada a Deus e ao templo.

Minha oferenda.

Escrevendo sem dúvida principalmente para leitores que não eram Judeus (ver P. 552), Marcos aqui interpreta uma palavra que para eles significava pouco ou nada.

12.

Não lhe deixam fazer mais.

Assim um homem podia defraudar a seus próprios pais em nome da religião, com a aprovação dos sacerdotes e com o pretexto de que Deus requeria isso dele. Algo sobre a qual se pronunciou a palavra "corbán", ficava assim dedicada para um uso sagrado, para o templo (ver com. vers. 11). Não se permitia que os pais tocassem nada assim "consagrado", e entretanto se permitia que o filho desleal o usasse enquanto vivesse. Evitava seu dever filial professando uma piedade superior. Mediante este tortuoso proceder, os sacerdotes consentiam em que seus ambiciosos paroquianos ficassem isentos da solene obrigação de sustentar a seus pais.

13.

Invalidando.

Quer dizer, invalidando na prática o quinto mandamento. Jesus estava ante a multidão reunida como o paladín dos direitos dela, ao passo que os escribas e fariseus ficavam desmascarados como hipócritas (cf. vers. 6) e como inimigos tanto de Deus como de seus próximos.

Muitas coisas.

O exemplo empregado aqui por Cristo não era isolado, como bem sabiam os mesmos escribas e fariseus.

14.

Toda.

O grego diz pálin, "outra vez" (BJ). Isto implicaria que Jesus tinha estado dirigindo-se à multidão quando os escribas e fariseus o interromperam com seu protesto (vers. 2). Tendo silenciado Jesus aos que o criticavam, outra vez se dirige a 611 gente com o propósito de esclarecer a verdadeira natureza do problema comprometido no conflito sobre a tradição (ver com. vers. 3).

me ouçam

A gente devia emprestar diligente atenção para poder discernir a hipocrisia de seus dirigentes espirituais.

15.

Nada há fora.

Pelo general, os comentadores erram nos vers. 15-23 aplicando-os ao problema das carnes podas e imundas, cuja diferença se faz patente em Lev. 11. É extremamente claro pelo contexto que Jesus não estava pondo em dúvida, de maneira nenhuma, algum preceito do AT, mas sim mas bem estava negando a validez da tradição oral (ver com. Mar. 7: 3). Neste caso específico tráfico da tradição que afirmava que o alimento comido com mãos indevidamente lavadas (em um sentido ritual) convertia-se em causa de impureza (ver com. vers. 2). Eram sempre e exclusivamente os "mandamentos de homens" (vers. 7) contra os quais protestava Jesus, distinguindo-os claramente do "mandamento de Deus" (vers. 8) tal como se apresenta nas Escrituras. Aplicar os vers. 15-23 ao assunto de carnes podas e imundas é não ter em conta para nada o contexto. Se Jesus nesta ocasião houvesse eliminado a distinção entre carnes podas e imundas, é óbvio que posteriormente Pedro não tivesse reagido como o fez ante a idéia de comer carnes imundas (ver com. Hech. 10: 9-18, 34; 11: 5-18).

Devesse destacar-se que o problema que se debatia entre o Jesus e os fariseus não tinha nada que ver com a classe de alimento que ia se comer, a não ser somente com a forma em que se devia comer, já fora com o lavamiento ritual das mãos ou sem ele (ver com. vers. 2-3). Segundo os regulamentos judaicos, até a carne declarada poda no Lev. 11 poderia ser considerada imunda devido a algum contato com pessoas imundas (ver com. Mar. 6: 43).

O que sai.

Nos vers. 21-23 há uma lista das coisas às que se refere Jesus. Aqui Cristo afirma que a contaminação moral provocada por quebrantar "o

mandamento de Deus" é de uma conseqüência muito maior que a contaminação ritual, de um modo especial quando esta última se apoiava exclusivamente na "tradição dos homens" (ver com. vers. 7-8). Jesus diz que a contaminação da alma é um assunto muito mais grave que a contaminação ritual do corpo, ocasionada por contato com pessoas ou coisas que eram ceremonialmente imundas.

O que polui.

Cf. vers. 21-23. Até no AT Deus afirma especificamente que não lhe agradam as meras formas de culto ritual (ISA. 1: 11-13; Miq. 6: 6-8) praticadas como um fim em si mesmos.

16.

Se algum tem ouvidos.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) a omissão do vers. 16. Sem embargo, Cristo usou com freqüência esta expressão (Mat. 11: 15; etc.), e é certamente apropriada neste contexto.

17.

Em casa.

Talvez a casa do Pedro no Capernaúm (ver com. cap. 1: 29; 2: 1). O resto de esta seção compreende o diálogo do Jesus com os discípulos, em privado (cap. 7: 17-23).

Seus discípulos.

Segundo Mateo, foi Pedro, como de costume, que atuou como porta-voz do grupo (ver com. Mat. 14: 28).

Parábola.

Ver pp. 193-197. Uma parábola podia ser nada mais que um dito sentencioso, não importava quão breve. Aqui se refere à figura empregada no vers. 15, a respeito das coisas que entram em um homem e as que saem de um homem. Se esta "parábola" tinha resultado um enigma até para os discípulos, dificilmente a multidão poderia ter captado todo seu significado (ver com. vers. 14).

18.

Também... sem entendimento?

Quer dizer, a semelhança da multidão a qual tinha sido dirigida a "parábola". Era tão somente razoável esperar que os discípulos estivessem em vantagem frente ao comum da gente no que respeita a compreender as verdades da salvação.

19.

Seu coração.

Quer dizer, sua mente (ver com. Mat. 5: 8). Em outras palavras, comer com as mãos sem lavar não tinha um efeito moral de nenhuma classe sobre um homem.

No ventre.

Os mantimentos ceremonialmente impuros (ver com. vers. 15) foram ao estômago, e não havia maneira pela qual a impureza cerimoniosa que se supunha que os acompanhava pudesse ser assimilada no organismo.

Isto dizia, fazendo limpos todos os mantimentos.

"Assim declarava puros todos os mantimentos" (BJ). Quer dizer, sem ter em conta se o que os comia tinha realizado ou não a ablução ritual prescrita. Este era o ponto que precisamente estava em jogo (ver com. vers. 2).

Também devesse advertir-se que a palavra grega brÇmata, traduzida "mantimentos", significa "o que é comido", e inclui toda classe de mantimentos; nunca significa a carne de animais diferenciando a de outra classe de mantimentos. 612 Limitar as palavras "fazendo limpos todos os mantimentos" à carne de certos animais e chegar à conclusão de que Cristo aqui aboliu a distinção entre carnes de animais limpos e imundos (cf. Lev. 11), é ignorar completamente o significado do grego.

Do mesmo modo, o contexto (vers. 1-14, 20-23) não tráfico de uma impureza biológica, mas sim da impureza em que se supunha que incorriam os que omitiam os lavamientos rituais (ver com. vers. 15). Não se faz referência à classe de mantimentos que comeram os discípulos (vers. 2, 5), a não ser só à forma em que comeram-nos (ver com. vers. 2, 5, 15). Em tudo isto, o tema de Cristo é o problema do "mandamento de Deus" em contraposição com "a tradição dos homens" (ver com. vers. 5-15, 19). Ver com. vers. 21-23.

20.

Sai.

Ver com. vers. 15, 19.

21.

Desde dentro.

Jesus conclui suas considerações com uma afirmação do que em realidade polui "ao homem" (vers. 23). Afirma que a contaminação é moral e não cerimonial (ver com. vers. 15). Afeta à alma e não ao corpo.

Maus pensamentos.

Jesus enumera 13 coisas diferentes que "poluem" aos homens. Comparar esta lista com as de ROM. 1: 29-31 e Gál. 5: 19-21.

Fornicações.

Gr. pornéia, término genérico que inclui todas as formas de relações sexuais ilícitas.

22.

Avarezas.

Gr. pleonexía, que significa "ambicioso desejo de ter mais", e, portanto, "ansiedade", "cobiça" ou "avareza". A idéia de obter mais e mais se há convertido em uma obsessão nas pessoas deste caráter.

Maldades.

Gr. ponha'estuário, maldade em geral; também, mais especificamente, como é provavelmente o caso aqui, "malignidad".

Lascívia.

Ou "libertinagem" (BJ).

Inveja.

Em grego diz literalmente, "um olho mau", tradução grega de uma expressão idiomática hebréia (Deut. 15: 9), que provavelmente significa "inveja", "ciúmes" ou um "espírito de má vontade".

Maledicência.

Gr. blasf'minha, que significa "blasfêmia" com referência a Deus, mas "maledicência" ou "calúnia" quando se dirige contra os homens, como aqui. Em quanto ao uso desta palavra no sentido de "blasfêmia", ver com. Mat. 12: 31.

Insensatez.

Quer dizer, a tendência a proceder "desatinadamente". Outra possível tradução poderia ser "tolice".

23.

Estas maldades.

Ver com. vers. 2-4, 15, 19. No Gál. 5: 22-23 e 2 Ped. 1: 4-8 há listas de rasgos positivos de caráter com que o cristão deve substituir os rasgos negativos. Quanto ao perigo de tratar de eliminar os maus rasgos sem cultivar os bons em seu lugar, ver com. Mat. 12: 43-45.

24.

Levantando-se dali.

[Retiro a Fenícia, Mar. 7: 24-30 = Mat. 15: 21-28. Comentário principal: Mateo.]

26.

Grega.

Quer dizer "gentil", não necessariamente grega por raça ou por nascimento (ROM. 1: 16; DTG 365).

31.

Voltando a sair.

[Cura de um surdo-mudo; milagres no Decápolis, Mar. 7: 31-37 = Mat. 15: 29-31. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 211; diagrama P. 221; aproxima dos milagres, pp. 198-203.] Quanto à região a qual aqui se refere Marcos e da qual Cristo voltou "a sair", ver com. Mat. 15: 21. Mateo não diz nada da rota que seguiu Jesus na viagem de volta a Fenícia.

Pelo Sidón.

Significa que das proximidades de Tiro, Jesus foi para o norte antes de dirigir-se para o este e logo para o sul em direção do Decápolis (cf. DTG 37l).

Mar da Galilea.

Possivelmente indo para o sul ao longo da borda oriental desse lago.

Decápolis.

Ver P. 48; com. Mat. 4: 25.

32.

Trouxeram-lhe.

É evidente que o enfermo não veio por sua própria vontade, pois não tinha ouvido nunca de Cristo. Foi a fé dos amigos do homem a que o levou ao Jesus. Decápolis era a região na qual Cristo tinha curado aos endemoninhados de Gadara, os que tinham completo com fidelidade e ardor a ordem de que falassem a respeito do Jesus a seus vizinhos pagãos (ver com. cap. 5: 19-20). É muito possível que, como resultado da obra dos que antes tinham sido possessos do demônio, os amigos deste surdo-mudo decidiram levá-lo ao Jesus.

Surdo.

Gr. kÇfós, literalmente, "embotado", "lerdo"; aqui se usa com referência ao sentido do ouvido (ver com. Luc. 1: 22).

Gago.

"Falava com dificuldade" (BJ). Este homem não era completamente mudo, pois quando foi curado "falava bem" (vers. 35), o que implica que antes de ser curado podia falar embora assim que. Sua incapacidade para falar clara e distintamente pode ter sido resultado de sua surdez.

33.

Tomando à parte.

Assim como fez posteriormente com o cego da Betsaida (cap. 8: 22-26). Ambos distritos estavam principalmente 613habitados por pagãos (ver com. Mat. 4: 25), e por isso parece provável que este homem fora também gentil. Possivelmente Jesus levou a um lado ao surdo-mudo devido a que o insólito procedimento que empregou para curá-lo poderia ser mal interpretado pela multidão irrefletido, e ser entendido como uma forma de magia similar aos encantamentos dos pagãos milagreiros.

Colocou os dedos.

sugeriu-se que mediante esta ação Jesus procurou transmitir a este enfermo a idéia de que ele estava interessado em sua deplorável condição.

Cuspindo.

Embora nos escritos antigos se registram numerosos exemplos do uso de saliva empregada por médicos e milagreiros que acreditavam que ela podia ser um veículo para levar cura dos corpos deles aos de seus pacientes, tendo dessa maneira propriedades curativas, não há uma razão aparente para que Jesus escolhesse sanar neste caso dessa maneira tão insólita para ele. Alguns sugeriram a possibilidade de que este proceder fora simplesmente uma concessão ante a triste ignorância do homem e sua embotada percepção. Mas qualquer tivesse sido a razão, todo o procedimento aqui seguido-se parece muito ao da cura do cego da Betsaida (cap. 8: 22-26).

Tocou sua língua.

O homem não só era surdo, mas também na prática era mudo (ver com. vers. 32), e Cristo tocou os dois órgãos que necessitavam cura.

34.

Levantando os olhos.

Este é o único caso de cura do qual se registre que Jesus dirigiu seu olhar ao céu. Entretanto, fez o mesmo ao alimentar aos 5.000 quando benzeu os pães e os peixes (cap. 6: 41), na ressurreição do Lázaro (Juan 11: 41) e quando elevou sua oração intercessora por seus discípulos (Juan 17: 1). Certamente, nesta oportunidade o propósito deste ato foi que o surdo-mudo dirigisse seus pensamentos a Deus e ao céu, a fim de que o fora claro que a cura só proviria do poder divino.

Gemeu.

Gr. stenázÇ, "suspirar" ou "gemer". Isto não era uma parte do processo de comunicação com o necessitado, a não ser uma expressão da própria reação de Jesus como ser humano ante o sofrimento e a debilidade de um homem (ver com. Juan 1: 14). Na surdez e a gagueira do homem viu um quadro patético da surdez dos corações humanos ante a mensagem de Cristo e das claudicantes e vazias vidas que com tanta freqüência vivem os homens.

Efata.

Gr. effatha; expressão aramaica preservada pelo Marcos (ver com. cap. 5: 41) que, sem dúvida, é a mesma palavra que empregou Jesus nesta ocasião.

Sei aberto.

É obvio, refiriéndose ao ouvido do homem e à restauração de seu audição. Marcos aqui traduz a expressão aramaica para benefício de seus leitores.

35.

Ligadura.

Gr. desmós, "vínculo" ou "atadura" (BJ). Isto não significa necessariamente algum defeito nos órgãos de fonação do homem, embora este poderia ser o significado.

Falava bem.

Gr. orthÇs, "corretamente" (BJ). Isto implica claramente que o homem havia podido falar, mas em forma tão imprecisa que só lhe podia entender com dificuldade.

36.

Não o dissessem a ninguém.

Como Jesus com tanta freqüência tinha ordenado a aqueles para quem havia efetuado extraordinários milagres de cura (Mat. 8: 4; 9: 30; 12: 16; cf. 17: 9; Mar. 5: 43; etc.; ver com. Mar. 1: 44). Nesta região predominantemente gentil, sua principal razão para ordenar que se calassem pode ter sido seu desejo de evitar que despertasse entre o povo em geral a esperança de que o ministério -do qual para então tinham ouvido tanto- havia de repetir-se aqui em grande escala. Em geral, os pagãos não estavam preparados para entender e apreciar a verdadeira natureza da mensagem de Cristo; mas onde encontrava gentis que demonstravam grande fé, Jesus parece ter aceito essa fé.

Quanto mais e mais.

Esta expressão pleonástica destaca a muito profundo impressão que havia experiente a multidão. Deve lhes haver resultado impossível manter em silêncio estes acontecimentos extremamente extraordinários, sem precedentes na história do Israel. Quão entristecedora era a evidência da divindade de Cristo!

37.

Bem o tem feito tudo.

Este era o veredicto de quão pagãos tinham chegado a conhecer um pouco do Jesus mediante os dois endemoninhados da Gadara que tinham sido curados (ver com. cap. 5: 20). Ao igual ao comum da gente da Galilea, a gente pagã "ouvia-lhe de boa vontade" (ver com. cap. 12: 37). 614

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 DTG 360

1-23 DTG 360-364

7 P 124; PVGM 82

9-12 DTG 361

11 DTG 362,375

13 7T 287

24-30 HAp 17

24-30 DTG 365-370

26-30 CS 569

31-33 DTG 371

CAPÍTULO 8

1 Cristo alimenta milagrosamente a uma multidão com sete pães; 10 mas se nega a dar um sinal (milagre) aos fariseus, 15 e aconselha a seus discípulos que se cuidem da levedura dos fariseus e do Herodes. 22 Devolve a vista a um cego. 27 Afirma que ele é o Cristo, que morrerá e ressuscitará ao terceiro dia. 34 Precatória a ter paciência em meio da perseguição por acreditar no Evangelho.

1 NAQUELES dias, como havia uma grande multidão, e não tinham o que comer, Jesus chamou a seus discípulos, e lhes disse:

2 Tenho compaixão da gente, porque já faz três dias que estão comigo, e não têm o que comer;

3 e se os enviar em jejumas a suas casas, deprimirão-se no caminho, pois alguns deles hão, vindo de longe.

4 Seus discípulos lhe responderam: De onde poderá alguém saciar de pão a estes aqui no deserto?

5 O lhes perguntou: Quantos pães têm? Eles disseram: Sete.

6 Então mandou à multidão que se recostasse em terra; e tomando os sete pães, tendo dado obrigado, partiu-os e deu a seus discípulos para que os pusessem diante; e os puseram diante da multidão.

7 Tinham também uns poucos pececillos; e os benzeu, e mandou que também os pusessem diante.

8 E comeram, e se saciaram; e recolheram dos pedaços que tinham demasiado, sete cestas.

9 Eram os que comeram, como quatro mil; e os despediu.

10 E logo entrando na barco com seus discípulos, veio à região de Dalmanuta.

11 Vieram então os fariseus e começaram a discutir com ele, lhe pedindo sinal do céu, para lhe tentar.

12 E gemendo em seu espírito, disse: por que pede sinal esta geração? De certo lhes digo que não se dará sinal a esta geração.

13 E deixando-os, voltou a entrar na barco, e se foi à outra ribeira.

14 Tinham esquecido de trazer pão, e não tinham a não ser um pão consigo na barco.

15 E ele lhes mandou, dizendo: Olhem, lhes guarde da levedura dos fariseus, e da levedura do Herodes.

16 E discutiam entre si, dizendo: É porque não trouxemos pão.

17 E entendendo-o Jesus, disse-lhes: O que discutem, porque não têm pão? Não entendem nem compreendem? Ainda têm endurecido seu coração?

18 Tendo olhos não vêem, e tendo ouvidos não ouvem? E não recordam?

19 Quando parti os cinco pães entre cinco mil, quantas cestas cheias dos pedaços recolheram? E eles disseram: Doze.

20 E quando os sete pães entre quatro mil, quantas cestas cheias dos pedaços recolheram? E eles disseram: Sete.

21 E lhes disse : Como ainda não entendem?

22 Veio logo a Betsaida; e lhe trouxeram um cego, e lhe rogaram que lhe tocasse.

23 Então, tomando a mão do cego, tirou-lhe fora da aldeia; e cuspindo em seus olhos, pô-lhe as mãos em cima, e lhe perguntou se via algo.

24 O, olhando, disse: Vejo os homens como árvores, mas os vejo que andam.

25 Logo lhe pôs outra vez as mãos sobre os olhos, e lhe fez que olhasse; e foi restabelecido, e viu de longe e claramente a todos.

26 E o enviou a sua casa, dizendo: Não entre na aldeia, nem o diga a ninguém na aldeia.

27 Saíram Jesus e seus discípulos pelas aldeias da Cesarea do Filipo. E no caminho perguntou a seus discípulos, lhes dizendo: Quem dizem os homens que sou eu? 615

28 Eles responderam: Uns, Juan o Batista; outros, Elías; e outros, algum de os profetas.

29 Etonces ele lhes disse: E vós, quem dizem que sou? Respondendo Pedro, disse-lhe: Você é o Cristo.

30 Mas ele lhes mandou que não dissessem isto dele a nenhum.

31 E começou a lhes ensinar que lhe era necessário ao Filho do Homem padecer muito, e ser descartado pelos anciões, pelos principais sacerdotes e por os escribas, e ser morto, e ressuscitar depois de três dias.

32 Isto lhes dizia claramente. Então Pedro tomou à parte e começou a lhe repreender.

33 Mas ele, voltando-se e olhando aos discípulos, repreendeu ao Pedro, dizendo: te tire de diante de mim, Satanás! porque não põe a olhe nas coisas de Deus, a não ser nas dos homens.

34 E chamando às pessoas e a seus discípulos, disse-lhes: Se algum quer vir em detrás de mim, negue-se a si mesmo, e tome sua cruz, e me siga.

35 Porque tudo o que queira salvar sua vida, perderá-a; e tudo o que perca sua vida por causa de mim e do evangelho, salvará-a.

36 Porque o que aproveitará ao homem se ganhar todo mundo, e perder seu alma?

37 Ou que recompensa dará o homem por sua alma?

38 Porque o que se envergonhasse de mim e de minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora, o Filho do Homem se envergonhará também dele, quando venha na glória de seu Pai com os Santos anjos.

1.

Naqueles dias.

[Alimentação dos quatro mil, Mar. 8: 1-10 = Mat. 15: 32-39. Comentário principal: Mateo.]

Grande.

A evidência textual estabelece aqui (cf. P. 147) a adição da frase "de novo" ou "outra vez". Isto pareceria implicar que aqui indiretamente se faz referência à alimentação dos 5.000 (ver com. Mat. 15: 32).

11.

Vieram então os fariseus.

[O pedido de um sinal, Mar. 8: 11-21 = Mat. 16: 1-12. Comentário principal: Mateo.]

12.

Gemendo em seu espírito.

"Dando um profundo gemido" (BJ). Detalhe advertido unicamente pelo Marcos. Jesus estava estalado ante a lentidão deles para perceber a verdade espiritual (ver com. Mat. 16: 9; Mar. 7: 34).

14.

A não ser um pão.

Outro detalhe advertido só pelo Marcos.

15.

Levedura do Herodes.

Quer dizer, a má influência do Herodes, especialmente seu mundanalidad e caráter vacilante (ver com. Mat. 13: 33; 16: 6). Na passagem paralelo de Mateo (cap. 16: 6), aparecem os saduceos em lugar do Herodes. Posto que os saduceos sempre cortejavam aos governantes e eles mesmos eram mundanos (ver P. 54), seus principais interesses eram muito parecidos com os do Herodes, e interpretavam a política dele ante a nação judia. De modo que, no que corresponde ao significado geral e à influência, os términos jogo de dados no Mateo e

no Marcos são equivalentes.

22.

Veio logo.

[O cego perto da Betsaida, Mar. 8: 22-26. Ver mapa P. 211; diagrama P. 221; a respeito dos milagres, pp. 198-203.] Jesus e os discípulos acabavam de chegar da Magdala (ver com. Mat. 16: 1, 5), e depois deste episódio continuaram seu viaje a Cesarea do Filipo (ver Mar. 8: 27; com. Mat. 16: 13). Ao chegar a Betsaida (ver com. Mat. 11: 21), uma vez mais Jesus partiu da Galilea pelas mesmas razões que tinham ocasionado seu retiro a Fenícia umas poucas semanas antes disto (ver com. Mat. 15: 21; 16: 13). O milagre realizado nesta ocasião recorda em muitos respeitos ao do surdo-mudo no Decápolis, não muito tempo antes (ver com. Mar. 7: 31-37).

Trouxeram-lhe.

Como também no caso do surdo-mudo do Decápolis (ver com. cap. 7: 32).

23.

Tirou-lhe fora.

Possivelmente havia pelo menos duas razões para isto: (1) Evitar a publicidade (ver com. vers. 26), e (2) ajudar a que o cego compreendesse o que Cristo estava por fazer para ele e se concentrasse nisto (cf. com. cap. 5: 37, 40; 7: 33). Jesus parece ter realizado comparativamente poucos milagres durante este período de seu ministério público, e na maioria dos casos esteve no meio de uma população que era principalmente pagã.

Se via algo.

Esta é a única ocasião em que se registra que Jesus formulasse uma pergunta tal, e indubitavelmente se deveu neste caso ao propósito de robustecer a imperfeita fé do homem (ver com. vers. 24).

24.

Os homens como árvores.

Este é o único caso registrado no qual Jesus realizou uma cura em dois etapas. Não há uma razão aparente para o emprego deste método neste caso. Entretanto, devesse advertir-se 616 que quando o homem recuperou parcialmente a visão, aumentou sua fé e esteve disposto a acreditar que Jesus podia restaurá-lo completamente (ver com. vers. 23).

25.

Pô-lhe outra vez as mãos.

Ver com. cap. 7: 33; 8: 23.

de longe e claramente.

Gr. t'laugÇ,"claramente", "de longe". Alguns MSS dizem d'laugÇs, "brilhantemente", ou "em plena luz".

26.

A aldeia.

Quer dizer, na Betsaida (ver com. vers. 22). É evidente que o homem não vivia nesta aldeia, onde Jesus imediatamente lhe disse que não entrasse. Sem dúvida esta restrição tinha o motivo de impedir que a notícia do milagre se propagasse, e assim se favorecia o propósito que tinha Jesus de isolar-se (ver com. vers. 22).

27.

Saíram Jesus e seus discípulos.

[Retiro a Cesarea do Filipo: a grande confissão, Mar. 8: 27 a 9: 1 = Mat. 16: 13-28 = Luc. 9: 18-27. Comentário principal: Mateo.]

31.

Começou a lhes ensinar.

Ver com. Mat. 16: 21.

32.

Claramente.

Quer dizer, "sem reservas". Marcos não quer dizer que Jesus anunciou publicamente a lição que agora deu aos discípulos, mas sim mas bem que tratou com eles o assunto em linguagem clara e natural.

34.

Gente.

Ou "multidão". Havia outros com o Jesus, além de seus discípulos de sempre, possivelmente judeus residentes na região que tinham ouvido dele (ver com. Mat. 16: 24).

35.

Do evangelho.

Ver com. cap. 1: 1. Só Marcos tem este detalhe do relato. Aqui Jesus se identifica com sua mensagem (Juan 6: 51, 63).

38.

Envergonhar-se.

Ver com. Mat. 10: 32; cf. ROM. 1: 16.

Geração adúltera e pecadora.

Ver com. Mat. 11: 16; 12: 39. Outro detalhe desta ocasião que só é registrado pelo Marcos (ver com. vers. 35).

A glória.

Uma clara referência ao segundo advento de Cristo (ver com. Mat. 25: 31); acontecimento do qual a transfiguración -que se narra a seguir- foi uma demonstração em miniatura (ver com. Mat. 16: 28).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-21 DTG 371-377

12 DTG 373-374

18 2JT 165

24 Ev 431; MM 98; 1T 462

27 DTG 387

27-38 DTG 378-387

31 SR 205

34 CH 590; Ev 70; FÉ 511; 2T 178; 4T 631; 8T 209; 3TS 371

36 CMC 225, 229; HAp 295; PVGM 308; 4T 46, 53

36-37 CH 593; CMC 79, 89; CN 309; Ed 140; Ev 407; 2JT 386; PR 204; PVGM 211; 1T 706; 2T 59; 3T 250

38 DTG 390; 5T 588

CAPÍTULO 9

2 Jesus se transfigura. 11 Instrui a seus discípulos quanto à vinda de Elías. 14 Sã a um moço que tinha um Espírito imundo, surdo e mudo. 30 Prediz sua morte e ressurreição. 33 Precatória a seus discípulos a ser humildes; 38 lhes ordena não proibir a ninguém que pregue ou atue em seu nome, nem dar mau testemunho a nenhum crente.

1 TAMBIEN lhes disse: De certo lhes digo que há alguns dos que estão aqui, que não gostarão da morte até que tenham visto o reino de Deus vir com poder.

2 E seis dias depois, Jesus tomou ao Pedro, ao Jacobo e ao Juan, e os levou à parte sós a um monte alto; e se transfigurou diante deles.

3 E seus vestidos se voltaram resplandecentes, muito brancos, como a neve, tanto que nenhum lavador na terra os pode fazer tão brancos.

4 E lhes apareceu Elías com o Moisés, que falavam com o Jesus.

5 Então Pedro disse ao Jesus: Professor, bom é para nós que estejamos aqui; e façamos três ramagens, uma para ti, outra para o Moisés, e outra para Elías. 617

6 Porque não sabia o que falava, pois estavam espantados.

7 Então veio uma nuvem que lhes fez sombra, e da nuvem uma voz que dizia: Este é meu Filho amado; a ele ouçam.

8 E logo, quando olharam, não viram mais a ninguém consigo, a não ser ao Jesus sozinho.

9 E descendendo eles do monte, mandou-lhes que a ninguém dissessem o que haviam visto, a não ser quando o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos.

10 E guardaram a palavra entre si, discutindo o que seria aquilo de ressuscitar dos mortos.

11 E lhe perguntaram, dizendo: por que dizem os escribas que é necessário que Elías venha primeiro?

12 Respondendo ele, disse-lhes: Elías à verdade virá primeiro, e restaurará todas as coisas; e como está escrito do Filho do Homem, que padeça muito e seja tido em nada?

13 Mas lhes digo que Elías já veio, e lhe fizeram tudo o que quiseram, como está escrito dele.

14 Quando chegou aonde estavam os discípulos, viu uma grande multidão ao redor deles, e escribas que disputavam com eles.

15 E em seguida toda a gente, lhe vendo, assombrou-se, e correndo a ele, o saudaram.

16 O lhes perguntou: O que disputam com eles?

17 E respondendo um da multidão, disse: Professor, traje a ti meu filho, que tem um espírito mudo,

18 o qual, em qualquer lugar que toma, sacode-lhe; e joga babas, e range os dentes, e se vai secando; e pinjente a seus discípulos que o jogassem fora, e não puderam.

19 E respondendo ele, disse-lhes: OH geração incrédula! Até quando tenho que estar com vós? Até quando lhes tenho que suportar? tragam-me isso 20 Y se lo trajeron; y cuando el espíritu vio a Jesús, sacudió con violencia al

20 E o trouxeram; e quando o espírito viu o Jesus, sacudiu com violência ao moço, quem caindo em terra se derrubava, jogando babas.

21 Jesus perguntou ao pai: Quanto tempo faz que lhe acontece isto? E ele disse: Desde menino.

22 E muitas vezes lhe joga no fogo e na água, para lhe matar; mas se pode fazer algo, tenha misericórdia de nós, e nos ajude.

23 Jesus lhe disse: Se pode acreditar, ao que crie todo lhe é possível.

24 E imediatamente o pai do moço clamou e disse: Acredito, ajuda meu incredulidade.

25 E quando Jesus viu que a multidão se amontoava, repreendeu ao espírito imundo, lhe dizendo: Espírito mudo e surdo, eu te mando, sal dele, e não entre

mais nele.

26 Então o espírito, clamando e lhe sacudindo com violência, saiu; e ele ficou como morto, de modo que muitos diziam: Está morto.

27 Mas Jesus, tomando da mão, endireitou-lhe; e se levantou.

28 Quando ele entrou em casa, seus discípulos lhe perguntaram à parte: por que nós não pudemos lhe jogar fora?

29 E lhes disse: Este gênero com nada pode sair, a não ser com oração e jejum.

30 Tendo saído dali, caminharam pela Galilea; e não queria que ninguém o soubesse.

31 Porque ensinava a seus discípulos e lhes dizia: O Filho do Homem será entregue em mãos de homens e lhe matarão; mas depois de morto, ressuscitará ao terceiro dia.

32 Mas eles não entendiam esta palavra, e tinham medo de lhe perguntar.

33 E chegou ao Capernaúm; e quando esteve em casa, perguntou-lhes: O que disputavam entre vós no caminho?

34 Mas eles calaram; porque no caminho tinham disputado entre si, quem tinha que ser o major.

35 Então ele se sentou e chamou os doze, e lhes disse: Se algum quer ser o primeiro, será o último de todos, e o servidor de todos.

36 E tomou a um menino, e o pôs em meio deles; e tomando em seus braços, disse-lhes:

37 O que receba em meu nome a um menino como este, recebe-me ; e o que a mim me recebe, não me recebe a não ser ao que me enviou.

38 Juan lhe respondeu dizendo: Professor, vimos a um que em seu nome jogava fora demônios, mas ele não nos segue; e o proibimos, porque não nos seguia.

39 Mas Jesus disse: Não o proíbam; porque nenhum terá que faça milagre em meu nome, que logo possa dizer mal de mim.

40 Porque o que não é contra nós. por nós é.

41 E qualquer que vos diere um copo de água em meu nome, porque são de Cristo, de certo lhes digo que não perderá seu recompensa.618

42 Qualquer que faça tropeçar a um destes pequeñitos que acreditam em mim, melhor o fora se lhe atasse uma pedra de moinho ao pescoço, e lhe arrojasse no mar.

43 Se sua mão te for ocasião de cair, corta-a; melhor te é entrar na vida maneta, que tendo duas mãos ir ao inferno, ao fogo que não pode ser apagado,

44 onde o verme deles não morre, e o fogo nunca se apaga.

45 E se seu pé te for ocasião de cair, corta-o; melhor te é entrar na vida coxo, que tendo dois pés ser jogado no inferno, ao fogo que não pode ser apagado,

46 onde o verme deles não morre, e o fogo nunca se apaga.

47 E se seu olho te for ocasião de cair, tira-o; melhor te é entrar no reino de Deus com um olho, que tendo dois olhos ser jogado ao inferno,

48 onde o verme deles não morre, e o fogo nunca se apaga.

49 Porque todos serão salgados com fogo, e todo sacrifício será salgado com sal.

50 Bom é o sal; mas se o sal se faz insípida, com o que a amadurecerão? Tenham sal em vós mesmos; e tenham paz os uns com os outros.

1.

Alguns dos que estão aqui.

Seria mais lógico que o primeiro versículo do cap. 9 fora o último versículo do cap. 8 (cf. Mat. 16 :28; Luc. 9: 27).

2.

Seis dias depois.

[A transfiguración, Mar. 9: 2-13 = Mat. 17: 1-13 = Luc. 9: 28-36. Comentário principal: Mateo.]

3.

Como a neve.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão destas palavras. (Não estão na BJ.)

Fazer tão brancos.

Ou, "branquear os desse modo" (BJ).

10.

Guardaram a palavra.

Apesar de que perderam muito do que tiveram o privilégio de aprender de esse episódio, é evidente que os discípulos ficaram impressionados com a declaração de Cristo de que ressuscitaria dos mortos. Entretanto, não podiam captar a idéia de um Mesías sufriente. Ainda estavam cegados pelo conceito popular do Mesías como um capitalista vencedor (ver com. Luc. 4: 19).

Ressuscitar dos mortos.

Os discípulos estavam desconcertados quanto a que relação poderia ter um acontecimento tal com Aquele que consideravam que era o Mesías.

12.

Está escrito.

Ver Sal. 22; ISA. 53; etc.; com. Luc. 24: 26.

Filho do Homem.

Jesus aqui usa a designação familiar pela qual usualmente se referia a si mesmo (ver com. Mat. 1: 1; Mar. 2: 10).

Tido em nada.

Ou, "será desprezado" (BJ).

14.

Quando chegou.

[O moço possesso do demônio, Mar. 9: 14-29 = Mat. 17: 14-21 = Luc. 9: 37: 43ª. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 211; diagrama P. 221; a respeito de os milagres, pp. 198-203.] Ao dia seguinte da transfiguración, Jesus e os três discípulos descenderam do monte até a planície, onde os outros nove esperavam sua volta (Luc. 9: 37; cf. DTG 393). Possivelmente uma das duas planícies da Galilea mencionadas especificamente na Bíblia -a planície de Genesaret (ver com. Luc. 5: 1) ou o vale do Jezreel- poderia ser este lugar que estava nas proximidades do monte da transfiguración, cuja localização desconhece-se.

Escribas.

Ver P. 57.

Disputavam com eles.

É óbvio que a atitude dos escribas era hostil. Este detalhe é mencionado só pelo Marcos. Estes escribas hostis podem ter sido alguns dos que "tinham vindo de Jerusalém" com o propósito de que a gente perdesse o respeito que tinha pelo Jesus e para informar a respeito do que ele dizia e fazia (ver com. Mar. 7: 1; Mat. 16: 1). Como o tinham feito com tanta freqüência no passado, atacaram ao Jesus através de seus discípulos (Mar. 2: 16, 18, 24; 7: 5). Nesta ocasião procuraram fazer aparecer ao Jesus e a seus discípulos como impostores, fazendo ressaltar o fato de que havia um demônio ante o qual os discípulos eram impotentes (cf. DTG 394).

15.

assombrou-se.

A razão deste assombro ante a chegada do Jesus possivelmente se explica melhor como a reação da multidão ante os rastros de glória que indubitavelmente ficavam nos rostos dos que tinham presenciado a transfiguración (cf. Exo. 34: 29-35; DTG 394).

16.

Perguntou-lhes.

Parece que os escribas ficaram calados quando se aproximou Jesus. Sem dúvida a tensa atmosfera que prevalecia -a que contribuía a mesma presença de os escribas- fazia evidente que eles tinham estado acossando aos nove discípulos. 619

17.

Um da multidão.

Tendo sido silenciados e refutados pelo Jesus cada vez que se haviam esforçado por desacreditá-lo no passado, os escribas se retiraram do debate (ver com. Mar. 2: 19; 7: 11-13; Mat. 16: 1-4; cf. DTG 394). Isto deu ao pai do pobre moço possesso do demônio a oportunidade de apresentar pessoalmente seu pedido.

Traje a ti.

Lucas (cap. 9: 38) diz que o pai pediu ao Jesus que visse seu filho. Em grego esse era um modismo comum para referir-se a um exame médico.

Um espírito mudo.

Encuanto ao tema da posse demoníaca, ver a Nota Adicional do cap. 1.

18.

vai secando.

Gr. x'ráinÇ, "secar-se", ou "murchar-se". No Sant. 1: 11 x'ráinÇ se usa para referir-se à erva que se seca. Possivelmente o pai aqui descreve o piora progressiva da condição física do moço, ou talvez esteja descrevendo uma etapa de um acesso na qual o corpo ficava rígido. (A BJ traduz: "deixa-lhe rígido".)

Não puderam.

Comparar este caso dos discípulos com o do Giezi (2 Rei. 4: 31).

19.

Incrédula.

Quer dizer, "sem fé", ou "descrente". Comparar com a forma em que Deus considerava o Israel nos dias do Moisés (Núm. 14: 27; Heb. 3: 17-19). Não parece provável que Jesus tivesse em conta ao pai do moço possesso do demônio quando pronunciou estas palavras, pois a fé do pai não era o único obstáculo no atalho da cura de seu filho. devido a que os discípulos mesmos eram os principais culpados (ver com. Mar. 9: 29), é provável que El Salvador os teve especialmente em conta. Mas não desejava assinalá-los para censurá-los em público, e por isso não os fez o objeto direto de seus observações. Contudo, se os discípulos eram "incrédulos", quanto mais o era a multidão!

Até quando?

Estas palavras poderiam insinuar que Jesus aqui fala como um ser divino, que

temporalmente assumiu a forma humana.

Tenho-lhes que suportar.

Repetidas vezes Moisés passou pela mesma experiência com o Israel no deserto (Núm. 20: 10).

20.

derrubava-se.

O moço dava um espetáculo lamentável.

21.

Perguntou ao pai.

Detalhe registrado só pelo Marcos.

Quanto tempo?

Este é o único caso registrado no qual Jesus fez uma pergunta específica dos antecedentes de um a quem sanou. Não são do todo claras suas razões para proceder assim nesta ocasião. Possivelmente lhe pediu ao pai que desse uma descrição da enfermidade e seus efeitos a fim de que os que estavam ali pressente pudessem apreciar plenamente a grave condição do moço (ver com. vers. 18). Possivelmente por esta razão Cristo permitiu que o espírito mau agitasse ao moço quando saía (ver com. vers. 26).

22.

Para lhe matar.

O caso era crônico, e portanto, do ponto de vista humano, mais difícil de tratar. Em grego (Mat. 17: 15) a expressão "padece muitíssimo" geralmente se usava para descrever enfermidades que a habilidade humana não tinha podido aliviar.

Se puder.

Ver com. cap. 1: 40.

nos ajude.

O pai se identifica plenamente com o moço (cf. Mat. 15: 22, 25).

24.

Minha incredulidade.

O pai não teria trazido para seu filho se não tivesse tido antes uma certa medida de fé (cf. com. Juan 4: 43-54).

25.

Multidão.

Este episódio possivelmente ocorreu durante o período de retiro do ministério público, durante o qual Jesus procurou fugir a publicidade e evitar que se despertasse um entusiasmo que não tinha o propósito de satisfazer (ver com. Mat. 15: 21). Por isso Jesus procedeu a efetuar a cura sem mais demora.

Repreendeu ao espírito imundo.

A condição física do moço se devia ao demônio. O efeito desapareceria junto com a causa (Luc. 9: 42).

26.

lhe sacudindo com violência.

Quer dizer, "lhe provocando intensas convulsões". Jesus pode ter permitido esta manifestação final do poder do demônio a fim de que pudesse ser mais evidente o contraste entre a necessitada condição do moço e seu estado quando ficou liberado do demônio.

Como morto.

O moço estava completamente exausto pela violência do espasmo que o tinha sobrevindo.

27.

Jesus, tomando.

O demônio se foi, e agora o toque do Jesus restaurou o vigor do moço (ver com. cap. 5: 27).

28.

Em casa.

Talvez a casa do Pedro no Capernaúm (ver com. cap. 1: 29; 2: 1), um lar transitivo para o Jesus durante o resto de sua permanência na Galilea (cf. DTG 399).

por que nós não pudemos?

Os doze tinham expulso demônios durante o curso de sua terceira viagem por Galilea (cap. 6: 13). Não podiam entender por que se havia 620 afastado de eles o poder que Jesus lhes tinha repartido.

29.

Este gênero.

Os escribas tinham atribuído a impotência dos nove discípulos ante o suposto poder superior do demônio, e afirmavam que o domínio do Jesus estava limitado aos demônios menos poderosos (cf. DTG 394). Entretanto, a verdadeira dificuldade não dependia do poder do demônio, mas sim da impotência espiritual dos discípulos.

A não ser com oração.

Cristo não se refere aqui à oração oferecida no momento de expulsar o demônio. A não fala da oração acidental, mas sim de uma vida movida pela oração. Enquanto Pedro, Jacobo e, Juan estavam com Cristo, os outros nove discípulos tinham estado ruminando suas decepções e ressentimentos pessoais, movidos por um espírito de ciúmes, devido ao favor mostrado a seus companheiros ausentes (DTG 397). O estado de seus pensamentos e de seu coração fazia impossível que Deus atuasse mediante eles.

Jejum.

A evidência textual tende a confirmar a omissão (cf. P. 147) desta palavra. (Não está no texto da BJ, mas sim como variante ao pé de página.) Ver com. Mat. 6: 16; Mar. 2: 18.

30.

Tendo saído dali.

[Uma viagem secreta pela Galilea, Mar. 9: 30-32 = Mat. 17: 22-23 = Luc. 9: 43b -45. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 211.] Quer dizer, do pé do monte da transfiguración, onde Jesus tinha sanado ao moço diabólico (ver com. vers. 14).

Caminharam pela Galilea.

Possivelmente dando um rodeio que terminou no Capernaúm (ver com. Mat. 17: 24). Este viagem secreta pela Galilea possivelmente lhes levou vários dias durante a última parte do verão do ano 30 d. C., uns sete ou oito meses antes da crucificação.

Não queria.

Se Jesus tivesse ficado muito tempo em uma localidade, logo se houvesse esparso a notícia, reuniram-se multidões de pessoas, e sua vinda tivesse interrompido o importante ensino que procurava repartir a seus discípulos. Por ende, Jesus parece ter ido de um lugar a outro na Galilea, possivelmente evitando as cidades e aldeias que, uns poucos meses antes disto, tinham presenciado suas obras maravilhosas. O passar por cima cidades e povos seria uma forma eficaz para impedir que a gente soubesse o paradeiro de Cristo. Até os discípulos não aproveitavam plenamente as palavras de ensino que ele apresentava, e se o círculo íntimo de crentes carecia de percepção espiritual, o comum da gente não aproveitaria do que Cristo tinha para dizer nesse momento.

31.

Ensinava.

Esta é segunda de pelo menos três ocasiões específicas nas quais Jesus falou claramente com os discípulos a respeito de seus sofrimentos vindouros e sua morte (cf. com. Mat. 16: 21; 20: 17- 19). Sem dúvida, houve outras vezes quando Jesus lhes deu uma informação similar, como está implícito no Mat. 16: 2 L. O desejo de estar sozinho com seus discípulos a fim de que pudesse lhes repartir esta informação, evidentemente explica por que Jesus passava agora discretamente pela Galilea (ver com. Mar. 9: 30; cf. DTG 399).

Filho do Homem.

Ver com. Mat. 1: 1; Mar. 2: 10.

Ao terceiro dia.

Ver pp. 239-242.

32.

Não entendiam.

Apesar de tudo o que Jesus lhes havia dito com toda claridade (ver com. vers. 31), os discípulos ainda entendiam mau (ver com. Luc. 9: 45). A principal razão pela qual os discípulos não entendiam era porque não queriam acreditar que fora necessário que o Mesías sofresse e morrera (ver com. Mat. 16: 22-23). Uma idéia tal era diametralmente oposta a suas opiniões preconcebidas aproxima do Mesías (ver com. Luc. 4: 19). Esperavam que finalmente Cristo reinaria como um príncipe temporário e não estavam dispostos a renunciar a seus brilhantes expectativas da honra que antecipavam compartilhar com ele quando chegasse o momento (cf. DTG 383, 385-386; ver com. Luc. 4: 19).

Tinham medo de lhe perguntar.

Permaneceram silenciosos, possivelmente compreendendo que compartilhavam o ponto de vista que acabava de apresentar Pedro, e que se falavam agora, tão somente expressariam os mesmos pensamentos (ver com. Mat. 16: 22-23). Segundo Mat. 17: 23, "se entristeceram em grande maneira"; quer dizer, estavam "grandemente afligidos".

33.

Chegou ao Capernaúm.

[Humildade, reconciliação e perdão, Mar. 9: 33-50 = Mat. 18: 1-35 = Luc. 9: 46-50. Comentário principal: Mateo e Marcos. Ver mapa P. 211; diagrama P. 221.] Quanto às circunstâncias nas quais ocorreu este retorno a Capernaúm, e uma comparação entre o relato que faz Marcos do discurso e o do Mateo, ver com. Mat. 18: 1.

34.

Eles calaram.

Melhor "calavam", ou "permaneciam em silêncio". Persistentemente. 621 fugiam responder a pergunta do Jesus (vers. 33).

Disputado.

Gr. dialégomai, "discutir", "disputar".

35.

Quer ser o primeiro.

Aqui Jesus põe o dedo na chaga: cada um dos doze desejava ser o "primeiro" no reino que todos esperavam que estabeleceria logo o Senhor (ver com. Mat. 18: 1). esqueciam-se de que a verdadeira grandeza implica renunciar a a grandeza como meta da vida. O momento em que um homem se propõe destacar-se como grande, demonstra pequenez de alma. Cf. Mat. 23: 8-12; Mar. 10:

43-44; Luc. 22: 24-26.

Servidor.

Gr. diákonos, de onde provém nossa palavra "diácono" (Fil. 1: 1; 1 Tim. 3: 8, 12). Diákonos é o que atende as necessidades ou carências de outro; podia ser um "escravo" ou um homem livre, embora a palavra implica um serviço emprestado voluntariamente. Outra palavra grega usualmente traduzida "servo" é dóulos, que significa "escravo" no sentido comum do término. No NT, diákonos se usa geralmente para um "ministro" do Evangelho (1 Cor. 3: 5; F. 3: 7 ; 1 Lhes. 3: 2). Em sua essência, o reino dos céus consiste em servir a Deus e ao próximo, e não em ser servido por outros. O verdadeiro amor é essencialmente um assunto de dar amor e não de demandá-lo (ver com. Mat. 5: 43). Possui a máxima grandeza o que ama a Deus e a seus próximos até o supremo e os brinda o melhor de seu serviço.

37.

Não me recebe .

Ver com. Juan 12: 44-45.

38.

Juan lhe respondeu.

Não no sentido de responder uma pergunta específica do Jesus a não ser no sentido de comentar as observações anteriores do Jesus. Essas observações tinham despertado no Juan a suspeita de que a recriminação que dirigiram ele e seu irmano Jacobo, em uma ocasião prévia, a um que trabalhava no "nome" de Jesus não tinha sido correto (cf. DTG 404).

Vimos a um.

O fato de que o sucesso aqui referido só implicasse ao Juan e ao Jacobo, sugere a possibilidade de que pudesse ter ocorrido durante a terceira viagem pela Galilea, quando os dois irmãos saíram juntos (ver com. Mat. 10: 5; Mar. 3: 14).

O não nos segue.

Não era um dos reconhecidos como discípulos habituais do Jesus.

O proibimos.

Ou, "tratamos de impedir-lhe BJ). Quanto a uma atitude similar de intolerância de parte do Jacobo e Juan em outra ocasião pouco depois desta, ver com. Luc. 9: 54. Nesta ocasião, Jacobo e Juan tinham desculpado seu conduta alegando que defendiam celosamente a honra de seu Professor, quando em realidade os tinha movido à ação o zelo por sua própria honra (DTG 404). Reprovaram ao homem porque fazia o que pensavam que só eles tinham direito a fazer (ver com. Mat. 10: 8). Mas embora Jacobo e Juan eram discípulos e tinham em suas mãos as "chaves" do reino (ver com. Mat. 16: 19; 18: 18), não tinham direito de enseñorearse de outros. Sua comissão era positiva e não negativa; deviam ser ciumentos em realizar as ordens que tinham recebido, mas não tinham direito de obrigar a outros às cumprir. É o maligno o que induz aos dirigentes religiosos a que pensem que é seu dever forçar a outros

homens a que cumpram as normas de conduta e crença que eles concebem que são corretas.

39.

Não o proíbam.

Quer dizer, deixem de impedir-lhe Não temos direito a forçar a outros para que se conformem com nossas idéias e opiniões, ou a que sigam nossos métodos de trabalho (DTG 405; cf. Núm. 11: 27-29).

Milagre.

Gr. dúnamis (ver P. 198).

Em meu nome.

Pedro (Hech. 3: 6-8) e Pablo (Hech. 16: 16-18) e possivelmente todos os outros discípulos, quando realizavam milagres, faziam-nos no "nome" do Jesus.

Logo.

Gr. tajú, "logo", "rapidamente", "imediatamente", "sem demora". Realizar um milagre no nome do Jesus seria reconhecer seu poder e autoridade. que fazia um milagre no nome do Jesus não ia contradizer imediatamente o mesmo poder do qual dependia para a realização do milagre.

40.

Não é contra nós.

Comparar com a declaração oposta da mesma verdade no Mateo (ver com. cap. 12: 30). As duas não se excluem mutuamente, mas sim mas bem se complementam. É óbvio que um homem não pode estar a favor e contra Jesus ao mesmo tempo. Se o homem a quem repreenderam Jacobo e Juan foi achado fazendo a mesma obra que fazia Jesus, e a executava no nome do Jesus, tinha que ser porque Deus estava atuando com ele e mediante ele.

Por nós é.

Quer dizer, está de nosso lado.

41.

Um copo.

Ver com. Mat. 10: 42.

622

Porque são de Cristo.

Ver com. Mat. 5: 11; 10: 18, 42. O caráter do fato se determina pelo motivo que o impulsiona.

De certo.

Gr. am'n (ver com. Mat. 5: 18).

Não perderá sua recompensa.

Ver com. Mat. 5: 12; 19: 29.

42.

Qualquer que faça tropeçar.

Ver com. Mat. 18: 6.

43.

Se sua mão te for ocasião de cair.

Ver com. Mat. 5: 29-30; 18: 8.

Que não pode ser apagado.

Ver com. ISA. 66: 24; Mat. 3: 12. "O fogo que não pode ser apagado" equivale ao "fogo eterno" da passagem paralelo do Mateo (cap. 18: 8; ver com. cap. 5: 22).

44.

Onde o verme deles.

A evidência textual (cf. P. 147) tende a confirmar a omissão dos vers. 44 e 46. A BJ os omite, e explica em nota de pé de página: "Os vv. 44 e 46 (Vulg.), simples repetições do V. 48, devem-se omitir com os melhores mss [manuscritos]". Ver com. vers. 48.

45.

Se seu pé te for ocasião de cair.

Ver com. Mat. 5: 29-30; 18: 8.

46.

Onde o verme deles.

Ver com. vers. 44, 48.

47.

Se seu olho te for ocasião de cair.

Ver com. Mat. 5: 29-30; 18: 8-9.

Reino de Deus.

Ver com. Mat. 3: 2; 4: 17; 5: 3; Luc. 4: 19.

48.

Verme.

Gr. skÇl'x, "cresa", "verme". Como comentam Major, Manson e Wright (The Mission and Message of Jesus, P. 123): "O verme que não morre não é o símbolo de uma alma que não pode morrer, mas sim é o símbolo da corrupção que não pode ser desencardida". No vers. 43 se apresenta a "vida" em contraste com o "fogo que não pode ser apagado". Em ROM. 6: 23 e em muitos outros textos "vida" está em contraste com "morte". No Juan 3: 16 o contraste é entre a vida eterna. e a perdição ou a destruição. É óbvio que Jesus tem em conta aqui o mesmo contraste. "O fogo nunca se apaga" está em aposto com "o verme deles não morre", e é uma expressão equivalente; além disso parece irrazonable que os vermes possam prosseguir sua obra na presença do fogo. Não há nada na palavra skÇl'x, "verme", que nem mesmo remotamente justifique a explicação popular que faz equivaler "verme" com "alma" (ver com. ISA. 66: 24), feito que é reconhecido por quase todos os comentadores, sem importar o que pensem pessoalmente quanto ao estado do homem na morte.

49.

Salgados com fogo.

A respeito do sal como agente preservativo, ver com. Mat. 5: 13. O fogo pode ser considerado como um agente purificador, ou como um símbolo do julgamento final (ver com. Mat. 3: 10). O significado desta declaração enigmática não é inteiramente claro, e depende completamente do contexto imediato para uma explicação satisfatória. Ser "salgados com fogo" talvez signifique que "todos" passarão pelos fogos da aflição e da purificação nesta vida (ver com. Job 23: 10) ou pelos fogos do último dia. O fogo ou elimina a escória desta vida, ou destrói a vida mesma no último grande dia. O sal preserva o que é bom (ver com. Mar. 9: 50).

Todo sacrifício.

Nos serviços do santuário antigo, acrescentava-se sal a todos os sacrifícios (ver com. Lev. 2: 13). Sua presença significava que só Injustiça de Cristo podia fazer que a oferenda fora aceitável a Deus (cf. DTG 406).

50.

Bom é o sal.

Ver com. Mat. 5: 13.

Tenham sal em vós mesmos.

Se os discípulos tivessem tido "o sal do pacto" (Lev. 2: 13), ela haveria impedido as desafortunadas tendências que os tinham levado a discussão de quem era o major no reino dos céus.

Tenham paz.

Adequado clímax do discurso, uma admoestação para que não discutissem mais o tema, uma admoestação contra o ciúmes e o espírito de rivalidade.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-9 P 162-164

2-8 DTG 388-392

3 DTG 689; HAp 27

5 DTG 391

7 SR 207

9-29 DTG 393-398

14-16 DTG 393

17-27 CS 569; DTG 394

22-23 DTG 396

23 CW 108; FÉ 341; MC 42; MeM 9; PR 116

24 TM 527

29 1JT 120

30-31 DTG 399 623

30-50 DTG 399-410

33 DTG 401

34-35 ECFP 72; 3TS 268

35 DTG 402

36-40 ECFP 73

37 MeM 208

37-39 DTG 404

38 COES 94

39 HAp 433

40 COES 94

42 2JT 85; 5T 483

42-45 DTG 405

43-45 HAp 252

49-50 DTG 406

CAPÍTULO 10

2 Cristo disputa com os fariseus quanto ao divórcio; 13 benze aos meninos que lhe apresentam; 17 insígnia a um jovem rico como pode ter a vida eterna; 23

admoesta a seus discípulos sobre o perigo das riquezas; 28 Promete uma grande recompensa a quem abandone tudo por causa do Evangelho; 32 prediz seu morte e ressurreição; 35 admoesta a dois discípulos ambiciosos a pensar, ante tudo, em sofrer com ele. 46 Devolve a vista ao Bartimeo.

1 LEVANTANDO-SE dali, veio à região da Judea e ao outro lado do Jordão; e voltou o povo a Juntar-se a ele, e de novo lhes ensinava como estava acostumado a.

2 E se aproximaram os fariseus e lhe perguntaram, para lhe tentar, se era lícito ao marido repudiar a sua mulher.

3 O, respondendo, disse-lhes: O que lhes mandou Moisés?

4 Eles disseram: Moisés permitiu dar carta de divórcio, e repudiá-la.

5 E respondendo Jesus, disse-lhes: Pela dureza de seu coração lhes escreveu este mandamento;

6 mas ao princípio da criação, varão e fêmea os fez Deus.

7 Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher,

8 e os duas serão uma só carne; assim não são já mais dois, a não ser um.

9 portanto, o que Deus juntou, não o separe o homem.

10 Em casa voltaram os discípulos a lhe perguntar do mesmo,

11 e lhes disse: Qualquer que repudia a sua mulher e se casa com outra, comete adultério contra ela;

12 e se a mulher repudiar a seu marido e se casa com outro, comete adultério.

13 E lhe apresentavam meninos para que os tocasse; e os discípulos repreendiam a os que os apresentavam.

14 Vendo-o Jesus, indignou-se, e lhes disse: Deixem aos meninos vir para mim, e não o impeçam; porque dos tais é o reino de Deus.

15 De certo lhes digo, que o que não receba o reino de Deus como um menino, não entrará nele.

16 E tomando-os nos braços, pondo as mãos sobre eles, benzia-os.

17 Ao sair ele para seguir seu caminho, veio um correndo, e fincando o joelho diante dele, perguntou-lhe: Professor bom, o que farei para herdar a vida eterna?

18 Jesus lhe disse: por que me chama bom? Nenhum há bom, a não ser só um, Deus.

19 Os mandamentos sabe: Não adultere. Não foscos. Não furte. Não diga falso testemunho. Não defraude. Honra a seu pai e a sua mãe.

20 O então, respondendo, disse-lhe: Professor, tudo isto o guardei desde minha juventude.

21 Então Jesus, lhe olhando, amou-lhe, e lhe disse: Uma coisa te falta: anda, vende tudo o que tem, e dá-o aos pobres, e terá tesouro no céu; e vêem, me siga, tomando sua cruz.

22 Mas ele, aflito por esta palavra, foi triste, porque tinha muitas posses.

23 Então Jesus, olhando ao redor, disse a seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!

24 Os discípulos se assombraram de suas palavras; mas Jesus, respondendo, voltou a lhes dizer: Filhos, quão difícil lhes é entrar no reino de Deus, a os que confiam nas riquezas!

25 Mais fácil é passar um camelo pelo olho de uma agulha, que entrar um rico em o reino de Deus.

26 Eles se assombravam até mais, dizendo entre si: Quem, pois, poderá ser salvo? 624

27 Então Jesus, olhando-os, disse: Para os homens é impossível, mas para Deus, não; porque todas as coisas são possíveis para Deus.

28 Então Pedro começou a lhe dizer: Hei aqui, nós o deixamos tudo, e seguimo-lhe.

29 Respondeu Jesus e disse: De certo lhes digo que não há nenhum que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por causa de mim e do evangelho,

30 que não receba cem vezes mais agora neste tempo; casas, irmãos, irmãs, mães, filhos, e terras, com perseguições; e no século vindouro a vida eterna.

31 Mas muitos primeiros serão últimos, e os últimos, primeiros.

32 Foram pelo caminho subindo a Jerusalém; e Jesus ia diante, e eles se assombraram, e lhe seguiam com medo. Então voltando a tomar aos doze à parte, começou-lhes a dizer as coisas que lhe tinham que acontecer:

33 Hei aqui subimos a Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas, e condenarão a morte, e o entregarão aos gentis;

34 e lhe ludibriarão, açoitarão-lhe, e cuspirão nele, e lhe matarão; mas ao terceiro dia ressuscitará.

35 Então Jacobo e Juan, filhos do Zebedeo, lhe aproximaram, dizendo: Professor, quereríamos que nos faça o que pidiéremos.

36 O lhes disse: O que querem que lhes faça?

37 Eles lhe disseram: nos conceda que em sua glória nos sentemos o um a você direita, e o outro a sua esquerda.

38 Então Jesus lhes disse: Não sabem o que pedem. Podem beber do copo que

eu bebo, ou ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?

39 Eles disseram: Podemos. Jesus lhes disse: À verdade, do copo que eu bebo, beberão, e com o batismo com que eu sou batizado, serão batizados;

40 mas o lhes sentar a minha direita e a minha esquerda, não é meu dá-lo, a não ser a aqueles para quem está preparado.

41 Quando o ouviram os dez, começaram a zangar-se contra Jacobo e contra Juan.

42 Mas Jesus, chamando-os, disse-lhes: Sabem que os que são tidos por governantes das nações se enseñorean delas, e seus grandes exercem sobre elas potestad.

43 Mas não será assim entre vós, mas sim o que queira fazer-se grande entre nós será seu servidor,

44 e o que de vós queira ser o primeiro, será servo de todos.

45 Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, a não ser para servir, e para dar sua vida em resgate como muitos.

46 Então vieram ao Jericó; e ao sair do Jericó ele e seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeo o cego, filho do Timeo, estava sentado junto ao caminho mendigando.

47 E ouvindo que era Jesus nazareno, começou a dar vozes e a dizer: Jesus, Filho David, tenha misericórdia de mim!

48 E muitos lhe repreendiam para que calasse, mas ele clamava muito mais: Filho David, tenha misericórdia de mim!

49 Então Jesus, detendo-se, mandou lhe chamar; e chamaram o cego, lhe dizendo: Tenha confiança; te levante, chama-te.

50 O então, arrojando sua capa, levantou-se e veio ao Jesus.

51 Respondendo Jesus, disse-lhe: O que quer que te faça? E o cego lhe disse Professor, que recupere a vista.

52 E Jesus lhe disse: Vete, sua fé te salvou. E em seguida recuperou a vista, e seguia Jesus no caminho.

1.

Levantando-se dali.

[Começo do ministério na Samaria e Perea, Mar. 10: 1 = Mat.19: 1-2 = Luc. 9: 51-56. Comentário principal: Mateo e Lucas.] "Partindo dali" (BJ, 1966). Quer dizer, partindo do Capernaúm (ver cap. 9:33).

Outro lado.

Quer dizer, Perea (ver com. Mat 19: 1).

Como estava acostumado a.

Quer dizer, como havia esta acostumado a fazer durante o curso de ministério na Galilea.

2.

aproximaram-se os fariseus.

[Matrimônio divórcio, Mar. 10: 2-12 = Mat. 19: 3-12. Comentário principal: Mateo.]

12.

Se a mulher.

A lei mosaica não fazia provisão para que uma mulher se divorciasse de seu marido. Entretanto, a antiga literatura Judia revela que algumas mulheres Feijões o fizeram. Na sociedade romana era comum que as mulheres se divorciassem de seus maridos.

13.

Apresentavam-lhe meninos.

[Benzendo aos meninos, Mar.10: 13-16 = Mat. 19: 13-15 625 = Luc. 18: 15-17. Comentário principal: Mateo.]

14.

indignou-se.

Gr. aganaktéÇ, "indignar-se", "zangar-se".

15.

De certo.

Ver com. Mat. 5: 18.

Receba o reino.

Ver com. Mat. 18: 3. Aqui Jesus apresenta a um menino como um modelo que devem seguir os adultos. A singela confiança e a amante obediência de um menino representam rasgos de caráter de grande valor no reino dos céus. Notar que Jesus fala de "meninos" (literalmente, de "garotinhos"), os que -dos maus exemplos que dão os adultos- não aprenderam os pecados da dúvida e a desobediência.

16.

Nos braços.

Aproximou-os de si mesmo tanto como pôde, a maneira de uma muda recriminação para os discípulos que tratavam de apartar aos garotinhos dele. Esse gesto afetuoso atesta melhor que qualquer outra coisa do quente interesse pessoal que Jesus sentia pelos pequenos (Mat. 18: 2; Luc. 9: 47).

17.

Veio um.

[O Jovem rico, Mar. 10: 17-31 = Mat. 19: 16-30 = Luc. 18: 18-30. Comentário principal: Mateo.]

19.

Não defraude.

Só Marcos menciona isto.

21.

Tomando sua cruz.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão desta frase.

23.

Olhando ao redor.

Um vívido quadro descrito pelo Marcos. Quase parece possível ver o Jesus olhando a um após o outro de seus discípulos para observar como reagiam ante a decisão do Jovem rico.

26.

Dizendo entre si.

A evidência textual favorece o texto da RVR (cf. P. 147); alguns MSS dizem: "lhe dizendo a ele".

29.

Mulher.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão desta palavra.

32.

Subindo a Jerusalém.

[Jesus prediz sua morte, Mar. 10:32-34 = Mat. 20:17-19 = Luc. 18:31-34. Comentário principal: Mateo.]

Ia diante.

A solenidade desta última visita do Jesus a Jerusalém se reflete em seu comportamento. É indubitável que deliberadamente caminhava diante deles em contra de seu costume, porque desejava estar sozinho.

assombraram-se.

O insólito proceder do Jesus assombrou aos discípulos e encheu de sua ansiedade corações (cf. DTG 501).

Voltando a tomar aos doze.

Os doze conheciam muito bem os complôs que se tramavam para tirar a vida a seu Professor (ver com. Luc. 13: 31; cf. Juan 1: 7-8), mas não se davam conta de que, ao fim, esses esforços teriam êxito (Luc. 18: 34). Mateo e Marcos têm pouco que dizer quanto ao feito de que os doze não captavam a importância de a explicação do Jesus, mas, em troca, registram um incidente que mostra quão pouco entendiam esse assunto (Mat. 20: 20-28; Mar. 10: 35-45).

34.

Ao terceiro dia.

A evidência textual (cf. p.147) tende a confirmar o texto "depois de três dias" (ver pp. 239-242).

35.

Jacobo e Juan.

[A ambição do Jacobo e Juan, Mar. 10: 35-45 = Mat. 20: 20-28. Comentário principal: Mateo.]

43.

Servidor.

Gr. diákonos (ver com. cap. 9: 35).

44.

Servo.

Gr. dóulos (ver com. cap. 9: 35).

46.

Vieram ao Jericó.

[O cego Bartimeo, Mar. 10: 46-52 = Mat. 20: 29-34 = Luc. 18: 35-43. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 213; diagrama P. 221; quanto aos milagres, pp. 198-203.] Quer dizer, tinham chegado ao Jericó, uma das últimas etapas em sua viagem da Perea a Jerusalém, para assistir à páscoa (ver com. Mat. 20: 17; 21: 1). A respeito dos episódios ocorridos com o passar do caminho imediatamente antes da chegada ao Jericó, ver com. Mat. 20: 17-28.

Um dos importantes vaus para cruzar o rio Jordão está a 9 km ao este do Jericó. A cidade mesma está no bordo ocidental do vale do Jordão, muito perto das colinas ao pé das montanhas que se levantam o oeste (ver com. Luc. 10: 30). A cidade do Jericó do NT estava situada mais ou menos a 2 km ao sul das ruínas da cidade do Jericó do AT. Herodes o Grande havia embelezado a cidade, e tinha ali um palácio de inverno. conhecia-se o Jericó por sua termas próximas, aonde foi Herodes o Grande com a esperança de curar-se durante o processo de sua enfermidade fatal. Embora esta é a única visita do Jesus ao Jericó que se registra, há poderosas razões para supor que tinha visitado a cidade em viagens anteriores a Jerusalém para assistir a

as festas, e possivelmente passou por ela não muito antes, quando foi da Perea para ressuscitar ao Lázaro.

Ao sair do Jericó.

Mateo (cap. 20: 29) e Marcos concordam em que este episódio ocorreu quando Jesus e os doze estavam saindo da cidade, ao passo que Lucas diz que se estavam aproximando da cidade (cap. 18: 35). Deram-se várias opiniões para harmonizar esta aparente discrepância. 626

Alguns sugeriram que embora o significado usual da palavra grega traduzida "aproximando-se" (Luc. 18: 35) é o de "aproximar-se" ou "chegar perto", não é impossível que simplesmente Lucas quis dizer que Jesus estava nas proximidades do Jericó quando aconteceu isto. Outros sugeriram que Jesus pôde haver-se encontrado com os mendigos no caminho entre a nova e a antiga Jericó, situada esta aproximadamente a 2 km ao norte, enquanto se dirigia a Jerusalém. Entretanto, há pelo menos duas principais dificuldades com esta explicação. Em primeiro lugar, a antiga cidade do Jericó estava em ruínas em esse tempo, e se necessitaria um grande esforço da imaginação para pensar que Lucas chamasse "Jericó" a um montão de ruínas e ignorasse a cidade desse nome que existia tão perto dali. Em segundo lugar, o caminho da cidade de Jericó do NT a Jerusalém não passava pela Jericó do AT, mas sim mas bem pelas colinas ao pé das montanhas ao oeste, onde segue pelo Wadi Qelt e sobe internando-se nas montanhas (ver com. Luc. 10: 30).

Possivelmente a seguinte é uma explicação mais aceitável. Lucas registra o relato a respeito do Zaqueo imediatamente depois de narrar a cura do Bartimeo (Luc. 18: 35 a 19: 10). Indubitavelmente, tanto Zaqueo como Bartimeo viviam no Jericó, e Jesus encontrou a um não muito depois do outro. Segundo a ordem da narração do Lucas, Jesus esteve como convidado na casa do cobrador de impostos depois de sanar aos cegos. O mais provável é que não podendo Zaqueo olhar ao Jesus nas ruas da cidade, viu-se obrigado a adiantar-se à multidão, procurando uma árvore ao que pudesse subir, possivelmente nos subúrbios de a cidade (ver com. Luc. 19: 4), onde esperou a chegada do Jesus. Segundo Luc. 19: 1, Jesus "ia passando" pelo Jericó antes de que se encontrasse com o Zaqueo. Quando se encontrou com ele, Jesus retornou com o Zaqueo para passar o resto do dia em sua casa, e bem poderia ter acontecido que os cegos conseguiram chamar a atenção do Jesus quando este entrava de volta na cidade. Em circunstâncias como estas, Lucas teria razão ao dizer que Jesus estava entrando na cidade, e Mateo e Marcos também teriam razão ao dizer que a estava deixando.

Uma grande multidão.

Uns poucos dias antes da páscoa havia multidões nos caminhos que conduziam a Jerusalém.

Bartimeo.

O nome provém do aramaico Bar-Tim'ai, que Marcos traduz para seus leitores. Mateo fala de dois cegos (cap. 20: 30). A razão pela qual Marcos menciona a só um deles pode ser que algum feito concernente a um o impressionou como um pouco de interesse especial para seus leitores (ver com. cap. 5: 2). Possivelmente Bartimeo mais tarde se converteu em um dos conhecidos seguidores do Jesus. Ver a Nota Adicional 2 do Mat. 3.

Caminho.

Gr. hodós, "via", "caminho", "caminho" (ver com. cap. 11: 4). É provável que os mendigos se localizavam fora da porta da cidade, onde os transeuntes se compadeciam deles.

47.

Ouvindo.

Constantemente passavam então multidões pelo caminho a Jerusalém. Sem dúvida, os mendigos alcançaram para ouvir alguns dos circunstantes que diziam que Jesus estava nesse grupo específico.

Filho do David.

O uso deste título estritamente messiânico implica certo grau de reconhecimento do Jesus como o Prometido (ver com. Mat. 1: 1; 9: 27).

Tenha misericórdia.

Cf. Mat. 9: 27; 15: 22.

48.

Repreendiam-lhe.

Possivelmente estavam procurando impedir um incidente público do que as autoridades feijões ou romanas pudessem aproveitar-se para prendê-lo (ver com. Mat. 19: 1, 3; 20: 18).

Clamava muito mais.

Bartimeo compreendia que esta podia ser sua única oportunidade para ser sanado por Jesus. Sua persistência era um testemunho de sua fervente fé no poder de Jesus.

49.

Tenha confiança.

Ou, "Ânimo!" (BJ).

50.

Capa.

Gr. himátion, "manto", quer dizer, uma vestimenta externa (ver com. Mat. 5: 40).

levantou-se.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a variante "deu um salto" (BJ).

51.

O que quer?

Era óbvio que o cego procurava recuperar a vista. Entretanto, como era seu costume, Jesus desejava que o suplicante apresentasse um pedido específico como

reconhecimento de sua necessidade e como demonstração de sua fé. Entretanto, não foi só pelo Bartimeo mesmo que Jesus fez esta pergunta. Desejava que os testemunhas do sucesso entendessem melhor o significado do milagre (ver com. cap. 5: 32, 34).

Que recupere a vista.

Pelo texto grego se vê claramente que Bartimeo não era cego de nascimento, mas sim ficou cego depois.

52.

Sua fé.

Ver com. Mar. 5: 34; Luc. 7: 50. 627

Seguia ao Jesus.

Era tão somente natural que os que tinham sido sanados desejassem ficar com Jesus. Comparar com o pedido dos endemoninhados gadarenos (ver com. cap. 5: 18-20). Não é seguro se Jesus estava em caminho ao lar do Zaqueo (ver com. cap. 10: 46) ou a Jerusalém.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 DTG 452

13-16 DTG 472-476; HAd 248-251; MC 26; 3T 422

14 CM 91; CN 237; DTG 472, 476; Ev 257; FÉ 161; HAd 249-250; MC 27; OE 219

15-16 CN 248; HAd 250; 5T 421

16 MC 26; MM 19; OE 196

17-18 DTG 477

17-22 DTG 477-481

17-31 PVGM 322-326

20-21 2T 679

21 DTG 478; 1JT 575

21, 23 PVGM 324

23 1JT 548

24, 26 DTG 508

24-27 PVGM 325

28-30 2T 495

29-30 HH 16; PVGM 326

30 5T 42

32 DTG 501

32-45 DTG 501-505

36 DTG 502

38-39 SR 407

38-45 ECFP 74

44 P 102

45 MeM 232

51 Ev 402; PR 321

CAPÍTULO 11

1 Cristo entra triunfante em Jerusalém; 12 amaldiçoa a figueira que só tinha folhas; 15 desencarde o templo; 20 precatória a seus discípulos a acreditar e orar com fé, e a perdoar a seus inimigos. 27 Defende a legalidade de seus atos por médio do testemunho do Juan, um homem enviado Por Deus.

1 QUANDO se aproximavam de Jerusalém, junto ao Betfagé e a Betania, frente ao monte dos Olivos, Jesus enviou dois de seus discípulos,

2 e lhes disse: Vão à aldeia que está em frente de vós, e logo que entrem nela, acharão um pollino pacote, no qual nenhum homem montou; desatem e tragam.

3 E se alguém vos dijere: por que fazem isso? digam que o Senhor o necessita, e que logo o devolverá.

4 Foram, e acharam o pollino pacote fora à porta, na curva do caminho, e o desataram.

5 E uns dos que estavam ali lhes disseram: O que fazem desatando o pollino?

6 Eles então lhes disseram como Jesus tinha mandado; e os deixaram.

7 E trouxeram o pollino ao Jesus, e jogaram sobre ele seus mantos, e se sentou sobre ele.

8 Também muitos tendiam seus mantos pelo caminho, e outros cortavam ramos de as árvores, e as tendiam pelo caminho.

9 E os que foram diante e os que vinham detrás davam vozes, dizendo: Hosanna! Bendito o que vem no nome do Senhor!

10 Bendito o reino de nosso pai David que vem! Hosanna nas alturas!

11 E entrou Jesus em Jerusalém, e no templo; e tendo cuidadoso ao redor todas as coisas, como já anoitecia, foi a Betania com os doze.

12 Ao dia seguinte, quando saíram da Betania, teve fome.

13 E vendo de longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se talvez achava nela algo; mas quando chegou a ela, nada achou a não ser folhas, pois não era tempo de figos.

14 Então Jesus disse à figueira: Jamais coma ninguém fruto de ti. E o ouviram seus discípulos.

15 Vieram, pois, a Jerusalém; e entrando Jesus no templo, começou a jogar fora aos que vendiam e compravam no templo; e derrubou as mesas dos cambistas, e as cadeiras dos que vendiam pombas;

16 e não consentia que ninguém atravessasse o templo levando utensílio algum. 628

17 E lhes ensinava, dizendo: Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Mas vós a têm feito cova de ladrões.

18 E o ouviram os escribas e os principais sacerdotes, e procuravam como lhe matar; porque lhe tinham medo, por quanto todo o povo estava admirado de sua doutrina.

19 Mas ao chegar a noite, Jesus saiu da cidade.

20 E passando pela manhã, viram que a figueira se secou das raízes.

21 Então Pedro, lembrando-se, disse-lhe: Professor, olhe, a figueira que amaldiçoou se secou.

22 Respondendo Jesus, disse-lhes: Tenham fé em Deus.

23 Porque de certo lhes digo que qualquer que dijere a este monte: te tire e te jogue no mar, e não duvidar em seu coração, a não ser acreditar que será feito o que diz, o que diga lhe será feito.

24 portanto, digo-lhes que tudo o que pidiereis orando, acreditem que o receberão, e lhes virá.

25 E quando estiverem orando, perdoem, se tiverem algo contra algum, para que também seu Pai que está nos céus lhes perdoe a vós suas ofensas.

26 Porque se vós não perdoarem, tampouco seu Pai que está nos céus lhes perdoará suas ofensas.

27 Voltaram então para Jerusalém; e andando ele pelo templo, vieram a ele os principais sacerdotes, os escribas e os anciões,

28 e lhe disseram: Com que autoridade faz estas coisas, e quem te deu autoridade para fazer estas coisas?

29 Jesus, respondendo, disse-lhes: Farei-lhes eu também uma pergunta; me respondam, e lhes direi com que autoridade faço estas coisas.

30 O batismo do Juan, era do céu, ou dos homens? me respondam.

31 Então eles discutiam entre si, dizendo: Se dissermos, do céu, dirá: por que, pois, não o creísteis?

32 E se dissermos, dos homens ... ? Mas temiam ao povo, pois todos tinham ao Juan como um verdadeiro profeta.

33 Assim, respondendo, disseram ao Jesus: Não sabemos. Então respondendo Jesus, disse-lhes: Tampouco eu lhes digo com que autoridade faço estas coisas.

1.

Quando se aproximavam.

[A entrada triunfal, Mar. 11: 1-11 = Mat. 21: 1-11 = Luc. 19: 29-44 = Juan 12: 12-19. Comentário principal: Mateo.]

2.

Nenhum homem montou.

considerava-se como uma qualidade essencial que fossem novas as coisas destinadas ao uso sagrado ou real (Exo. 13: 2; 23: 19; Lev. 21: 13-14; Núm. 19: 2; 1 Sam. 6: 7).

4.

Fora à porta.

Muitas moradias do Meio Oriente eram construídas em forma quadrangular, com um pátio aberto no centro. Desde esse pátio, um passadiço conduzia à rua. De acordo com o costume, o asna e o pollino teriam estado apersogados no pátio e não à porta, na rua pública.

Na curva do caminho.

"Fora, na rua" (BJ). A palavra grega ámfodon, "rua", consta de dois partes: amfi, "ambos", e hodós, "caminho". Por isso a traduziu que diversas e interessantes maneiras, sem obter um consenso nenhuma compreensão clara da classe de rua a qual se faz referência. Ver mapa P. 214.

11.

No templo.

Este era o mesmo centro da vida nacional e religiosa judia, o lugar lógico para coroar ao Rei- Mesías; o lugar onde primeiro devesse ter sido reconhecida sua autoridade e de onde devesse haver-se proclamado o pregão oficial para que os homens reconhecessem sua soberania (ver T. IV, pp. 29-32). Os sacerdotes e anciões do Israel deveriam ter sido os primeiros em reconhecer a autoridade do Jesus. Entretanto, "ao seu vinho, e os seus não receberam-lhe" (ver com. Juan 1: 11).

Cuidadoso ao redor.

Como o templo era sua casa, Jesus andou por seus átrios, inspecionando o que com toda justiça era dele, mas do qual se apropriaram para seus próprios fins egoístas aqueles a quem tinha sido crédulo para que o

cuidassem (Mat. 21: 33-39).

foi a Betania.

Quando a multidão finalmente chegou a Jerusalém, já era muito tarde, e em vão procurou o Jesus para coroá-lo como rei (DTG 534). Mas, ao igual a em ocasiões prévias, quando, cumprindo com sua missão confrontava uma crise, Jesus passou toda a noite em oração (ver com. Mar. 3: 13; cf. DTG 534).

12.

Ao dia seguinte.

[A figueira estéril, Mar. 11: 12-14, 20-26 = Mat. 21: 18-22. Comentário principal: Marcos. Ver mapa P. 214; diagrama P. 223; a respeito dos milagres, 629 pp. 198-203.] Este foi o "dia seguinte" depois da entrada triunfal (vers. 1-11), e, portanto, uma segunda-feira de amanhã. Seguindo uma ordem estritamente cronológico, Marcos registra a purificação do templo (vers. 15-19) entre a maldição da figueira (vers. 12-14) e o descobrimento de que se tinha secado (vers. 20-26). Mateo, que freqüentemente segue uma ordem de temas e não cronológico (ver P. 268), apresenta em uma só unidade todo o episódio da figueira estéril, sem mencionar que passaram 24 horas entre a maldição que recaiu sobre ela e o descobrimento de que a árvore se havia secado.

Saíram da Betania.

Onde ele tinha passado a noite (ver com. vers. 11).

Teve fome.

Possivelmente as circunstâncias da entrada triunfal (ver com. vers. 11) haviam impedido que Jesus comesse bem, pelo menos uma vez. O fato de que não se mencione que os discípulos tinham fome, parece implicar que tinham comido.

13.

Vendo... uma figueira.

Assim como o fez em ocasião da entrada triunfal no dia anterior, possivelmente Jesus seguiu uma rota mais ou menos direta desde a Betania a Jerusalém. Subindo pela suave saia oriental do monte dos Olivos, baixando a comparativamente levantado contraforte ocidental e cruzando o vale do Cedrón, entrou em Jerusalém (ver com. Mat. 21: 1; Luc. 19: 41). A figueira chamava a atenção por ser a única árvore do horta que estava cheio de folhas (cf. DTG 534).

de longe.

Jesus viu a árvore antes de chegar a ele. Certamente, esta árvore crescia perto do caminho (Mat. 21: 19).

Tinha folhas.

Uma figueira bem frondosa prometia frutas de bom tamanho, embora não necessariamente amadurecidas. Por outro lado, as árvores sem folhas como era o caso do resto das árvores do horta não despertavam falsas esperanças de que houvesse frutas neles e por ende não podiam estalar a ninguém.

Nesta dramática parábola (ver com. vers. 14), a frondosa figueira representava à nação judia e as outras árvores às nações gentis. É certo que os gentis não davam frutos, mas ninguém os esperava deles porque não pretendiam dá-los (ver T. IV, pp. 28-29). Entretanto, esta figueira precoce tinha folhas que pressagiavam figos.

Nada achou a não ser folhas.

Era uma promessa incumplida. De todos os defeitos, não havia nenhum que resultasse mais ofensivo para o Jesus que a hipocrisia (ver com. Mat. 6: 2; 23: 13). A semelhança da figueira estéril, a religião Judia estava desprovida de frutos. Abundava em formas e cerimônias, mas lhe faltava a verdadeira piedade (ver com. Mar. 7: 2-3; T. IV, pp. 32-34).

Tempo de figos.

No clima da Palestina, a primeira colheita de figos (as brevas) geralmente amadurecida em Junho e a última em setembro. O incidente ocorreu possivelmente no mês de abril, e, portanto, faltavam poucas semanas antes de que maturasse a primeira colheita. Embora era insólito que se esperasse achar figos tão prematuros, contudo era concebível que uma árvore tão frondosa tivesse frutas a ponto de maturar. Também deve se ter em conta que nos países do Próximo Oriente se come com freqüência a fruta verde ou sem maturar (ver com. ISA. 28: 4).

14.

Jamais.

A dobro negação faz que a proibição seja mais enfática. A esterilidade do árvore representava a improdutividade do Israel, e a maldição, o julgamento que Jesus ia pronunciar ao dia seguinte: "Sua casa lhes é deixada deserta" (ver com. Mat. 23: 38). Foi também ao dia seguinte quando Jesus censurou severamente aos escribas e aos fariseus por suas pretensões hipócritas (Mat. 23: 13-33).

O propósito desta parábola convertida em realidade era preparar as mentes de os discípulos para as cenas dos dias seguintes, durante os quais os dirigentes Judeus confirmariam seu rechaço do Jesus. Com freqüência, este tipo de parábolas induz mais eficazmente à reflexão que o que poderiam fazê-lo as meras palavras. Há outras parábolas transformadas em realidade na ISA. 20: 2-6 e Eze. 4: 1 a 5: 17.

15.

Vieram, pois, a Jerusalém.

[Segunda purificação do templo, Mar. 11: 15-19 = Mat. 21: 12-17 = Luc. 19: 45-48. Comentário principal: Mateo.]

16.

Atravessasse o templo.

Quer dizer, atravessasse os átrios do templo. A palavra aqui usada para templo é hierón, que se refere a todos os átrios e edifícios dentro do prédio do

templo, e não o vocábulo naós, templo ou santuário propriamente dito. Ao entrar no recinto sagrado do templo, os homens deviam deixar a um lado, como sinal de reverência, qualquer carga que pudessem estar levando. É indubitável que os que levavam cargas estavam usando os átrios do templo como um atalho para evitar dar um rodeio (ver Mishnah Berakoth 9. 5). 630

17.

Chamada... para todas as nações.

Sem dúvida Jesus estava na parte do templo que correspondia aos gentis que acreditavam no verdadeiro Deus. Os funcionários do templo tinham convertido esse recinto em uma espécie de mercado.

Ladrões.

"Bandidos" (BJ). Ou "salteadores". Quer dizer, assaltantes organizados, e não ladrões.

18.

Tinham-lhe medo.

Especialmente, devido a seu grande influencia sobre o povo, o que se havia demonstrado em forma tão impressionante com a entrada triunfal do dia anterior.

Doutrina.

Literalmente, "ensino" (ver com. Mat. 7: 28).

20.

Pela manhã.

Quer dizer, a manhã da terça-feira, o dia depois da purificação do templo. Desde segunda-feira de amanhã, os discípulos tinham tido mais oportunidades de ser testemunhas da obstinada animosidade dos dirigentes Judeus contra Jesus. Teriam que ver muito mais antes de que terminasse o dia. Para o Jesus e os doze, o primeiro episódio deste dia detestável foi o espetáculo da figueira seca.

Das raízes.

Um detalhe que só consigna Marcos. Este é o único milagre do Jesus do que pode dizer-se que provocou um dano. Os críticos sugeriram que Jesus pronunciou com ira a maldição sobre a figueira estéril. Entretanto, em toda a vida do Jesus não há nada que sugira que ele alguma vez, com maldade, houvesse provocado dano ou sofrimento a homens, animais ou outras criaturas, obra de seus mãos, ou que tivesse procedido movido por motivos indignos. As circunstâncias dentro das quais Jesus realizou o milagre proporcionam uma explicação plenamente satisfatória de seu propósito ao levar a cabo este ato excepcional. Esse mesmo dia os dirigentes da nação confirmariam sua decisão de rechaçar ao Jesus como o Mesías, e ele anunciaria que o céu os rechaçava a eles (ver com. Mat. 23: 38). Os discípulos não compreendiam bem tudo isto, e indubitavelmente Jesus amaldiçoou à figueira com o propósito de prepará-los para esse trágico acontecimento.

21.

Pedro.

Só Marcos identifica ao Pedro como o porta-voz dos outros (ver com. Mat. 14: 28).

Secado.

O processo do secamento ocorreu durante as 24 horas anteriores, e foi tão completo que se advertia que era das raízes (vers. 20).

22.

Tenham fé em Deus.

Como poderia esperar-se, a reação dos discípulos fundamentalmente foi de surpresa ante a natureza milagrosa desta parábola feita realidade. Por suposto, ainda não percebiam sua importância. De modo que enquanto a atenção deles se concentrava no milagre mesmo e não em seu significado, Jesus aproveitou de seu interesse para destacar as alturas até as quais pode ascender a verdadeira fé (vers. 22-24) e acrescentou uma admoestação respeito a um importante requisito prévio para que as orações sejam respondidas (Mar. 11: 25; ver com. Mat. 17: 20).

23.

De certo.

Ver com. Mat. 5: 18.

Este monte.

Nesse mesmo momento, Jesus e os discípulos estavam na saia do monte de os Olivos. Fora do vale do Cedrón, o monte dos Olivos ocupava a maior parte da área entre Jerusalém e Betania (ver com. Mat. 21: 1; mapa P. 214; mapa em cores frente à P. 513).

te tire.

Ver com. Mat. 17: 20. Jesus mesmo nunca moveu montanhas literais, nem tinha o propósito de que seus seguidores se vissem frente à necessidade de fazer isso. Aqui Jesus fala de montanhas simbólicas de dificuldades.

Duvidar.

Gr. diakrínÇ, em sua forma ativa, "separar", "discriminar", ou "distinguir". Em sua forma passiva, empregada aqui e no Sant. 1: 6, tem o sentido de "discutir", ou "vacilar" (entre duas idéias), ou "duvidar".

24.

Acreditem.

Ver com. Mat. 7: 7.

25.

Estejam orando.

"Ponham-lhes de pé para orar" (BJ). Quanto a estar "de pé" como uma postura adequada para orar, ver com. Luc. 18: 11. Possivelmente se faça referência a estar de pie nos átrios do templo na hora da oração matutina ou vespertina.

Perdoem.

Ver com. Mat. 6: 14-15.

26.

Porque se... não perdoam.

A evidência textual tende a confirmar (cf. P. 147) a omissão do vers. 26, embora a maioria dos manuscritos têm o mesmo pensamento no Mat. 18: 35. Nossa má vontade para perdoar, impede que Deus ouça e responda nossas orações.

27.

Voltaram então.

[Os dirigentes desafiam a autoridade do Jesus, Mar. 11: 27-33 = Mat. 21: 23-27 = Luc. 20: 1-8. Comentário principal: Mateo.]

29.

me respondam.

Só Marcos registra o pedido de uma resposta nesta forma peremptória. Em quanto à pergunta do Jesus, ver com. Mat. 21: 24. 631

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-10 DTG 523-532

9 2JT 461

11-14,20-21 DTG 533-539

13 C (1967) 83; DTG 534-535; MeM 95; 4T 155; 5T 250

13-14 5T 257

15-19 DTG 540-544

21 DTG 535

22 3JT 191; PR 121; 6T 465; 8T 175, 177; 9T 213

24 DC 51, 95; Ed 251; 3JT 213; MeM 9,16; P 72; PVGM 113

24-26 TM 495

27-33 DTG 544

CAPÍTULO 12

1 Com a parábola da vinha arrendada aos lavradores malvados, Cristo
prediz o rejeição final dos Judeus e a chamada aos gentis.
13 Evita a armadilha dos fariseus e os herodianos quanto ao pagamento do
imposto. 18 Convence de seu engano aos saduceos, quem negava a
ressurreição; 28 responde a um escriba que lhe perguntou qual era o mandamento
maior; 35 refuta a opinião que os escribas tinham dele, 38 e alerta a
a gente contra a ambição e hipocrisia daqueles. 41 Elogia à viúva por
sua oferenda pequena, mas de sacrifício.

1 ENTÃO começou Jesus a lhes dizer por parábolas: Um homem plantou uma vinha,
cercou-a de cerca, cavou um lagar, edificou uma torre, e a arrendou a uns
lavradores, e se foi longe.

2 E a seu tempo enviou um servo aos lavradores, para que recebesse destes
do fruto da vinha.

3 Mas eles, tomando, golpearam-lhe, e lhe enviaram com as mãos vazias.

4 Voltou a lhes enviar outro servo; mas lhe apedrejando, feriram-lhe na cabeça,
e também lhe enviaram afrontado.

5 Voltou a enviar outro, e a este mataram; e a outros muitos, golpeando a uns e
matando a outros.

6 Por último, tendo ainda um filho dele, amado, enviou-o também a eles,
dizendo: Terão respeito a meu filho.

7 Mas aqueles lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; venham,
lhe matemos, e a herdade será nossa.

8 E tomando, mataram-lhe, e lhe jogaram fora da vinha.

9 O que, pois, fará o senhor da vinha? Virá, e destruirá aos lavradores, e
dará sua vinha a outros.

10 Nem mesmo esta escritura têm lido: A pedra que desprezaram os
edificadores. veio a ser cabeça do ângulo;

11 O Senhor tem feito isto, E é coisa maravilhosa a nossos Olhos?

12 E procuravam lhe prender, porque entendiam que dizia contra eles aquela
parábola; mas temiam à multidão, e lhe deixando, foram-se.

13 E lhe enviaram alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o
surpreendessem em alguma palavra.

14 Vindo eles, disseram-lhe: Professor, sabemos que é homem veraz, e que não
cuida-te de ninguém; porque não olha a aparência dos homens, mas sim com
verdade insígnias o caminho de Deus. É lícito dar tributo ao César, ou não?
Daremos, ou não daremos?

15 Mas ele, percebendo a hipocrisia deles, disse-lhes: por que me tentam?
me tragam a moeda para que a veja.

16 Eles a trouxeram; e lhes disse: De quem é esta imagem e a inscrição?

Eles lhe disseram: Do César.

17 Respondendo Jesus, disse-lhes: Dêem ao César o que é do César, e a Deus o que é de Deus. E se maravilharam dele.

18 Então vieram os saduceos, que dizem que não há ressurreição, e o perguntaram, dizendo:

19 Professor, Moisés nos escreveu que se o irmão de algum muriere e deixar esposa, mas não deixar filhos, que seu irmão se case com ela, e levante descendência a seu irmão.

20 Houve sete irmãos; o primeiro tomou esposa, e morreu sem deixar descendência.

21 E o segundo se casou com ela, e morreu, e tampouco deixou descendência; e o terceiro, da mesma maneira.

22 E assim os sete, e não deixaram descendência; e depois de todos morreu também a mulher. 632

23 Na ressurreição, pois, quando ressuscitarem, de qual deles será ela mulher, já que os sete a tiveram por mulher?

24 Então respondendo Jesus, disse-lhes: Não erram por isso, porque ignoram as Escrituras, e o poder de Deus?

25 Porque quando ressuscitarem dos mortos, nem se casarão nem se darão em casamento, a não ser serão como os anjos que estão nos céus.

26 Mas respeito a que os mortos ressuscitam, não têm lido no livro de Moisés como lhe falou Deus na sarça, dizendo: Eu sou o Deus do Abraham, o Deus do Isaac e o Deus do Jacob?

27 Deus não é Deus de mortos, a não ser Deus de vivos; assim que vós muito erram.

28 Aproximando-se um dos escribas, que os tinha ouvido disputar, e sabia que tinha-lhes respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o primeiro mandamento de todos?

29 Jesus lhe respondeu: O primeiro mandamento de todos é: Ouça, Israel; o Senhor nosso Deus, o Senhor um é.

30 E amará ao Senhor seu Deus com todo seu coração, e com toda sua alma, e com toda sua mente e com todas suas forças. Este é o principal mandamento.

31 E o segundo é semelhante: Amará a seu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que estes.

32 Então o escriba lhe disse: Bem, Professor, verdade há dito, que um é Deus, e não há outro fora dele;

33 e o lhe amar com todo o coração, com todo o entendimento, com toda o alma, e com todas as forças, e amar ao próximo como a gente mesmo, é mais que todos os holocaustos e sacrifícios.

34 Jesus então, vendo que tinha respondido sabiamente, disse-lhe: Não está

longe do reino de Deus. E já nenhum ousava lhe perguntar.

35 Ensinando Jesus no templo, dizia: Como dizem os escribas que o Cristo é filho do David?

36 Porque o mesmo David disse pelo Espírito Santo:

Disse o Senhor a meu Senhor:

Sente-se a minha mão direita,

Até que ponha seus inimigos por estrado de seus pés.

37 David mesmo lhe chama Senhor; como, pois, é seu filho? E grande multidão do povo lhe ouvia de boa vontade.

38 E lhes dizia em sua doutrina: lhes guarde dos escribas, que gostam de andar com largas roupas, e amam as saudações nas praças,

39 e as primeiras cadeiras nas sinagogas, e os primeiros assentos nas jantares;

40 que devoram as casas das viúvas, e por pretexto fazem largas orações. Estes receberão maior condenação.

41 Estando Jesus sentado diante do arca da oferenda, olhava como o povo jogava dinheiro no arca; e muitos ricos jogavam muito.

42 E veio uma viúva pobre, e jogou dois brancas, ou seja um quadrante.

43 Então chamando a seus discípulos, disse-lhes: De certo lhes digo que esta viúva pobre jogou mais que todos os que jogaram no arca;

44 porque todos jogaram que o que os sobra; mas esta, de sua pobreza jogou tudo o que tinha, todo seu sustento.

1.

Começou Jesus a lhes dizer.

[Os lavradores malvados, Mar. 12: 1-12 = Mat. 21: 33-46 = Luc. 20: 9-19. Comentário principal: Mateo.] Marcos omite as parábolas de "os dois filhos" e do homem que "não estava vestido de bodas". Ambas se encontram no Mateo em este contexto. Sem dúvida, Marcos escolheu a que lhe impressionou mais como uma representação das verdades que Cristo procurava ilustrar nestas parábolas finais.

Lagar.

Gr. hupolénion, a artesa ou receptáculo que recolhia o suco das uvas que se espremiam diretamente em cima dele (ver com. Mat. 21: 33).

2.

Do fruto.

Quer dizer, "a parte dos frutos"(BJ). Ver com. Mat. 21: 34.

3.

Tomando.

Quanto às variações nos relatos dos Evangelhos que referem esta parábola -no que respeita aos servos enviados e o trato que lhes deu-, ver com. Mat. 21: 35.

4.

lhe apedrejando.

A evidência textual estabelece (cf. P. 147) o texto "feriram-lhe na cabeça e lhe insultaram" (BJ).

6.

Filho dele, amado.

Possivelmente Jesus estava pensando nas palavras do Pai em ocasião de seu batismo (Mat. 3: 17).

12.

lhe deixando.

Quer dizer, depois de que lhes teve apresentado a parábola do homem que "não estava vestido de bodas" (Mat. 22: 15). 633

13.

Enviaram-lhe.

[Pagamento de tributo ao César, Mar. 12: 13-17 = Mat. 22: 15-22 = Luc. 20: 20-26.Comentário principal: Mateo.]

Surpreendessem.

Gr. agréuó, "apanhar", "caçar". De ágra, "o que se caça ou pesca".

18.

Os saduceos.

[O casamento e a ressurreição, Mar. 12: 18-27 = Mat. 22: 23-33 = Luc. 20: 27-38.Comentário principal: Mateo.]

23.

Na ressurreição.

Embora em muitos MSS falta esta frase, a evidência textual sugere (cf. P.

147) reter estas palavras.

24.

Não erram?

A forma interrogativa em grego implica que Jesus esperava uma resposta afirmativa.

26.

Respeito a que os mortos.

Quer dizer, quanto a sua ressurreição de entre os mortos.

Na sarça.

Ver Exo. 3: 2, 6.

27.

Muito erram.

Esta definição enfática só aparece no Marcos nesta forma vigorosa.

28.

Um dos escribas.

[O grande mandamento, Mar. 12: 28-34 = Mat. 22: 34-40 = Luc. 20: 39-40. Comentário principal: Marcos.]

Sabia.

O escriba eleito para realizar este complô final dos fariseus para apanhar ao Jesus (ver com. Mat. 22: 34-35) sem dúvida era de coração reto. Foi o bastante justo para reconhecer que Jesus "tinha-lhes respondido bem".

29.

Deus, o Senhor um é.

Ver com. Deut. 6: 4. A passagem das Escrituras aqui chamado foi o santo e gesto sagrado do Israel ao longo de sua extensa história. Reflete a crença distintiva dos judeus no único Deus verdadeiro, em contraste com os muitos deuses das outras nações. Estas palavras se pronunciavam para começar o serviço de oração à manhã e à tarde no templo, e são uma parte regular dos serviços das sinagogas até o dia de hoje.

32.

Bem, Professor.

Quer dizer, "falaste bem, Professor", ou: "Muito bem, Professor; tem razão ao dizer" (BJ).

Verdade há dito.

O escriba reconheceu que as respostas do Jesus a perguntas anteriores haviam sido exatas e adequadas (ver com. vers. 28), e agora, honestamente, elogiava a Jesus quanto a esta resposta.

33.

Holocaustos.

Cf. 1 Sam. 15: 22. Esta admissão voluntária de parte de escriba demonstra seu percepção da importância relativa e do significado do ritual do templo.

34.

Sabiamente.

Gr. nounejós, "com sensatez" (BJ), "cuerdamente".

Do reino.

O escriba discernia a verdade (vers. 33) e sinceramente a reconhecia como verdade (vers. 32). Estava na soleira do reino. Comparar com a reação de Jesus ante o jovem rico (Mar. 10: 20-2 l; ver com. Mat. 19: 20-21).

35.

Ensinando.

[Jesus faz calar a seus censores, Mar. 12: 35-37 = Mat. 22: 41-46 = Luc. 20: 41-44. Comentário principal: Mateo.] Só Marcos faz notar que Jesus ainda estava ensinando no templo.

Como dizem os escribas?

Outro detalhe que só está no Marcos. Jesus adverte que os escribas proclamavam ao Mesías como ao Filho do David, como algo preliminar para chamar uma vez mais a atenção a que ele mesmo era o verdadeiro Mesías.

37.

Grande multidão do povo.

Este é outro detalhe que só consigna Marcos.

38.

Dizia-lhes.

[Ayes sobre escribas e fariseus, Mar. 12: 38-40 = Mat. 23: 1-39 = Luc. 20: 45-47. Comentário principal: Mateo.]

Em sua doutrina.

Literalmente, "em seu ensino", "instrução" (BJ).Ver com. Mat. 7: 28.

lhes guarde dos escribas.

Marcos dá só um breve resumo do que foi mas bem um comprido discurso sobre a hipocrisia dos escribas e fariseus (ver Mat. 23). No que corresponde ao Sermão do Monte (Mat. 5 a 7) e ao sermão junto ao mar da Galilea (Mat. 13), Mateo registra os discursos do Jesus mais extensamente que os outros escritores dos Evangelhos.

Largas roupas.

Essas largas roupas chegavam até os pés, e formavam parte da vestimenta que geralmente usavam os doutores da lei como um distintivo de sua profissão.

Amam as saudações.

Ver com. Mat. 23: 7.

Plazas.

Ver com. Mat. 11: 16.

39.

Primeiras cadeiras.

Ver com. Mat. 23: 6.

40.

Devoram as casas das viúvas.

Ver com. Mat. 23: 14.

41.

Estando Jesus sentado.

[As brancas da viúva, Mar. 12: 41-44 = Luc. 21: 1-4. Comentário principal: Marcos.] Isto possivelmente ocorreu quando já estava bem avançado o dia terça-feira (ver com. Mat. 23: 1, 38-39; diagrama 9, P. 223). Jesus acabava de sair vitorioso de um comprido e azedo conflito com os dirigentes da nação, e estava por deixar para sempre o sagrado recinto do templo. 634

Diante.

Quer dizer "frente" (BJ), de onde podia observar aos adoradores que davam suas oferendas.

Oferenda.

Aqui não se refere Marcos ao aposento de sólidos muros, onde se acumulava e guardava o tesouro do templo, mas sim mas bem às arcas das oferendas que estavam no amplo átrio das mulheres.

Jogavam.

Sem dúvida um rico atrás de outro passavam e depositavam sua oferenda.

42.

Pobre.

Gr. ptójós, "mendigo" ou "indigente". Lucas usa penijrós, uma forma poética mais recente de pénés, que significa um que vive com o indispensável e que tem que trabalhar cada dia a fim de ter algo que comer ao dia seguinte (Luc. 21: 2). Pénés se deriva do verbo pénomai, "trabalhar para ganhá-la vida". Talvez Jesus queria que se destacasse o espírito desta viúva em nítido contraste com a atitude dos fariseus para com as viúvas. A pobreza desta viúva pode haver-se devido, em parte, à avareza de alguns dos escribas e fariseus presentes nesta ocasião (ver com. Mat. 23: 14). Disse Cristo que eles "devoram as casas das viúvas" (Mar. 12: 40). Mas aqui estava uma viúva que, com seu coração transbordante de amor a Deus, "jogou tudo o que tinha, todo seu sustento" (vers. 44). Que contraste!

Brancas.

Gr. leptón, uma moeda de cobre que pesava menos de um grama (ver P. 51). O leptón era a moeda Judia de cobre mais pequena em circulação. (A BJ traduz "moneditas" em lugar de "brancas".)

Quadrante.

"Uma quarta parte do ás" (BJ). Gr. kodrántès, que equivale a 2 leptón, ou "brancas" (ver P. 51), e que equivalia a l/64 de um denarius romano, o salário de um dia e o tempo de Cristo (ver com. Mat. 20: 2). Com freqüência, há-se posta ênfase na pequenez intrínseca da oferenda da viúva. Não devesse ficar mais ênfase na comparativa grandeza da oferenda (ver com. vers. 44)?

43.

Seus discípulos.

Ver com. Mat. 21: 1.

De certo.

Ou "de verdade" (ver com. Mat. 5: 18; Juan 1: 51).

Jogou mais que todos.

Quer dizer, mais que todos os ricos doadores Juntos. Em realidade, à vista do céu não é a magnitude da dádiva o que conta, a não ser o motivo que a impulsa. O céu só está interessado na quantidade de amor e consagração que representa a dádiva, não em seu valor monetário. Esta é a única base que Deus emprega para recompensar aos homens, como Jesus o ilustrou tão categoricamente mediante a parábola dos operários da vinha (ver com. Mat. 20: 15). O louvor que Jesus concedeu a esta viúva estava apoiada no espírito que impulsionou sua oferenda, e não em seu valor intrínseco.

44.

O que os sobra.

Gr. perísseuma, que além de significar "abundância", significa "o que sobra", e, portanto, "excesso", "excedente". Aos ricos sobrava o

dinheiro; tinham mais do que necessitavam. Davam de sua excedente, e não os custava nada dar. O valor de suas oferendas em términos de amor e consagração era pequeno ou nada porque as oferendas não representavam abnegação.

Pobreza.

Gr. hustérèsis, "deficiência", "indigência", "miséria".

Tudo o que tinha.

Uma evidência do máximo amor possível e consagração a Deus.

Sustento.

Gr. bíos, "subsistência", não zoé, que significa "vida" em si mesmo. Com segurança a viúva não sabia de onde proviria sua comida seguinte.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-12 DTG 547-552

13-40 DTG 553-561

16 C (1949) 9; 3JT 156

24 CS 657; 2JT 130; PVGM 82

28-33 DTG 559

30 CM 29, 274; CMC 39; CRA 51; EC 463; FÉ 314-315, 324; 2JT 208; MeM 120; NB 386; PVGM 283; 2T 45, 168, 504; 3T 39; 4T 119

30-31 2T 550

33 HAd 317; 1JT 371

34 DTG 560

37 CM 183, 200; COES 121; Ev 411; FÉ 242; MC 349; 8T 308

41-42 DTG 566

41-44 DTG 566-573

42 DTG 568; Ed 105; 1JT 379; OE 482; 2T 198; 6T 103, 310; 5TS 169

42-44 CMC 184, 308; HAp 275; 2JT 330; MB 212; 1T 177; 9T 224

43-44 2T 667 635

CAPÍTULO 13

1 Cristo prediz a destruição do templo, 9 as perseguições por causa do Evangelho, 10 a predicación do Evangelho a todas as nações, 14 e as grandes calamidades que cairiam sobre os Judeus. 24 Fala da maneira como virá para fazer julgamento, 32 e que como ninguém sabe a hora de sua vinda, todos devemos velar e orar para que quando aparecer não sejamos tomados por surpresa.

1 SAINDO Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Professor, olhe o que pedras, e que edifícios.

2 Jesus, respondendo, disse-lhe: Vê estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derrubada.

3 E se sentou no monte dos Olivos, frente ao templo. E Pedro, Jacobo, Juan e Andrés lhe perguntaram à parte:

4 nos diga, quando serão estas coisas? E que sinal haverá quando todas estas coisas tenham que cumprir-se?

5 Jesus, lhes respondendo, começou a dizer: Olhem que ninguém lhes engane;

6 porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos.

7 Mas quando ouvirem de guerras e de rumores de guerras, não lhes turvem, porque é necessário que aconteça assim; mas ainda não é o fim.

8 Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino; e haverá terremotos em muitos lugares, e haverá fomes e alvoroços; princípios de dores são estes.

9 Mas olhem por vós mesmos; porque lhes entregarão aos concílios, e em as sinagogas lhes açoitarão; e diante de governadores e de reis lhes levarão por causa de mim, para testemunho a eles.

10 E é necessário que o evangelho seja pregado antes a todas as nações.

11 Mas quando vos trajeren para lhes entregar, não lhes preocupem com o que hão de dizer, nem o pensem, a não ser o que lhes for dado naquela hora, isso falem; porque não são vós os que falam, a não ser o Espírito Santo.

12 E o irmão entregará à morte ao irmão, e o pai ao filho; e se levantarão os filhos contra os pais, e os matarão.

13 E serão aborrecidos de todos por causa de meu nome; mas o que persevere até o fim, este será salvo.

14 Mas quando virem a abominação desoladora de que falou o profeta Daniel, posta onde não deve estar (que lê, entenda), então os que estejam em Judea fujam aos Montes.

15 O que esteja no terraço, não descenda à casa, nem entre para tomar algo de sua casa;

16 e o que esteja no campo, não volte atrás para tomar sua capa.

17 Mas ai das que estejam grávidas, e das que criem naqueles dias!

18 Orem, pois, que sua fuga não seja no inverno;

19 porque aqueles dias serão de tribulação qual nunca houve do princípio da criação que Deus criou, até este tempo, nem a haverá.

20 E se o Senhor não tivesse cortado aqueles dias, ninguém seria salvo; mas por causa de quão escolhidos ele escolheu, cortou aqueles dias.

21 Então se algum vos dijere: Olhem, aqui está o Cristo; ou, olhem, ali está, não lhe criam.

22 Porque se levantarão falsos Cristos e falsos profetas, e farão sinais e prodígios, para enganar, se fosse possível, até aos escolhidos.

23 Mas vós olhem; hei-lhes isso dito tudo antes.

24 Mas naqueles dias, depois daquela tribulação, o sol se obscurecerá, e a lua não dará seu resplendor,

25 e as estrelas cairão do céu, e as potências que estão nos céus serão comovidas.

26 Então verão o Filho do Homem, que virá nas nuvens com grande poder e glória.

27 E então enviará seus anjos, e juntará a seus escolhidos dos quatro ventos, do extremo da terra até o extremo do céu.

28 Da figueira aprendam a parábola: Quando já seu ramo está tenro, e brotam as folhas, sabem que o verão está perto.

636

29 Assim também vós, quando virem que acontecem estas coisas, conheçam que está perto, às portas.

30 De certo lhes digo, que não passará esta geração até que tudo isto acontezca.

31 O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão.

32 Mas daquele dia e da hora ninguém sabe, nem mesmo os anjos que estão em o céu, nem o Filho, a não ser o Pai.

33 Olhem, velem e orem; porque não sabem quando será o tempo.

34 É como o homem que indo-se longe, deixou sua casa, e deu autoridade a seus servos, e a cada um sua obra, e ao porteiro mandou que velasse.

35 Velem, pois, porque não sabem quando virá o senhor da casa; se ao anoitecer, ou à meia-noite, ou ao canto do galo, ou à manhã;

36 para que quando vier de repente, não lhes ache dormindo.

37 E o que a vós digo, a todos o digo: Velem.

1.

Saindo.

[Sinais da volta de Cristo, Mar. 13: 1-37 = Mat. 24: 1-51 = Luc. 21: 5-38.
Comentário principal: Mateo.]

8.

Alvoroços.

A evidência textual favorece (cf. P. 147) a omissão desta palavra.

9.

Olhem por vós.

Mateo (cap. 24) omite esta parte do discurso do Jesus, registrada em Mar. 13: 9-12, possivelmente porque já tinha consignado virtualmente as mesmas observações e conselhos de seu discurso anterior. Quanto a estes versículos, ver com. Mat. 10: 17-21.

Concílios.

Sem dúvida, uma referência ao sanedrín judeu local, ou tribunais, que se reuniam nas diversas sinagogas (ver P. 57).

Governadores... reis.

Principalmente, referência a governantes gentis.

Testemunho a eles.

Melhor "testemunho ante eles" (BJ). Ver com. Mat. 10: 18.

11.

Vos trajeren.

Com o significado de que seriam "levados ante tribunais, magistrados, ou para ser castigados" (cf. Mat. 10: 18; Luc. 21: 12; 22: 54; Hech. 25: 17; etc.).

Não lhes preocupem.

Ver com. Mat. 6: 25; 10: 19.

Nem o pensem.

Ver com. Mat. 10: 19-20. A evidência textual estabelece (cf. P. 147) a omissão destas palavras.

14.

Posta onde não deve.

"Ereta onde não deve" (BJ).

21.

O Cristo.

Quer dizer, o Mesías. A palavra aqui significa um título e não um nome pessoal (ver com. Mat. 1: 1).

24.

Naqueles dias.

Marcos é até mais definido que Mateo quanto à localização destes sinais nos céus (ver com. Mat. 24: 29).

25.

Cairão.

"o Irã caindo" (BJ). Ver com. Mat. 24: 29. Vincent (Word Studies in the New Testament) favorece a tradução que achamos na BJ, pois destaca que o texto grego faz ressaltar o sentido de continuidade, como o de uma chuva de estrelas que caem. Ver com. Apoc. 6: 13.

34.

Indo-se longe.

Marcos aqui omite a maior parte desta passagem do discurso registrado no Mat. 24: 37 a 25: 46.

35.

Não sabem.

Ver com. Mat. 24: 36, 44. Esta é a razão para velar ou estar alerta.

Ao anoitecer.

Os quatro términos aqui usados se referem às quatro vigílias da noite, de acordo com o sistema romano que se empregava na Palestina.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 CS 28

1-37 DTG 581-591

9 HAp 67; 2JT 15, 324; SR 256

11 COES 44

13 DTG 322

22 CS 13; 2JT 343

24 CS 351

24-26 CS 41, 349

33 CS 545; DTG 588; 1JT 432, 505; 2JT 15,411; 2T 199,321; 5T 115; 7T 238

34 DC 82; CH 302; CM 394; CMC 88,123, 125; DTG 329; EC 479; Ed 133; Ev 71, 74; FÉ 48; 1JT 529; 2JT 163-164, 333; 3JT 60, 66, 79, 250; MeM 225, 284; MJ 299;

PVGM 262; SC 18; 2T 250, 255, 667; 5T 182, 184, 564; 6T 243, 245; 7T 58; 8T 56; TM 164, 183

34-37 3JT 220

35 CS 41; 2T 191

35-36 CS 545; 1JT 222

35-37 2T 190, 192

36 6T 410

37 CS 61 637

CAPÍTULO 14

1 Conspiração contra Jesus. 3 Uma mulher derrama um ungüento precioso sobra seu cabeça. 10 Judas vende a seu Professor por pouco dinheiro. 12 Cristo prediz que será traído por um de seus discípulos. 22 Institui a Santa Janta depois de preparar e comer a Páscoa com seus discípulos. 26 Prediz que estes o abandonarão e que Pedro o negará. 43 Judas entrega ao Jesus com um beijo. 46 Cristo é apreendido no Getsemaní, 53 é falsamente acusado e condenado injustamente pelo concílio dos Judeus. 65 Se mofam dele. 66 Pedro o nega três vezes.

1 E DOIS dias depois era a páscoa, e a festa dos pães sem levedura; e procuravam os principais sacerdotes e os escribas como lhe prender por engano e lhe matar.

2 E diziam: Não durante a festa, para que não se faça alvoroço do povo.

3 Mas estando ele na Betania, em casa do Simón o leproso, e sentado à mesa, veio uma mulher com um copo de alabastro de perfume de nardo puro de muito preço; e quebrando o copo de alabastro, o derramou sobre sua cabeça.

4 E houve alguns que se zangaram dentro de si, e disseram: Para que se feito este desperdício de perfume?

5 Porque podia haver-se vendido por mais de trezentos denarios, e haver-se dado aos pobres. E murmuravam contra ela.

6 Mas Jesus disse: Deixem; por que a incomodam? Boa obra me tem feito.

7 Sempre terão aos pobres com vós, e quando quiserem lhes poderão fazer bem; mas a mim não sempre terão.

8 Esta tem feito o que podia; porque se antecipou a ungir meu corpo para a sepultura.

9 De certo lhes digo que em qualquer lugar que se pregue este evangelho, em todo o mundo, também se contará o que esta tem feito, para memória dela.

10 Então Judas Iscariote, um dos doze, foi aos principais sacerdotes para entregar-lhe oportunidad para entregarle.

11 Eles, para ouvi-lo, alegraram-se, e prometeram lhe dar dinheiro. E Judas procurava

oportunidade para lhe entregar.

12 O primeiro dia da festa dos pães sem levedura, quando sacrificavam o cordeiro da páscoa, seus discípulos lhe disseram: Onde quer que vamos a preparar para que coma a páscoa?

13 E enviou dois de seus discípulos, e lhes disse: Vão à cidade, e lhes sairá ao encontro um homem que leva um cântaro de água; lhe sigam,

14 e onde entrar, digam ao senhor da casa: O Professor diz: Onde está o aposento onde tenho que comer a páscoa com meus discípulos?

15 E ele lhes mostrará um grande aposento alto já disposto; preparem para nós ali.

16 Foram seus discípulos e entraram na cidade, e acharam como lhes havia dito; e prepararam a páscoa.

17 E quando chegou a noite, veio ele com os doze.

18 E quando se sentaram à mesa, enquanto comiam, disse Jesus: De certo vos digo que um de vós, que come comigo, me vai entregar.

19 Então eles começaram a entristecer-se, e a lhe dizer um por um: Serei eu? E o outro: Serei eu?

20 O, respondendo, disse-lhes: É um dos doze, que molha comigo no prato.

21 À verdade o Filho do Homem vai, conforme está escrito dele, mas ai de aquele homem por quem o Filho do Homem é entregue! Bom o fora a esse homem não ter nascido.

22 E enquanto comiam, Jesus tomou pão e benzeu, e o partiu e lhes deu, dizendo: Tomem, isto é meu corpo.

23 E tomando a taça, e tendo dado obrigado, deu-lhes; e beberam dela todos.

24 E lhes disse: Isto é meu sangue do novo pacto, que por muitos é derramada.

25 De certo lhes digo que não beberei mais do fruto da videira, até aquele dia em que o beba novo no reino de Deus.

26 Quando tiveram cantado o hino, saíram ao monte dos Olivos.

27 Então Jesus lhes disse: Todos lhes escandalizarão de mim esta noite; porque escrito está: Ferirei o pastor, e as ovelhas serão dispersadas.

28 Mas depois que tenha ressuscitado, irei diante de vós a Galilea. 638

29 Então Pedro lhe disse: Embora todos se escandalizem, eu não.

30 E lhe disse Jesus: De certo te digo que você, hoje, em esta noite, antes que o galo tenha cantado duas vezes, negará-me três vezes.

31 Mas ele com maior insistência dizia: Se me for necessário morrer contigo, não

negarei-te. Também todos diziam o mesmo.

32 Vieram, pois, a um lugar que se chama Getsemaní, e disse a seus discípulos: Sentem-se aqui, enquanto isso que eu oro.

33 E tomou consigo ao Pedro, ao Jacobo e ao Juan, e começou a entristecer-se e a angustiar-se.

34 E lhes disse: Minha alma está muito triste, até a morte; fique aqui e velem.

35 Indo-se um pouco adiante, prostrou-se em terra, e orou que se fosse possível, passasse dele aquela hora.

36 E dizia: Abba, Pai, todas as coisas são possíveis para ti; separa-se de mim esta taça; mas não o que eu quero, a não ser o que você.

37 Veio logo e os achou dormindo; e disse ao Pedro: Simón, dorme? Não há podido velar uma hora?

38 Velem e orem, para que não entrem em tentação; o espírito à verdade está disposto, mas a carne é débil.

39 Outra vez foi e orou, dizendo as mesmas palavras.

40 Ao voltar, outra vez os achou dormindo, porque os olhos deles estavam carregados de sonho; e não sabiam o que lhe responder.

41 Veio a terceira vez, e lhes disse: Durmam já, e descansem. Basta, a hora há vindo; hei aqui, o Filho do Homem é entregue em mãos dos pecadores.

42 Lhes levante, vamos; hei aqui, aproxima-se o que me entrega.

43 Logo, falando ele ainda, veio Judas, que era um dos doze, e com ele muita gente com espadas e paus, de parte dos principais sacerdotes e dos escribas e dos anciões.

44 E o que lhe entregava lhes tinha dado sinal, dizendo: Ao que eu beijar, esse é; lhe prendam, e lhe levem com segurança.

45 E quando veio, aproximou-se logo a ele, e lhe disse: Professor, Professor. E lhe beijou.

46 Então eles lhe jogaram mão, e lhe prenderam.

47 Mas um dos que estavam ali, tirando a espada, feriu o servo do supremo sacerdote, lhe cortando a orelha.

48 E respondendo Jesus, disse-lhes: Como contra um ladrão saístes com espadas e com paus para me prender?

49 Cada dia estava com vós ensinando no templo, e não me prenderam; mas é assim, para que se cumpram as Escrituras.

50 Então todos os discípulos, lhe deixando, fugiram.

51 Mas certo jovem lhe seguia, talher o corpo com um lençol; e o prenderam;

52 mas ele, deixando o lençol, fugiu nu.

53 Trouxeram, pois, ao Jesus ao supremo sacerdote; e se reuniram todos os principais sacerdotes e os anciões e os escribas.

54 E Pedro lhe seguiu de longe até dentro do pátio do supremo sacerdote; e estava sentado com os oficiais, esquentando-se ao fogo.

55 E os principais sacerdotes e todo o concílio procuravam testemunho contra Jesus, para lhe entregar à morte; mas não o achavam.

56 Porque muitos diziam falso testemunho contra ele, mas seus testemunhos não concordavam.

57 Então levantando uns, deram falso testemunho contra ele, dizendo:

58 Nós lhe ouvimos dizer: Eu derrubarei este templo feito a mão, e em três dias edificarei outro feito sem mão.

59 Mas nem mesmo assim concordavam no testemunho.

60 Então o supremo sacerdote, levantando-se no meio, perguntou ao Jesus, dizendo: Não responde nada? O que atestam estes contra ti?

61 Mas ele calava, e nada respondia. O supremo sacerdote lhe voltou a perguntar, e disse-lhe: É você o Cristo, o Filho do Bendito?

62 E Jesus lhe disse: Eu sou; e verão o Filho do Homem sentado à mão direita do poder de Deus, e vindo nas nuvens do céu.

63 Então o supremo sacerdote, rasgando sua vestimenta, disse: Que mais necessidade temos de testemunhas?

64 ouvistes a blasfêmia; o que lhes parece? E todos eles lhe condenaram, lhe declarando ser digno de morte.

65 E alguns começaram a lhe cuspir, e a lhe cobrir o rosto e a lhe dar de murros, e a lhe dizer: Profetiza. E os oficiais lhe davam de bofetadas.

66 Estando Pedro abaixo, no pátio, veio uma das criadas do supremo sacerdote;

67 e quando viu o Pedro que se esquentava, 639 lhe olhando, disse: Você também estava com o Jesus o nazareno.

68 Mas ele negou, dizendo: Não lhe conheço, nem sei o que diz. E saiu à entrada; e cantou o galo.

69 E a criada, lhe vendo outra vez, começou a dizer aos que estavam ali: Este é deles.

70 Mas ele negou outra vez. E pouco depois, os que estavam ali disseram outra vez ao Pedro: Verdadeiramente você é deles; porque é galileo, e sua maneira de falar é semelhante a deles.

71 Então ele começou a amaldiçoar, e a jurar: Não conheço este homem de quem falam.

72 E o galo cantou a segunda vez. Então Pedro se lembrou das palavras que Jesus lhe havia dito: Antes que o galo cante duas vezes, negará-me três vezes. E pensando nisto, chorava.

1.

Dois dias depois.

[O complô da traição, Mar. 14: 1-2, 10-11 = Mat. 26: 1-5, 14-16 = Luc. 22: 1-6 = Juan 12: 10- 11. Comentário principal: Mateo.]

3.

Estando ele na Betania.

[A festa do Simón, Mar. 14: 3-9 = Mat. 26: 6-13 = Luc. 7: 36-50 = Juan 12: 1-9. Comentário principal: Mateo e Lucas]

8.

Fez o que podia.

Quer dizer, fez o melhor uso possível do que tinha à mão. Isso é o que Deus espera de todos, nada mais e nada menos.

11.

Eles... alegraram-se.

Possivelmente o oferecimento do Judas chegou bem a tempo quando estavam preparados a renunciar à esperança de realizar imediatamente seus planos (ver com. Mat. 26: 15).

Oportunidade.

Ver com. Mat. 26: 5; cf. Mar. 14: 2.

12.

Sacrificavam... a páscoa.

[Preparativos para a páscoa, Mar. 14: 12-16 = Mat. 26: 17-19 = Luc. 22: 7-13. Comentário principal: Mateo.]

13.

Um homem.

Certamente, um servidor, não o dono da casa (cf. vers. 14). Era insólito que um homem levasse um "cântaro", ou outro recipiente de barro; isto o faziam geralmente as mulheres. Pelo general, os homens transportavam água em odres.

14.

Aposento.

Gr. katáluma, palavra que se usa nos papiros para descrever qualquer lugar de alojamento (ver com. Luc. 2: 7).

15.

Um grande aposento alto.

Gr. anágaion, qualquer habitação por cima do nível da planta baixa, uma habitação na parte alta da casa. Comparar com o Gr. huperòon, que estritamente significa "aposento alto" (Hech. 1: 13; etc.). Para ter uma identificação lhe sugiram desta habitação, ver com. Mat. 26: 18.

Disposto.

Literalmente, "estendido". Possivelmente a referência aqui seja ao acerto dos canapés ou almofadas da habitação (ver com. cap. 2: 15).

Preparem.

Talvez em antecipação da páscoa.

17.

A noite.

[A celebração da páscoa, Mar. 14: 17-18ª = Mat. 26: 20 = Luc. 22: 14-16. Comentário principal: Lucas] Quer dizer, a noite do "primeiro dia da festa de os pães sem levedura" (vers. 12). Quanto à cronologia da última jantar, ver a segunda Nota Adicional do Mat. 26.

18.

Quando se sentaram.

[Desmascara-se ao traidor, Mar. 14: 18b -21 = Mat. 26: 21-25 = Luc. 22: 21-23 = Juan 13: 21-30. Comentário principal: Mateo e Juan.] Melhor "enquanto comiam recostados" (BJ). Ver com. cap. 2: 15.

22.

Enquanto comiam.

[O Jantar do Senhor, Mar. 14: 22-25 = Mat. 26: 26-29 = Luc. 22: 17-20. Comentário principal: Mateo.]

26.

Cantado o hino.

[Retiro ao Getsemaní, Mar. 14: 26 = Mat. 26: 30 = Luc. 22: 39. Comentário principal: Mateo.]

27.

Escandalizarão-lhes.

[Uma advertência para o Pedro e os dez, Mar. 14:27-31 = Mat. 26:31-35 = Luc. 22.-31-38. Comentário principal: Mateo.]

De mim esta noite.

A evidência textual determina a omissão (cf. P. 147) destas palavras aqui, mas as estabelece no texto do Mat. 26: 31.

30.

Hoje.

Segundo o cômputo Judeu, com pôr-do-sol já tinha começado o sexto dia da semana, e o julgamento e a crucificação foram acontecer antes da próxima posta do sol.

Duas vezes.

Só Marcos anota este detalhe.

32.

Vieram.

[O Getsemaní, Mar. 14: 32-52 = Mat. 26: 36-56 = Luc. 22: 40-53 = Juan 18: 1-12. Comentário principal: Mateo.]

35.

Hora.

Quer dizer, os acontecimentos dessa hora.

40.

Não sabiam.

Detalhe que só registra Marcos. Há uma situação similar em que os discípulos ficaram mudos (cf. cap. 9: 6). 640

41.

Basta.

Nos papiros, a palavra grega assim traduzida aparece em recibos para indicar que se pagou tudo (ver com. Mat. 6: 2). Possivelmente Jesus aqui quer dizer que os discípulos tinham dormido suficiente. Ou possivelmente queira dizer que havia terminado o debate desse assunto específico.

51.

Certo jovem.

Este incidente, na aparência fútil, parecesse não ter nenhuma relação especial com os sucessos da noite; contudo, a Inspiração deve haver tido alguma razão para inclui-lo no relato. sugeriu-se que Juan Marcos, o autor do Evangelho (Hech. 12: 12), aqui se refere, sem nomear-se,

a sua relação com a detenção do Jesus. Este "jovem" dificilmente pode haver sido um dos discípulos, pois eles já tinham abandonado ao Jesus e haviam fugido (Mar. 14: 50). Entretanto, deve destacar-se que qualquer sugestão a respeito da identidade do jovem não é mais que uma conjetura, embora pareça muito razoável. Comparar com a omissão intencional do Juan para não mencionar-se por nome (Juan 21: 20-24).

52.

Nu.

Possivelmente de tudo, ou mais provavelmente só vestido com sua roupa interior, ou túnica (ver com. Mat. 5: 40; Juan 21: 7).

53.

Trouxeram, pois, ao Jesus.

[Julgamento noturno ante o sanedrín, Mar. 14: 53-72 = Mat. 26: 57-75 = Luc. 22: 54-65 = Juan 18: 25- 27. Comentário principal: Mateo.]

54.

Fogo.

Literalmente luz". Foi, sem dúvida, a luz do fogo a que fez descobrir a Pedro.

61.

Bendito.

Uma forma de chamar à Deidade a fim de evitar o uso do nome sagrado de Jehová, ou Yahweh (ver T. 1, pp. 179-182).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

3 MeM 82; 6T 310

3-11 DTG 511-522

6 4T 550

6-8 DTG 514

7 CMC 167; MC 153, 156; PR 482; 4T 552

9 4T 551

10 DTG 516

17-25 DTG 608-616

27, 29 DTG 639; PVGM 118

29-31 DTG 627

30 DTG 659

32-50 DTG 636-646

34-38 8T 100

37-38 DTG 640

38 DTG 102; 1JT 197, 403; 2JT 36; OE 172; P 167; PP 745; 2T 49, 101, 490, 511; 5T 34, 115; 6T 410; Lhe 171

40 DTG 641

50 DTG 646

53-72 DTG 647-662

56 TM 68

58, 60 DTG 653

70 DTG 659

72 PVGM 118

CAPÍTULO 15

1 Jesus, pacote, é levado ao Pilato, e acusado. 15 Diabinho é posto em liberdade devido ao clamor da multidão, e Jesus é entregue para ser crucificado. 17 É coroado com espinhos, 19 cuspido e burlado; 21 se deprime ao carregar a cruz; 27 é crucificado em meio de dois ladrões; 29 sofre os insultos triunfantes dos Judeus, 39 mas o centurião reconhece que é Filho de Deus, 43 e é honrosamente enterrado pelo José da Arimatea.

1 MUITO de amanhã, tendo tido conselho os principais sacerdotes com os anciões, com os escribas e com todo o concílio, levaram ao Jesus pacote, e o entregaram ao Pilato.

2 Pilato lhe perguntou: É você o Rei dos Judeus? Respondendo ele, disse-lhe: Você o diz.

3 E os principais sacerdotes lhe acusavam muito.

4 Outra vez lhe perguntou Pilato, dizendo: Nada responde? Olhe de quantas coisas acusam-lhe.

5 Mas Jesus nem mesmo com isso respondeu; de modo que Pilato se maravilhava.

6 Agora bem, no dia da festa lhes soltava um detento, qualquer que pedissem.

7 E havia um que se chamava Diabinho, detento com seus companheiros de motim que tinham cometido homicídio em uma revolta. 641

8 E vindo a multidão, começou a pedir que fizesse como sempre lhes havia feito.

9 E Pilato lhes respondeu dizendo: Querem que lhes solte ao Rei dos Judeus?

10 Porque conhecia que por inveja lhe tinham entregue os principais sacerdotes.

11 Mas os principais sacerdotes incitaram à multidão para que lhes soltasse mas bem a Diabinho.

12 Respondendo Pilato, disse-lhes outra vez: O que, pois, querem que faça do que chamam Rei dos Judeus?

13 E eles voltaram a dar vozes: lhe crucifique!

14 Pilato lhes dizia: Pois que mal tem feito? Mas eles gritavam até mais: lhe crucifique!

15 E Pilato, querendo satisfazer ao povo, soltou a Diabinho, e entregou a Jesus, depois de lhe açoitar, para que fosse crucificado.

16 Então os soldados lhe levaram dentro do átrio, isto é, ao pretorio, e convocaram a toda a companhia.

17 E lhe vestiram de púrpura, e lhe pondo uma coroa tecida de espinhos,

18 começaram logo a lhe saudar: Salve, Rei dos Judeus!

19 E lhe golpeavam na cabeça com um cano, e lhe cuspiam, e postos de joelhos lhe faziam reverências.

20 depois de lhe haver ludibriado, despiram-lhe a púrpura, e lhe puseram seus próprios vestidos, e lhe tiraram para lhe crucificar.

21 E obrigaram a um que acontecia, Simón do Cirene, pai do Alejandro e do Rufo, que vinha do campo, a que lhe levasse a cruz.

22 E lhe levaram a um lugar chamado Gólgota, que traduzido é: Lugar da Caveira.

23 E lhe deram a beber vinho misturado com mirra; mas ele não tomou.

24 Quando lhe tiveram crucificado, repartiram entre si seus vestidos, jogando sortes sobre eles para ver o que se levaria cada um.

25 Era a terceira hora quando lhe crucificaram.

26 E o título escrito de sua causa era: O REI DOS JUDIOS.

27 Crucificaram também com ele a dois ladrões, um a sua direita, e o outro a seu esquerda.

28 E se cumpriu a Escritura que diz: E foi contado com os iníquos.

29 E os que passavam lhe injuriavam, meneando a cabeça e dizendo: Ora! você que derruba o templo de Deus, e em três dias o reedificas,

30 te salve a ti mesmo, e descende da cruz.

31 Desta maneira também os principais sacerdotes, ludibriando, diziam-se uns aos outros, com os escribas: A outros salvou, a si mesmo não se pode salvar.

32 O Cristo, Rei do Israel, descenda agora da cruz, para que vejamos e criamos. Também os que estavam crucificados com lhe injuriavam.

33 Quando veio a sexta hora, houve trevas sobre toda a terra até a hora novena.

34 E à hora novena Jesus clamou a grande voz, dizendo: Eloi, Eloi, lama sabactani? que traduzido é: meu deus, Meu deus, por que me desamparaste?

35 E alguns dos que estavam ali diziam, para ouvi-lo: Olhem, chama o Elías.

36 E correu um, e empapando uma esponja em vinagre, e pondo-a em um cano, deu-lhe a beber, dizendo: Deixem, vejamos se vier Elías a lhe baixar.

37 Mas Jesus, dando uma grande voz, expirou.

38 Então o véu do templo se rasgou em dois, de cima abaixo.

39 E o centurião que estava frente a ele, vendo que depois de clamar havia expirado assim, disse: Verdadeiramente este homem era Filho de Deus.

40 Também havia algumas mulheres olhando de longe, entre as quais estavam María Madalena, María a mãe do Jacobo o menor e do José, e Salomé,

41 quem, quando ele estava na Galilea, seguiam-lhe e lhe serviam; e outras muitas que tinham subido com ele a Jerusalém.

42 Quando chegou a noite, porque era a preparação, quer dizer, a véspera do dia de repouso, *

43 José da Arimatea, membro nobre do concílio, que também esperava o reino de Deus, veio e entrou osadamente ao Pilato, e pediu o corpo do Jesus.

44 Pilato se surpreendeu de que já tivesse morrido; e fazendo vir ao centurião, perguntou-lhe se já estava morto.

45 E informado pelo centurião, deu o corpo ao José,

46 o qual comprou um lençol, e tirando-o, envolveu-o no lençol, e o pôs em um sepulcro que estava cavado em uma penha, 642 e fez rodar uma pedra à entrada do sepulcro.

47 E María Madalena e María mãe do José olhavam onde o punham.

1.

Muito de amanhã.

[Julgamento diurno ante o sanedrín, Mar. 15: 1 = Mat. 27: 1 = Luc. 22: 66-71. Comentário principal: Lucas]

2.

Pilato lhe perguntou.

[Primeiro julgamento ante o Pilato, Mar. 15: 2-5 = Mat. 27: 2, 11-14 = Luc. 23: 1-5 = Juan 18: 28-38. Comentário principal: Lucas e Juan.]

6.

No dia da festa.

[Segundo julgamento ante o Pilato, Mar. 15: 6-19 = Mat. 27: 15-31 ao Luc. 23: 13-25 = Juan 18: 39 a 19: 16. Comentário principal: Mateo e Juan.]

Soltava.

Ou "tinha o costume de soltar".

15.

Querendo.

Era mais que um simples desejo do Pilato; estava ansioso de agradar ao povo, de ser possível, para que as transbordadas paixões da turfa não a induziram a uma revolta.

20.

Tiraram-lhe.

[A crucificação, Mar. 15: 20-41 = Mat. 27: 31b-56 = Luc. 23: 26-49 = Juan 19: 17-37. Comentário principal: Mateo e Juan.]

21.

Pai de.

Só Marcos registra isto.

28.

A Escritura.

Uma entrevista da ISA. 53: 12.

A evidência textual (cf. P. 147) tende a confirmar a omissão de todo o versículo. Entretanto, a inclusão da entrevista do Isaías está estabelecida em Luc. 22: 37.

37.

Expirou.

Ver com. Mat. 27: 50.

40.

María a mãe.

Nada mais se sabe desta María a não ser a menção que fazem dela os diversos

autores dos Evangelhos em relação com a morte, inumação e ressurreição do Jesus. Alguns identificaram a esta María com a esposa do Cleofas (ver com. Juan 19: 25; cf. com. Mar. 3: 18).

Salomé.

Uma comparação com o Mat. 27: 56 implica que talvez Salomé era a mãe de Jacobo e do Juan, os filhos do Zebedeo. Também se sugeriu que era a irmã da María, a mãe do Jesus (ver com. Juan 19: 25).

42.

Preparação.

[A sepultura, Mar. 15: 42-47 = Mat. 27: 57-61 = Luc. 23: 50-56 = Juan 19: 38-42. Comentário principal: Mateo e Marcos. Ver mapa P. 215; diagramas 8 e 9, pp. 222-223] Gr. paraskeué, "preparação", palavra cujo uso no NT provavelmente se aplica ao dia anterior à sábado ou ao dia que precedia a um dia de festa (ver P. 107).

A véspera do dia de repouso.

"Véspera do sábado" (BJ). Era na sábado semanal (ver a primeira Nota Adicional do Mat. 26). A precisa afirmação do Marcos, unida à seqüência de dias de Luc. 23: 54 a 24: 1, faz que seja seguro, além da possibilidade de qualquer dúvida, que o dia da crucificação foi sexta-feira.

45.

Corpo.

Gr. ptóma, "cadáver", que só pode referir-se a um corpo morto. Esta é a única vez que se usa ptóma no NT. A palavra usual em grego para "corpo" é plòma (ver Mat. 27: 59; Luc. 23: 52; Juan 19: 40).

47.

Olhavam.

"Fixavam-se" (BJ). O grego implica que as mulheres observavam atentamente a inumação do Jesus, fazendo planos para embalsamar seu corpo depois de que tivessem passado as sagradas horas do sábado (Luc. 23: 54 a 24: 1).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-20 DTG 671-689

2, 4-5 DTG 674

9 DTG 682

16-19 DTG 682

20-38 DTG 690-705

26 P 179

31 SR 222

31-32 DTG 696

32 P 179

34 PVGM 154; SR 226

44 DTG 718 643

CAPÍTULO 16

1 Um anjo declara às mulheres a ressurreição de Cristo. 9 Se aparece a María Madalena, 12 a dois que vão ao campo, 14 e logo aos apóstolos, 15 a quem envia a pregar o Evangelho, 19 e depois sobe ao céu.

1 QUANDO passou o dia de repouso,* María Madalena, María a mãe do Jacobo, e Salomé, compraram especiarias aromáticas para ir ungir lhe.

2 E muito de amanhã, o primeiro dia da semana, vieram ao sepulcro, já saído o sol.

3 Mas diziam entre si: Quem nos removerá a pedra da entrada do sepulcro?

4 Mas quando olharam, viram removida a pedra, que era muito grande.

5 E quando entraram no sepulcro, viram um jovem sentado ao lado direito, talher de uma larga roupa branca; e se espantaram.

6 Mas ele lhes disse: Não lhes assustem; procuram o Jesus nazareno, que foi crucificado; ressuscitou, não está aqui; olhem o lugar aonde lhe puseram.

7 Mas vão, digam a seus discípulos, e ao Pedro, que ele vai diante de vós a Galilea; ali lhe verão, como lhes disse.

8 E elas se foram fugindo do sepulcro, porque lhes tinha tomado tremor e espanto; nem diziam nada a ninguém, porque tinham medo.

9 Havendo, pois, ressuscitado Jesus pela manhã, o primeiro dia da semana, apareceu primeiro a María Madalena, de quem tinha jogado sete demônios.

10 Indo ela, fez-o saber aos que tinham estado com ele, que estavam tristes e chorando.

11 Eles, quando ouviram que vivia, e que tinha sido visto por ela, não o acreditaram.

12 Mas depois apareceu em outra forma a dois deles que foram de caminho, indo ao campo.

13 Eles foram e o fizeram saber aos outros; e nem mesmo a eles acreditaram.

14 Finalmente se apareceu aos onze mesmos, estando eles sentados à mesa, e lhes reprovou sua incredulidade e dureza de coração, porque não tinham acreditado em os que lhe tinham visto ressuscitado.

15 E lhes disse: Vão por todo mundo e preguem o evangelho a toda criatura.

16 O que acreditar e for batizado, será salvo; mas o que não acreditar, será condenado.

17 E estes sinais seguirão aos que acreditam: Em meu nome jogarão fora demônios; falarão novas línguas;

18 tomarão nas mãos serpentes, e se beberem coisa mortífera, não lhes fará dano; sobre os doentes porão suas mãos, e sanarão.

19 E o Senhor, depois que lhes falou, foi recebido acima no céu, e se sentou à mão direita de Deus.

20 E eles, saindo, pregaram em todas partes, lhes ajudando o Senhor e confirmando a palavra com os sinais que a seguiam. Amém.

1.

Quando passou.

[A ressurreição, Mar. 16: 1-11 = Mat. 28: 1-15 = Luc. 24: 1-12 = Juan 20: 1-18. Comentário principal: Mateo e Juan.] Ou "tinha transcorrido", quer dizer, entre os acontecimentos do cap. 15 e os que estão por ser apresentados no cap. 16. Desse modo se apresenta claramente que a ressurreição ocorreu no primeiro dia da semana, e não antes como alguns hão sustenido (ver com. Mat. 28: 1).

María Madalena.

Ver a Nota Adicional do Luc. 7.

Compraram.

Com toda segurança, essas especiarias foram compradas depois da posta do sol, no que chamaríamos sábado de noite, e foram acrescentadas às que as mulheres tinham preparada na sexta-feira (Luc. 23: 56) e às que comprou Nicodemo (Juan 19: 39).

2.

Muito de amanhã.

Ver com. Mat. 28: 1.

7.

Pedro.

Só Marcos se refere aqui ao Pedro por nome (cf. P. 551). O fato de que Jesus o mencionasse por nome era uma indicação de que, apesar de seus enganos, Pedro ainda era reconhecido e incluído entre os amigos íntimos de Jesus porque sinceramente 644 se arrependeu (ver Mat. 26: 75; Mar. 14: 72; DTG 659).

8.

Nem diziam nada a ninguém.

Quer dizer, não diziam nada a aqueles com quem se encontrava ao entrar na cidade. Alguns interpretaram mal esta afirmação dizendo que significa que as mulheres não disseram nada aos discípulos, e que portanto Marcos aqui contradiz aos outros autores dos Evangelhos. Uma conclusão tal não tem nenhum fundamento.

9.

Havendo, pois, ressuscitado Jesus.

A evidência textual (cf. P. 147) tende a confirmar que o Evangelho segundo São Marcos concluía com o vers. 8. Esta asseveração se faz em apóie a evidências externas e internas. A externa é proporcionada pela ausência dos vers. 9-20 nos dois manuscritos gregos mais antigos: o Sinaítico e o Vaticano, ambos do século IV, e além em muitos outros manuscritos antigos. Como evidência interna se apresenta a problemática transição entre o vers. 8 -onde se fala do temor que sentiram as mulheres- e o vers. 9 -onde se relata a aparição do Jesus a María Madalena-, e o uso de palavras e frases nesses versículos que não são características do Marcos.

Não se sabe por que o Evangelho conclui com esta terminação abrupta, que deixa o relato inconcluso. supõe-se que o original tinha uma conclusão que desapareceu, dando lugar a três diferentes terminações compostas para encher o vazio:

1. O "final comprido" do Marcos, que se encontra na grande maioria das versões modernas, e que na RVR compreende os vers. 9-20. Este final aparece em vários manuscritos antigos, muito dignos de confiança, o mais antigo dos quais é o Alexandrino do século V. Não fica em dúvida sua veracidade nem seu canonicidad; sim se disputa que tenha sido parte do Evangelho original de Marcos. Este Comentário o explica como histórico.

2. O "final comprido" com o aplique do "Lógion Freer" (ver com. vers. 14).

3. O "final curto" que aparece em quatro manuscritos gregos dos séculos VII ao IX, em manuscritos da antiga versão latina e em outras versões. Seu texto é: "Elas referiram brevemente aos companheiros do Pedro o que se os tinha anunciado. Logo, o mesmo Jesus fez que eles levassem, do oriente até o poente, a mensagem sagrada e incorruptível da salvação eterna" (tirado de uma nota da BJ).

11.

Não acreditaram.

Este registro da incredulidade dos discípulos, até ante o testemunho de testemunhas oculares que afirmavam que Jesus tinha ressuscitado, constitui uma poderosa evidência da exatidão e veracidade do relato da ressurreição, até em seus detalhes mais pequenos.

12.

Depois.

[O caminho ao Emaús, Mar. 16: 12= Luc. 24: 13-32. Comentário principal: Lucas.]

Outra forma.

Possivelmente seja uma referência ao corpo ressuscitado do Jesus em contraste com seu corpo anterior à ressurreição, ou ao feito de que Jesus permaneceu sem ser reconhecido pelos discípulos no caminho ao Emaús.

13.

Nem mesmo a eles acreditaram.

[Primeira aparição no aposento alto, Mar. 16: 13 = Luc. 24: 33-49 = Juan 20: 19-23. Comentário principal: Lucas e Juan.] Ver com. Luc. 24: 34-35, 41.

14.

Finalmente.

[Segunda aparição no aposento alto, Mar. 16: 14 = Juan 20: 24-29. Comentário principal: Juan.] Quanto à seqüência cronológica das aparições posteriores à ressurreição, ver a Nota Adicional do Mat. 28.

Os onze.

Um término literalmente correto, pois o grupo dos seguidores especiais de Jesus, da apostasia e suicídio do Judas, reduziu-se a onze em vez do núcleo original de doze discípulos. Entretanto, em outra parte os chama ainda com o término familiar, "os doze" (Juan 20: 24).

Sentados à mesa.

Parece que vários dos discípulos converteram em sua morada transitiva o aposento alto no qual tinham participado juntos do último jantar.

Reprovou-lhes.

Só merece condenação a incredulidade quando persiste apesar de que há provas suficientes contra ela.

Dureza de coração.

Ver com. Exo. 4: 21. Um manuscrito antigo, o Códice Freeriano (ver P. 120), também conhecido como Washingtonense, acrescenta ao vers. 14 o que às vezes se chamasse o "Lógion Freer". Este acréscimo tem rasgos inconfundíveis que mostram que é uma interpolação posterior, e só tem interesse como uma curiosidade textual.

Seu texto diz: "E estes alegaram em sua defesa: 'Este século de iniqüidade e de incredulidade está sob o domínio de Satã, que não deixa que o que está sob o jugo dos espíritos impuros receba a verdade e o poder de Deus; manifesta, pois, já a partir de agora sua 645 justiça'. Isto é o que diziam a Cristo e Cristo respondeu-lhes: 'O término dos anos do poder de Satã se cumpriu, mas outras coisas terríveis se aproximam. E eu fui entregue à morte pelos que pecaram, para que se convertam à verdade, e não pequem mais, a fim de que herdem a glória espiritual e incorruptível de justiça que está no céu...' "

15.

Vão.

[Aparição em uma montanha da Galilea, Mar. 16: 15-18 = Mat. 28: 16-20. Comentário principal: Mateo.] Aqui não há nada no relato que indique um mudança de tempo ou de lugar diferentes dos do vers. 14. Entretanto, estes versículos possivelmente sejam um breve relatório de uma parte das amplas instruções que Jesus deu a 500 que se reuniram em uma montanha de Galilea (ver com. Mat. 28: 16, lg; cf. DTG 757, 760). "Repetiu várias vezes estas palavras a fim de que os discípulos compreendessem seu significado" (DTG 757), um fato que pode explicar as diversas versões da comissão evangélica tal como é dada pelos diferentes escritores dos Evangelhos.

16.

Será salvo.

Aqui se apresentam dois requisitos para os que aceitam os ensinos do Evangelho: fé no Jesus e batismo. O primeiro é a aceitação íntima da salvação tão bondosamente proporcionada pela morte vigária do Redentor do mundo; o segundo é a demonstração externa de uma mudança interior da vida (ver com. ROM. 6: 3-6).

Não acreditar.

Deve notar-se que se alguém é condenado, deve-se a sua incredulidade. Aqui não se faz referência ao batismo em um sentido positivo ou negativo, pois a realidade interior da salvação transcende ampliamente em importância ao sinal exterior. A falta do batismo simplesmente significaria uma amostra externa de uma descrença interior, o qual, por si mesmo, é suficiente para impedir que um homem obtenha as bênções da salvação. Possivelmente aqui Jesus previu que -a semelhança do ladrão na cruz- haveria casos nos quais homens e mulheres, verdadeiramente convertidos, não poderiam receber o rito do batismo.

17.

Estes sinais.

Quer dizer, demonstrações sobrenaturais e milagrosas do poder divino (ver P. 198). Entretanto, embora sejam valiosos os milagres, não é impossível falsificá-los ou fazer circular informe de supostos milagres. Esses informe tendem a confundir ao incauto e atraem ao crédulo. Em realidade, os milagres não constituem a evidência mais capitalista de que é genuíno o Evangelho (DTG 372, 740). Devesse recordar-se que Jesus mesmo, consistentemente, recusava realizar milagres a maneira de sinais.

Jogarão fora demônios.

Ver a Nota Adicional de Mar. 1.

Novas línguas.

Ver Hech. 2: 4; 10: 46; 19: 6; 1 Cor. 12: 28; 14: 2-5. Durante seu ministério anterior, aos doze não lhes tinha dado o dom de línguas, pois não era necessário. Esse dom foi conferido agora que havia necessidade (ver com. 1 Cor. 14).

18.

Serpentes.

Ver com. Luc. 10: 19.

Coisa mortífera.

Jesus aqui usa como ilustrações casos tais como os que normalmente resultam em danos graves ou em morte, e promete que os mensageiros do Evangelho, em muitas ocasiões, receberão um amparo especial, de acordo com a vontade do Pai.

Porão suas mãos.

Ver com. cap. 1: 31.

19.

Depois que.

[A ascensão, Mar. 16: 19-20 = Luc. 24: 50-53. Comentário principal: Lucas.] Esta cláusula conjuntiva dá a impressão de que a ascensão seguiu imediatamente ao conselho dos vers. 15- 18. Entretanto, este não parece ter sido o caso. É mais provável que aqui se faça referência a um intervalo mais prolongado (ver com. vers. 15).

Mão direita.

A posição de honra e de autoridade. A excelsa posição de Cristo no céu repetidamente é o tema de vários escritores do NT (Hech. 7: 55; ROM. 8: 34; F. 1: 20; Couve. 3: 1; Heb. 1: 3; 8: 1; 10: 12; 1 Ped. 3: 22; Apoc. 3: 21; etc.).

20.

Eles, saindo.

Só no Marcos se descreve, com uma pincelada audaz, os triunfos do Evangelho realizados pelo Espírito Santo mediante os apóstolos, durante os primeiros anos depois da ascensão.

Pregaram em todas partes.

Tal foi, e segue sendo, a missão dos seguidores de Cristo (cf. vers. 15).

lhes ajudando o Senhor.

Na providência de Deus, o poder divino sempre se tem que unir com o esforço humano.

Confirmando a palavra.

Parcialmente, mediante a evidência do poder divino manifestado nas "sinais" a que se faz referência nos vers. 17-18.

Amém.

A evidência textual favorece (cf. p.147) a omissão desta palavra. 646

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 P 185

1-8 DTG 732-737

2-3 DTG 732

7 DTG 735; Ed 85; 1JT 568; PVGM 120

9 DTG 521

15 CM 356; CS 399; CV 43; DTG 337, 757; Ed 257; Ev 222; FÉ 199, 201; HAp 141; 1JT 387, 390, 552; 2JT 156, 511; 3JT 78, 206-207, 304, 403; MB 195; MC 74; MeM 233; MM 327; OE 120; PVGM 242, 245, 305; SC 14, 31, 231; 5T 391; 6T 89, 447; 7T 39; 9T 136, 255; TM 407; 5TS 228

17-18 CH 497; DTG 760, 763; P 29

18 CH 34, 391; CM 356; MC 106, 172; MeM 233; 3TS 267

19-20 CH 553; 7T 114

20 C (1967) 33; CH 498; DTG 767; HAp 479; 3JT 78, 206; MC 99; MM 319; OE 367

649